



# **Do Pré-Escolar ao Ensino Superior: Perceções de Jovens Universitários sobre o acesso às TIC**

**Carla Gonçalves Vaz**

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em  
**Sociologia: Exclusões e Políticas Sociais**  
(2º ciclo de estudos)

Orientadora: Professora Doutora Maria João Simões

**outubro de 2022**

**Folha em branco**

## **Declaração de Integridade**

Eu, Carla Gonçalves Vaz, que abaixo assino, estudante com número de inscrição M9351 de Mestrado em Sociologia: Políticas e Exclusões Sociais da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, declaro ter desenvolvido o presente trabalho e elaborado o presente texto em total consonância com **o Código de Integridade da Universidade da Beira Interior.**

Mais concretamente afirmo não ter incorrido em qualquer das variedades de Fraude Académica, e que aqui declaro conhecer, que em particular atendi à exigida referenciação de frases, extratos, imagens e outras formas de trabalho intelectual, e assumindo assim na íntegra as responsabilidades da autoria.

Universidade da Beira Interior, Covilhã 10 / 10 / 2022

Carla Gonçalves Vaz

# Agradecimentos

«(...) A humanidade começa nos que nos rodeiam, e não exatamente em ti. Ser-se pessoa implica a tua mãe, as nossas pessoas, um desconhecido ou a sua expectativa (...)» (Valter Hugo Mãe).

Estando perante um caminho solitário que é a realização de uma Dissertação, percebi que nem sempre o que sozinho se idealiza é a direção correta para o objetivo a alcançar. Seria de todo injusto se não renunciasses aqui quem em cada desvio meu, em cada engano, em cada tropeço, em cada desânimo, me elucidou de forma certa, qual o melhor paço a seguir. Professora Doutora Maria João Simões, não há, palavras que descrevam tamanho agradecimento pelo quão me orientou.

Sendo este caminho realizado, maioritariamente, entre livros, encadeamentos de ideias e percepções do que se vai investigando, há, felizmente, quem se faça presente, sempre, e se torne na inspiração que falta para que a escrita não se perca no sentido. Maria Luísa Félix, acreditaste em mim sem hesitar, principalmente quando eu menos merecia. Simplesmente Muito Obrigada!

Beatriz Carvalho, não há adjetivos que descrevam a tua persistência, paciência e tolerância para com a minha pessoa e os meus dias menos bons. Fundamental, é dizer pouco, comparado ao que foste nesta minha jornada. Muito Obrigada!

Aos meus pais e irmã, apenas um Obrigada Por Tudo e Por Tanto! Porque em livro algum cabe a descrição do Vosso valor, apoio e presença.

Ser-se pessoa implica muito de nós sim, mas implica muito também, da humanidade dos que nos rodeiam.

**Folha em branco**

## **Resumo**

A emergência de qualquer tecnologia tem sido acompanhada pelo surgimento de grandes expectativas quanto às suas potencialidades, tendo o mesmo acontecido com as Tecnologias da Informação e da Comunicação. Este otimismo está associado às perspectivas tecnologicamente deterministas em que a tecnologia é sempre vista como fonte incontornável de progresso da humanidade. Nesta dissertação parte-se de uma abordagem mais realista e da evidência empírica sobre desigualdades recorrentes no acesso às TIC, recorrendo-se a uma abordagem multidimensional do acesso. Face ao exposto, o objetivo desta dissertação é analisar desigualdades digitais (existentes e emergentes) de jovens universitários no acesso às TIC, desde a sua frequência na Pré-Escola até ao Ensino Superior. Optou-se por uma metodologia de carácter qualitativo, tendo-se utilizado a entrevista semidiretiva como técnica de recolha de dados. O resultado obtido vai ao encontro de diversos estudos realizados que identificam desigualdades recorrentes no seio dos jovens, incluindo os que frequentam o ensino superior. À semelhança de tais estudos, esta pesquisa contribui também para desafiar a ideia preconcebida de «nativos digitais» associada também a ideia de estarmos perante a geração mais esclarecida de sempre, como se os jovens pudessem ser considerados um grupo homogéneo.

## **Palavras-chave**

Desigualdades digitais; Dimensões do acesso das TIC; (i)literacia; Tecnologias da Informação e da Comunicação; Frequência de uso; (des)concentração.

**Folha em branco**

# **Abstract**

The surge of any technology has been accompanied by the emergence of great expectations as to its potential, with the same thing happening to Information and Communication Technology (ICT). This optimism is associated with the technologically deterministic perspectives in which technology is always seen as an unavoidable source of humanity's progress. This dissertation is based on a more realistic approach and empirical evidence on recurrent inequalities in access to ICT using a multidimensional approach to access. In view of the above, the goal of this dissertation is to analyze digital inequalities (existing and emerging) of young university students with access to ICT from their pre-school attendance to higher education. A qualitative methodology was chosen, using the semi-directive interview as a data collection technique. The result obtained is an addition to several studies that identify recurrent inequalities within young people including those attending higher education. Like such studies, this research also contributes to challenging the preconceived idea of «digital natives» associated with the idea that we are before the most enlightened generation ever as if young people could be considered a homogeneous group.

# **Keywords**

Digital inequality; Dimensions of ICT access; (i)literacy; Information and Communication Technologies; Frequency of use; (de) concentration.

**Folha em branco**

# Índice

<b>Introdução .....</b>	<b>1</b>
<b>Parte I: Enquadramento teórico.....</b>	<b>5</b>
<b>Capítulo 1. Da utopia tecnológica a uma visão mais realista da Internet... 6</b>	<b>6</b>
1.1. Do Determinismo Tecnológico ao Determinismo Social Estruturalista .....	6
1.2. Uma perspetiva mais realista: o condicionamento recíproco.....	8
<b>Capítulo 2. Desigualdade digital: da abordagem unidimensional do acesso à multidimensional .....</b>	<b>11</b>
2.1. As dimensões do conceito multidimensional de acesso.....	12
<b>Capítulo 3. Os jovens adultos e a relação com as tecnologias.....</b>	<b>15</b>
3.1. Relações ambivalentes .....	16
3.2. «Nativos Digitais»: as gerações mais qualificadas de sempre? .....	17
3.3. Em torno do (an)alfabetismo e da (i)literacia: a questão das TIC.....	21
3.3.1. Analfabetismo e (i)literacia: os conceitos .....	21
3.3.2. Tecnologias da comunicação e da informação: que consequências na (i)literacia dos jovens?.....	26
<b>Capítulo 4. A COVID-19 e desigualdades.....</b>	<b>28</b>
<b>Parte II: Da metodologia à análise de dados .....</b>	<b>33</b>
<b>Capítulo 5. Da Escolha Metodológica.....</b>	<b>34</b>
5.1. Objetivos de investigação .....	34
5.2. Estratégia metodológica.....	34
5.2.1. Técnica de recolha de dados: entrevistas semidiretivas .....	36
5.2.2. Seleção do público-alvo e guião de entrevista – facilidades e constrangimentos .....	37
5.3. Importância da Ética.....	41
<b>Capítulo 6. Desigualdades digitais: da Pré-Escola ao 6º ano de escolaridade.....</b>	<b>43</b>
6.1. Dos hábitos de leitura.....	43
6.2. Do rádio e da televisão ao acesso às TIC.....	44
6.2.1 Rádio e televisão.....	45
6.2.2. O acesso ao telemóvel .....	46
6.2.3. O acesso ao Computador e à Internet .....	47
6.2.4. O acesso à Internet .....	51

6.3. Entrada nas redes sociais? .....	52
<b>Capítulo 7. Do 7º ano ao 12º ano escolar: desigualdades.....</b>	<b>53</b>
7.1. (In)existência de hábitos de leitura.....	53
7.2. Perceções sobre as diversas dimensões do acesso às TIC .....	55
7.2.1. Do acesso ao telemóvel/Smartphone, ao acesso ao computador e Internet .....	56
7.2.2. Perceções sobre competências.....	58
7.2.3. Usos do computador, telemóvel/ <i>Smartphone</i> e Internet .....	59
7.2.4. Alterações nos usos dos artefactos .....	61
7.3. Redes sociais.....	61
7.4. Impactos dos hábitos de leituras e dos usos das TIC na (i)literacia.....	64
7.4.1. Das facilidades/dificuldades aos formatos impostos pelas empresas tecnológicas em relação à escrita .....	65
7.4.2. Desiguais facilidades de compreensão e a questão da concentração .....	67
<b>Capítulo 8. Desigualdades digitais enquanto Estudantes do Ensino Superior .....</b>	<b>68</b>
8.1. Novos ou mais hábitos de leitura?.....	68
8.2. Do acesso, passando pelas competências, aos diferentes tipos de uso do telemóvel, do computador e da internet .....	74
8.2.1. Acesso físico aos artefactos e cobertura/eficácia da rede.....	75
8.2.2. Das Competências .....	76
8.2.3. Entre o computador e o telemóvel: frequência, mudanças e preferências nos usos.....	78
8.2.4. Os diferentes tipos de uso .....	81
8.3. Das redes sociais.....	82
8.3.1. Usos das redes sociais.....	84
8.4. Impactos de usos das TIC e de redes sociais na (i)literacia .....	85
<b>Considerações Finais.....</b>	<b>89</b>
<b>Bibliografia científica .....</b>	<b>93</b>
<b>Outra bibliografia – legislação e artigos de jornal .....</b>	<b>100</b>
<b>Anexo I – Guião de Entrevista .....</b>	<b>102</b>
<b>Anexo II – Formulário de Consentimento Informado .....</b>	<b>108</b>
<b>Anexo III – Sinopses das entrevistas .....</b>	<b>109</b>

**Folha em branco**

# Índice de Quadros

Quadro 1. Caracterização demográfica dos entrevistados, à data da entrevista .....	38
Quadro 2. Quadro de análise .....	41

**Folha em branco**

# Lista de Gráficos

Gráfico 1 Notoriedade espontânea de redes sociais (Grupo Marktest, 2021: pp. 2) ..... 62

**Folha em branco**

# Introdução

Sempre que emerge uma nova tecnologia surgem grandes expectativas em relação às suas potencialidades, tendo o mesmo acontecido com as Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC)<sup>1</sup>.

Este otimismo está associado aos que se inserem numa perspetiva tecnologicamente determinista pelo facto de a tecnologia ser considerada uma fonte incontornável de progresso e de melhoria de qualidade de vida.

Partem de Fischer (1985), duas críticas cruciais que importa destacar; por um lado, a confusão gerada entre as possibilidades tecnológicas e as possibilidades sociais, uma vez que, havendo as primeiras estas transferir-se-iam automaticamente para as segundas, ou seja, se as tecnologias permitiam o acesso ao conhecimento, todos os cidadãos ficariam mais informados e teriam acesso ao conhecimento. Por outro lado, critica a ideia de homogeneidade segundo a qual, o acesso à tecnologia teria um impacto igual em todos os indivíduos independentemente da sua etnia, género, estatuto social ou condição económica.

Encaixa-se na vertente mais otimista do determinismo tecnológico o conceito unidimensional de acesso, segundo o qual bastaria aos utilizadores terem acesso aos artefactos para de igual modo absorverem informação e conhecimento. A empiria tem desafiado tal pressuposto, embora cientistas, governantes e jornalistas, entre outros, continuem a manter tal otimismo.

Autores mais realistas, como os abaixo referenciados, têm desenvolvido uma abordagem multidimensional do acesso, que transcende a questão das barreiras físicas (Hargittai, 2001; van Dijk, 2005, 2006; van Deursen & van Dijk, 2013), começando do acesso aos artefactos, passando por outras dimensões até aos usos, destacando que é nesta dimensão que se poderão vir a centrar as maiores desigualdades, sendo também esta a mais difícil de combater. Em qualquer das dimensões os estudos empíricos têm evidenciado desigualdades sociais, nomeadamente em função da condição socioeconómica, género, etnia, capital cultural, remetendo para heterogeneidade dos utilizadores.

---

<sup>1</sup> As tecnologias da Informação e da Comunicação, incluem não só o conjunto de equipamentos digitais (aparelhos digitais), mas também as redes digitais de informação e comunicação (formas de informação e comunicação). Os equipamentos digitais, no âmbito desta dissertação, incluem, o computador (fixo e/ou portátil), o telemóvel/smartphone, e outros artefactos físicos que permitem o acesso à Internet. Quanto às redes digitais, consideramos os emails, chats, sites, Facebook, Instagram, WhatsApp, Youtube, entre outras.

Do otimismo anteriormente referido surge também a ideia pré-concebida e sistematicamente reiterada da existência de «Nativos Digitais», associada à ideia de que esta é a geração mais qualificada e esclarecida de sempre, embora para Goode (2010), Boonaert & Vettenburg (2011), Roberto, Fidalgo & Buckingham (2015), Oliveira (2017) e Pequenino (2020), seja, também, necessário desconstruir este conceito, uma vez que as investigações têm destacado desigualdades inter e intra grupais no seio dos jovens.

Por outro lado, também, diversos autores, como Maffei (2019), Patino (2019) e Desmurget (2021), têm alertado para consequências decorrentes do modo como as grandes tecnológicas formatam os usos dos artefactos, seja através da excessiva exposição aos ecrãs, da excessiva ligação às TIC, do modo como acabam por condicionar os modos de leitura e de escrita e a capacidade de concentração, o que poderá levar a aumentos da iliteracia dos jovens, em particular da sua capacidade de interpretação, análise e espírito crítico; indo mais longe Desmurget (2021) aponta para dados que reportam para constrangimentos no foro cognitivo.

Face ao exposto e o interesse pelo tema das desigualdades digitais, optou-se por fazer uma dissertação cujo objetivo geral é:

- Analisar desigualdades digitais (existentes e emergentes) de jovens universitários no acesso às TIC, desde a sua frequência na Pré-Escola até ao Ensino Superior.

Estabeleceram-se os seguintes objetivos específicos:

- Analisar o acesso às TIC, por parte de jovens universitários, durante o período referido, tendo em conta uma abordagem multidimensional do acesso.
- Mapear de que modo o uso das TIC, podem contribuir para aumentar de modo diferenciado os seus níveis de (i)literacia.
- Identificar especificidades das desigualdades digitais percecionadas, durante o período de confinamento do SARS – CoV-2.

Recorreu-se a uma metodologia qualitativa e a técnica de entrevistas semidiretivas no âmbito desta investigação de cariz exploratório.

Esta dissertação encontra-se organizada em duas grandes partes, a primeira é constituída pelo enquadramento teórico, onde é feita a revisão da bibliografia. Esta

parte conta com quatro capítulos. No primeiro capítulo abordam-se perspectivas teóricas que vão das mais utópicas às mais realistas sobre a Internet. No segundo capítulo, abordam-se as desigualdades digitais, desde a abordagem unidimensional do acesso à multidimensional. O terceiro capítulo versa sobre as relações ambivalentes entre os jovens e as tecnologias, desconstruindo-se a ideia pré-concebida de que os «Nativos Digitais» são a geração mais esclarecida de sempre, destacando-se o papel de algumas desigualdades existentes e emergentes, no seio dos jovens.

No quarto capítulo do enquadramento teórico, aborda-se o as especificidades das desigualdades digitais no período da pandemia do vírus SARSV-COV2 (COVID-19).

A segunda parte desta dissertação apresenta a opção metodológica desta investigação, onde versamos sobre alguns desafios metodológicos, bem como a metodologia escolhida e a técnica aplicada (capítulo 5), assim como a análise dos dados recolhidos.

Após a concretização do trabalho de campo e passada a fase das transcrições e da realização das sinopses, segue-se a análise das mesmas, tendo em conta as três etapas delineadas: da fase do pré-escolar ao 6º ano de escolaridade (capítulo 6); da fase do 7º ano ao 12º escolar (capítulo 7) e, por último, a fase do ensino superior (capítulo 8), sendo nesta última, analisadas algumas especificidades das desigualdades digitais na fase pandémica COVID-19 (SARS-CoV-2).

Os jovens nas três fases enumeradas foram questionados sobre hábitos de leitura, o acesso às TIC tendo em conta uma abordagem multidimensional do acesso e sobre aspetos emergentes no âmbito dos usos, que podem conduzir ao desenvolvimento da (i)literacia.

**Folha em branco**

# **Parte I: Enquadramento teórico**

## **Capítulo 1. Da utopia tecnológica a uma visão mais realista da Internet**

A emergência das TIC contribuiu para uma das maiores utopias do século XX. A designada «Era da Informação» veio criar expectativas de uma sociedade mais participativa, igualitária e pacífica, em que todos teriam igual acesso à informação e ao conhecimento.

Tais expectativas otimistas continuam a ser muito veiculadas no âmbito dos que se inserem na perspetiva do determinismo tecnológico, apesar de se estar longe da sua concretização; por exemplo, as desigualdades de acesso e uso das TIC esbateram-se mais nuns países do que noutros, mas resistem, sendo também notórias diferenças entre países em função de variáveis sociodemográficas.

A Internet, de um modo mais realista, passou a ser assumida como uma ferramenta ambígua e ambivalente: por um lado, é útil e imprescindível a nível profissional, educacional, comunicativo e de entretenimento, por outro, pode ser vista também como um meio de insegurança e ameaça à democracia e até mesmo geradora de dependência, quando usada em excesso.

### **1.1. Do Determinismo Tecnológico ao Determinismo Social Estruturalista**

A relação entre tecnologia e sociedade tem sido abordada, de modo ainda frequente, no âmbito de duas perspetivas teóricas, de um modo unidirecional, e muitas vezes determinista, embora de sentido inverso: o determinismo tecnológico e o determinismo social estruturalista (Simões, 2000). Na perspetiva teórica do determinismo tecnológico, mais desenvolvido nesta dissertação devido à sua maior influência na investigação, como refere a autora, a tecnologia é analisada como se fosse a variável independente, como se estivesse acima da sociedade, determinando a sua forma, o que faz com que a pesquisa se centre nos efeitos sociais da tecnologia. Nesta perspetiva, maioritariamente otimista, a tecnologia é uma fonte incontornável de progresso e de melhoria da qualidade de vida.

No seio desta perspetiva teórica podem identificar-se duas variantes, avançadas por vários autores nomeadamente Pool (1987) e Hirst (2012). Abordagens com um pendor mais determinista e mecanicista em termos do papel da tecnologia e outras em que o rumo do desenvolvimento tecnológico é determinado pela tecnologia, mas os atores

sociais *a posteriori* terão a oportunidade de estabelecer, ou não, os mecanismos institucionais mais adequados para a sua aplicação; ou seja, os atores sociais são apenas encarados como elementos de facilitação ou resistência à mudança tecnológica. Os valores, os interesses sociais, entre outros fatores sociais, que levam à escolha de uma tecnologia específica em detrimento de outras, não são analisados.

No âmbito da versão mais mecanicista podem-se referir, como exemplos, dois defensores da maior utopia tecnológica do século XX. Por um lado, Stornier (1983) para o qual as TIC levariam ao surgimento de um novo tipo de sociedade — a «sociedade da informação» — na qual haveria menor propensão para a guerra, uma democracia mais plural e participativa e onde seriam ultrapassados os problemas ambientais. Similar utopia é expressa por Barlow (1996) na «Declaração de Independência do Ciberespaço».

Um determinismo tecnológico «mais moderado» é expresso por Pool (1987) quando se refere ao ímpeto avassalador que a tecnologia — mais propriamente a revolução eletrónica — tem nas sociedades contemporâneas, ao considerar que a sua direção pode ser parcialmente influenciada pela escolha humana. Para o autor Pool (1987), foi a tecnologia, ou seja, foram as TIC (decorrentes da convergência entre as tecnologias da informação e as da comunicação) que se tornaram o meio para a transmissão de dados, de imagem, de voz, entre outras formas de comunicação como o correio (eletrónico). Tais tecnologias permitiriam mais fácil acesso à informação e ao conhecimento e maior liberdade de discurso, mas o resultado não estaria pré-estabelecido, dependeria do modo como essas tecnologias fossem regulamentadas pelos governos, sendo que uns concretizam essas possibilidades e outros não.

São várias as críticas feitas ao determinismo tecnológico por um alargado número e autores, baseando-se em grande medida na acutilância das anteriormente feitas por Fischer (1985), das quais destacamos duas. Em primeiro lugar, a impressão dos impactos da tecnologia na sociedade, reporta para a confusão feita entre possibilidades tecnológicas e possibilidades sociais, ou seja, as possibilidades das tecnologias se transferirem automaticamente para os indivíduos e para as instituições; por exemplo, se as tecnologias permitem o acesso à informação, todos os cidadãos ficariam mais informados e por consequência mais participativos. Em segundo lugar é criticada a ideia de homogeneidade, segundo a qual o impacto de qualquer tecnologia seria igual para todos os indivíduos independentemente da sua etnia, género, estatuto social ou condição económica.

Na perspetiva do Determinismo Social Estruturalista, é a sociedade que passa a variável independente, uma vez que o desenvolvimento tecnológico é determinado por interesses de poderosas organizações. Aqui, encontram-se as perspetivas mais pessimistas, pois a tecnologia passa a ser analisada como sendo uma criação ao serviço das elites económicas e políticas, com o objetivo de aumentar o seu poder e a sua dominação social, sendo subestimado o papel da ação humana; os seres humanos agiriam como *robots*, cingindo-se às regras impostas (Simões, 2006).

## **1.2. Uma perspetiva mais realista: o condicionamento recíproco**

Em contraposição às perspetivas unidirecionais de relação entre a tecnologia e sociedade, emergiram abordagens que tinham em conta a interligação entre tecnologia e sociedade, sem que houvesse, entre ambas, nenhuma relação de determinação.

Destacam-se alguns desses contributos. A perspetiva teórica *Social Shaping of Technology*, onde se pode destacar a obra de MacKenzie & Wajcman ([1985] 1999). A primeira edição do seu livro é uma reação ao determinismo tecnológico e um esforço teórico para contemplar os aspetos sociais na construção dos artefactos tecnológicos. Na segunda edição do livro, explicam na sua introdução, que sociedade e tecnologia não devem ser analisadas como esferas separadas que se influenciam uma à outra, mas como sendo mutualmente constitutivas uma da outra e optam pela designação de *Mutual Shapping*.

Para Lyon (2001) e Oliveira *et al.*, (2004), foi um projeto militar-industrial norte-americano que deu origem à Internet, tecnologia capaz de resistir a quebras hierárquicas de comando, assegurando a comunicação entre estruturas militares, promovendo um trabalho cooperativo sobre a estrutura em rede; tecnologia posteriormente comercializada e disponibilizada ao público.

Nos primeiros anos, considerava-se que os objetivos de implementação da Internet eram: (i) a democratização do acesso, cujo objetivo consistia na implementação de uma «arquitetura» que permitisse o fácil acesso da população; (ii) a comunicação a partir de baixo, através da introdução do email, de forma a reduzir a hierarquia dos media tradicionais e desfazer as existentes barreiras entre a alta e a baixa cultura, passando a haver uma partilha geral inclusiva; por último, (iii) a diversificação do público, em oposição à ideia de um publico homogéneo e atomizado, em que era divulgada a oferta de uma multiplicidade de escolhas (Oliveira *et al.*, 2004).

Os desenvolvimentos técnicos e organizativos dos instrumentos destinados à comunicação são características que atravessam o século XX, tornando-os peculiares em relação à história global da humanidade. A Internet é o resultado de um conjunto de sistemas interligados entre o passado recente e o presente, e que continuam em permanente evolução, dependendo essa evolução particularmente da utilização que se lhe é dada e o fim que lhe é destinado. A Internet tornou-se uma parte a não ignorar, sem entrar em otimismo exagerados, na base material das vidas humanas, das novas formas de relacionamentos, de trabalho, de comunicação e de suporte daquilo que será o nosso futuro (Oliveira *et al.*, 2004; Bauchspies *et al.*, 2006; van Deursen & van Dijk, 2013; Robinson *et al.*, 2015).

Os autores referidos, numa visão mais realista e explicitando uma abordagem em que sociedade e tecnologia se influenciam mutuamente, alertam para a necessidade de não nos deixarmos iludir perante tamanha «grandeza», pois, na verdade, a Internet não é neutra e, mesmo que tais processos se concretizassem, surgiriam ameaças, nomeadamente, em relação à privacidade individual e à democracia. Estabelecem também uma ligação entre cidadania e Internet, uma vez que ambas se influenciam mutuamente.

A sua abordagem pode inserir-se no que Simões (1995; 2006), designa por Teoria do Condicionamento Recíproco entre tecnologia e sociedade, desenvolvida em paralelo com as Teorias do *Mutual Shapping* (Martins, 2021).

Na perspetiva teórica do Condicionamento Recíproco, as abordagens deterministas são rejeitadas e têm-se em conta tanto as consequências positivas como as negativas que a tecnologia tem para com a sociedade.

Nesta dissertação segue-se mais de perto esta perspetiva teórica pelo facto de serem enumerados, em particular, os fatores sociais que condicionam a criação, o desenvolvimento e o uso das tecnologias, sem se descurar o condicionamento tecnológico. Tendo em conta que a tecnologia é criada e adaptada pela ação humana, é pertinente fazer referência a dois tipos de fatores sociais explicativos do desenvolvimento tecnológico designados por Simões (1995; 2006) de: (i) fatores sociais a montante da criação tecnológica e (ii) fatores sociais a jusante da criação das tecnologias.

Diversos fatores a montante do desenvolvimento tecnológico devem ser enumerados. Em primeiro lugar, na análise do desenvolvimento tecnológico deve-se ter em conta os contextos sociais - históricos, sociais, políticos e culturais - que influenciam de modo

diferenciado a criação e o design das tecnologias (Simões, 2006; Lyon 2001; Bauchspies *et al.*, 2006). Em segundo lugar, essa análise não se pode alhear das tendências das sociedades capitalistas industriais que podem, ou não, vir a ser ampliadas no que toca nomeadamente ao poder das transnacionais, às desigualdades existentes entre as quais as desigualdades na condição socioeconómica e de género (Simões, 2006). O terceiro aspeto a salientar, nos fatores a montante do desenvolvimento tecnológico, é o papel da escolha social no desenvolvimento da tecnologia, sendo que esta é feita em função dos valores, ideologias, interesses e objetivos de determinados grupos de interesse poderosos que são decisivos nesse desenvolvimento (Kling, 1987; Burns & Flam ([1987] 2000); Bauchspies *et al.*, 2006).

Os fatores a jusante, ou seja, o modo como os consumidores – enquanto agentes reflexivos - usam as tecnologias criadas não pode ser ignorado, sendo um aspeto central no âmbito desta dissertação.

Contrariamente ao expresso pelos deterministas tecnológicos, os consumidores são heterogéneos e fazem usos diferenciados das tecnologias. São heterogéneos em relação às suas características, podendo tratar-se de indivíduos, grupos ou organizações. Fazem usos diferenciados em função dos seus valores, interesses e necessidades e, também, marcados pelas recorrentes variáveis da desigualdade social, como sejam a condição socioeconómica, o género, a etnia, o capital cultural (Fischer, 1985; Rose, 2001; Simões, 2006). Segundo Fischer (1985) e Simões (2006) importa não só analisar o modo como os utilizadores moldam o uso das tecnologias - as pessoas também atribuem significados diferentes às tecnologias, podendo utilizar uma mesma tecnologia para fins diferentes daqueles para a qual foi desenhada - mas também, como afirmam Fischer (1985) e Bauchspies *et al.*, (2006), o modo como são condicionados pelas tecnologias.

Tendo sido enumerados os fatores sociais que condicionam a criação e o uso das tecnologias, importa agora alguma reflexão sobre as possibilidades de mudanças no rumo do desenvolvimento tecnológico.

Simões (1995; 2006) integra a perspetiva teórica do Condicionamento Recíproco nos quadros meta-teóricos que ultrapassam o dualismo ação/estrutura: as teorias de síntese; considerando que o esboço do quadro teórico de uma Sociologia da Tecnologia, apresentado por Burns & Flam ([1987] 2000), possui níveis conceptuais e analíticos pertinentes para explicar o desenvolvimento e utilização das tecnologias.

A tecnologia é uma componente da atividade humana (Burns & Flam, [1987] 2000; Simões, 1995, 2006; Bauchspies *et al.*, 2006). Se a ação humana é, em grande medida,

governada por regras e sistemas de regras, ambos também organizam e regulam a criação e o uso das tecnologias, embora os sistemas de regras sociais determinem apenas de modo parcial a ação e a interação sociais, dado que há, da parte dos atores sociais, janelas de oportunidade para fazerem de modo diferente.

Os atores sociais dispõem, porém, de poderes desiguais para mudar ou manter as regras destinadas a regular a criação e uso das tecnologias. À partida, grupos de interesse poderosos possuem mais recursos e possibilidades para mudarem as regras ou para as manterem tendo em conta os seus interesses; mas nada impede, contudo, que atores potencialmente mais «fracos» possam, dentro de certos limites, optar por outro rumo do desenvolvimento tecnológico, nomeadamente através de uma ação conjugada, da negociação e da mobilização de recursos comuns, o que implicará mudanças nos sistemas de regras, no caso de serem bem sucedidos (Burns & Flam, [1987] 2000).

## **Capítulo 2. Desigualdade digital: da abordagem unidimensional do acesso à multidimensional**

Com a chegada da Internet, houve um acelerado aumento de divulgação de informação. Tal como acontecia com a informação advinda dos meios de comunicação tradicionais (televisão, rádio, jornais e revistas), verificou-se, porém, que foi nas classes sociais com estatuto socioeconómico mais elevado que esse acesso foi mais rápido e mais se concretizou, comparativamente à população de mais baixa condição socioeconómica, apesar da evolução tecnológica registada (Barzilai-Nahon, 2006; DiMaggio & Hargittai, 2001; Pearce & Rice, 2013).

Ocorrem, outras diferenças entre os usos da informação tradicional (televisão, rádio, jornais e revistas) e os usos da Internet. Enquanto que a informação advinda dos meios tradicionais era, até recentemente, igual para todos os cidadãos que a eles acessem, o uso da Internet abarca outras exigências não só ao nível material, mas também cognitivo, ou seja, para além do acesso material aos artefactos necessários, o uso da Internet implica uma série de competências entre as quais as de escolha e seleção da informação; denotando-se em todos esses aspetos desigualdades sociais (DiMaggio & Hargittai, 2001; Barzilai-Nahon, 2006; Pearce & Rice, 2013).

Na segunda metade da década de 90 assiste-se ao início do uso do termo *Digital Divide*, uma vez que é neste espaço temporal que se começa a dar maior atenção

às desigualdades existentes no acesso e no uso das novas tecnologias (DiMaggio & Hargittai, 2001; van Dijk, 2005; Brazilai-Nahon, 2006).

Nesta década, o foco primordial, por parte dos autores tecnologicamente deterministas, era o acesso físico à tecnologia (o artefacto) e a cobertura de rede. Inicialmente, como já se referiu, com o surgir das novas tecnologias, bem como da Internet, desponta a crença de uma maior igualdade do acesso à informação e ao conhecimento, embora, tal expectativa não tenha sido alcançada (DiMaggio & Hargittai, 2001).

Face a essa constatação e a uma visão mais realista, verifica-se uma mudança de foco que leva à reformulação do conceito de acesso, dado que os investigadores começam a abranger neste conceito, mais dimensões, passando a uma abordagem multidimensional; não se ficando pela abordagem simplista e unidimensional que se limitava apenas à questão das possibilidades de ter ou não ter acesso à tecnologia (Hargittai, 2001; van Dijk, 2006; Goode, 2010; van Deursen & van Dijk, 2013).

Torna-se claro que o acesso às tecnologias é essencial para se aceder à informação e usá-la, mas, como referem van Dijk (2005; 2006), Simões (2005), Otto *et al.*, (2005) e Simões, Las Heras & Augusto (2011), o facto de se ter acesso material não é sinónimo nem de uso, nem de um uso que vise o acesso à informação e conhecimento. Estando assim, subjacente, que o conceito de acesso transcende a questão das barreiras físicas.

### **2.1. As dimensões do conceito multidimensional de acesso**

A abordagem multidimensional tem em conta diversas barreiras no acesso às TIC incluindo a do uso. Em qualquer das barreiras, abaixo analisadas, somos confrontados com desigualdades baseadas na condição socioeconómica, no género, nas habilitações literárias e até, ao nível da localização geográfica (DiMaggio & Hargittai, 2001; van Dijk, 2006).

Há várias propostas de operacionalização das várias dimensões do conceito de acesso, sendo, nesta dissertação seguida mais de perto a que foi proposta por van Dijk (2005; 2006).

van Dijk (2005; 2006) e posteriormente Pearce & Rice (2013), aludem a uma forma interpretativa de olhar para o acesso e o uso das tecnologias, apresentando uma sequência em que o acesso ao material é antecedido pela motivação para usar as TIC.

Alguns dos principais motivos de recusa na utilização das tecnologias, baseiam-se na parte motivacional, pois para algumas pessoas, não é perceptível a necessidade de acesso e uso, ou as oportunidades que advêm das tecnologias. Para outras, a justificação dada é o facto de não terem tempo, não terem posses económicas e, ainda declaram, não possuir competências para as utilizar, chegando mesmo a rejeitar as tecnologias (van Dijk, 2005; 2006; Pearce & Rice, 2013). Pode salientar-se também o «receio dos computadores» reportando para falhas sentidas pelos próprios utilizadores por não saberem usar os artefactos, retardando, por esse facto, o seu uso (Simões, 2005). A falta de motivação encontra-se principalmente em pessoas de baixa escolaridade e/ou pessoas com baixos rendimentos (van Dijk, 2005, 2006; Pearce & Rice, 2013).

O acesso aos artefactos é outra dimensão/barreira a considerar no conceito multidimensional de acesso; barreira onde se registam, à semelhança de todas as outras, desigualdades sociais baseadas nomeadamente no rendimento, género, capital cultural, etnia e, também entre países.

Em relação à parte mais técnica e material das tecnologias, DiMaggio & Hargittai (2001) abordam as desigualdades técnicas relativas não só ao acesso aos artefactos, alertando para o quão importante é a existência da disponibilidade física de equipamentos adequados, como também às características de cobertura da rede que permitem o acesso à Internet. Pode haver desigualdades de cobertura da rede entre países e também dentro de cada país, como também desigualdades na capacidade da rede, tornando a velocidade de acesso mais lenta ou mais rápida. Um acesso lento à Internet pode provocar desmotivação e menor frequência de uso. van Dijk (2005; 2006) e van Deursen & van Dijk (2013), quando referem a desigualdade associada à «dimensão geográfica», apontam para as grandes diferenças existentes entre as grandes áreas metropolitanas, as médias cidades e as áreas rurais em termos de cobertura de rede e velocidade da Internet.

O acesso e o uso, contudo, não podem ser abordados em separado, como acontecia na abordagem unidimensional de acesso, sendo, na abordagem multidimensional, o uso incorporado nessas dimensões, o que também implicou uma abordagem renovada, mais abrangente e mais compreensiva das desigualdades de acesso (Hargittai, 2001; van Dijk, 2005; Simões, 2005; van Dijk, 2006; Simões, Las Heras e Augusto, 2011).

Há que ter em conta, que, mesmo que se tenha acesso aos artefactos tecnológicos, há todo um conjunto de competências necessárias que cada utilizador deve possuir aquando do acesso ao hardware e/ou ao software. Este conjunto de competências carecem de treino, por forma a reduzir as desigualdades de acesso, contrariando assim

os investigadores que, numa fase inicial, davam importância quase exclusiva só aos aspetos técnicos do acesso (DiMaggio & Hargittai, 2001; Simões, 2005; van Dijk, 2006; van Deursen e van Dijk, 2013).

van Dijk (2005; 2006), divide as «competências digitais», necessárias a desenvolver por parte dos utilizadores, em três pontos: (i) «competências instrumentais», que consistem na destreza e sabedoria de trabalhar com o hardware e com o software; (ii) «competências de informação», que se baseiam na capacidade de pesquisa, de seleção e processamento da informação; e (iii) «competências estratégicas», que assentam na capacidade e facilidade de utilizar quer a tecnologia, quer a rede, no sentido de melhorar o seu estatuto social. Quanto mais reduzidas forem tais competências, mais reduzido será o uso e usufruto das tecnologias (Simões, 2005; Simões, Las Heras e Augusto, 2011).

Segue-se a barreira referente aos tipos de uso, onde, como já referia van Dijk (2000), as desigualdades de acesso seriam mais difíceis de ultrapassar. Usos mais sofisticados dariam acesso ao conhecimento em contraponto a usos banais, como por exemplo, aqueles que hoje se designam por *lifestyle information* e celebridades. Com a massificação dos meios de comunicação, assistimos a uma crescente fragmentação em relação ao tipo de informação acedida: indivíduos nomeadamente de maior condição socioeconómica, maior capital cultural, entre outras variáveis, acedem a conteúdos mais sofisticados por oposição aos de mais baixa condição ou capital cultural. Com as TIC, poderão os primeiros aprofundar os seus conhecimentos, tendo acesso a informação que, jamais, outras gerações tiveram, «afastando-se» mais dos enunciados em segundo lugar. Este facto resulta no que Pearce & Rice (2013), van Deursen e van Dijk, (2013), designam por «lacunas de uso», ou seja, as formas diferenciadas que os indivíduos têm ao nível da interpretação, compreensão.

Contudo, como adianta Simões (2005), mesmo que hipoteticamente fossem ultrapassadas todas as barreiras até ao acesso à informação somos confrontados com o seu excesso, o que torna difícil a sua seleção e apreensão em tempo útil e, por outro lado, ter acesso a uma enorme quantidade de informação, não é sinónimo de ter acesso ao conhecimento.

Por fim, importa realçar uma outra barreira, apontada por DiMaggio & Hargittai (2001) e Simões (2005), relacionada com a língua usada por cada utilizador, numa Internet em que, apesar de haver cada vez mais conteúdos em várias línguas nacionais, ainda é hegemónico o uso da língua inglesa.

Existem na sociedade, desde sempre, desigualdades de informação e de conhecimento e, como vimos, ao contrário da grande utopia do séc. XX, a Internet não acabou com tais desigualdades no acesso à informação e ao conhecimento, como tal, importa apostar em políticas públicas que contrariem o aprofundamento ou manutenção das desigualdades existentes.

Para combater as desigualdades presentes ao nível das diversas barreiras de acesso, outros processos - ao nível individual e social - podem ser acionados (DiMaggio & Hargittai, 2001). Estes autores elencam três modalidades: (i) a assistência técnica formal de pessoas empregadas, definida pelo apoio prestado entre colegas de trabalho; (ii) a assistência técnica de amigos e familiares, sendo esta, o apoio prestado por parte das pessoas mais próximas de forma a solucionar problemas mais ao nível técnico e; (iii) o reforço emocional de amigos e familiares, no sentido de quando algo corre de forma incorreta, os utilizadores possam obter tanto explicação, como reforço emocional para que não desistam e, também, quando algo é novidade, que possa haver uma partilha de saberes, aumentando a motivação para o uso das tecnologias, bem como para as capacidades e as competências no uso das mesmas.

Mas não se pode esquecer que as desigualdades sociais sentidas e vividas no mundo real, são refletidas no mundo digital, incorrendo-se num possível agravar de situações ou, até, gerar novas desigualdades sociais e digitais. O mundo social, não é independente do mundo digital (Otto *et al.*, 2005; Halford e Savage, 2010; Robinson, *et al.*, 2015).

As desigualdades digitais já referidas devem-se, entre outras, a diferenças de estatuto socioeconómico, de escolaridade, de dimensão/área geográfica onde se reside, de género e de etnia e serão melhor combatidas se, em simultâneo, como refere van Dijk (2006), se combaterem as desigualdades sociais nomeadamente através de políticas macroeconómicas.

### **Capítulo 3. Os jovens adultos e a relação com as tecnologias**

A maior parte dos jovens de hoje em dia, já nasceu no seio de um mundo em que a tecnologia é omnipresente. Usam durante mais tempo as tecnologias e a Internet e encontram-se mais expostos tanto aos seus benefícios como aos riscos associados às tecnologias.

### 3.1. Relações ambivalentes

A relação dos jovens com as tecnologias e a Internet é, ambivalente: tanto pode auxiliar o desenvolvimento das competências digitais, pessoais, académicas, sociais e profissionais, como também pode retardar ou inibir esse mesmo desenvolvimento ou ter consequências nefastas (Peter e Valkenburg, 2006; Santos *et al.*, 2017; Silva & Silva, 2017). É a essa relação que daremos, em seguida, destaque.

Em primeiro lugar, assiste-se à perda da noção de tempo despendido por parte dos jovens, tempo esse que pode ser produtivo, ou não, independentemente da sua duração (Silva & Silva, 2017). Em segundo lugar, como acrescenta o autor, a facilidade e a simplificação no acesso e uso das tecnologias, podem também, interferir na forma como se realiza a pesquisa e a procura de informação, pois, se por um lado se tem acesso a muito mais informação, por outro, a imensidão da informação a que se acede pode levar a uma leitura superficial, podendo não haver uma avaliação da informação encontrada, nem pensamento crítico em relação a ela (o que pode levar à iliteracia literária e à infoexclusão).

Em terceiro lugar, as novas tecnologias e a Internet permitem uma nova forma de relacionamento social, pois, as conversas, bem como o exteriorizar de sentimentos, passam a ser realizados através de um ecrã. Esse ecrã dá ao utilizador uma sensação de segurança por não se encontrar diretamente e de uma forma real com a pessoa com quem produz diálogo, situação que nem sempre se verifica quando se encontram «cara a cara». Por outro lado, este desfasamento entre a realidade e o mundo virtual, não só leva a que os relacionamentos se tornem superficiais e frágeis, como também dificulta o desenvolvimento das capacidades de perceção, atenção, memória, linguagem e raciocínio (Silva & Silva, 2017). É neste sentido que, Santos *et al.*, (2017) e Silva & Silva (2017), aludem à questão dos «amigos virtuais», nas redes sociais, como sendo a forma de os utilizadores combaterem a sensação de isolamento, mantendo a ilusão de que há inúmeros seguidores e «amigos virtuais» que não os «abandonam».

Oliveira (2017) remete-nos para outras consequências que ocorrem da relação entre a Internet e os jovens, sendo elas: (i) ansiedade e depressão, por não encontrarem novidades nos seus *feeds* de noticiais e/ou nas redes sociais e, também, por eles próprios não terem fotografias novas para publicar, ou assuntos novos para partilhar ou, ainda, quando ficam offline e (ii) dependência em relação ao *Facebook* e o *Instagram* devido ao uso excessivo.

### **3.2. «Nativos Digitais»: as gerações mais qualificadas de sempre?**

Os jovens adultos nasceram e cresceram no mundo das tecnologias e da Internet o que tem levado a designá-los, de modo acrítico, por «Geração da Rede», «Geração da Internet» ou «Nativos Digitais» (Goode, 2010; Boonaert & Vettenburg, 2011; Roberto, Fidalgo & Buckingham, 2015; Oliveira, 2017; Pequenino, 2020). Para todos estes autores, é, contudo, necessário desconstruir este conceito, associado à ideia de se estar perante a geração mais qualificada de sempre, devido ao acesso e uso das tecnologias, conceito, em grande medida, influenciado pelo determinismo tecnológico.

Essa ideia, pré-concebida, de que os jovens são «Nativos Digitais», tem vindo a ser mais recentemente questionada. Em 2020, Cristina Ponte, coordenadora do projeto «ySKILLS» em Portugal (Ponte, Batista & Baptista, 2022), em entrevista ao «Jornal Público»<sup>2</sup> refere que a ideia dos «Nativos Digitais» se tornou algo banalizada pelo facto não só de os jovens nascerem na era do mundo digital como também, no facto de supostamente essa situação ser o motivo para que saibam aceder e usar as tecnologias, sem necessidade de ensinamento prévio, para desenvolverem competências digitais. Cristina Ponte adverte, porém, que não se nasce digital e a espécie de encantamento e admiração, por parte dos adultos que surge, ao nível internacional, pela forma como as crianças mexem nos telemóveis, nos tablets, computadores ou em outro artefacto tecnológico, leva a que se confunda esse manusear com competências digitais.

Em 2021, são apresentados os resultados da primeira série do questionário aplicado em Portugal, no âmbito do projeto ySKILLS<sup>3</sup>, cujo relatório foi apresentado por Ponte, Batista & Baptista em 2022. Este relatório caracteriza as condições de acesso à Internet, as atividades praticadas e, ainda, as competências digitais dos adolescentes, entre os 12 e os 17 anos, de seis países europeus (Alemanha, Estónia, Finlândia, Itália, Polónia e Portugal). Podemos considerar que os resultados apresentados apontam já para a heterogeneidade entre jovens e para a desmistificação do conceito de nativo digital. A equipa, acima referida, apresenta entre outros os seguintes resultados no seio dos adolescentes:

---

<sup>2</sup> Cristina Ponte, em entrevista a Karla Pequenino no dia 30 de setembro de 2020.

<sup>3</sup> Este questionário será novamente aplicado ao mesmo público alvo em 2022 e em 2023, para que se possa analisar as alterações ocorridas, ou não, relacionadas com o acesso, às tecnologias nas suas múltiplas dimensões.

- «1. Desigualdades socioeconómicas que afetam condições de acesso;
2. Predomínio de atividades relacionadas com comunicação e entretenimento; mais de um quarto refere procura de informação sobre matérias do seu interesse e participação cívica;
3. Redes Sociais como espaço digital quase universal, onde conjugam privacidade e socialização;
4. Dos 4 grupos de competências inquiridas, as de comunicação e socialização são as que adolescentes consideram que dominam melhor, seguindo-se as técnicas e operacionais. Competências criativas e de produção e competências de navegação e pesquisa de informação estão nos lugares inferiores;
5. Menos de metade identifica corretamente aspetos do funcionamento das redes sociais, o ambiente digital onde mais estão, e de navegação e procura de informação;
6. A idade está diretamente relacionada com maior domínio reportado de competências e com conhecimento digital;
7. Os rapazes reportam maior domínio de competências do que as raparigas. Contudo, não se verificaram diferenças de género nas respostas corretas de conhecimento digital.» (Ponte, Batista & Baptista, 2022, pp. 2)

Como se pode verificar só o resultado enunciado em terceiro lugar - o acesso às redes - é que é quase universal.

Boonaert & Vettenburg (2011) realçavam já a ideia preconcebida de se denominarem os jovens como «Nativos Digitais» como se de um grupo homogéneo se tratasse, pois existem, no seu seio, padrões de desigualdades intergrupais e intragrúps, no que toca ao acesso e uso das TIC. O acesso e o uso destas tecnologias, por parte dos jovens, depende, dos interesses, hábitos, experiências vividas, mas também, dos contextos socioeconómicos e socioculturais, dos estatutos familiares e até mesmo da zona geográfica (Otto *et al.*, 2005; van Dijk, 2005, 2006; van Deursen & van Dijk, 2013; Castilho, 2015), como foi referido no capítulo anterior, também em relação ao resto da população.

Goode (2010), acrescenta que quando nos afastamos da perspetiva determinista e otimista sobre os usos das tecnologias e nos debruçamos sobre as desigualdades digitais e recorreremos a métodos de análise mais amplos e flexíveis, podemos tornar visível a verdadeira profundidade das desigualdades. Para a autora, os inquéritos, por si

só, não conseguem dar conta da desigualdade digital estrutural, defendendo o recurso a estudos baseados em metodologias qualitativas e mistas.

As desigualdades não se baseiam apenas no acesso e uso, mas, também, no modo como são usadas, como os indivíduos se relacionam com a tecnologia no seu quotidiano e no modo como a tecnologia influencia esse mesmo quotidiano (Goode, 2010).

A autora introduz o conceito de identidade tecnológica, definindo-o como sendo o conjunto de crenças individuais do utilizador, onde se conjugam; (i) a crença nas próprias competências tecnológicas; (ii) a crença relacionada com as oportunidades e restrições no uso da tecnologia; (iii) a crença relacionada com a importância da tecnologia e; (iv) a crença relativa à motivação de cada um para aumentar as competências tecnológicas. Tal conceito pressupõe uma abordagem mais sociocultural e dinâmica.

O conceito reporta para a forma como a tecnologia é construída e como interage com as desigualdades de género, étnicas e de contexto familiar. Também nos permite compreender a interseccionalidade das desigualdades digitais com as pré-existentes e que a Universidade pode não reduzir as desigualdades digitais; de acordo com a autora, são as mulheres, os alunos de baixo recursos socioeconómicos e os estudantes negros (independentemente do sexo) os menos preparados para este ecossistema digital. Aprofundando, explicita, citando um estudo de Goode (2010), que num curso de informática numa escola maioritariamente de brancos, há alunos que relatam experiências positivas, porém as poucas alunas e alunos (independentemente do sexo) negros relatam experiências menos positivas, associadas a expressões de desrespeito e frieza, em comparação com alunos de condições socioeconómicas mais altas e que, desde a infância lidam com as tecnologias.

O combate às desigualdades pode ser feito por via do desenvolvimento de uma rede de apoio e incentivo ao desenvolvimento da identidade tecnológica, tanto por parte de pais e familiares como por parte dos professores. Por outro, a suposição de que todos os alunos já ingressam no ensino superior com uma identidade tecnológica construída, constitui um obstáculo, pois a ausência de identidade digital é fruto das desigualdades na educação e das desigualdades socioeconómicas entre agregados familiares. As consequências da formação, ou não, de uma identidade tecnológica, tem forte influência nas atitudes e decisões na sua vida pessoal e académica dos jovens (Goode, 2010).

Goode (2010), refere que os jovens universitários se apoiam nas tecnologias para alcançarem resultados académicos mais positivos, mas de modo desigual. Adianta que, em particular, no caso dos jovens de menor condição socioeconómica ou capital cultural, esse apoio se baseia na troca de apontamentos, ao invés de se dedicarem a ler a matéria que os professores disponibilizam em sala de aulas, ou até mesmo nos documentos por eles partilhados com os alunos.

Apesar da facilidade e da omnipresença das tecnologias, os resultados de Goode (2010) vão de encontro aos do relatório *Education Week's annual Technology Counts*, e aos resultados dos Inquérito *Freshman Survey* e no *The Pew Internet and American Life Center*, citados pela autora. Todos descrevem e ilustram a complexidade das desigualdades tecnológicas que resultam da sua interseccionalidade com os sistemas de exclusão e discriminação como sexo, etnia, estatuto socioeconómico e, inclusivamente, região onde se habita e que as escolas não têm estado a atenuar.

Castilho (2015), salienta também as desigualdades entre jovens no ensino superior. Através da comparação entre Universidades Públicas e Universidades Privadas, o autor, procurou analisar a utilização das tecnologias, por parte dos alunos. Chegando à conclusão de que os alunos de universidades privadas possuem artefactos mais sofisticados e atualizados, demonstram maior interesse em aprender novos conteúdos em virtude do contexto familiar culturalmente mais dinâmico em que estão inseridos na realidade familiar e, também, manifestam um maior interesse no que toca à comunicação e à partilha nas redes sociais, utilizando *Tablets* e *Smartphones* mesmo em sala de aula. Já os alunos das universidades públicas não demonstraram dar tanta importância ao grau de sofisticação dos artefactos tecnológicos, tendo tendência para utilizar tecnologias que suportem aplicações como o *Skype*, *WhatsApp* e *Youtube*. Porém, independentemente do material utilizado, este é, também, utilizado em sala de aula.

Goode (2010) aponta para a necessidade de uma intensificação e reconfiguração das medidas de apoio aos jovens, também no ensino superior, de modo a serem diminuídas as desigualdades digitais.

### **3.3. Em torno do (an)alfabetismo e da (i)literacia: a questão das TIC**

O acesso ao conhecimento na Internet implica, para além das dimensões já analisadas, tal como na vida quotidiana, competências ao nível da compreensão do que é lido, de expressão verbal, de escrita e de cálculo, aspetos que foram bastante subestimados até ao fim da década passada. Diversos autores, entre os quais Gomes *et al.*, (2002), Furtado (2007) Francisco (2008), Bento (2014), Roberto, Fidalgo & Buckingham (2015) e Gomes (2017), abaixo tratados, têm alertado não só para a importância dessas competências, como também para modos de uso da Internet, nas suas várias vertentes, que poderão estar a contribuir para uma redução dos níveis de literacia dos jovens. Aspetos que nos levam a fazer uma pequena incursão sobre estudos da literacia em Portugal.

#### **3.3.1. Analfabetismo e (i)literacia: os conceitos**

As competências acima enunciadas são centrais para a conceptualização de alfabetização e literacia; tornando-se pertinente distinguir ambas (Benavente *et al.*, 1996).

Segundo Benavente *et al.*, (1996) o conceito de alfabetização diz respeito ao ato de ensinar e de aprender a ler, a escrever e a fazer cálculos. Enquanto o conceito de literacia centra-se mais no uso de competências e menos na sua obtenção, traduzindo-se assim na capacidade de uso dessas competências (leitura, escrita e cálculo). Para a autora a literacia está fortemente associada às capacidades de processamento de informação escrita, proveniente de diversos materiais com que os indivíduos se deparam na vida quotidiana, que permitem aos indivíduos funcionar em sociedade, atingir objetivos pessoais, bem como desenvolver e potenciar conhecimentos próprios. Contudo, a literacia não se prende apenas com a compreensão e descodificação de textos, inclui também um conjunto de capacidades de processamento de informação que os adultos usam na resolução de tarefas associadas ao trabalho, à vida pessoal e aos contextos sociais.

O desenvolvimento positivo da literacia, facilita a progressão ao nível cognitivo, auxilia no desenvolvimento do pensamento crítico e na seleção da informação obtida (se é importante, verídica ou não). Através da promoção da literacia, visa-se o desenvolvimento pessoal e social e, por consequência, a sua promoção é um sinal de

inclusão e uma forma de obter uma sociedade menos desigual. (Gomes *et al.*, 2002; Francisco, 2008; Bento, 2014; Gomes, 2017).

A literacia não se coloca em termos dicotómicos como acontece com a alfabetização através dos termos: analfabeto e o alfabetizado; há um continuum de competências onde os indivíduos podem ter diferentes posicionamentos dependendo das exigências sociais, profissionais e pessoais com que são confrontados na vida. Isto porque, para Benavente *et al.*, (1996), o grau de literacia de uma população não está diretamente relacionado com os níveis de habilitações escolares do país; nem a literacia pode ser vista como algo que se obtém num determinado momento e que é válido permanentemente. Os níveis de literacia são observados pelo quadro de níveis de exigência das sociedades num determinado momento tendo em conta as capacidades de uso para o desempenho de funções sociais diversificadas. Reconhece-se que não existe uma correspondência linear entre os graus de escolarização de uma população e o seu perfil de literacia, mas, verifica-se que há uma tendência para que quanto maiores forem os níveis de habilitações de uma população, maiores sejam as hipóteses do perfil de literacia melhorar (Benavente *et al.*, 1996).

Esta consciencialização, quer ao nível interno de cada país, quer ao nível da União Europeia, levou a que houvesse uma massificação da educação, de forma a diminuir ou até mesmo erradicar o «analfabetismo» e a «iliteracia», através da escolaridade básica obrigatória que abarcaria o maior número possível de pessoas (Benavente, *et al.*, 1996).

De modo a aprofundar o conhecimento sobre os níveis de literacia em Portugal, Benavente e os seus colaboradores realizaram um estudo publicado em 1996, com os objetivos de (i) conhecer qual o ponto de situação, a nível nacional, em relação às competências de literacia dos residentes em Portugal, com idades compreendidas entre os 15 e os 64 anos, (ii) comparar a situação nacional com a situação europeia e (iii) identificar possíveis causas e consequências das situações encontradas.

Neste estudo, Benavente, *et al.* (1996), concluíram que em termos globais, a maior parte dos inquiridos possuía baixos ou muito baixos níveis de literacia, sendo bastante reduzida a percentagem de indivíduos com níveis superiores de literacia.

No nível 0 (zero) de literacia situavam-se 10,3% dos inquiridos, sendo que maior parte dos inquiridos se encontravam no nível 1 (37%) e no nível 2 (32,1%) de literacia. No nível 3 encontravam-se 12,7% e no nível 4 uma minoria 7,9%.

O nível 0 (zero) de literacia inclui aqueles que demonstraram incapacidade para resolver qualquer das tarefas propostas. No entanto, neste nível, não se encontram apenas os que não possuem qualquer grau de escolaridade (80%), mas também uma minoria que completou o 1º ciclo (18%) ou o ensino secundário (2%). Além disso, neste nível de literacia a insuficiência de competências de leitura, escrita e cálculo não atinge apenas o grupo dos idosos, aqui encontram-se também jovens entre os 15 e os 24 anos (10%) e adultos entre os 25 e os 54 anos (41%).

O nível 1 é constituído por um número significativo de pessoas que tinham de resolver tarefas com um baixo nível de exigência no que toca às competências, pois, estas baseavam-se na procura de palavras ou de expressões, que se encontravam em textos pequenos. Neste nível encontraram-se diversos graus de escolaridade, sendo que mais de 60% tinham completado o 1º ciclo do ensino básico, cerca de 12% o 2º ciclo, por volta de 3%, o 3º ciclo e, embora fossem uma minoria, 0,5% tinham completado o ensino superior. Porém, também aqui se registam inquiridos sem qualquer grau escolar completo (23%). Relativamente à idade dos inquiridos neste nível de literacia, 55% têm cerca de 40 anos, 20% têm mais de 55 anos, 30% têm entre 25 e 39 anos e 15% têm entre 15 e 24 anos.

No nível 2, encontravam-se os indivíduos que possuíam competências de resolução consideradas mais elaboradas, como uma associação direta entre expressões ou palavras que se podiam encontrar em documentos ou textos e nas instruções de tarefas a levar a cabo e, ainda, em relação ao cálculo, a execução de contas sequenciais com valores de fácil identificação. Neste nível, as habilitações literárias são maioritariamente o 1º e 2º ciclos básicos, porém, começam a surgir, com maior expressão, inquiridos com habilitações superiores, correspondendo 16,2% ao 3º ciclo básico, 7,5% ao ensino secundário e 3,6% ao ensino superior. Relativamente às idades, neste nível de literacia, verifica-se que cerca de 30% têm mais de 40 anos (entre os 55 e os 64 anos, rondam os 9%), sendo os mais jovens dois terços do total dos inquiridos (25 – 39 anos, 34% e 15 – 24, 35%).

Para surpresa dos autores, no nível 3, quando comparado com os níveis anteriores, encontraram-se valores percentuais baixos, embora o nível de dificuldade não fosse superior ao dos níveis anteriores. Aqui, as tarefas relacionadas com a escrita baseavam-se na capacidade de seleccionar e organizar informação, relacionar ideias e fundamentar conclusões. Já as relacionadas com o cálculo, remetiam não só para a resolução de problemas como também para as operações que se lhes seguem. Denotou-se neste nível

que a percentagem de mais baixa escolaridade<sup>4</sup> é residual, verificando-se que os grupos mais representativos eram os que possuem o 3º ciclo do ensino básico (cerca de 30%) e do ensino secundário (cerca de 28%). Em relação ao ensino superior, estes eram cerca de 12% dos inquiridos. Neste nível, verificou-se uma diminuição progressiva dos indivíduos com idades superiores, pois os que tinham mais de 40 anos não passavam dos 30% do total dos inquiridos, os que compreendiam as idades de 25 e 39 anos são cerca de 40% e o grupo dos mais jovens rondavam os 29%.

Por último, no nível 4, incluíam-se as tarefas mais complexas da prova, que envolviam a integração de informação vasta, sendo necessário realizar a síntese da ideia principal, e fundamentá-la e, ainda, resolver problemas compostos por várias etapas equacionais. Neste nível, os graus académicos que mais se destacaram foram o ensino secundário, com cerca de 32% e a rondar também essa percentagem encontravam-se os que possuem o ensino superior; verificando-se a predominância dos mais jovens: 32% correspondiam às idades entre os 15 e os 24 anos.

Neste estudo, Benavente *et al.*, (1996), refere que é baixo o nível de literacia na população portuguesa, comparativamente aos níveis médios europeus. Destaca também um aspeto importante, que é a relação existente entre os níveis de literacia e os níveis de habilitações da população, que sintetiza do seguinte modo: (i) quem não possui o 1º ciclo encontra-se distribuído de forma equitativa pelos níveis 0 e 1; (ii) quem possui o 1º ciclo, surgem distribuídos pelos nível 1 e 2, porém, os detentores deste grau escolar que possuem níveis de literacia elevados, aparecem no nível 3 e 4 mas, de forma residual; (iii) quem possui o 2º ciclo escolar, prevalece no nível 2 de literacia, embora surja no nível 1, de forma significativa e, ainda, com percentagem residual nos níveis 0, 3 e 4; (iv) os que possuem o 3º ciclo surgem maioritariamente no nível 2 e 3 da literacia e; (v) quem possui o ensino secundário e/ou o ensino superior apresenta os níveis de literacia mais altos, porém, entre 0,3% e 0,2% surgem no nível 1, cerca de 30% dos que têm o ensino secundário e 20% dos que têm ensino superior, aparecem no nível 2. Todavia, os detentores do ensino secundário surgem mais no nível 3 (cerca de 40%) e os que têm o ensino superior aparecem mais no nível 4 (cerca de 47%).

Posto isto, torna-se necessário referir que, os vários níveis de literacia se encontram em todos os graus de habilitações escolares, contrariando a ideia espectável de que os detentores de elevados graus académicos se encontrariam só nos níveis mais elevados de literacia (Benavente *et al.*,1996).

---

<sup>4</sup> Atualmente a escolaridade obrigatória já ultrapassou o 3º ciclo, situando-se no 12º ano.

A educação e a formação têm um papel fundamental no dia a dia de cada pessoa, não estando só direcionadas para o melhoramento e desenvolvimento da alfabetização e literacia, mas para que haja maior sustentabilidade económica e financeira da sociedade e, melhor se possa combater a exclusão social e a pobreza e ainda, de consolidar a democracia (Oliveira, Cardoso & Barreiros, 2004; Bento, 2014).

Contudo, como refere Gomes (2017), há barreiras no que toca à literacia que podem ser de âmbito estrutural ou situacional. As primeiras definem-se pela ausência de competências básicas que deveriam ter sido adquiridas ao longo do percurso escolar, mas também com o nível sociocultural e económico, associado ao estilo de vida que cada um adquire no seu trajeto. As barreiras situacionais, prendem-se com as experiências e interações que o indivíduo estabelece e a forma como, em cada momento, ultrapassa as dificuldades.

Como vimos, com a massificação da educação, aumentou-se o nível de escolaridade da população, mas, por outro lado, foi importante o estudo realizado e acima referido sobre os níveis de literacia da população portuguesa, não havendo até à data estudos com dados mais atualizados. Estudos mais recentes seriam também cruciais para analisar até que ponto o acesso à informação e conhecimento através da Internet estará a alterar e em que sentido os níveis de literacia. Até que ponto os usos que os jovens fazem das TIC está a contribuir para aumentos da sua (i)literacia? Os modos como as Grandes Tecnológicas programam os modos de uso contribuirão para aumentar ou reduzir esses níveis?

Na década de 90, com o incremento do uso das tecnologias da informação e da comunicação, torna-se visível a necessidade de desenvolver a literacia digital. Considerando esta necessidade, o conceito de literacia digital envolve três dimensões: (i) o «controlo do acesso à informação», que consiste na necessidade de formação ao nível do acesso técnico aos dispositivos informatizados; (ii) a «literacia do acesso à informação», em que há o pressuposto da utilização autónoma, crítica e criativa da informação e; (iii) a «literacia de informação», pressupõe um nível de literacia geral onde já se verifica um empenho efetivo no formato comunicativo (Furtado, 2007; Roberto, Fidalgo & Buckingham, 2015). Sendo esta definição mais abrangente e distante da subjacente às perspetivas tecnologicamente deterministas em que a literacia digital inclui apenas aspetos técnicos.

Witte e Mannon (2010), comparam a educação com o acesso à tecnologia: embora haja o direito a uma educação universal, a população não tem acesso igualitário à aprendizagem, mantendo-se desigualdades ao nível das condições socioeconómicas; o

mesmo acontecendo com o acesso às TIC, nas suas várias dimensões. Continuam, pois, a verificar-se desigualdades literárias e digitais, em função da etnia, classe, género, habilitações literárias, nível socioeconómico e à localização geografia de cada indivíduo.

### 3.3.2. Tecnologias da comunicação e da informação: que consequências na (i)literacia dos jovens?

O tempo de exposição às TIC (e de um modo mais abrangente aos ecrãs), o modo como são usadas no dia-a-dia assim como a forma como as Grandes Tecnológicas programam os usos que são feitos, transparecem nas ações e reações pessoais, sociais, culturais e académicas dos jovens.

Lamberto Maffei (2019), alerta para o facto de que, atualmente, a palavra/discurso oral, estarem a perder cada vez mais importância em detrimento da imagem, quando pelo contrário, a linguagem devia ser entendida com uma «epifania revolucionária que caracteriza o funcionamento cerebral do homem» (Maffei, 2019: pp. 75 - 76),

Os jovens, em particular nas redes sociais, escrevem pouco - recorrendo com frequência a abreviaturas das palavras e a emojis – e leem pouco: as curtas mensagens dos amigos ou os títulos de notícias ou textos partilhados. Maffei (2019), confronta-nos com a possível irreversibilidade de alguns efeitos da tecnologia nos utilizadores mais jovens, sobretudo ao nível do desenvolvimento cognitivo (racionalidade e linguagem), sendo estas competências fundamentais para o desenvolvimento do pensamento crítico e reflexivo.

Nos dias que correm, como refere Maffei (2019), confrontamo-nos com uma situação em que aqueles que despendem tempo em leituras de livros e não em ecrãs, em seleccionar, interpretar e criticar a informação, por forma a chegar a opiniões ou conhecimentos fundamentados, quase passam a ser vistos como «rebeldes», exatamente por não seguirem a «norma» tecnológica vigente.

No fundo, o autor apela à necessidade de promover competências de reflexão e crítica, lutando contra o imediatismo e consumo rápido e simplista da tecnologia.

Desmurget (2021), também neurocientista, no seu livro «A Fábrica dos Cretinos Digitais» apresenta preocupações similares às de Maffei (2019) destacando que o tempo excessivo que as novas gerações passam a interagir com *Smartphones*, *Tablets*,

computadores, televisão e outras tecnologias, é demasiado elevado, prejudicando seriamente o desenvolvimento neural dos jovens<sup>5</sup>.

Patino (2019), especialista em Ciências da Comunicação, analisa o modo como a concentração dos jovens tem vindo a ser capturada, transformada e reduzida. Segundo o autor, os jovens passam inúmeras horas com as tecnologias, assoberbados pela Internet e pelas redes sociais, recebendo, de forma contínua, centenas de mensagens, notificações, fotografias, vídeos, notícias falsas ou verdadeiras. Esta insistente inquietação advinda das tecnologias, impede-os ou não lhes deixa tempo para avaliar e escolher a informação, para pensar sobre o assunto, ou para pensar de forma crítica, para se concentrarem e, sobretudo, para se ligarem mais ao mundo real.

Para dar conta desta situação apresenta a metáfora elucidativa do peixe vermelho dado que este tem uma capacidade de concentração de apenas 8 segundos. Tal como «o peixe, julgamos descobrir um universo a cada momento, sem nos apercebermos da infernal repetição em que nos enjaulam as interfaces digitais às quais confiamos o recurso mais precioso de que dispomos: o nosso tempo» (Patino, 2019: pp. 14).

Patino (2019) chama a atenção para a necessidade de os utilizadores terem momentos de silêncio desligados dos estímulos eletrónicos (notificações das redes sociais, sons de alerta de publicidades, emails ou mensagens, fotografias, vídeos, entre outros alertas que advêm das tecnologias e da Internet). Só desta forma é possível ter momentos de concentração que permitem ter um pensamento articulado e estruturado. Para tal é necessário contrariar os interesses da Google e de outras Grandes Tecnológicas, que compreende uma forma de encontrar, a cada dia, novas formas de manter os utilizadores aprisionados às tecnologias e aos ecrãs, por via de modelos de negócio que visam não só a dependência digital, mas também, subliminarmente, condicionar as suas decisões das diversas esferas do quotidiano (pessoais, académicas, profissionais, sociais) (Patino, 2019).

Os estudos levados a cabo por Maffei (2019), Patino (2019) e Desmurget (2021) remetem-nos para as consequências do excesso de exposição às TIC e dos modos do seu uso, levando-nos para a questão da (i)literacia dos chamados nativos digitais.

---

<sup>5</sup> Em 2020, Desmurget, afirmou numa entrevista à «BBC News Mundo» que a geração apelidada de «Nativos Digitais» é, a geração, cujos jovens apresentam competências cognitivas inferiores ao dos pais, podendo estar-se perante a regressão cognitiva humana, bem como das suas capacidades intelectuais, tudo, por culpa da exagerada e excessiva exposição aos ecrãs.

## Capítulo 4. A COVID-19 e desigualdades

O ano de 2020 iniciou-se com um turbilhão de sentimentos que tanto pendiam para a incerteza, o medo, a insegurança, como para a esperança de dias melhores. Em janeiro desse ano, a Organização Mundial de Saúde declarou emergência de saúde pública internacional, devido à infeção pelo vírus SARS-CoV 2, sendo que, em março do mesmo ano, essa situação evoluiu para estado de pandemia. As autoridades governamentais, de todo o mundo, impuseram regras e medidas com o objetivo de reduzir o impacto provocado pela COVID-19 (Vieira & Silva, 2020). Foram impostas e ou recomendadas diversas medidas como por exemplo a permanência em casa, a adesão às medidas de proteção individual e ao distanciamento físico através de quarentenas obrigatórias ou opcionais, o fecho de escolas (passando as aulas a ser lecionadas online) e dos locais de trabalho ou a alteração para regime de teletrabalho e a implementação de apoios como o *lay-off* (Loureiro, 2020).

A população mundial via-se confrontada não só com a natureza de um vírus atípico, mas também com as consequências que advieram, como forma preventiva da propagação da doença, causadoras de mudanças repentinas nas rotinas e vidas de cada um.

Estas novas regras, foram a solução imediata encontrada pelos governos mundiais, com o propósito de restringir e impedir que a pandemia se alastrasse, tendo tido como consequências mais visíveis, a rápida quebra de rotinas, das relações sociais baseadas na copresença, para além dos problemas económicos, de saúde, de educação e tecnológicos. Numa fase inicial pensou-se que as medidas restritivas, seriam breves, todavia, rapidamente se compreendeu que iriam ser prolongadas (Carmo, Tavares & Cândido, 2020).

Os primeiros casos de COVID-19 surgiram em Portugal em março de 2020 e em consequência foram declarados sucessivos Estados de Emergência (República Portuguesa, 2020). A criação de uma vacina – resultado de inúmeros esforços internacionais -, e a sua implantação no terreno, alterou todo o paradigma mundial, sendo que em Portugal, veio dar frutos em dezembro de 2020, com o início do «Plano de Vacinação COVID-19» (República Portuguesa, s/db). O início da vacinação não foi, contudo, sinónimo do fim das medidas previamente impostas pelos governos. Estas, mantiveram-se até março de 2021 quando se iniciou o plano de desconfinamento, que previa a abertura gradual do país e a suspensão progressiva das medidas de combate à COVID-19 (República Portuguesa, 2021). Durante este tempo, desigualdades já

existentes tornaram-se mais visíveis, tanto ao nível socioeconómico, como educacional, de saúde e tecnológico. Segundo Costa (2020), em Portugal, aqueles que já eram desfavorecidos e vulneráveis viram a sua condição ser reforçada, principalmente em relação ao nível económico, laboral, educativo, de género e étnico. O autor, acrescenta ainda, que as desigualdades, também se verificam ao nível dos direitos e do exercício da cidadania e liberdade, sendo que todas as desigualdades se entrecruzam, tendendo a que houvesse um agravamento substancial, provocado pela pandemia.

Costa (2020) refere que, se ao longo de décadas se foi observando uma redução das desigualdades ao nível da educação, com o surgir da COVID-19 emergem novas formas e dinâmicas de desigualdades educacionais, que se devem segundo Vieira & Silva (2020) a pandemia e as medidas sociais de combate ao vírus, conduziram à suspensão das aulas presenciais e à sua permuta por aulas em contexto online. Tendo esta circunstância em mente, o acesso e o uso das TIC e Internet cresceu exponencialmente, fruto da necessidade diária do seu uso para fins laborais e académicos (Walter & Pyzalski, 2020). Essa mudança constituiu assim, um novo desafio ao nível educativo, quer para professores quer para alunos e familiares (Vieira e Silva, 2020).

O encerramento das instituições de ensino, não foi à partida um evento único na história, pois na altura da gripe espanhola o mesmo sucedeu. A diferença, é que desta vez não houve um encerramento propriamente dito, pois, as aulas tiveram continuidade de forma online, sendo esta uma forma de tentar que os alunos não comprometessem o seu estudo e desempenho académico e, sendo também, uma forma de tentar controlar a expansão da pandemia, uma vez que se evitava o contacto presencial (Martins, 2020).

Em Portugal, foram várias as formas que as instituições de ensino usaram para enfrentar esta adversidade imposta pela COVID-19, tendo sido a Internet e a televisão, os meios privilegiados para este processo (Martins, 2020). Essa quebra de interação presencial, não foi, contudo, favorável ao processo de aprendizagem académica (Costa, 2020) pois, com o decorrer das aulas online, se deu conta de vários obstáculos. Por um lado, constatou-se que alguns professores não possuíam competências digitais necessárias para lecionarem as aulas via online, ou para conseguirem disponibilizar o material necessário aos alunos, ou até mesmo, para poderem transmitir conhecimentos tecnológicos aos seus estudantes (Martins, 2020).

Por outro lado, as desigualdades sociais e tecnológicas tornaram-se mais evidentes no seio dos alunos. Embora as escolas e as Universidades sejam um veículo que pode levar a contrariar as desigualdades assentes nos contextos e recursos familiares, na condição

socioeconómica e no estatuto social, com a COVID-19, verificou-se que os alunos de menor condição socioeconómica foram os mais prejudicados ao nível do acompanhamento e aproveitamento retirado das aulas (Martins, 2020; Pereira, 2020).

Porém, o ensino à distância não dependia apenas dos recursos e capacidades económicas de cada agregado familiar que permitiriam ter acesso aos artefactos tecnológicos necessários<sup>6</sup>, mas também de outros aspetos como: (i) as competências digitais dos estudantes e familiares, e; (ii) o acesso à rede, (iii) a compatibilidade de programas ou do próprio software; (iv) a capacidade de usar os programas para ensino à distância e de resolução de problemas associados a questões técnicas. Tudo isto tornou o processo de aprendizagem mais desafiante tanto para alunos como professores e até para os familiares (Martins, 2020; Walter & Pyzalski, 2020).

Walter e Pyzalski (2020), consideram, contudo, que o desenvolvimento de competências digitais, é um assunto que devia ser abrangido por várias entidades e não só pelas escolas, sendo que, os autores, comentam que os familiares deveriam ter uma atitude de supervisão e acompanhamento na evolução do desenvolvimento digital, por forma a que os estudantes o façam de forma benéfica.

Foi neste sentido que, no dia 18 de fevereiro de 2021, no programa da Radio Renascença e do Jornal Público, cujo nome é «A hora da verdade», foi entrevistada, a Presidente do Conselho Nacional da Educação, Maria Emília Brederode Santos que evidenciou algum receio em relação ao agravamento das desigualdades digitais, referindo que estas se encontravam, simplesmente, «ocultas» e, também, expressou preocupação em relação à possibilidade de a pandemia levar ao aumento do abandono escolar. Referiu ainda que, na sua opinião, que podemos considerar demasiado otimista, quando houvesse a retoma das aulas presenciais, o sistema usado seria, possivelmente, de forma mais digital, falando-nos de uma escola mista - regime presencial e regime online - de forma que a escola cumpra os seus objetivos de inserção, coesão e mitigação das desigualdades sociais. Tendo isso em conta, Maria Emília Brederode Santos, alude à necessidade de se proporcionar, tanto nas escolas, como a nível territorial (principalmente fora das grandes cidades), cobertura de rede e acesso aos computadores, mas também ferramentas que desenvolvam e ou facilitem, as competências digitais dos alunos.

A Presidente do Conselho Nacional da Educação, demonstra neste sentido, uma preocupação permanente com a questão das desigualdades nos recursos tecnológicos

---

<sup>6</sup> A existência de vários irmãos em casa e de pais em teletrabalho exigia maior número de computadores e casas com mais divisões.

em casa de cada um. Maria Santos afirma, todavia, estar convicta de que essa questão, bem como a do acesso à rede, serão resolvidas em breve, demonstrando-se algo otimista de que com o avançar do tempo haja um diminuir destas desigualdades. Uma abordagem tecnologicamente determinista, centrada apenas em aspetos técnicos, em que são subestimadas outras dimensões do acesso e as desigualdades no acompanhamento, em casa, dos estudantes em função da condição socioeconómica e capital cultural dos pais.

A isso acresce ainda uma preocupação relacionada com as competências digitais e cognitivas, uma vez que os utilizadores, durante o seu processo de pesquisas na Internet, têm de ter presente que é necessário manter pensamento crítico e reflexivo, no sentido de destringer a informação fidedigna das *fake news* (notícias falsas), de forma a promover o seu desenvolvimento cultural, intelectual, pessoal e social.

**Folha em branco**

## **Parte II: Da metodologia à análise de dados**

## **Capítulo 5. Da Escolha Metodológica**

### **5.1. Objetivos de investigação**

Pretende-se com esta investigação, analisar desigualdades digitais (existentes e emergentes) de jovens universitários no acesso às TIC, desde a sua frequência na Pré-Escola até ao Ensino Superior.

Desse modo, os objetivos específicos são:

- Analisar o acesso às TIC, por parte de jovens universitários, durante o período referido, tendo em conta uma abordagem multidimensional do acesso.
- Mapear de que modo o uso das TIC, podem contribuir para aumentar de modo diferenciado os seus níveis de (i)literacia.
- Identificar especificidades das desigualdades digitais percecionadas, durante o período de confinamento do SARS – CoV-2.

### **5.2. Estratégia metodológica**

A estratégia metodológica é definida após a realização do enquadramento teórico e desenlaça-se de forma interativa entre o que se pretende saber e o caminho necessário para o atingir. Ela clarifica o percurso a percorrer pelo pensamento e pela prática aquando da abordagem à realidade, de forma a que a escolha prévia da metodologia vá ao encontro dos objetivos da investigação, sendo desse modo necessário que haja a escolha da metodologia mais adequada, seja ela quantitativa, qualitativa ou mista. (Almeida & Pinto, 1975; Minayo, 1994; Martins, 2004; Ragin & Amoroso, 2011; Augusto, 2014).

Optou-se por uma metodologia qualitativa que se justifica pelo facto de esta não nos remeter para uma realidade numérica ou categorizada, mas sim para uma realidade que importa captar e compreender de modo aprofundado tendo em conta os significados que são atribuídos pelos sujeitos às questões colocadas tendo em conta os seus diferentes contextos sociais (Martins, 2004; Dalfoso, Lana & Silveira, 2008; Silva, 2013; Matos, 2014; Augusto, 2014).

van Dijk (2012) defende que se devem intensificar as investigações de cariz qualitativo no que se refere à desigualdade digital, uma vez que as investigações de cariz quantitativo se debruçam sobre as desigualdades no acesso às TIC tendo em conta

diversas dimensões, como a idade, o género, o capital cultural, a educação e o rendimento, não sendo aprofundadas as explicações sobre o modo como se desenvolvem e transformam essas desigualdades. o mesmo sucede em relação às desigualdades relacionadas com os benefícios retirados dos artefactos. Esta dissertação procura dar resposta a esta preocupação científica, ao fazer um estudo exploratório recorrendo à metodologia qualitativa.

Segundo Augusto (2014), a metodologia qualitativa possibilita uma interação entre o objeto de estudo e o investigador, sendo este visto como uma matéria composta por um conjunto de valores advindos da sua socialização e do seu percurso profissional, podendo, por esse facto, ocorrer uma influência, embora involuntária, por parte do investigador no entrevistado; aspeto que implica uma atenção redobrada do entrevistador. Isto acontece, não só pelo facto de o investigador ser portador de opiniões, ideias pré-definidas e até, por vezes, resultados pré-estabelecidos, dando aso a que não seja fácil manter ao longo de todo o tempo uma postura neutra (Flick, 2005). Mas também pelo facto de este passar a ser um participante no quotidiano do sujeito que investiga e de uma realidade que procura, com neutralidade ou isenção, interpretar (Silva, 2013; Chizzotti, 1995; Quivy & Campenhoudt, 2005; Dalfoso, Lana & Silveira, 2008; Silva, 2013).

A metodologia de carácter qualitativo é a que mais sentido faz nesta investigação também pelo pressuposto de se obter o máximo de informação relativa a cada sujeito, ficando assim o investigador com o ónus da focagem nos pontos essenciais da pesquisa, necessitando por vezes de ser seletivo (Ragin & Amoroso, 2011).

Denote-se a necessidade de se ter em conta que para cada pesquisa concreta cabe seleccionar depois da metodologia as técnicas adequadas tendo em conta os objetivos traçados e os resultados que se pretendem alcançar. Contudo, não se deve esquecer o facto de que esse mesmo terreno, poderá ser um local onde os dados transcendem as expectativas, podendo denotar-se a necessidade de alterar e/ou adequar aspetos de fases anteriores da pesquisa dado o carácter circular do processo de investigação quando se usa a metodologia qualitativa contrariamente ao carácter linear da metodologia quantitativa (Almeida & Pinto, 1975; Minayo, 1994).

### 5.2.1. Técnica de recolha de dados: entrevistas semidiretivas

A entrevista é a técnica que se considera mais adequada para recolher informação que possibilite captar as perceções e o modo como *os indivíduos vivenciam os aspetos a investigar* (Lalanda, 1998; p. 877), proporcionando, ainda ao investigador, ter em conta o contexto social em que os entrevistados selecionados se inserem, tendo sido esta a técnica de recolha de informação escolhida.

Embora sejam várias as formas de entrevista, nesta dissertação optou-se pela entrevista semidirectiva, uma vez que esta propicia um discurso onde o tema é abordado de forma mais ou menos livre, estando, porém, o investigador atento aos objetivos da pesquisa (Minayo, 1994; Duarte, 2004). Este tipo de entrevista contempla, nas respostas dos entrevistados, a descrição dos fenómenos sociais e a explicação e compreensão que os mesmos atribuem a determinados fenómenos (Santos, 2014).

A principal característica deste tipo de entrevistas passa pelo facto de existir um guião previamente elaborado, cuja principal função é servir de «fio condutor» auxiliando a condução da conversa, de modo que o entrevistado não se disperse (Lalanda, 1998; Manzini, 2004; Quivy & Campenhoudt, 2005; Boni e Quaresma, 2005). Por norma, o guião é estruturado por grupos de perguntas, que possuem pontos-chaves ou elementos de ajuda que apenas são apresentadas se o entrevistado não fizer referência a elas nas respostas (Guerra, 2006). Assim, o investigador tem um maior controlo sobre a entrevista (Flick, 2005) possibilitando uma boa qualidade na recolha de informação (Quivy & Campenhoudt, 1998; p.74).

Este tipo de entrevista pode auxiliar no emergir de informação, pelo facto, de se realizar, como se referiu, de um modo mais livre, uma vez que, não só se pode alterar a ordem das perguntas, como também permite que os entrevistados possam levantar novas questões que não tinham sido previstas e que contribuem para a investigação (Guerra, 2006). Não existe, pois, um guião fechado (Manzini, 2004).

Além disso, a entrevista distingue-se pelos processos de comunicação e de interação entre os intervenientes, não dependendo apenas de um conjunto de procedimentos técnicos (Quivy e Campenhoudt, 2005; Lalanda, 1998). Como tal, esta técnica ultrapassa o simples envolvimento e escuta ativa, pois é necessário criar uma relação de confiança e de proximidade, onde o entrevistado sinta que é o cerne da situação, criando um ambiente de partilha e sem juízos de valor (Lalanda, 1998; Quivy & Campenhoudt, 2005; Santos, 2014), de modo, a que a entrevista seja uma «(...) *conversa informal que, ao mesmo tempo que contribui para um certo*

*interconhecimento, descomprime a tensão que sempre se gera (...)*» (Lalanda, 1998, p. 880).

Permite, por outro lado, ao investigador alcançar os objetivos científicos propostos, contrariando estratégias, por parte de entrevistados, que levem a não explicitar dados que possam ser relevantes para a investigação (Lalanda, 1998; Quivy & Campenhoudt, 2005; Santos, 2014).

### 5.2.2. Seleção do público-alvo e guião de entrevista – facilidades e constrangimentos

Quando se utilizam as metodologias qualitativas, procura-se uma representatividade social e não uma representatividade estatística como acontece nas metodologias quantitativas (Guerra, 2006).

As entrevistas cessarão quando se atingir a fase de saturação, ou seja, quando por um lado, já não surgirem novos dados, não justificando a sua continuação (Guerra, 2006) e, por outro, se chegar ao ponto em que as ideias e os conceitos se tornam mais claros e articulados entre si, estreitando e atingindo uma estabilização, através das respostas alcançadas (Santos, 2014).

Para captar as respostas dos entrevistados, em grande parte da sua trajetória e tendo em conta os objetivos traçados, dividiu-se o guião em três fases: i) desde o pré-escolar até ao fim do 6º ano de escolaridade; (ii) do 7º ano de escolaridade até ao fim do 12º ano de escolaridade e; (iii) ensino superior. Face às várias opções, escolheu-se esta pelo facto dos patamares ultrapassados para se mudar de fase serem marcos importantes de mudança nas exigências impostas pelas escolas, incluindo o uso das TIC, nunca subestimando o papel das famílias.

O guião é composto por 30 questões (Anexo I). Como já acima se salientou, as perguntas que formam o guião da entrevista, devem ser claras, adequadas aos objetivos (Guerra, 2006), podendo, caso o investigador ache necessário, ser ajustadas à linguagem dos entrevistados e ao desenrolar da conversa, podendo ainda a ordem das perguntas ser trocada, para que a entrevista decorra de forma informal e mais corrente. Tendo isso em conta, durante as entrevistas, em alguns casos, houve necessidade de utilizar os elementos de ajuda e até mesmo de repetir e/ou reformular as questões, utilizando uma linguagem mais simples, por forma a aprofundar certos pontos que

convinham à investigação, contrariando também, como referem Quivy & Campenhoudt (2005), a tendência de alguns entrevistados darem respostas curtas.

Quivy & Campenhoudt (2005), Duarte (2004) e Guerra (2006), alertam para a importância de se gravar as entrevistas, com o devido consentimento dos participantes, pois o facto de o investigador não estar, de forma constante, a apontar notas, faz com que o entrevistado não se distraia (Quivy e Campenhoudt, 2005). Embora numa fase inicial a gravação possa ser vista como sendo um desconfortável, depressa se dissipa essa sensação através da fluidez que se dá ao desenrolar da mesma (Lalanda, 1998).

Foram realizadas 17 entrevistas, com uma média de duração de duas horas, tendo a amostra sido composta da seguinte forma:

Quadro 1. Caracterização demográfica dos entrevistados, à data da entrevista

<b>Nome / Idade</b>	<b>Género</b>	<b>Concelho Residência</b>	<b>Habilitações literárias</b>	<b>Universidade</b>	<b>Estudante / Trabalhador</b>	<b>Habilitações dos Pais</b>
S.F. – 21	Masculino	Sabugal	frequentar licenciatura	Porto	Estudante	Ambos 12º ano
A.A. – 23	Feminino	Manteigas	frequentar mestrado	UBI	Estudante	Mãe licenciatura, a frequentar mestrado. Pai 12º ano
S.P. – 20	Feminino	Viseu	frequentar Licenciatura	UBI	Estudante	Mãe 6º ano. Pai equivalência 9º ano
P.D. – 22	Feminino	Nisa	frequentar mestrado	UBI	Estudante	Mãe 9º ano. Pai 12º ano
S.D. – 29	Feminino	Fundão	frequentar mestrado	UBI	Estudante / Trabalhadora	Ambos 12º ano
M.B. – 20	Feminino	Aveiro	frequentar licenciatura	UBI	Estudante	Mãe 6º ano. Pai 4º ano
B.P. – 22	Feminino	Sabugal	frequentar licenciatura	Trás-os-Montes e Alto Douro	Estudante	Mãe 7º ano. Pai Bacharelato
C.S. – 23	Feminino	Belmonte	frequentar mestrado	UBI	Estudante	Ambos 12º ano
A.J. – 22	Feminino	Sabugal	frequentar licenciatura	Aveiro	Estudante	Mãe 4º ano. Pai 9º ano
J.V. – 22	Masculino	Sabugal	frequentar licenciatura com mestrado integrado	Lisboa	Estudante	Ambos 4º ano antigo
B.G.- 20	Feminino	Vila Nova de Famalicão	frequentar licenciatura	UBI	Estudante	Mãe 9º ano. Pai 6º ano
B.B. – 25	Feminino	Coimbra	frequentar mestrado	UBI	Estudante / Trabalhadora	Mãe licenciatura. Pai curso profissional
F.T.– 22	Feminino	Sabugal	frequentar licenciatura	Coimbra	Estudante	Mãe 12º ano. Pai 4º ano

A.D.- 22	Feminino	Sabugal	frequentar licenciatura	Porto	Estudante	Mãe 12º ano. Pai 9º ano
C.C.- 24	Feminino	Bragança	frequentar mestrado	UBI	Estudante	Mãe 9º ano. Pai 6º ano
M.M.- 22	Masculino	Sabugal	frequentar licenciatura	UBI	Estudante	Ambos 12º ano
I.A. - 29	Feminino	Lisboa	Pós- Graduação	Porto e Lisboa	Estudante / Trabalhador	Mãe 12º ano. Pai 6º ano

Tendo por base os objetivos referidos anteriormente, e de acordo com a opção metodológica selecionada para este estudo, definiu-se que os participantes seriam homens e mulheres com idades compreendida entre os 20 e os 29, a frequentar o ensino superior e com progenitores de habilitações literárias diversificadas. Foi, contudo, mais difícil, pelos diversos constrangimentos apontados nesta secção, encontrar mais respondentes, no prazo referido, de pais detentores de mais habilitações académicas e de respondentes do sexo masculino.

A amostra de respondentes foi construída partindo-se da identificação de alguns entrevistados, prosseguindo-se depois à amostragem de bola de neve, sugerida por Almeida e Pinto (1975).

Numa fase inicial, houve um primeiro contacto para averiguar a disponibilidade de cada um para agendar a entrevista. Nesta primeira fase, fizeram-se perguntas básicas para saber se a pessoa se enquadrava nos já referidos requisitos. Porém, torna-se necessário aqui referir que numa fase inicial a metodologia contemplava a técnica histórias de vida, porém, essa decisão teve de ser alterada, optando-se pela entrevista semidiretiva. O estado de emergência decretado devido à pandemia SARS-CoV2, os períodos de maior ou menor confinamento e os confinamentos devido a infeções de estudantes dificultaram a opção pretendida.

Pretendeu-se inicialmente, contudo, que todas as entrevistas se repartissem em duas partes: a primeira, sobre os períodos entre o pré-escolar e o sexto ano e o que ia até ao 12º ano, o que implicava recorrer às memórias desses períodos e a segunda sobre o período recentemente vivido/a viver e mais passível de aprofundamento.

As dificuldades suscitadas pela pandemia levaram a que a maioria das entrevistas decorresse no período de verão, fase de férias escolares e com jovens menos predispostos a responder, para mais sendo necessário, mais do que um momento de entrevista. A maioria dos jovens preferiu responder a todas as questões de uma só vez; os mais interessados e com entrevistas mais longas aceitaram dividir a entrevista em duas partes que decorreram próximas uma da outra. A menor disponibilidade de

alguns não será alheia ao mal-estar derivado dos confinamentos, ao cansaço face à pandemia, e também à vida quotidiana dos jovens, ligada de modo permanente às TIC, recordando aqui Maffei (2009) que nos alerta para a necessidade de lutar contra o imediatismo e consumo rápido e simplista da tecnologia, que se estende à vida real e a outras atividades, que não tecnológicas, das pessoas.

Foi um desafio, em relação a alguns, poucos, conseguir que a entrevista se realizasse, pois as justificações eram as mais variadas, desde o facto de estarem a frequentar «trabalhos de verão» e alegarem não ter tempo e/ou disponibilidade; desde o facto de estarem de férias e não terem disponibilidade ou vontade de participar; houve vários que inicialmente aceitavam o desafio mas depois não voltavam a responder, ou então diziam «hoje dá, outro dia não sei» e, ainda, houve quem não aceitasse pelo facto de ser «demorada». Claro que, outros mostraram logo desde o início, vontade em participar, tornando-se mais fácil o agendamento.

Torna-se necessário aqui referir, que chegados à entrevista, todos os entrevistados demonstravam motivação, não havendo perguntas que não quisessem responder e, embora fosse solicitado que se fizesse uma pausa ou que se agendasse continuação para outro dia, a resposta maioritária era de que não estavam cansados, que estavam a achar interessante e que queriam continuar.

Contudo, e no meio deste frenesim, as entrevistas foram realizadas entre julho e agosto de 2021 e, ainda foi possível que algumas tenham sido presenciais e, algumas, tiveram de ser realizadas em ambos os moldes, metade presencial e a outra metade online.

Apresenta-se de seguida o quadro de análise.

Quadro 2. Quadro de análise

<b>Objetivos Específicos</b>	<b>Dimensões</b>	<b>Indicadores</b>
Analisar o acesso às TIC, por parte de jovens universitários, durante o período acima referido, tendo em conta uma abordagem multidimensional do acesso	Acesso Artefactos	Acesso próprio
		Acesso através de terceiros
		Mudanças de artefactos
	Rede	Cobertura
		Capacidade;
		Velocidade.
	Uso	Competências digitais
		Procura e seleção de informação
		Tipos de uso
		Língua utilizada.
Mapear de que modo o uso das TIC, podem contribuir para aumentar de modo diferenciado os seus níveis de (i)literacia	Hábitos de leitura	Frequência
		Tipo de leitura.
	Escrita	Frequência
		Domínio da escrita
		Tipo de escrita
	Interpretação	
	Análise	
Identificar especificidades das desigualdades digitais percecionadas, durante o período de confinamento do SARS – CoV-2.	Acesso a Artefactos	
	Rede	Cobertura;
		Capacidade;
		Velocidade.
	Tempo despendido	
	Frequência	
	Tipos de uso	
Outros		

### **5.3. Importância da Ética**

Neste estudo, de forma a desenvolver uma relação de confiança e cooperação, foi fundamental desde início, adotar linhas de ação eticamente orientadas que, não só, protegessem os direitos dos participantes, mas que também os informasse de forma clara quanto à sua participação e aos objetivos do estudo.

Elaborou-se, nesse sentido, um formulário de consentimento informado, a ser lido e assinado pelos respondentes, onde se esclareciam os objetivos da entrevista e a finalidade do estudo, a forma como a conversa se ia desenrolar, o tema abordado, de que forma os dados seriam tratados e qual a finalidade de uso do material recolhido.

No consentimento está também incluído o carácter totalmente voluntário da entrevista e a possibilidade de a suspenderem durante a sua realização; foi ainda pedida

autorização para a gravação da entrevista, garantindo sempre a confidencialidade e o anonimato (Lalanda, 1998).

Como tal, elaborou-se o documento de forma escrita, (Anexo II) que foi entregue ao entrevistado e que, depois de ter sido lido pelo mesmo, foi assinado por ambas as partes.

Embora nesta dissertação se tenha dado preferência ao consentimento informado escrito e assinado, em algumas situações também se recorreu ao consentimento de forma oral (gravação) (Almeida, 2013), uma vez que houve a necessidade de realização de entrevistas via online, por motivos de contingência relacionadas à pandemia COVID-19.

Pandemia que levou a população portuguesa a estar sujeita pelo governo a vários níveis de medidas de contingência, sujeitas a várias alterações, como forma de minimizar a propagação da COVID-19, como também o facto de o contacto social ter sido restringido, sendo mesmo proibido em alguns momentos, tornou, em determinado momento, obrigatório que as entrevistas fossem realizadas com o apoio da tecnologia, nomeadamente de plataformas como o Zoom, o Skype, o Messenger ou o WhatsApp. Contudo, nem sempre, esta, se revelou ser a melhor opção, pela questão de qualidade de rede de Internet.

Exatamente por essas contingências, foi proposto aos participantes que escolhessem que plataforma preferiam utilizar e, em alguns casos, quando se tornou possível, solicitou-se que escolhessem o local da entrevista. Em ambas as situações a finalidade era permitir um maior conforto ao entrevistado.

Depois de o entrevistado concordar com todos os pontos constituintes do consentimento, há, por parte da investigadora, adoção de uma postura e atitude eticamente adequada e neutra ao longo de todo o processo de entrevista e recolha de dados, não influenciando ou condicionando as respostas dos entrevistados por forma a captar as reais perceções dos mesmos.

## Capítulo 6. Desigualdades digitais: da Pré-Escola ao 6º ano de escolaridade

### 6.1. Dos hábitos de leitura

São diversificados, como se pode ver mais abaixo, os relatos dos entrevistados em relação ao modo como adquiriram ou não hábitos de leitura e que, se sintetizam:

(i) o caso em que ambos os pais (pai com 12º ano, mãe licenciada) incentivam à leitura e ao contacto com os livros desde tenra idade, revertendo essa atitude num gosto pela leitura e por consequência num hábito; (ii) o pai mais escolarizado do que a mãe, possuindo este o grau de Bacharelato e vindo dele o maior estímulo para a leitura, não surte o efeito pretendido, neste caso, não nutre gosto pela leitura; (iii) embora ambos os pais detenham o 12º ano e haja incentivo por parte da mãe, não se traduz em hábito de leitura, pelo contrário, é afirmado que não há gosto pelos livros; (iv) ambos os pais têm habilitações académicas baixas (4º ano antigo), mas o incentivo dos mesmos origina o gosto pela leitura e desenvolve o hábito no entrevistado; (v) os pais (com escolaridade baixa – entre o 1º e 2º ciclo) não têm qualquer influência em relação ao incentivo do hábito de leitura e (vi) o hábito de leitura adquirido por influência de professores:

«(...) sempre tive muitos livros em casa (...) pegava nos livros e ficava lá a tarde. Não que eu percebesse o que os livros queriam dizer, porque eu não sabia ler nem nada, às vezes ficava só a inventar possíveis histórias (...) pelas imagens (...) foi para aí dos 3 ou 4 anos (...) eles [os pais] sempre me leram a história à noite quando eu ia para dormir (...) quando comecei a aprender a ler, a minha mãe sentava-se comigo (...) eu pedia-lhe para ela me ler (...) e ela dizia «não tu agora já sabes ler melhor, lê tu e eu fico aqui a ouvir»(...)» (B.B., 25 anos, a frequentar mestrado, estudante/trabalhadora)

«(...) eu até aprendi a ler muito cedo porque os meus pais me incentivavam a ler, pelo menos o meu pai, a minha mãe não ligava tanto porque (...) ela fez pouco tempo de escola, nunca ligou muito aquilo, mas o meu pai sempre nos incentivou (...) lia mais os de bonecos do que propriamente os da escola (risos) (...) Então nessa etapa da minha vida não lia quase nada, mesmo (...)» (B.P., 22 anos, a frequentar licenciatura).

«(...) na escola eu não aprendia nada (...) aquilo não servia para nada (...) o que lá aprendia, eu já sabia, na altura pronto (...) Livros não. Eu nunca fui de ler (...) A minha mãe, incentivava (...) Cada vez que íamos à Guarda comprava-me um livro (...) para incentivar, mas (...) Eu livros nada (...)» (M.M., 22 anos, a frequentar licenciatura).

«(...) Aí com uns 3 ou 4 anos (...) no início acho que me davam (...) lembro perfeitamente que na pré-primária estava sempre a escrever o meu nome e os números e as letras todas e a fazer as continhas. Na primária foi basicamente repetir isso (...) eu sempre gostei muito de aprender (...)» (J.V., 22 anos, a frequentar licenciatura).

«[...os teus pais incentivavam-te a ler?] (...) eu acho que não, basicamente eles (...) nunca se meteram na minha vida escolar (...) Eu sempre estudei por mim e sempre fiz as coisas por mim. Eles também tinham de trabalhar (...)» (M.B., 20 anos, a frequentar licenciatura).

«(...) o momento que me marcou, ou me fez começar a ler (...) Que me fez começar a ler com mais regularidade e perceber que gostava mesmo daquilo. No 5º/6º ano foi a professora Lúcia (...)» (A.D., 22 anos, a frequentar licenciatura).

Gomes, *et al.*, (2002), Oliveira, Cardoso & Barreiros (2004), Francisco (2008), Bento (2014) e Gomes (2017), referem que o ato de aprender a escrever, ler, interpretar e compreender aquilo que se lê é, moroso, pois, precisa de tempo, motivação e empenho, por parte do aprendiz, por forma a serem desenvolvidos quer individualmente, quer para desenvolver o diálogo participativo e social. Os autores, salientam também, que quanto mais cedo se der início a esta jornada, mais simples se torna a progressão cognitiva e mais fácil se desenvolve o espírito crítico que, por consequência, auxilia no seleccionar da informação adquirida. Assim, deixaria, supostamente, o enriquecimento de conhecimentos e o desenvolvimento de competências, de ser um luxo de certas minorias privilegiadas, porém, o meio social envolvente, é um fator influenciador bastante contributivo para o desenvolvimento, ou não, destas competências.

Seria, talvez, interessante investigar, posteriormente, as razões para uma aparente desvalorização da leitura, por parte de alguns entrevistados mesmo quando já frequentavam o ensino superior.

## **6.2. Do rádio e da televisão ao acesso às TIC**

De forma a captar como e quando foram os primeiros contactos, acessos e usos com as tecnologias, optou-se por, inicialmente, questionar os entrevistados sobre os meios de comunicação tradicionais, como a televisão e o rádio. Contudo, e tendo em atenção que as idades dos respondentes se encontram entre os 20 e os 29 anos, as respostas levaram a diferentes «primeiros contactos», ou seja, houve quem tivesse uma progressão que

partia das tecnologias tradicionais (televisão e rádio) e depois teria contactos com as Tecnologias de informação e Comunicação (computador e telemóvel) mas, houve também quem inicia-se o seu contacto do rádio e da televisão, logo através das TIC.

### 6.2.1 Rádio e televisão

Capta-se nas respostas dos entrevistados, que o acesso ao rádio e à televisão era algo intrínseco no seu dia-a-dia, sendo, por essa situação, difícil para alguns identificar o primeiro momento desse contacto. Contudo, relatam momentos e situações que consideram ser as mais antigas e, em virtude, os possíveis primeiros contactos.

Pelo facto anteriormente referido em relação às idades dos entrevistados, denota-se nas respostas a evolução tecnológica, sendo que, alguns referem a evolução da televisão (ao nível de equipamento e de número de canais) e outros, referem que o acesso ao rádio era realizado pelo computador:

«(...) na minha geração não havia aquela situação de não ter televisão (...) umas mais novas, outras mais velhas, mas toda a gente tinha televisão a cores. O rádio, também é daquelas coisas, eu (...) nasci com rádio, os carros já tinham rádio (...) não houve um primeiro contacto, por assim dizer, porque sempre fez parte da minha vida (...)» (I.A., 29 anos, Pós-Graduação, estudante/trabalhadora).

«(...) sempre me lembro de ter televisão e rádio, mas era uma televisão muito diferente da que existe agora. Aquela era uma televisão muito grande e não tinha comando (...) tínhamos de nos levantar e ir à televisão carregar nos botões (...)» (C.C., 24 anos, a frequentar mestrado).

«(...) nós tínhamos televisão em casa (...) ver o telejornal (...) RTP2 e assim havia alguns desenhos animados (...) O rádio, era mais quando fazia viagens e assim (...) os meus pais instalaram a «TV Cabo» (...) e lembro-me da M. e o D. virem para minha casa para vermos televisão porque eles não tinham esses canais. (...)» (B.B., 25 anos, a frequentar mestrado).

«(...) Com a televisão acho que sim, desde criança, agora com a rádio não tenho assim nenhuma ideia (...) às vezes punha no computador e pesquisava «RFM», ou «Comercial» e punha a dar só para estar a ouvir, ou só para ser barulho de fundo (...)» (S.P., 20 anos, a frequentar licenciatura).

### 6.2.2. O acesso ao telemóvel

Nesta fase, entre a pré-escola e o 6º ano, o telemóvel era um artefacto ao qual não se dava grande importância quanto ao seu uso, mas não ao seu acesso, ou seja, havia quem quisesse ter um telemóvel pelo facto de os outros também o terem, mas não o usava em todas as suas funcionalidades, embora estas fossem mais reduzidas na altura.

«(...) Quando eu tive telemóvel era um telemóvel super básico (...) [...os teus amigos, sentiste algum tipo de exclusão?](...) Talvez em relação ao telemóvel quando eles diziam «Ah tenho um telemóvel» (...) é que também queria um (risos) era mais inveja do que incómodo (...)» (J.V., 22 anos, a frequentar licenciatura).

«(...) eu tive o primeiro telemóvel tátil, ainda ninguém tinha telemóveis táteis, nem telemóveis até (...) Tinha por ter (...) nunca liguei a essas coisas eu. Mas era possível (...) haver alguma influência (...) podes ser uma boa influência (...) alguém pode apegar-se ou querer ter mais contato contigo, mas também pode ser o contrário (...)» (M.M., 22 anos, a frequentar licenciatura).

«(...) cheguei a levar uma vez um telemóvel que eu tinha assim daqueles... Ainda era com teclas! (risos) Para a escola, assim só naquela de «eu tinha um telemóvel», eu nem sabia mexer naquilo (...)» (B.G., 20 anos, a frequentar licenciatura).

Querer ter um telemóvel, não era um ato difícil, pois, mesmo que a condição socioeconómica dos pais não permitisse a aquisição, os entrevistados referem que obtinham o artefacto através de familiares (tio, tia, madrinha, padrinho, etc.) ou, até, da cedência de irmão para irmão, ou de pais para filhos, levando a que as desigualdades de acesso fossem mais centradas no tipo de equipamento, na qualidade, na capacidade de memória, na funcionalidade e na velocidade.

Em relação ao uso do telemóvel, eram usadas funcionalidades básicas como enviar mensagens e efetuar chamadas, notando-se, já nesta fase, em alguns dos respondentes, uma significativa apetência pelos jogos e em outros alguma inabilidade.

«(...) dava para mandar mensagens e para telefonar e jogar o jogo da «Snake» (...) utilizava era para ligar à minha mãe e ao meu pai (...) quando precisava de alguma coisa, mas era raro usar o telemóvel (...)» (J.V., 22 anos, a frequentar licenciatura).

«(...) eu pegava no telemóvel da minha mãe para jogar que aquilo tinha lá um joguito (...)» (B.G., 20 anos, a frequentar licenciatura).

«(...) o 1º telemóvel foi no 5º ano (...) de abrir e fechar (...) nem sequer se usava é que era só para dizer que se tinha (...) Só mesmo chamadas, mensagens para quem tinha telemóvel porque naquela altura ainda havia muita gente que não tinha (...)» (F.T., 22 anos, a frequentar licenciatura).

### 6.2.3. O acesso ao Computador e à Internet

#### **Acesso ao computador**

Nas respostas dos entrevistados, relativas ao acesso físico ao computador, surgem em destaque as seguintes situações: (i) acesso aos artefactos (maioritariamente já usados) por cedência dos irmãos mais velhos e/ou familiares e; (ii) acesso ao computador através dos programas «E-escolas» e «Magalhães».

Estes programas, «E-escolas» e «Magalhães», encaixavam-se numa política governamental, cujo objetivo era alargar o acesso à sociedade da informação e o fomentar da infoinclusão, através da entrega de computadores portáteis que tinham acesso à Internet por meio de banda larga. Assim, o «E-escolas» surge em 2007, cujo público-alvo eram os formandos frequentadores do programa «Novas Oportunidades», os alunos do ensino secundário e os professores do ensino básico e secundário e, em 2008 surge o «Magalhães», destinado às crianças com idades compreendidas entre os 6 e os 10 anos (Miguel, 2014; Merrelho, 2010):

«(...) nunca me considere com um nível socioeconómico muito superior ao dos colegas. Porque, imagina, para mim vinham as coisas que já eram do meu irmão (...) mais tarde o meu irmão teve através da escola, acho que houve um programa qualquer que davam tipo, portáteis, e então ele arranjou (...) quando eu entrei para o 5º ano a minha mãe arranjou-me um portátil para mim e pronto (...)» (A.A., 23 anos, a frequentar mestrado).

«(...) O computador foi no meu 4º ano, foi na altura dos «Magalhães»,—mas antes disso, (...) Acho que foi o 1º contacto que eu assim me recordo (...) na escola com o «Magalhães» (J.V., 22 anos, a frequentar licenciatura).

«(...) o programa «E-Escolas» (...) contribuiu muito para que as pessoas tivessem acesso já de uma forma igualitária (...) já não era só para as pessoas que podiam (...)—aí mudou tudo porque já era um computador meu, só meu (...)

e já comecei a utilizar muito mais (...) eu podia investir todo o tempo ali porque não havia ninguém que também quisesse usar (...)» (F.T., 22 anos, a frequentar licenciatura).

«(...) Havia o «Magalhães» e havia para os mais crescidos o «E-Escola». Eu lembro-me que eu aderi também (...) colegas que tinham irmãos mais velhos, já tinham computador em casa, os outros não. Tal como eu (...)» (C.C., 24 anos, a frequentar mestrado).

«(...) parece que existiu sempre na minha vida (...) Não sei em que momento é que ela apareceu (...) a minha irmã tem mais 10 anos do que eu (...) ela já precisava de usar (...) provavelmente (...) sabia que aquilo existia e a partir do momento em que ela começou a usar de certeza que eu comecei a ver também (...)» (A.D., 22 anos, a frequentar licenciatura).

### **Das Competências**

Após a receção dos artefactos, devido às políticas acima enunciada, os respondentes aludem que a curiosidade pelo mesmo e o facto de terem um computador que não precisavam de partilhar, levou a que o tempo despendido no mesmo aumentasse e, por consequência, desenvolvessem mais competências, assumindo poucos terem dificuldades, e apenas iniciais, na sua utilização. Também o facto de haver irmãos mais velhos, ou familiares com alguns conhecimentos, ajudava a ultrapassar alguns obstáculos tecnológicos.

«(...) Eu acho que não tinha dificuldades, eu acho que sempre fui muito ágil (...) eu entro e entrei e parecia que já sabia funcionar com aquilo (...)» (S.P., 20 anos, a frequentar licenciatura).

«(...) eu primeiro não percebia nada (risos) tive de ir descobrindo assim aos poucos como é que aquilo funceminava, mas foi normal (...) os meus pais não percebem nada de PC's nunca mexeram (...) A minha tia é que me explicava mais ou menos as coisas» (P.D., 22 anos. A frequentar mestrado).

«(...) eu sinto que sempre tive muita facilidade em trabalhar no «Word», «Excel», tipo tudo o que é programas de office e essas coisas eu sinto que tenho muita facilidade, mas também é porque tipo, eu perco tempo a explorar (...) tinha o meu irmão e depois tipo, ele ajudava-me sempre que eu tinha um problema no computador era o meu irmão que pedia (...)» (A.A., 23 anos, a frequentar mestrado).

«(...) eu acho que ao longo do tempo que fazia um maior uso do computador ia descobrindo mais funcionalidades e ia explorando outro tipo de tarefas ou de entretenimento (...) e consecutivamente mais tempo dispensado em cada um deles, no telemóvel e no computador (...)» (A.J., 22 anos, a frequentar licenciatura).

«(...) no 5º ano aquilo que o professor de «TIC» nos estava a ensinar era muito aborrecido porque aquilo que ele ensinava eu já sabia (...) usar o «word» ou (...) «excel» ou assim e eu essas coisas já tinha descoberto por mim e via a minha mãe a fazer e às vezes era eu que ia explicar à minha mãe porque eu mexia muito no computador sem ter medo que ele se estragasse (...) como os meus pais não entendiam muito do assunto eu aprendi a desenrascar e acho que era muito intuitivo (...)» (B.B., 25 anos, a frequentar mestrado).

«(...) estávamos a iniciar a utilização e como não havia muito investimento também de tempo naquilo (...) para fazermos as coisas (...) no «power point» e no «word» (...) existia alguma dificuldade sim (...) os professores tinham um efeito muito grande na forma como nós tínhamos a experiência com os computadores (...) porque jogar já era o nosso mundo (...)» (F.T., 22 anos, a frequentar licenciatura).

Os programas governamentais, «E-escolas» e «Magalhães», tinham como objetivo a utilização dos computadores em contexto letivo para que com a supervisão e o ensinamento dos professores os alunos desenvolvessem competências. Porém, refere Miguel (2014) que, esses objetivos, não foram totalmente alcançados. Segundo um estudo do mesmo autor em que 400 alunos, 181 encarregados de educação e 101 professores pertencentes ao 1º ciclo do ensino básico do concelho de Matosinhos receberam o computador advindo do programa «Magalhães», 85% desses intervenientes, admitiram não usar o computador em contexto de aula.

Miguel (2014) e Merrelho (2010) concluíram, contudo, que as crianças utilizadoras desses computadores descobriram e desenvolveram novas competências, através da exploração dos jogos, das pesquisas realizadas e da navegação na Internet. Referem ainda que a maior parte dessas crianças aprenderam sozinhas a aceder e usar o computador, uma vez que os educandos e os professores não detinham informação/conhecimento suficiente para ensinar e partilhar com as crianças utilizadoras. Contudo, uma vez que havia uma aprendizagem quase autodidata, referem

alguns entrevistados que as aulas de informática se tornavam aborrecidas, porque o que o professor lecionava já eles conheciam.

Importa referir que as competências mencionadas pelos entrevistados, são competências básicas, fundamentalmente de manuseamento, mas que a alguns faz sentir como se soubessem de antemão como elaborar as tarefas, quase como se de forma intuitiva se tratasse, «encaixando-se» na ideia preconcebida de serem nativos digitais.

A designação de «nativos digitais» tem sido criticada por vários autores, questionando a ideia preconcebida de que tais utilizadores são dotados de competências tecnológicas por terem nascido na Era Digital (Goode, 2010; Roberto, Fidalgo & Buckingham, 2015; Oliveira, 2017; Pequenino, 2020). Nas respostas a seguir, poder-se-á captar a desconstrução dessa ideia, recordando Boanaert e Vettenburg (2011), uma vez que os autores aludem a que os «nativos digitais» não são um grupo homogéneo, uma vez que há padrões de desigualdades grupais e intragrupais, no que toca ao acesso e uso das TIC.

### **Os Usos do computador**

No que diz respeito ao uso dos computadores, de acordo com Miguel (2014) e Merrelho (2010), muitas das competências que as crianças aprendiam e desenvolviam, era por sua iniciativa própria e individual. Porém, as competências desenvolvidas nem sempre eram para pesquisa de informação, como seria suposto, mas sim, em grande medida para através dessa aprendizagem saberem jogar nos seus computadores:

«(...) começaram-nos a oferecer PC porque precisávamos de fazer trabalhos. Mas até essa idade só jogava, fazia os trabalhos à mão (...)» (P.D., 22 anos, a frequentar mestrado).

«(...) o «Magalhães» (...) aquilo dava para jogar «Super Toss» (...) só usava o computador para isso (...)» (M.B., 20 anos, a frequentar licenciatura).

«(...) na escola com o «Magalhães» nós fazíamos alguns ditados por lá, ou textos, ou composições. E aprendemos mais ou menos a usar o «Microsoft Word» (...) os «Super Tugs» (risos) que era o jogo do «Magalhães» (...)» (J.V., 22 anos, a frequentar licenciatura).

#### 6.2.4. O acesso à Internet

Com as respostas dos entrevistados, constata-se que o acesso à Internet se inicia, em grande medida, por meio de banda larga, com a adesão aos programas do governo, já referidos. Alguns respondentes expressam também a sua facilidade no acesso à Internet, embora vários destaquem a lentidão da rede; havendo outros que arranjam estratégias para ultrapassar essa dificuldade:

«(...) A velocidade da Internet (...) era péssima, era pior que péssima. Falhava, tipo não insistia (...) não era «wi-fi» então tipo como era uma PEN aquilo gastava bueda rápido a Internet. (...)» (A.A., 23 anos, a frequentar mestrado).

«(...) Acho que comecei a usar a Internet e fluiu, não foi uma coisa assim que eu tive de forçar para saber (...)» (S.P., 20 anos, a frequentar licenciatura).

«(...) quando me deram o computador do «E-Escola» hum... Vimos que não dava para fazer nada no PC sem Internet, portanto os meus pais acabaram por instalar a «MEO» (...)» (P.D., 22 anos. A frequentar mestrado).

«(...) não tinha Internet privada e então eu tinha uma antena que apanhava a rede da junta de freguesia e então, às vezes (...) não tinha, outra vezes abria a janela para tentar apanhar rede (risos) (...)» (A.J., 22 anos, a frequentar licenciatura).

«(...) Para carregar qualquer ficheiro, até qualquer música, ou vídeo que tu queiras ver, era um trinta e um, tu acabavas por desistir (...) era tão lento (...) uma pessoa por isso também não acedia tantas vezes porque como demorava tanto tempo, acabavas por não querer perder esse tempo na Internet (...) Porque às vezes é um bocado a incompreensão que tu tens, porque se aquilo não está a funcionar contigo e à tua volta tu não tens ninguém que te ajude (...) a solução é ou consegues sozinha, ou então vais embora (...)» (I.A., 29 anos, estudante/trabalhadora).

«(...) Havia o «Magalhães» e havia para os mais crescidos o «E-Escola». Eu lembro-me que eu aderi também. E foi a partir daí que eu comecei a ter Internet, porque até então eu não tinha (...) eu recebi o computador e vinha essa PEN com Internet (...)» (C.C., 24 anos, a frequentar mestrado).

Diversas falas vão ao encontro do que é referido por autores como DiMaggio & Hargittai (2001) e van Deursen & van Dijk (2013) quando referem que a pouca cobertura de rede ou a sua reduzida velocidade, são, em alguns casos,

promotoras de desinteresse, desmotivação, desistência e até de alguma frustração, por parte dos utilizadores.

### **6.3. Entrada nas redes sociais?**

Nesta fase, entre a pré-escola e o 6º ano escolar, pode considerar-se que o acesso e uso das redes sociais<sup>7</sup>, é residual. As redes sociais, nesta fase, eram usadas mais ao nível dos jogos online e não para publicações ou partilhas de conteúdos. Há também relatos de que nesta fase, as redes sociais, eram criadas mais por influência dos amigos e para se sentirem integrados no grupo, mas também, para estar em contacto com familiares, mas, em relação aos familiares, referem mais que era para realizar as videochamadas (dando-se assim o início de uma nova utilização da TIC) e para enviar mensagens, principalmente a quem se encontrava distante.

Contudo, é mais no início do 7º ano que se verifica uma maior afluência às redes sociais:

«(...) criei o «*Facebook*» no 5º ano na escola para jogar «*FarmVille*» no início era claramente para jogos. (...)» (J.V., 22 anos, a frequentar licenciatura).

«(...) apareceu o «*MSN*» e também depois ali no 6º e 7º ano já ficava também a falar com os meus colegas por lá (...)» (B.B., 25 anos, a frequentar mestrado).

«(...) era um contacto muito impessoal, porque o «*Facebook*» e as redes sociais hoje em dia transportam sempre dados enquanto esses jogos não transmitiam nada nosso, não tínhamos sequer que dar um nome (...) era só mesmo de lazer, sem qualquer tipo de conexão com os outros (...)» (F.T., 22 anos, a frequentar licenciatura).

«(...) comecei depois a ter «*Facebook*» (...) os meus familiares tinham também e começamos a fazer chamadas através da Internet (...) na transição mais próximo do 7º ano (...)» (C.C., 24 anos, a frequentar mestrado).

---

<sup>7</sup> Datas da emergência de várias redes sociais: *Hi5* em 2003; *Facebook* em 2004; *Youtube* em 2005; *Twitter* em 2006; *Pinterest* e *Instagram* em 2010; *Snapchat* em 2011 – estas redes sociais são as mencionadas pelos entrevistados (Machado, 2018 e Grupo Marktest, 2021)

## Capítulo 7. Do 7º ano ao 12º ano escolar: desigualdades

### 7.1. (In)existência de hábitos de leitura

Neste ponto, o pretendido era captar de que forma é que os hábitos de leitura acontecem, de onde provêm, como se sustentam e que benefícios são retirados desses hábitos, nomeadamente as competências de interpretação e análise. As respostas dão conta de desigualdades nos hábitos de leitura, nos conteúdos que se leem e ao nível da interpretação.

Quanto aos hábitos de leitura - os que os têm e são um menor número de entrevistados, por influência de pais, amigos e professores – encontramos diversas situações: (i) os que continuaram a ter hábitos de leitura, os que os aumentaram e outros que os reduziram e (ii) os que liam, mas mais durante as férias escolares:

«(...) Se calhar reduziram um pouco porque (...) no 10º ano (...) uma pessoa tem aquele clique e vê que agora é que é a sério (...) No 10º ano e secundário e isso dediquei mais a estudar as matérias porque precisava de ter boas notas (...) Mas sempre li (...) pelo menos um livro por mês tentava ler (...)» (B.B., 25 anos, a frequentar mestrado, estudante/trabalhadora).

«(...) aqueles romances adolescentes ou lá como se diz... Eu lia muito sobre vampiros (...) lia romances normais, tipo destes mais modernos (...) 9º até ao 12º ano eu interessei-me muito por, mesmo por literatura clássica, daqueles romances do séc. XVIII, séc. XIX, então eu li «As irmãs» (...) e tipo aventuras e essas coisas (...) eu gostei do «Os Maias» (...)» (A.A., 23 anos, a frequentar mestrado).

«(...) histórias verídicas (...) policial (...) esses livros extra eu tenho porque os meus amigos me incentivavam e davam para eu ler, mas estão lá para eu ler ainda (...)» (A.J., 22 anos, a frequentar licenciatura).

«(...) Foi a altura em que eu li mais. Do 7º ao 12º (...) com os livros escolares sempre foi muito menos (...) Agora com livros de lazer, era imenso. Gostava mesmo muito (...) a leitura (...) tu tens que dar do teu tempo, da tua atenção, tens que te cansar para que aquilo depois, no fim, te dê alguma coisa (...)» (A.D., 22 anos, a frequentar licenciatura).

Em algumas respostas, capta-se que aqueles que tinham hábitos de leitura vão alterando as suas preferências (deixando de lhes interessar as histórias mais infantis,

de banda desenhada ou até mesmo as que tinham mais ilustrações do que texto) e passam a preferir histórias mais complexas, de outros géneros e conteúdos:

«(...) 9º até ao 12º ano eu interessei-me muito por, mesmo por literatura clássica, daqueles romances do séc. XVIII, séc. XIX, então eu li «As irmãs» (...) e tipo aventuras e essas coisas (...) eu gostei do «Os Maias» (...)» (A.A., 23 anos, a frequentar mestrado).

«(...) Acho que sim, porque quando era mais pequeno gostava de histórias mais engraçadas e neste momento já estava a começar a apreciar histórias mais complexas (...)» (J.V., 22 anos, a frequentar licenciatura).

Denota-se ainda a referência a que, em jeito de bola de neve, entre amigos, liam as mesmas Sagas e os mesmos autores, como se imperasse a influencia de grupo:

«(...) deve ter sido aí por volta do 7º ou 8º ano. Uma amiga minha começou a comprar uns livros (...) é de uma autora que a gente gosta bué (...) e começou-me a incentivar (...) «Lesley Pearse». (...) Os dessa autora são romances tipo históricos, tipo antigos (...) eu vou tipo variando, mas os outros é tipo livros documentados, é tipo mesmo a história da «bailarina de Auschwitz» o «tatuador de Auschwitz» (...)» (P.D., 22 anos, a frequentar mestrado).

Os respondentes sem hábitos de leitura confundem esses hábitos com o que têm que ler em contexto escolar e nesses podemos encontrar: (i) os que aumentaram a leitura, fazendo-o por obrigatoriedade vinda da parte dos professores, sendo também obrigados a fazer resumos e (ii) os que, mesmo em contexto escolar, arranjam diversas estratégias para o não fazer:

«(...) faz parte da rotina (...) recordo-me que uma diferença do 6º ano para depois o 7º e 8º ano é que já existiam muitos livros académicos que nós os liamos (...) porque eramos obrigados (...) já existia essa obrigação por parte da escola de criar hábitos de leitura. Por vezes não (...) eficaz porque também os livros não eram muito atrativos (...)» (F.T., 22 anos, a frequentar licenciatura).

«(...) A matéria para estudar sim, mas agora aqueles livros das aulas de português que a gente tinha de ler não, nunca li nenhum (...) O que era preciso a gente dava nas aulas, os excertos que eram importantes ou não, aquilo estava no livro de português, portanto era só estudar pelo livro (...)» (P.D., 22 anos, a frequentar mestrado).

«(...) Eu lia muito pouco (...) Sei que no secundário era capaz de ler mais (...) porque tínhamos os exames e éramos obrigados a ler certas obras (...)» (C.S., 23 anos, a frequentar mestrado).

«(...) a partir do 10º ano, eu como andei num curso profissional, havia livros que nós supostamente tínhamos de ler, mas nós nunca chegamos a ler esses livros (...) nós fizemos um trabalho acerca disso, não os lemos (...)» (B.P., 22 anos, a frequentar licenciatura).

Os entrevistados foram também questionados sobre os seus hábitos de leitura no que se refere a jornais e revistas, no sentido de captar se havia interesses de obter informação, para além do solicitado na escola: informações de carácter político, social, desportivo e até mesmo de entretenimento.

Uns referiram que os jornais e revistas, não lhes suscitavam interesse ou motivação. Os poucos que os liam ficavam pelos títulos, sem aprofundar a notícia:

«(...) quando o meu pai comprava jornais, mas lia só as gordas (...)» (S.F., 21 anos, a frequentar licenciatura).

«(...) a minha mãe sempre comprou a revista «Visão» e provavelmente eu ia dando assim uma vista de olhos (...)» (B.B., 25 anos, a frequentar mestrado).

Em relação às revistas, a motivação da compra estava nos brindes e posters que as próprias traziam, ou então, interessavam-se pelas vidas de celebridades (atores, cantores, pessoas famosas), aspetos que alguns também procuram, como veremos, adiante, nas redes sociais:

«(...) Revistas sim, porque a minha avó comprava, era tipo a «TV7Dias» e essas cenas, então eu lia isso tudo do início ao fim, tinha de saber tudo (risos) (...)» (A.A., 23 anos, a frequentar mestrado).

«(...) Revistas sim, jornais não (...) lia a «Bravo», por causa dos posters (...) E as novidades dos famosos, tinha de ser (...)» (P.D., 22 anos, a frequentar mestrado).

## **7.2. Perceções sobre as diversas dimensões do acesso às TIC**

Na continuidade da análise do período entre o 7º ano e o 12º ano escolar, foram colocadas, aos entrevistados, questões em que o objetivo passava por captar as suas perceções sobre as diversas dimensões do acesso às TIC, de modo a serem captadas as desigualdades existentes, começando-se pelo acesso físico (e o modo como lidavam

com a evolução dos artefactos), passando pelas competências e terminando com os usos (nas suas diversas vertentes, nomeadamente na procura dos conteúdos e nos tipos de conteúdos procurados).

### 7.2.1. Do acesso ao telemóvel/Smartphone, ao acesso ao computador e Internet

Nos testemunhos seguintes captam-se percepções que os entrevistados têm sobre o facto de crescerem em conjunto com o desenvolvimento dos artefactos, sendo para eles algo «omnipresente», situação facilitada pelo programa governamental, já referido, «E-escolas», uma vez que passaram a não precisar de partilhar o artefacto com outras pessoas (por exemplo: familiares):

«(...) O primeiro computador que eu tive [Programa e-escolas], eu não sei o que dizer se é «hardware» ou essas coisas todas (...) O segundo foi após 3 anos ou 4 para aí, em que foi um portátil e eu fiquei «Wuou!» (...)» (S.D., 29 anos, a frequentar mestrado).

«(...) computador [Programa e-escolas], nesse que eu recebi muito antes, ainda vinha tipo «Word» e «PowerPoint» e assim essas coisas, e depois no pequenino que eu comprei já não vinha isso foi uma das mudanças que... Pah, chocou-me (risos) (...)» (M.B., 20 anos, a frequentar licenciatura).

Como as idades entre os respondentes vão dos 20 aos 29 anos, tais diferenças, nesta fase em análise (do 7<sup>o</sup> ano ao 12<sup>o</sup> ano), podem justificar as várias respostas obtidas, uma vez que alguns referem lembrar-se de os telemóveis conterem jogos (sem aceder à internet) e outros, mencionam que o primeiro telemóvel foi um *touch*. Esta informação coaduna-se com o que Machado (2018) refere, pois, segundo o autor, foi em 2009 que surgiram em Portugal os primeiros *Smartphones*<sup>8</sup>, embora tenha sido em 2013 que se registou um crescimento de quase 40% de vendas deste e, de acordo com algumas respostas dos entrevistados, percebe-se essa mudança:

«(...) chamadas e músicas [toques das chamadas] e fotografias. Internet não. Tipo tinha aqueles joguitos (...) Antigamente os telemóveis vinham com jogos.» (A.A., 23 anos, a frequentar mestrado).

«(...) o primeiro que eu tive (...) já era «touch» [esse telemóvel tinha internet?] (...) acho que sim, mas não me lembro de estar a pesquisar nada lá. (...) Eu acho

---

<sup>8</sup> Aparelho considerado um telemóvel «mais inteligente», por ter características de computadores, como «hardware e software» e por permitir conexão à rede de internet (Machado, 2018)

que era para tirar fotos (risos) e para ouvir música (...)» (M.B., 20 anos, a frequentar licenciatura).

Pelas respostas, capta-se que o acesso aos artefactos aumenta aquando da entrada no secundário (10<sup>o</sup>; 11<sup>a</sup> e 12<sup>o</sup>), assim, em relação aos telemóveis denota-se a aquisição de artefactos mais atualizados e capta-se que a internet começa a ter uma maior importância no dia-a-dia dos utilizadores, chegando a ser um dos principais motivos para a aquisição dos mesmos:

«(...) no 10<sup>o</sup> ano (...) comprei um novo telemóvel «touch» e esse já dava assim para instalar, lá está, as redes sociais (...)» (S.P., 20 anos, a frequentar licenciatura).

«(...) nesta fase o telemóvel já tem muito mais funcionalidades, já tem acesso à internet constante (...) Aliás a vontade de usar a internet é que motivou a compra dos telemóveis melhores (...)» (A.J., 22 anos, a frequentar licenciatura).

No entanto, há respostas que contrariam o exposto, mostrando-se recorrentemente desigualdades entre os respondentes, pois alguns mencionam que, nesta fase, o acesso à internet através do telemóvel era desmotivador devido à dimensão do artefacto, cobertura e velocidade da rede:

«(...) não havia assim grande acesso à internet (...) os telemóveis ainda eram assim muito... Não estavam atualizados e aquilo não funcionava bem (...)» (C.S., 23 anos, a frequentar mestrado).

«[Usavas internet no telemóvel, nesta fase?] (...) Não usava muito (...) era lento (...) o ecrã era mais pequeno (...) Acho que o telemóvel não chamava tanto para ir à net (...)» (B.B., 25 anos, a frequentar mestrado, estudante/trabalhadora).

Nas respostas dos entrevistados, percebem-se outros motivos de aquisição dos artefactos, captando pelos testemunhos a existência de influência dos seus grupos pares:

«(...) Eu mudei foi de telemóvel (...) no 7<sup>o</sup> ano (...) lá para o meu 8<sup>o</sup> ano (...) arranjei um pequenino tátil (...) tive-o para aí até ao meu 11<sup>o</sup> ano, tipo, que já era bué antigo em comparação com o que as outras pessoas tinham, mas aquele funcionava para mim (...)» (A.A., 23 anos, a frequentar mestrado).

«(...) no 10<sup>o</sup> eu fui para uma escola de cidade e aí já se começa a ver muito mais as diferenças, «aí aquele tem aquilo pronto, aquele é que é o maior» não que eu

desse relevância a isso, nem estava para aí virada, mas sentia. (...)» (S.P., 20 anos, a frequentar licenciatura).

### 7.2.2. Percepções sobre competências

Pelas respostas dadas capta-se que os entrevistados se consideram «Nativos Digitais» por terem nascido e crescido em paralelo com a rápida evolução dos artefactos tecnológicos (computador, telemóvel/*Smartphone* e internet), mas, também, pela suposta facilidade, que os mesmos referem ter, em usar a tecnologia, sem necessitarem de ensinamento prévio ou, raramente, recorrerem a ajudas. Essa facilidade é abordada pelos respondentes como se de um ato intuitivo, reflexivo e reativo se tratasse, perante estímulos que advêm dos artefactos, como se, sem serem ensinados, simplesmente soubessem o que fazer e como fazer:

«(...) Eu sempre tive isto na minha vida, o computador, o telemóvel, o rádio, parece que sempre tive isto na minha vida, presente aqui, e eu sei mexer (...) Eu mexo e descubro é assim (...)» (S.P., 20 anos, a frequentar licenciatura).

«(...) Eu acho que no manuseio em si não existiam dificuldades. Talvez por a tecnologia ter avançado tanto (...) por terem criado novas coisas, novas plataformas, novos sites, em alguns deles no 1º contacto teria alguma dificuldade em perceber como funcionava, mas nada que 5 minutos de exploração não solucionasse (...) No telemóvel sim conseguia-me habituar facilmente (...) mas o computador é menos intuitivo e por isso acho que demorava mais tempo a chegar à solução. Recorria mais a ajudas fossem de pessoas ou da internet no computador, do que no telemóvel (...)» (A.J., 22 anos, a frequentar licenciatura).

Os respondentes não referem falta de competências ou dificuldades encontradas, nomeadamente no uso de programas, e no acesso à informação; mas poderá questionar-se se as facilidades encontradas não estarão apenas ligadas ao manuseio mais imediato e para tarefas mais primárias que executam, importando identificar técnicas mais adequadas para analisar as competências detidas. A maioria das vezes são captadas por questionário, mas, através desta técnica, captam-se as competências autodeclaradas e não as efetivas.

Diversos autores têm questionado o conceito de «Nativos Digitais» e de se estar perante a geração mais qualificada de sempre, porque não se pode tratar dos jovens como se de um grupo homogéneo se tratasse, ignorando as desigualdades no seu seio (Goode, 2010; Roberto, Fidalgo & Buckingham, 2015; Oliveira, 2017; Pequenino, 2020).

### 7.2.3. Usos do computador, telemóvel/*Smartphone* e Internet

Em relação ao computador, os entrevistados referem que na entrada do ensino secundário (10<sup>o</sup>; 11<sup>o</sup> e 12<sup>o</sup> anos) houve alterações ao nível do uso e do tempo despendido com os artefactos devido à necessidade de realizarem trabalhos escolares e pela curiosidade de assuntos do seu interesse, perdendo alguns a noção do tempo despendido; notam-se, por outro lado, desigualdades nos usos, indo estes dos mais sofisticados aos mais banais:

«(...) a partir do 10<sup>o</sup> (...) tu tinhas que fazer apresentações em «PowerPoint», então aí sim o uso e o acesso do próprio computador aumentou bastante por causa dos trabalhos (...)» (I.A., 29 anos, a frequentar pós-graduação, estudante/trabalhadora)

«(...) A Internet tem tanto uso, mas as pessoas e na minha opinião, as pessoas usam a internet, mais de 50% tem entretenimento e eu também sou uma delas. (...)» (S.P., 20 anos, a frequentar licenciatura).

«(...) uma pessoa passava lá o tempo (...) não me sentia muito influenciada por aquilo, mas, lá está, era ver o que os outros faziam e pensar do género «Vou tentar fazer o mesmo» (...)» (B.P., 22 anos, a frequentar licenciatura).

«(...) Não era que fosse mais proveitoso, às vezes se calhar se tivesse a fazer uma pesquisa específica, nos meus primeiros 10/15 minutos de pesquisa eu já tinha tudo o que queria e a partir daí era só divagar, não me acrescentava nada (...) não era mais proveitoso por passar mais tempo na internet (...)» (A.J., 22 anos, a frequentar licenciatura).

«[esse telemóvel tinha internet?] (...) acho que sim, mas não me lembro de estar a pesquisar nada lá. (...) Eu acho que era para tirar fotos (risos) e para ouvir música (...)» (M.B., 20 anos, a frequentar licenciatura).

O facto de haver melhorias no acesso à informação leva a que alguns utilizadores sejam confrontados com o excesso de informação e com a sua fidedignidade:

«(...) Eu nos trabalhos sempre fui um bocado perfeccionista, então eu tentava ir ao máximo de sites que encontrava (...) Num diz uma coisa, noutra pode dizer outra coisa completamente diferente. E às vezes até dizem a mesma coisa de forma diferente (...) Quanto à informação ser a correta, não sabia (risos). Lá está, sabia porque também pesquisava em muitos sítios e lá está, se todos dissessem a mesma coisa eu supunha que era verdade (...)» (B.P., 22 anos, a frequentar licenciatura).

«(...) Não sei até que ponto aquilo que nós vemos na internet é preciso então temos de ter a capacidade de comparar «ok, não é só este sítio que diz isto, aquele também diz». Mas nesta altura o ponto de partida era quase sempre o «Wikipédia» (risos) (...)» (B.B., 25 anos, a frequentar mestrado, estudante/trabalhadora).

«(...) Quando tu comesças a usar a internet, ainda por cima nessa altura, tu tentas perceber se aquilo que tu estás a ler faz sentido e se fizer sentido, à partida é fidedigno (...) por exemplo para trabalhos escolares fazia muita comparação de informações (...) tendo em conta aquilo que nós (...) demos nas aulas e vendo aquilo que está no livro e há 3 páginas que dizem a mesma coisa (...)» (A.D., 22 anos, a frequentar licenciatura).

Outro aspeto mencionado por alguns respondentes é o facto de que, aquando do uso, independentemente do artefacto utilizado, referem a existência de dificuldades quanto à língua usada nos sites, podendo este ser um fator promotor de desigualdades:

«(...) quando aparecem sites em inglês a maior parte das vezes eu não percebo, desligo e vou a outro, mas não tem grande ciência (...)» (P.D., 22 anos, a frequentar mestrado).

«(...) como fui eu que aprendi quase tudo por mim, acho que acabei por ganhar uma grande criteriedade naquilo que eu pesquisava e uma noção daquilo que era bom e que era mau (...) Em relação à tradução dos sites que estão noutras línguas, acho que tornou-se mais fácil a partir do momento em que eu já sabia ou dominava melhor a língua (...)» (J.V., 22 anos, a frequentar licenciatura).

#### 7.2.4. Alterações nos usos dos artefactos

A escolha do telemóvel em relação ao computador depende das atividades a que os utilizadores se propõem, mas denota-se uma crescente preferência pelo telemóvel por questões de comodidade, devido à emergência das redes sociais, por uma questão de rapidez e por influência dos grupos de pares:

«(...) Aí, eu acho que deixei um bocado o computador e comecei a usar mais o telemóvel (...) o telemóvel eu se calhar (...) comprar um melhor porque achava que, acho que também um bocado de influência da sociedade (...)» (S.P., 20 anos, a frequentar licenciatura).

«(...) O telemóvel. A partir do momento em que depois comecei a aprender a usar aqueles programas como o «Messenger» e o «WhatsApp» que são gratuitos, comecei cada vez mais a comunicar com pessoas, com amigos ou com familiares e também, lá está, os jogos (...)» (J.V., 22 anos, a frequentar licenciatura).

«(...) Por uma questão de praticidade utilizava o telemóvel porque já estava ligado, não precisava de ir buscar o computador de ligar de fazer a ligação à internet, mas se fossem pesquisas mais longas, sempre dei preferência ao computador (...)» (C.C., 24 anos, a frequentar mestrado).

«(...) [em relação ao computador] Fazer as pesquisas para os trabalhos e assim (...) entretanto ia tendo acesso a mais equipamento e começava a reparar que o equipamento estava a ficar mais lento (...) se calhar ia-me chatear mais e usar menos (...) isso até era um fator que não me incentivava a usar mais o computador (...) Até porque veio o portátil. No momento o portátil novo entusiasma, mas depois chega ali um momento em que uma pessoa já viu tudo e não há mais nada para descobrir e perde aquele encanto (...)» (B.B., 25 anos, a frequentar mestrado, estudante/trabalhadora).

### 7.3. Redes sociais

As redes sociais, não surgem na secção dos usos do computador e do telemóvel para se dar conta de algumas das suas especificidades.

De acordo com o estudo «*Os portugueses e as redes sociais 2021*» (Grupo Marktest, 2021), o «boom» das redes sociais verificou-se entre os anos de 2013 e 2016. Os entrevistados desta Dissertação, teriam aproximadamente entre 13 e 18 anos,

encontrando-se, possivelmente, a frequentar o 9º; 10º; 11º e 12º anos, coadunando estas idades e anos letivos com os dados do estudo relativo ao «boom» das redes sociais apresentadas.

O estudo referido, demonstra que entre 2013 e 2016, foram o «Facebook» e o «Instagram» as redes sociais mais acedidas e usadas, tendo uma percentagem de uso de 98,3% e 54,9%, respetivamente. Mas também outras redes sociais, como o Twitter e o WhatsApp tinham percentagens de 58,3% e 27,5% respetivamente. Porém, houve outras redes sociais referidas pelos entrevistados, mas que de forma geral não tinham, tanta importância, comparativamente, sendo eles o *Hi5*, o *Email*, o *Pinterest*, o *Messenger*, o *Tumblr* e o *Snapchat*.

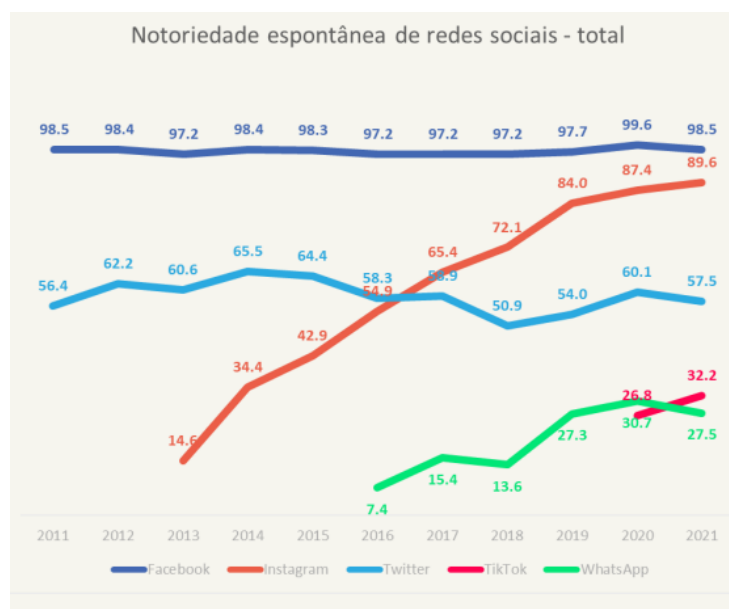


Gráfico 1 Notoriedade espontânea de redes sociais (Grupo Marktest, 2021: pp. 2)

De acordo com a tabela apresentada, num espaço de 10 anos, houve o aparecimento e o desenvolvimento de várias redes sociais; sendo que a escolha e a criação de conta nas mesmas, por parte dos entrevistados era condicionada por questões de «moda» e influencia dos amigos:

«(...) Tinha o «Facebook» (...) o «Snapchat», o «Instagram» (...) Tudo o que houvesse nós criávamos (...) tudo o que havia de redes sociais (...)» (B.P., 22 anos, a frequentar licenciatura).

«Acho que foi praí no 10º (...) na altura também toda a gente já tinha menos eu e criei. Porque, sei lá, porque tinha de ser, não é? (...)» (S.F., 21 anos, a frequentar licenciatura).

«(...) eu criei porque eles tinham. Antes de eles terem eu nem sequer sabia que aquilo existia (...)» (P.D., 22 anos, a frequentar mestrado).

«(...) Não quero dizer que foi influencia dos amigos, mas como muitos deles tinham irmãos e irmãs mais velhas (...) criavam conta só porque a irmã tinha e daí trazerem para o nosso grupo (...)» (M.B., 20 anos, a frequentar licenciatura).

«(...) toda a gente tinha então toda a agente criava para andarmos a ver as coisas uns dos outros (...) era só mesmo essa a finalidade, sinceramente (...)» (B.P., 22 anos, a frequentar licenciatura).

Também nas respostas se constata que o acesso e o uso às redes sociais, numa fase inicial, passava pela possibilidade de jogar online entre e com amigos, para comunicação entre amigos e pela sensação de se sentirem integrados em grupos, embora de modo diferenciado:

«(...) Houve uma altura que eu usava por causa dos meus amigos (...) E eu usava o «Facebook» para jogar, não era para fazer mais nada (...)» (A.A., 23 anos, a frequentar mestrado).

«(...) O «Facebook» sei que foi por causa do «FarmVille» que o criei (...) Ou jogar (...) ou para pôr fotos. Ou ver as fotos das outras pessoas. O «instagram» e o «Twitter» acho que foi por pressão social (...) na altura toda a gente tinha e também queria ter e pronto (...)» (J.V., 22 anos, a frequentar licenciatura).

«(...) Sim, «Facebook», «Snapchat», «MSN», «instagram» e também tinha «Twitter»(...) «Hotmail» (...) Porque toda a gente tinha (...) o «Facebook» (...) o «farmville», que toda a gente jogava, também nunca percebi muito bem o interesse (...)» (A.D., 22 anos, a frequentar licenciatura).

«(...) ficava horas naquilo [nas redes sociais], só a passar imagens (...) do 7º ao 9º ano aí se calhar era mais estar em jogos (...) depois já não. Já me preocupava mais com as redes sociais (...)» (C.S., 23 anos, a frequentar mestrado).

Mas rapidamente passam para outras funcionalidades (que, entretanto, também iam aumentando), reforçando, de modo diferenciado, a sua preferência pelos jogos online e pela comunicação com os amigos e familiares, e passando à publicação de fotografias, likes e mais raramente comentários e, ainda, seguindo celebridades, como ilustram alguns relatos:

«(...) Então o «Facebook» eu usava para jogar e para falar por mensagem por lá e para fazer trabalho de grupo online e essas cenas. E depois o «Instagram»

mais tarde usei tipo, não sei muito bem ao certo para quê (risos) para ver fotografias (...) eu não ponho quase nada lá é tipo mais para ver fotografias e essas cenas, para me integrar (...) «Pinterest» usava e uso para tirar ideias (...) coisas de trabalhos manuais» (A.A., 23 anos, a frequentar mestrado).

«(...) Só punha *likes* (risos) eu nunca fui muito de comentar (...) partilhava pouca coisa, porque eu nunca fui muito de meter coisas e porque, lá está, os meus pais também avisavam «o que puseres na internet fica lá para sempre» (...) Era só mesmo fotos e mais nada (...)» (B.P., 22 anos, a frequentar licenciatura).

«(...) Punha *likes* e comentava mais publicamente do que privadamente, e era curtos alguns com bonequinhos e outros com elogios. Quando era pessoalmente era mais, um bocadinho mais elaborados. Ai... Pessoalmente não, de forma privada (...)» (J.V., 22 anos, a frequentar licenciatura).

«(...) eu ao início acho que comentava mais (...) depois acho que mudou um bocadinho a minha perspetiva, para uma pessoa estar mais (...) reservada, já só ia mais por essas ferramentas do «*like*» (...) já há uma exposição e como também há muita mais gente a ver (...) uma pessoa parece que tem mais medo de se expor. Os comentários é uma coisa muito mais clara. Comentava mais publicamente (...) eram textos curtos (...) uma palavra um *emoji* (...)» (F.T., 22 anos, a frequentar licenciatura).

#### **7.4. Impactos dos hábitos de leituras e dos usos das TIC na (i)literacia**

Parte dos entrevistados com hábitos de leitura não tinham dificuldades de escrita, interpretação e concentração, embora com um número reduzido tal não acontecesse. Importa, contudo, analisar não só as perceções dos entrevistados sobre o modo como essas dificuldades decorreram da falta de hábitos de leitura (ou não), como também explorar as maiores ou menores dificuldades desse tipo que podem advir, de acordo com Maffei (2019) e Desmurget (2021), dos formatos difundidos ou impostos pelas grandes tecnológicas, dado o tempo crescente de exposição às TIC.

#### 7.4.1. Das facilidades/dificuldades aos formatos impostos pelas empresas tecnológicas em relação à escrita

##### **Das facilidades/dificuldades na escrita**

Quando se referem aos resumos solicitados pelos professores encontramos respondentes com capacidades diferenciadas havendo quem refira que os resumos que elaboram são cópias do que já se encontra escrito:

«(...) eu não sou muito de ler, a verdade é essa, mas que procurei (...) ler um bocadinho mais, principalmente no secundário, que tinha as obras obrigatórias que tínhamos que ler (...) Mas sinto que isso me faz falta, sem dúvida. (...) Se calhar não tenho uma linguagem (...) certas palavras que às vezes me faltam e se calhar a ler eu era mais fluída a falar, ou até mesmo a escrever (...)» (S.P., 20 anos, a frequentar licenciatura).

«[...Os textos escritos da escola, eram-te fáceis de fazer?] (...) (suspira fundo) sinceramente eu acho que não. Eu acho que ficava ali muito tempo a pensar «o que é que eu vou escrever aqui? (...) isso até devia ser um bocado por não ler (...)» (B.P., 22 anos, a frequentar licenciatura).

«(...) Zero... Eu para escrever alguma composição na altura (...) era sempre «que dor!» (risos) (...) Porque não era capaz de escrever uma cena grande sobre um tema (...) Se calhar por falta de ler livros... Como é óbvio (...)» (M.M., 22 anos, a frequentar licenciatura).

Aspeto importante a salientar é o facto de alguns entrevistados mencionarem não haver necessidade sequer de elaborar resumos dos autores lidos, pois se anteriormente estavam disponíveis nas livrarias, passaram, depois, a estar acessíveis na Internet.

Diferente, era a posição dos que tinham hábitos de leitura:

«(...) eu não conseguia estudar só pelo livro ou só pelos exercícios das aulas (...) eu tinha de fazer resumos de tudo, apontamentos de tudo, era a única forma de conseguir estudar (...) Era por tópicos de matéria e depois fazia umas setinhas (...)» (P.D., 22 anos, a frequentar mestrado).

«(...) sempre fiz, isso sempre foi a minha forma de estudar, fazia sempre resumos. Não eram muito resumidos, escrevia sempre a matéria toda (...) Só que não decorava nada (...) não decorava pronto, não fixava (...)» (C.S., 23 anos, a frequentar mestrado).

«(...) Não, eu só comecei a fazer resumos da matéria quando fui para o 10º ano (...) Porque era quando começava a contar a média (...) no 10º já tinha e já me

empenhava. De resto eu pegava nos livros, era só para passar, até ao 9º ano era só para passar. (...) Passava a tudo o que é me acontecia? Ficava igual. Acabar com 3 ou acabar com 5 era igual (...)» (B.G., 20 anos, a frequentar licenciatura).

### **Impactos de formatos impostos pelas empresas tecnológicas na escrita**

Um aspeto que merece destaque, relaciona-se com as mensagens enviadas por telemóvel. Foram apontadas em algumas respostas uma forma de escrever que não a tradicional, pois, houve uma fase (ainda antes dos telemóveis «touch») que as mensagens via telemóvel eram pagas consoante as mensagens enviadas, ou seja, havia um limite de letras que constituíam uma mensagem e que tinham um certo valor (tarifário e/ou carregamento com ou sem prazo), caso as letras passassem para uma segunda mensagem ou até terceira, o valor acrescia. Por este motivo, os utilizadores tentavam nunca passar do limite e, para isso optaram por escrever siglas e/ou abreviaturas, como por exemplo «pk» em vez de «porquê», «k» em vez de «que», «dp» em vez de «depois», entre outras:

« (...) eu ia para a casa dos meus colegas, aí começámos a trocar os números de telefone e comecei a mandar mensagens (...) testamentos que até tínhamos as palavras todas cortadinhas que era para não mandarmos mais do que «x» mensagens [fase posterior em que se pagava em função do número de mensagens] (...)» (S.D., 29 anos, a frequentar mestrado).

Contudo, há quem refira que mesmo não gostando de escrever desta maneira, fazia-o para se sentir igual ao seu grupo de pares. Porém, denota-se que aqueles que tinham hábitos de leitura, em determinado momento, deixaram de escrever dessa forma, independentemente do tarifário. Já os que não tinham hábitos de leitura, além de não mostrarem preocupação por agirem dessa forma, também não alteraram a sua postura, mesmo quando a questão do tarifário alterou:

«(...) eu quando comecei a enviar mensagens, eu escrevia o texto todo, tudo direitinho, mas os meus amigos faziam abreviaturas, escreviam com «k» tipo, que dor de alma (...) Mas tipo, escreviam assim e eu para escrever igual a eles, escrevia como eles, mas depois lá para o meu 9º ano eu percebi que isso era estúpido (...) eu tive uma fase que era muito influenciada, porque me queria integrar (...)» (A.A., 23 anos, a frequentar mestrado).

#### 7.4.2. Desiguais facilidades de compreensão e a questão da concentração

Podem interligar-se, em alguns respondentes, os maiores, menores ou nenhuns hábitos de leitura com dificuldades ou facilidades de interpretação e concentração, partindo-se de uma fala em que sempre houve hábitos de leitura com as restantes em que respondentes não têm ou têm poucos hábitos de leitura:

«(...) Tu tens de ter a capacidade do tipo, estar a ler vários textos e de estares a interligar os textos, eu acho que nisso tipo ajuda (...) então ao estares a fazer isso através da internet (...) obrigatoriamente tu vais desenvolver a tua capacidade de escrita e de articulação de ideias (...) a internet tipo ajuda nisso, porque tu tens tanta informação que tens de interligar tudo e tens de saber fazer as interligações. Então acho que sim, acho que ajudou a desenvolver a minha capacidade de raciocínio e de interligação de ideias e de escrita, no fundo, até porque eu escrevo o que leio não é.» (A.A., 23 anos, a frequentar mestrado).

«(...) ficava super ansiosa porque começava a ler o livro e julgava que não estava a perceber a história, então voltava outra vez a ler o livro e nunca chegava a meio porque eu tinha de começar outra vez a ler (...)» (S.D., 29 anos, a frequentar mestrado, estudante/trabalhadora).

«(...) Se fosse um livro com mais de 100 páginas se calhar aí selecionava, tipo, lia as primeiras 100 páginas e depois quase involuntariamente acabava por me esquecer do livro, ou ficar sem vontade (...)» (A.J., 22 anos, a frequentar licenciatura).

«(...) eu tinha uma dificuldade muito grande nos testes de português, que era respeitar o limite de palavras. Porque era demasiado pequeno pra eu dizer aquilo que eu queria dizer. E nunca tive jeito para fazer resumos. Se as coisas estão lá é porque são precisas (...)» (A.D., 22 anos, a frequentar licenciatura).

Dificuldades de concentração e de interpretação devido à interferência das insistentes notificações recebidas, encontraremos no capítulo seguinte.

## **Capítulo 8. Desigualdades digitais enquanto Estudantes do Ensino Superior**

Este capítulo corresponde à fase em que os respondentes se encontravam a frequentar o ensino superior (licenciatura ou mestrado) e tinham entre os 20 e os 29 anos.

### **8.1. Novos ou mais hábitos de leitura?**

Para a maioria dos respondentes, o ingresso no ensino superior, alterou de modo diferenciado os hábitos de leitura, sendo importante destacar, antes de mais, o modo como alguns encararam a entrada numa diferente e nova fase de vida, experienciada de várias formas, como nos dão conta os seguintes testemunhos:

«(...) não estava preparada para ir para a licenciatura (...)» (S.D., 29 anos, a frequentar mestrado, estudante/trabalhadora).

«(...) ensino superior foi tipo um ponto de viragem completamente na minha vida. Foi mesmo um abanão, mas completo! (...)» (A.D., 22 anos, a frequentar licenciatura).

Capta-se nas respostas de alguns entrevistados a consciencialização de que ter ou não ter hábitos de leitura, gera uma diferença considerável no dia-a-dia, mais em relação à perceção, compreensão, seleção de informação, expressão, pensamento crítico e escrita. Para melhor compreender se houve mudanças nos hábitos de leitura dos entrevistados, optou-se por diferenciar os que tinham hábitos de leitura (desde cedo), dos que não tinham hábitos de leitura.

#### **Entrevistados com hábitos de leitura**

Os entrevistados que referiram ter hábitos de leitura desde cedo, mencionam experiências diferentes face a estes: uns continuam a esforçar-se por ler outros consideram que a frequência de leituras, diminuiu bastante (em alguns casos tendo chegado a ser nula), devido ao que era exigido ler ao nível universitário.

Os motivos apresentados, passam pelo facto de no ensino superior a exigência de estudo e de leituras ser bem maior, do que nos anos escolares anteriores e, por isso, focaram-se praticamente só nos livros académicos e na matéria lecionada, não despendendo tempo com leituras que não as necessárias às aulas:

«(...) Eu gostava de ter hábitos de leitura, eu adorava ler antes de dormir, mas não. Eu já leio tanto, neste caso para fazer a Tese (...) mesmo na licenciatura mandavam-nos os textos para nós lermos e tipo, nós precisávamos de ler mesmo para fazer o curso (...) os meus hábitos de leitura reduziram (...)» (A.A., 23 anos, a frequentar mestrado).

«(...) agora andam assim um bocado por baixo (risos). Eu tento sempre, um livro por mês é aquele mínimo (...) mas agora, sobretudo agora com o mestrado fica um bocado difícil, porque uma pessoa já lê tanta coisa que chega ao fim de semana só quer fechar os olhos e pronto, descansar a mente. Agora é mais textos académicos (...)» (B.B., 25 anos, a frequentar mestrado, estudante/trabalhadora).

«(...) Eu leio muito pouco, neste momento eu leio mais por causa da Dissertação. É assim, eu leio pouco a nível de livros, de revistas, leio pouco, jornais não leio muito, mas na Dissertação li muuuuito mas era tudo só focado para a Dissertação, mas fora disso, tipo para lazer ou assim a nível, para me informar de alguma coisa não leio (...)» (C.S., 23 anos, a frequentar mestrado).

«(...) ainda leio, mas leio (...) Um bocadão grande menos, porque acabo por não ter tanto tempo (...) E quando tenho tempo quero fazer outras coisas (...)» (P.D., 22 anos, a frequentar mestrado).

No entanto, dois entrevistados referem que, com a entrada no ensino superior, os hábitos de leitura, já existentes, aumentaram:

(...) Os meus hábitos de leitura mudaram completamente (...) desde que entrei para a faculdade (...) Primeiro, passei a ler muito mais notícias e a perceber que existe um mundo fora daqui. Fora daqui S. (...) há coisas muito maiores do que aquilo que tu te tens dado ao trabalho de pensar. (...) A partir do momento em que entrei para a faculdade, o mundo em si (...) a atualidade (...) os problemas que estão a acontecer, a política entrou muito mais na minha vida. Foi também um choque de realidade (...)» (A.D., 22 anos, a frequentar licenciatura).

«(...) Adquiri, porque também o meu curso exige-me outro tipo de conhecimentos (...) tive que ganhar muitos conhecimentos e muitas aptidões nessa área e só se ganham aptidões com mais hábitos de leitura (...) os meus hábitos de leitura aumentaram imenso (...)» (F.T., 22 anos, a frequentar licenciatura).

Destaca-se um respondente, com hábitos de leitura desde criança, que julga não os ter perdido, vendo mais séries, por achar que são atividades similares e que exigem menos tempo, pois basta ler as legendas:

«(...) eu acho que acabei por trocar (...) os livros pelas series (...) por meter na cabeça que (...) via a serie muito mais rápido do que via uma saga de livros. E eu para aproveitar esse tempo da melhor forma, para ver mais em menos tempo, comecei a ver series (...)» (J.V., 22 anos, a frequentar licenciatura).

Sendo que a fase do ensino superior, dos entrevistados, abarcou o período de confinamento da COVID-19, captaram-se nas respostas situações diversas relacionadas com a leitura, pois, uns mencionam continuar a ler de igual modo e outros referem ter lido mais, como ilustram os testemunhos a baixo:

«(...) Não. Eu não li mais, li igual, porque com a pandemia eu tentei manter a rotina que tinha antes (...)» (A.A., 23 anos, a frequentar mestrado).

«(...) acho que pelo facto de não poder sair de casa e de tudo estar fechado, se calhar até tive foi mais tempo para pegar num livro (...)» (B.B., 25 anos, a frequentar mestrado, estudante/trabalhadora).

Importa analisar o modo como os respondentes reagem às leituras exigidas pelos professores, pois essa reação fará com que possam desenvolver mais ou menos os níveis de literacia, nomeadamente a interpretação e análise. Em relação à matéria lecionada seja ela abordada de forma expositiva, em PowerPoint e PDF, aconselhada, sugerida ou disponibilizada bibliografia pelos professores, os entrevistados, com hábitos de leitura, têm três várias formas de proceder.

Enquanto uns procuram ler as bibliografias facultadas pelos professores:

«(...) Os professores falam deles nas aulas e tipo, falamos um bocado neles para dar a matéria (...) A forma como eles às vezes explicam parece interessante o livro e então tipo, eu arranjo o livro para ver se é realmente interessante (...)» (A.A., 23 anos, a frequentar mestrado)

«(...) Li as bibliografias sim, fi-lo porque também, lá está, o ensino superior exige outro tipo de pesquisas (...) Não me fico só pelos slides (...) uma pessoa tem muito trabalho de casa (...)» (F.T., 22 anos, a frequentar licenciatura)

«(...) Não há slides, na minha faculdade. Eu gostava muito de ir ler a bibliografia que eles dão a mais, mas eu não tenho tempo (...) Mas, por outro lado, sempre que eles falam sobre (...) «este livro aqui é muito interessante» eu aponto o nome (...) e acrescento na lista de desejos dos livros (...)» (A.D., 22 anos, a frequentar licenciatura).

Outros, embora numa fase inicial tentem abarcar toda a informação, referem que com o passar do tempo surge uma tendência seletiva, com o objetivo de serem mais produtivos, sem ter de ler toda a documentação disponibilizada pelos professores.

«(...) mais ultimamente nos slides. Porque (risos) se eu fosse para os livros perdia-me porque há livros gigantes. Mas no início, acho que foi no 1º e 2º anos, lia mais livros do que via os slides (...) A matéria é muita e então os livros que eles recomendam é uma coisa estúpida (...) pelos slides para nos limitarmos aquilo que já é muito, mas acaba por ser o essencial que nós precisamos de saber para o exame e por isso é que nós acabamos por não ter que ir ao livro (...)» (J.V., 22 anos, a frequentar licenciatura).

«(...) na maior parte do tempo é a matéria e os textos que eles nos dão já ocupam bastante tempo. Como a Professora J.A. disse uma vez, «ler um artigo científico não é ler um artigo de jornal» (...) uma pessoa acaba por gastar mais tempo para esmiuçar e fazer a interpretação daquilo e tentar tirar dali alguma coisa (...) os textos académicos acabam por tirar tempo (...) Com toda a sinceridade, quando havia tempo e disposição para isso, uma pessoa procura, agora quando, às vezes uma pessoa já está tão cansada que se não for o essencial (...) acaba por ficar de parte (...)» (B.B., 25 anos, a frequentar mestrado, estudante/trabalhadora).

Outra respondente refere que fica pelo que é abordado em sala de aula, realizando pesquisa só se for mesmo necessário.

«(...) Só leio mais se tiver de ser, basicamente. Vá, se precisar de fazer um trabalho, está ali o que ele dá e se depois eu vir que aquilo não chega vou à bibliografia do que ele dá e vejo se então encontro mais coisas relacionadas. Mas é só se tiver de ser, não vou lá para passar o meu tempo a “enculturar-me” (...)» (P.D., 22 anos, a frequentar mestrado).

No seio dos respondentes, há um desenvolvimento maior, ao nível de competências de escrita e de leitura, em quem tem hábitos de leitura, do que em quem não tem ou tem poucos. Tais diferenças não são de estranhar, podendo ir-se ao encontro do que é afirmado por Oliveira *et al.*, (2004) e Bento (2014) de que os hábitos de leitura não são desenvolvidos de igual forma, uma vez que os jovens não são um grupo homogéneo.

## **Entrevistados que não tiveram hábitos de leitura (ou tiveram pouco)**

À semelhança de outras secções, alguns respondentes consideram equivalente os hábitos de leitura e a leitura de textos escolares. Nos entrevistados, que referiram não ter hábitos de leitura desde cedo (ou terem tido poucos), encontram-se experiências diferentes: um refere ter sido motivado por professores a ter hábitos de leitura, nomeadamente de jornais; outros que continuaram a não os adquirir, mesmo no período de confinamento da COVID-19:

«(...) Eu comecei a trazer o jornal para casa e a tentar perceber o que é que era interessante no jornal, tendo em conta que eu não gosto de política e aquilo trazia bué de política e essas coisas todas (...) Mas na licenciatura eu tinha o cuidado de ler revistas e os jornais e a parte dos livros, só mesmo aquela parte dos livros que eu achava que devia de ler porque a professora ou o professor falou naquele autor (...) comecei a ler a «Visão» muito por causa da professora J.A (...)» (S.D., 29 anos, a frequentar mestrado, estudante/trabalhadora).

«(...) Não, não leio nada agora, nada. (...) Dificulta, sem dúvida. Há palavras que os professores usam nos artigos ou assim que eu fico «calma, eu não tenho este vocabulário» (...) a nível académico acho que me prejudica um bocado e acho que me vai prejudicar no mercado de trabalho (...) Se calhar para aquilo que estou a estudar e para aquilo que quero, já devia estar mais um bocado à frente (...)» (S.P., 20 anos, a frequentar licenciatura).

«(...) [no período de confinamento] Não. Não li, sequer (...) não sei a razão. Mas porque para mim é mais fácil ver um filme ou uma série do que pegar num livro (...)» (S.F., 21 anos, a frequentar licenciatura).

«(...) [Durante a pandemia, leu mais?] Não, li mais legendas [de séries] (...)» (M.B., 20 anos, a frequentar licenciatura).

Não aumentando os hábitos de leitura, mencionam os respondentes ter tido de adotar hábitos de textos escolares, embora se centrassem nos materiais exigidos nos cursos a frequentar, nomeadamente na matéria lecionada e nos documentos facultados pelos professores (PowerPoint; PDF) por forma a obterem resultados positivos. Todavia, capta-se nas respostas um sentido de «obrigatoriedade» em relação às leituras de matérias académicas. Embora alguns respondentes narrem que por parte dos pais, familiares e professores tenha havido (desde cedo) incentivo para que ganhassem esses hábitos, não se percebe nas respostas esse resultado, podendo esse facto ser um dos motivos para que os respondentes considerassem a leitura um ato aborrecido, desmotivante e obrigatório, ao nível académico:

«(...) leio muitas coisas que têm a ver com o meu curso de gestão, mas de resto não (...) eu nunca tive esta presença de leitura durante o meu percurso escolar, e o facto de eu não gostar muito de estudar e de isso já me obriga a ler, parece que eu já não vou gostar de ler porque, ali já é uma obrigação (...)» (S.P., 20 anos, a frequentar licenciatura).

«(...) já tive que ler mais, agora no Ensino Superior (...) ler aqueles PDF's, ver a informação toda e os Professores que disponibilizam os documentos (...) aquilo é demasiado maçante e (...) Ok. E as coisas da Universidade é ok, tenho mesmo de ler e então leio, agora os livros... se eles [Professores] disponibilizarem algum artigo e assim, ok eu vou ler, mas se eles disserem «Ah isto, podem ler o livro não sei quê» não me dou ao trabalho de ir à biblioteca ver qual é o livro e ler sobre aquilo (...)» (M.B., 20 anos, a frequentar licenciatura).

«(...) tive que começar a ler (...) Foram livros que começamos a ter que ler para estarmos mais ricos para as aulas (...)» (S.D., 29 anos, a frequentar mestrado, estudante/trabalhadora).

«(...) tudo o que seja que eles mandem ler escolar, eu não leio (...) eu ficava mesmo pela matéria que eles davam (...) Os PowerPoints das aulas chegavam. Eles na nossa plataforma metiam mesmo textos científicos para nós se quiséssemos ler (...) mas, raramente uma pessoa lia aquilo (...)» (B.P., 22 anos, a frequentar licenciatura).

«(...) Só coisas para as aulas, matéria (...) o que eles partilham. PowerPoints e PDF é o que eles dão nas aulas. Oh... O que eles dão nas aulas... O que eles metem lá para a página que eles nem dão nada (...)» (M.M., 22 anos, a frequentar licenciatura).

Até mesmo quando questionados sobre as leituras de jornais e revistas, os entrevistados descrevem este material como algo que não é motivante ou apelativo nem que prende a atenção, ou desperte a procura.

«(...) Revistas não, jornais é aqueles online, mas não pago (...)» (S.P., 20 anos, a frequentar licenciatura).

«(...) limito-me a ver na televisão as notícias (...) Mas vá, leio artigos na internet (...) Não fico pelo título, mas tem de chamar a atenção para ler a notícia (...)» (B.P., 22 anos, a frequentar licenciatura).

No entanto, verificam-se duas respostas que não vão ao encontro do referido anteriormente, pois nos testemunhos a seguir percebe-se que há quem faça pesquisa extra para compreender melhor a matéria e adquirir mais informação.

«(...) Também às vezes é necessário fazer pesquisas porque eu às vezes não percebo nada, não percebo nada do que está nos slides dos professores então tenho de ir pesquisar eu (...)» (S.P., 20 anos, a frequentar licenciatura).

«(...) Eu opto por complementar a formação e a informação dos professores, por isso alguns livros são escolhidos por iniciativa própria e por aquilo que pesquiso e vejo que me faz falta (...) outros são sugeridos pelos professores (...) Não costumo ficar só pelo que o professor dá em aula, mas depende da vontade (...) Se for em época de exames e/ou, não há tempo para mais e por isso é o que os professores dão na aula, apontamentos e pronto (...)» (A.J., 22 anos, a frequentar licenciatura).

## **8.2. Do acesso, passando pelas competências, aos diferentes tipos de uso do telemóvel, do computador e da internet**

Na continuidade da análise da fase do ensino superior, percebe-se, mais do que nas outras fases, que a relação existente entre as TIC/Internet e os jovens estudantes universitários, são de uma união praticamente indissociável.

Abordam-se neste ponto as percepções que têm sobre os artefactos usados, a cobertura de rede, as competências detidas o modo como experienciam e percebem o uso das TIC, assim como as alterações registadas. Esse acesso que, ao longo destas análises, se tem verificado como permanente e/ou crescente, leva a que as competências digitais sejam, de alguma forma, treinadas e desenvolvidas, porém, o percurso realizado pelos entrevistados é diversificado, dados os desiguais hábitos de leitura, nem todos tiveram o mesmo acesso aos artefactos e as diferentes finalidades e tipos de uso.

Por fim, também aqui se abordam as redes sociais, por forma a captar a percepção que os entrevistados têm do seu acesso, da sua finalidade e tipos de uso.

No entanto, antes de dar avanço à análise referida, deixa-se aqui a nota de alteração de acesso e uso dos artefactos tradicionais (rádio e televisão), uma vez que os entrevistados deixam de usar essa tecnologia, na sua forma tradicional, passando a visualizar os canais televisivos e/ou a ouvir rádio através das TIC.

«(...) eu passava obrigatoriamente mais tempo no computador para me entreter, para passar tempo e então na Covilhã, tipo, na licenciatura, era onde tinha televisão

(...) eu usava o computador como televisão, literalmente. Punha a «SIC online» a dar para ver as novelas ou para ver as notícias e então acho que tipo eu usei, principalmente na licenciatura muito o computador, basicamente o computador era tudo.» (A.A., 23 anos, a frequentar mestrado).

«(...) desde que fui para a faculdade, quase que deixei de ver televisão. E agora as notícias que eu tenho visto (...) é pelo telemóvel (...)» (J.V., 22 anos, a frequentar licenciatura).

### 8.2.1. Acesso físico aos artefactos e cobertura/eficácia da rede

Tal como referido anteriormente, a entrada no ensino superior, levou a que os entrevistados se deparassem com várias mudanças no seu dia-a-dia. Nessas mudanças, constam, os artefactos tecnológicos como o telemóvel e o computador, estando agora relacionados, os motivos de novas aquisições, com a capacidade e funcionalidade do aparelho, por surgimento de versões mais atualizadas ou, no caso de um entrevistado, para dar resposta a necessidades:

«(...) Mudei de computador (...) Telemóvel sim, mudei, sim (...) porque o outro (...) imagina eu queria instalar uma aplicação e aquilo já tinha sempre o espaço cheio (...) é diferente poderes levar o computador para onde tu quiseres, por isso sim (...) O telemóvel (...) quando tive este conseguia instalar mais coisas, conseguia passar mais tempo na internet (...)» (B.P., 22 anos, a frequentar licenciatura).

«(...) Só mudei de computador (...) no 3º ano, acho eu, da Licenciatura, comprei este que agora tenho (...) os meus telemóveis antigos não eram tão bons ao nível de câmara e estes se calhar já são e já sou capaz de tirar mais fotografias para depois publicar, por isso (...) Pode ter influenciado.» (C.S., 23 anos, a frequentar mestrado).

«(...) mudei de computador quando entrei para a universidade, porque o antigo já não satisfazia as necessidades (...) Telemóvel também mudei no ano passado e a dissertação também teve muita influência para isso (...) as gravações das entrevistas ocupavam muito espaço e eu no telemóvel antigo já não tinha (...)» (C.C., 24 anos, a frequentar mestrado).

Os entrevistados, contrariamente das fases anteriores de escolaridade, não expressaram dificuldades económicas na aquisição de novos artefactos. As desigualdades manifestam-se agora ao nível da capacidade e da funcionalidade dos computadores e no tempo que levaram a mudar de artefacto. As desigualdades ao nível da capacidade dos computadores são relatadas, durante o período de confinamento em

que as aulas eram lecionadas online, por alguns testemunhos, nomeadamente, o seguinte:

«(...) há também todas as dificuldades técnicas (...) o computador, no meu caso (...) não estava no melhor estado e então não tolerava o programa «zoom» (...)» (A.J., 22 anos, a frequentar licenciatura).

Durante o período de confinamento, devido à COVID-19, também se detetaram desigualdades ao nível da cobertura/capacidade da rede e desigualdades ao nível da dimensão das habitações, em que várias pessoas tinham de estar online na mesma habitação, como é ilustrativo nos seguintes testemunhos:

«(...) Nós somos muitos cá em casa (...) e ainda tivemos cá um primo (...) Então espalhávamo-nos pela casa, cada um no seu canto, cada um na sua vida (...) houve uns dias em que simplesmente a internet morria (...)» (A.A., 23 anos, a frequentar mestrado).

«(...) estávamos os 3 em vídeo chamada e estávamos os 3 no “zoom” e a internet não foi a baixo. Enquanto que essa minha amiga estava na sua casa em Foz Côa e aquilo foi a baixo. Portanto eu acho que... Também depende da zona (...)» (M.B., 20 anos, a frequentar licenciatura).

### 8.2.2. Das Competências

Das respostas dos entrevistados, uma ideia que surge quase que como transversal a todos, é o facto de a Internet fazer parte do seu dia-a-dia como se de uma necessidade básica se tratasse e da qual, referem alguns dos entrevistados, não haver dificuldades na sua utilização, como se capta nos seguintes testemunhos:

«(...) agora sim eu sei fazer pesquisas, na altura eu não sabia. Então tipo, cada vez que usas mais a internet tu apercebeste como é que ela funciona (...) Agora? Eu dependo dela para fazer os trabalhos (risos) então tipo eu giro a minha vida à volta da internet neste momento, não é propriamente porque eu queira é porque eu preciso e pronto (...) Sinto que agora sou uma pessoa culta a pesquisar na internet. Pesquiso temas importantes (...) não só académica, mas acabo por pesquisar coisas que eu penso que me podem dar jeito (...)» (A.A., 23 anos, a frequentar mestrado).

«(...) Eu acho que eu agora pesquiso muito mais coisas importantes do que antes (...) Eu acho que é uma grande ajuda (...) por exemplo aos documentos da Universidade, principalmente na Covilhã, está a chover torrencialmente, não preciso de me deslocar até à Biblioteca para ir ver qualquer coisa, eu posso pegar

no telemóvel e através do telemóvel eu consigo aceder a muita coisa. Facilita-me o dia-a-dia.» (M.B., 20 anos, a frequentar licenciatura).

«(...) agora faço um uso mais amplo da internet, por assim dizer. Conheço mais, já ouço falar de mais coisas, vou vendo, tenho outras formas de pesquisar (...) Acho que agora faço um uso mais completo (...)» (B.B., 25 anos, a frequentar mestrado, estudante/trabalhadora).

No entanto, destaca-se uma respostas diferente das anteriores. Este respondente, não desenvolveu novas formas de pesquisa, como se pode perceber pelo testemunho a seguir:

«(...) onde sempre pesquisei as coisas foi no «google», foi como nos ensinaram de início. Ias ao «google» e pesquisas (...) e se queres saber alguma coisa vais ao «Wikipédia» (...) aquela informação que é mais certinha e verdadeira, foi o que nos incutiram (...)» (M.M., 22 anos, a frequentar licenciatura).

Foram os entrevistados questionados sobre como seria a sua forma de proceder, caso surgissem dificuldades aquando do uso e das pesquisas na Internet, sendo que, alguns mencionam usar-se das próprias pesquisas na Internet para solucionar a questão, podendo esta ser, também, uma forma de desenvolver competências digitais, como sugerem os testemunhos seguintes:

«(...) Raramente pergunto como se faz ou (...) tento sempre descobrir. Continuo a ir ao «Youtube» ver como se faz, às vezes (...) eu agora não gosto de pedir ajuda a ninguém eu gosto de fazer as coisas por mim (...)» (B.P., 22 anos, a frequentar licenciatura).

«(...) claro que há coisas que eu não sei! (...) às vezes aparece-me um vírus no computador que me trava aquilo tudo e eu ligo para os meus amigos que percebem de computadores (...) Além de que, lá está, o Youtube é muito nosso amigo (...)» (A.D., 22 anos, a frequentar licenciatura).

No entanto, enquanto uns procuram aprender e solucionar as dificuldades que surgem durante uso das TIC e da Internet, uma respondente associa a evolução rápida da Internet à sua dificuldade de desenvolver competências:

«(...) Tenho dificuldades em mexer em algumas aplicações (...) quando eu de facto to a tentar entender as coisas (...) é quando as coisas mudam e isso irrita-me, porque ficas a saber como mexer naquilo e depois voltas à estaca zero (...) também é um bocadinho pelo receio (...) estarem sempre a mudar essas coisas a mim deixa-me um bocadinho frustrada porque tens que aprender novamente e nem toda a

gente tem capacidade para me ensinar (...) E ao aprender sozinha como demoras mais, depois quando chega a altura que já sabes, comesças na estaca zero porque as coisas não param de evoluir (...)» (S.D., 29 anos, a frequentar mestrado, estudante/trabalhadora).

### 8.2.3. Entre o computador e o telemóvel: frequência, mudanças e preferências nos usos

Já se referiu anteriormente que na entrada para o ensino superior se assiste a um aumento da frequência de uso e de tempo despendido, também em fase de confinamento devido à COVID-19, importando analisar as razões de opção pelo computador ou pelo telemóvel.

Com a maior exigência de estudo no ensino superior aumenta o tempo despendido e a frequência de uso de artefactos, nomeadamente, para pesquisas e trabalhos. Embora a maioria dos respondentes considere, inicialmente, que tanto o telemóvel como o computador servem de igual forma para a realização das pesquisas e para as leituras, no desenrolar das respostas, torna-se mais clara a preferência pelo computador, sendo explicadas as razões:

«(...) Como eu faço os trabalhos no computador. Eu literalmente, ultimamente, passo o dia todo no computador. De manhã à noite (...) o computador eu uso para tudo (...)» (A.A., 23 anos, a frequentar mestrado)

«(...) eu posso aceder qualquer coisa através do telemóvel, mas se eu tenho a perceção de que vou fazer uma pesquisa mais completa e mais profícua mudo, saí do telemóvel e vou para o computador (...)» (C.C., 24 anos, a frequentar mestrado).

«(...) os trabalhos académicos é mais fácil no computador porque se calhar vejo melhor e posso ir a várias páginas, enquanto que no telemóvel se precisas de ir a mais do que uma página no «Google Chrome» já fica tudo muito confuso, já não sabes onde é que está a página e aqui assim fica tudo à disposição (...)» (C.S., 23 anos, a frequentar mestrado).

«(...) o computador é um instrumento maior e em termos de leitura facilita (...) é mais fácil de fazer a pesquisa e de procurar de guardar (...) depois dá para fazeres divisões de ecrã e teres informação de um lado e escrever do outro o resumo (...)» (B.B., 25 anos, a frequentar mestrado, estudante/trabalhadora).

De acordo com os testemunhos apresentados, o computador era o artefacto escolhido para fins académicos e, captou-se também que o mesmo era escolhido para

acompanhar a leção das aulas. Segundo os respondentes, alguns dos motivos para essa escolha estavam relacionados com; (i) a facilidade com que acompanhavam as aulas e elaboravam os apontamentos e; (ii) por motivos económicos, em que não necessitavam de imprimir a documentação:

«[...]Levavas o computador para as aulas?...] (...) Sim (...) para acompanhar (...) os professores (...) os slides (...) para acompanhar a aula (...) às vezes até tirava apontamentos logo no computador para trabalhos e etc. Ficava logo tudo no computador (...)» (B.P., 22 anos, a frequentar licenciatura).

«(...) quando ia levava [o computador], para não ter de imprimir os slides. Acho que era mais prático e menos dispendioso (...)» (B.G., 20 anos, a frequentar licenciatura).

«(...) porque fazer apontamentos, daquilo que os professores dizem, à velocidade que eles falam, à mão, é um bocadinho impossível. Foi por isso que o pessoal começou a levar computador e eles próprios aconselhavam, porque «já que há essa possibilidade e que vocês têm a possibilidade de guardar muito mais aquilo que nós vos estamos a transmitir, então usem!» Havia professores que não gostavam, mas tiveram que aceitar, porque foi uma evolução necessária (...)» (A.D., 22 anos, a frequentar licenciatura).

Em relação ao telemóvel, os entrevistados mencionam que a sua escolha e preferência se baseia mais para uso das redes sociais e do entretenimento e não tanto com questões académicas. Sendo que a sua capacidade e a velocidade de rede, são fatores tidos bastante em conta, como se pode perceber nos testemunhos a seguir:

«(...) Sim. Telemóvel, seja onde for que eu esteja, de manhã, tarde e noite e para que atividades... Redes sociais, contactar com amigos e manter-me informada, agora sim, mais assuntos da sociedade em si (...)» (A.J., 22 anos, a frequentar licenciatura).

«(...) Eu não te sei dizer uma razão objetiva, só sei que o telefone é muito mais prático, do que propriamente um computador (...) o telefone está à mão, é muito mais pequeno (...) E como o telemóvel tem espaço é rápido, não tem aqueles problemas de «breicar» ou de ser lento, é muito fácil de utilizar (...)» (I.A., 29 anos, a frequentar pós-graduação, estudante/trabalhadora).

Durante as entrevistas, duas respondentes destacaram-se pelo facto de, não só terem noção de que a frequência no uso das TIC e da Internet era elevada, mas por terem optado por estratégias e situações que as auxiliassem a reduzir no tempo despendido nas TIC e na Internet. Denote-se que estas duas respondentes referem ter hábitos de

leitura desde cedo, não tendo sido verificada esta forma de diminuição do tempo despendido, outo tipo de forma, nos entrevistados que referiram não ter, ou ter poucos hábitos de leitura desde cedo:

«(...)Eu tenho essa noção por isso é que tipo, o telemóvel tem uma opção que é o modo bem-estar, ou bem estar e saúde e eu bloqueio as aplicações para eu não ir lá (...) eu levanto-me cedo, é de manhã até ao meio dia, então eu bloqueio as aplicações no telemóvel, então eu tenho essa possibilidade e eu meto lá para não me deixar aceder tipo, mesmo que eu carregue lá não abre (...)» (A.A., 23 anos, a frequentar mestrado).

«(...) eu cheguei a um ponto em que comecei a ver que estava a utilizar muito o telemóvel, então o que eu comecei a fazer foi por um (...) Eu delimittei, o que queria como tempo de ecrã, que tivesse tipo no telemóvel 2horas por dia no total e quando chegava aquele momento aquilo tipo pronto, parava, então eu às vezes evitava de estar a ir ver as notificações porque sabia que ia perder tempo e depois já sabia que ia ficar sem tempo para estar tipo na net (...)» (C.S., 23 anos, a frequentar mestrado).

Em relação à fase de confinamento, devido à pandemia COVID-19, captou-se pelas respostas dos entrevistados que nesta fase, sem grande margem para dúvidas, houve um aumento exponencial da frequência do uso das TIC e da Internet, como se pode perceber pelos testemunhos seguintes:

«(...) tendo aulas em casa, eu tendo internet passei a passar o dia inteiro na internet, isto é a realidade, com a pandemia de manhã à noite era na internet, seja a fazer trabalhos, seja a ter aulas, seja que for (...)» (A.A., 23 anos, a frequentar mestrado).

«(...) passava mais tempo em casa e não tinha nada para fazer, então ia mais vezes ao «Instagram» e eu reparei (...) 6 horas no «Instagram» aquilo era quase o meu dia inteiro então só ia comer e dormir uma sesta (...)» (P.D., 22 anos, a frequentar mestrado).

«(...) passava dias inteiros em vídeo chamadas (...) e antes não fazia isso (...) Sem dúvida que houve esse aumento de utilização (...)» (J.V., 22 anos, a frequentar licenciatura).

«(...) Eu passei de utilizar só mesmo de vez em quando para trabalhos, a passar o dia inteiro no computador e foi daí que eu até comecei a ter má visão (...) eu acho que passava quase para aí o quê? Algumas 14h/15h no computador na boa e sempre

que não estava no computador estava a ver televisão (...)» (B.P., 22 anos, a frequentar licenciatura).

No entanto, também em fase de confinamento, através das respostas dos entrevistados se perceberam diferenças entre os entrevistados com hábitos de leitura e os que não tinham ou tinham poucos hábitos de leitura, relativamente ao tempo despendido nas TIC e na Internet.

Enquanto alguns entrevistados que tinham hábitos de leitura, além de não restringiram as suas pesquisas às redes sociais e ao entretenimento, também optavam, por realizar outras atividades/tarefas por forma a diminuir a frequência de uso das TIC, tal como demonstram os testemunhos seguintes:

«(...) Acabou por haver trabalhos que tu não fazias em casa e passaste a fazer. Olha por exemplo, até ioga tenho feito em casa, online (...)» (I.A., 29 anos, a frequentar pós-graduação, estudante/trabalhadora).

«(...) Durante a pandemia cozinhei mais (...)» (A.D., 22 anos, a frequentar licenciatura).

Outros que referiram não ter, ou ter poucos hábitos de leitura, mencionaram praticamente apenas que a frequência de uso aumentou, ao nível das redes sociais e do entretenimento, mas que não houve tentativa de contrariar essa situação, tal como se demonstram os testemunhos seguintes:

«(...) vi mais filmes e mais séries (...) tinha mais tempo (...)» (S.F., 21 anos, a frequentar licenciatura).

«(...) passei muito mais tempo com a internet (...) Fazia muitas encomendas (...)» (S.D., 29 anos, a frequentar mestrado, estudante/trabalhadora).

«(...) Filmes e jogos. Vi muita novela, vi televisão (...)» (M.M., 22 anos, a frequentar licenciatura).

#### 8.2.4. Os diferentes tipos de uso

Os usos são transversais aos mais diversos assuntos e temas, muito de acordo com os objetivos a que se propõem ou as necessidades que surgem, notando-se diferenças que vão de usos mais banais a usos mais sofisticados.

Nas respostas, captam-se referências a mudanças de pesquisas, como por exemplo ao nível acadêmico, por consequência dos diversos assuntos relacionados com o curso e com sua própria exigência, pesquisas relacionadas com entretenimento e alguns ainda, referem que os usos são «proveito» que podem retirar da Internet, para variadíssimos fins. Tal como surge nos testemunhos a seguir:

«(...) Continuo a pesquisar coisas de jogos, com muito menos frequência (...) desde que fui para a faculdade (...)» (J.V., 22 anos, a frequentar licenciatura).

«(...) Eu tiro proveito porque eu tiro de lá as coisas (...) estudo (...) e ao estudar aprendo o que é necessário, nesse aspeto só. De resto não vejo utilidade para aprender outras coisas, tirando a nível académico não to a ver assim muito mais que tenha assim por onde pegar (...)» (B.G., 20 anos, a frequentar licenciatura).

«(...) No «YouTube» continuo a seguir assim pessoas que eu acho que são engraçadas, que dá para rir um bocadinho né. De resto, as redes sociais. (...)» (S.P., 20 anos, a frequentar licenciatura)

«(...) Pesquiso, sou um bocado vidrada por cosméticos e por maquilhagem e também sou um bocado fascinada por remodelações e decorações de interiores, acho que escolhi o curso errado (...) há atrizes que eu costumo seguir que me dão incentivos e eu continuo a ver. Portanto, assim, fora isso, política, quando eu vejo falarem alguma coisa de política, isto até parece mal tendo em conta o mestrado que tirei, mas passo à frente, não gosto (...)» (S.D., 29 anos, a frequentar mestrado, estudante/trabalhadora).

«(...) pesquiso mais pela necessidade de me sentir informada (...) antes não tinha tanto interesse. E também porque muitas das vezes é algo que vai influenciar o meu dia a dia, preço do gasóleo (...)» (A.J., 22 anos, a frequentar licenciatura)

«(...) diariamente, durante muito tempo. Redes sociais, pesquisa de notícias, compras online (...) maioritariamente redes sociais, para o laser (...)» (F.T., 22 anos, a frequentar licenciatura).

### **8.3. Das redes sociais**

Tal como já referido, foi entre 2013 e 2016 que se deu o «boom» das redes sociais (Grupo Marktest, 2021) e, recentrando informação, recorda-se que os entrevistados desta Dissertação, nessa altura, teriam aproximadamente entre 13 e 18 anos, encontrando-se, possivelmente, a frequentar o 9<sup>o</sup>; 10<sup>o</sup>; 11<sup>o</sup> e 12<sup>o</sup> anos.

Desde já, faz-se referência a uma respostas, por se captar um aspeto similar ao registado na análise do 7º ao 12º ano, sendo que uma respondente referiu que, sentiu necessidade de criar contas nas redes sociais, por influência de amigos e familiares, para que se sentir integrada nos grupos pares, tal como surge no seguinte testemunho:

«(...) Há uma influência de colegas em relação às redes sociais, eu nunca pensaria em criar um «Facebook» só porque os outros têm. Mas na licenciatura foi quase como que um requisito para a praxe (...) Mas pronto, fiz o «Facebook» e apercebi-me que através do «Facebook» partilhavam coisas das aulas. Também fui influenciada, mas positivamente, acho que, pelo meu irmão, a criar o «Linkedin» (...) era uma forma de me ajudar (...) Amigos (...) falaram-me do «Pinterest» (...) Descobri aquilo e para mim aquilo é muita bom, (...)» (S.D., 29 anos, a frequentar mestrado, estudante/trabalhadora).

Já outros, mencionam que o acesso e uso das redes sociais é algo que se encontra presente «desde sempre» no seu dia-a-dia.

«(...) Eu nem sei quando é que instalei o «WhatsApp» para ser sincera, nem sei quando é que... Parece que teve sempre aqui (...)» (S.P., 20 anos, a frequentar licenciatura).

«(...) No “Facebook” eu sigo os amigos e no “Instagram” sigo todos os meus amigos. (...) «Twitter» e no «Pinterest» não sigo ninguém porque tipo só tenho aquilo para ver coisas (...) O «Instagram» sim, eu vou lá todos os dias não é...e o «Facebook» há semanas que vou lá todos os dias, há semanas em que não, é conforme o meu *mood*.» (A.A., 23 anos, a frequentar mestrado).

De notar, que dois respondentes aludem à mudança de uso das redes sociais, aquando da frequência no ensino superior, captando-se assim, uma tomada de consciência e um aumento de precaução em relação às mesmas:

«(...) eu a partir da universidade eu excluí muitas (...) redes sociais (...) só fiquei com o «Facebook» e o «Instagram» (...) não me interessavam (...) é aquele desinteresse (...) fotos e as histórias da vida dos outros e eu já não me interessava nada por aquilo (...)» (B.P., 22 anos, a frequentar licenciatura).

«(...) pedidos de amizade (...) vejo quem é a pessoa, se eu conheço se não, se tenho alguma relação e é assim. Nessa parte eu mudei muito, antes quando era mais nova eu aceitava pedidos de toda a gente, fazia pedidos de amizade a toda a gente e agora não [*depois de entrar para o ensino superior*] (...)» (C.C., 24 anos, a frequentar mestrado).

### 8.3.1. Usos das redes sociais

Relativamente a usos das redes sociais, capta-se nas respostas dos entrevistados que há finalidades diferentes para as várias redes sociais, dependendo dos artefactos utilizados, da finalidade pretendida, dos gostos e interesses e, ainda, do meio em que se encontram inseridos.

«(...) Depende da rede social. No «Instagram» é mais pessoal do que partilhar coisas institucionais e da faculdade (...) No «Facebook» neste momento, ou melhor, nestes últimos 4 anos [*o tempo de frequência, até à data, no ensino superior*], usei mais para partilhar coisas em que eu estava envolvido, como na faculdade, como na medicina, muitas coisas da tuna e dos projetos (...)» (J.V., 22 anos, a frequentar licenciatura).

«(...) acho que há umas divergências em relação ao «Instagram» e ao «facebook». O «Facebook» acho que hoje em dia é uma rede social mais séria, mais profissional (...) enquanto que o «Instagram» é mais só mesmo para os amigos, uma coisa mais menos sérias, publicações mais descontraídas (...)» (F.T., 22 anos, a frequentar licenciatura).

Para além dessa diferença de usos das redes sociais, também se captam diferenças entre os entrevistados que referem ter hábitos de leitura desde cedo e os que referem não ter, ou ter poucos.

Os que referem ter hábitos de leitura desde cedo, procedem a partilhas e publicações mais direccionadas para a sensibilização de informação e de questões de carácter social e não tanto referentes ao entretenimento, tal como nos seguintes testemunhos:

«(...) Algumas partilhas que faço é dirigidas ao feminismo e assim e ao estar a partilhar isso, eu sinto que posso estar a ajudar alguém a perceber sobre o que é que é o feminismo e a informar-se mais sobre o assunto (...) vais ajudar sempre alguém a perceber o que é que estás a falar (...)» (C.S., 23 anos, a frequentar mestrado).

«(...) series e filmes e podcast, ter assim uma ideia geral do que vai acontecer no mundo (...) no «Instagram» acaba por ser fotos, às vezes faço a partilha de alguma coisas que vejo da «ONU Woman» (...) Também da «cultura e arte» da «Bertrand», mas também de feminismo (...) Na verdade é porque eu acho interessante e as pessoas também deveriam achar interessante (*risos*) (...)» (B.B., 25 anos, a frequentar mestrado, estudante/trabalhadora).

«(...) partilho (...) muitas notícias (...) coisas de movimentos (...) principalmente, coisas que eu acho que podem fazer a diferença (...) 50% das pessoas que me seguem não vão ver, 30% vão ver, mas vão (...) achar irrelevante. Mas se 1% das pessoas que me segue começar a estar mais atento a este tipo de assuntos e se começar a preocupar, isso é fixe (...) Depois partilho coisas que acho piada, porque acho que as pessoas também têm que ser felizes e partilho umas fotos (...)» (A.D., 22 anos, a frequentar licenciatura).

Já os entrevistados que referem não ter tido, ou ter tido poucos hábitos de leitura desde cedo, além de se captar que o que mais pesquisa, partilham e publicam tem a ver com o entretenimento e é um uso mais básico e superficial, percebe-se também que esse uso não difere muito do que tinham aquando da frequência no secundário (10<sup>o</sup>; 11<sup>o</sup> e 12<sup>o</sup> anos):

«(...) Instagram, só. Para a mesma coisa de quando o criei. Para falar com os meus amigos e para ver as coisas que eles põem e páginas que me interessem (...) ligadas ao desporto, à comédia (...) [*...tu publicas e partilhas?*](...) pouca coisa (...) não ligo muito a isso (...)» (S.F., 21 anos, a frequentar licenciatura).

«(...) Às vezes para ver algumas pessoas que são inteligentes, e com algumas frases e alguns vídeos engraçados para nos fazer rir (...), só sigo o que me aparece no «feed» não vou tipo pesquisar de propósito (...)» (S.D., 29 anos, a frequentar mestrado, estudante/trabalhadora).

«(...) Coscuvilhar (...) «Instagram» o «WhatsApp» e o «Facebook» (...) a principal função é manter contacto. No «WhatsApp» é só isso que se faz mesmo. A partilha de fotografias (...) no «Instagram» (...) é muito versátil (...) é para falar com pessoas (...)» (A.J., 22 anos, a frequentar licenciatura).

#### **8.4. Impactos de usos das TIC e de redes sociais na (i)literacia**

Na vida quotidiana, assim como, aquando do uso das TIC é necessárias competências ao nível da compreensão do que é lido, da expressão verbal, e da escrita. A grande questão é: ao longo do uso das TIC, essas competências são ampliadas? Ou, até que ponto, os modos como as grandes tecnológicas formatam os modos de escrita e de leitura e podem fomentar a desconcentração, contribuíram para a redução de tais competências.

«(...) Não costumo escrever, costumo desenhar (...) escrevo imenso por causa da universidade, faço resumos (...) a minha verdade é que, eu nunca fui de estudar muito, eu no secundário bastava fazer um resumo, ou seja, os tópicos, ali umas coisitas, ler, ouvir o que está na aula. Chego à universidade, não tenho método de estudo (...)» (S.P., 20 anos, a frequentar licenciatura).

«(...) Não escrevo não. Mas escrevi muito em contexto escolar (...) resumos da matéria continuaram a ser muito longos. Não tenho capacidade de síntese (...) usava a internet nessas alturas para me auxiliar (...)» (S.D., 29 anos, a frequentar mestrado, estudante/trabalhadora).

«(...) ele faz assim, aconselha a ler estes livros, e eu não, não vou ler um livro se já tenho sei lá quanto matéria para decorar. Então vou à internet e procuro o autor e vejo um, eles são quase todos o mesmo, eles falam quase todos do mesmo e eu vejo o mais assertivo (...) Escrevo resumos da matéria (...) Para ser sincero, prefiro quando me mandam os resumos para o «WhatsApp» (...)» (B.G., 20 anos, a frequentar licenciatura).

«(...) Comentários eu raramente coloco, só se forem mesmo muito muito meus amigos (...) eu nem escrevo comentários, eu meto uma carinha que é tipo é só para dizer «olha eu vi e gostei» (...) é mais likes eu não sou muito de comentar (...)» (A.A., 23 anos, a frequentar mestrado).

«(...) Se me aparecer (...) posso por gosto e comentar, mas não sou de ir a pesquisar (...) são textos curtos (...) Na fotografia em si, se for preciso ponho só um emoji (...)» (C.S., 23 anos, a frequentar mestrado).

«(...) talvez tenha aumentado um bocadinho a quantidade de likes que eu dou aos meus amigos, também acho que conheço mais pessoas agora (...)» (J.V., 22 anos, a frequentar licenciatura).

Alguns dos testemunhos, em relação à leitura e escrita, vão ao encontro daquilo a que Maffei (2019) nos tem alertado, sendo que o autor nos reporta para uma atualidade em que a leitura, a escrita e o discurso oral se encontram a perder importância relativamente à imagem; apesar da leitura e da escrita serem fundamentais para a compreensão.

«(...) Não, nunca tive problemas com isso. Sempre percebi bem e acho que também falo bem (...) Mas sei que devia ler mais, porque faz sempre falta. Porque é bom ler um livro, acrescenta sempre alguma coisa (...) sei que se calhar me poderia ajudar (...) mas não tenho por hábito ler.» (S.F., 21 anos, a frequentar licenciatura).

«(...) tive muitas dificuldades. Na parte da licenciatura, na parte da compreensão. Saber que tipo de informação é ou não é pertinente, claro que sim e isso notou-se muito (...) acho que demoro mais a entender as coisas (...) eu sentia necessidade de ler mais 3 vezes o mesmo artigo e provavelmente por causa disso demoro mais (...) Eu sempre julguei que ler era a tua interpretação é que valia, a ideia que tu tens das coisas é que valia, não realmente o que as pessoas que o escrevem querem que tu interpretes (...)» (S.D., 29 anos, a frequentar mestrado, estudante/trabalhadora).

Alguns têm perceção dos motivos que levam à às dificuldades de compreensão:

«(...) eu acho que devia mudar isto, não é verdade (risos) com esta conversa toda, não é (...) ainda não mudei isto, mas quero mudar. Não, não leio nada agora, nada. (...) Dificulta, sem dúvida. Há palavras que os professores usam nos artigos ou assim que eu fico «calma, eu não tenho este vocabulário» (...) eu não tenho esse vocabulário tão rico (...) a nível académico acho que me prejudica um bocado e acho que me vai prejudicar no mercado de trabalho (...) consigo-me comunicar facilmente, agora se tenho o vocabulário certo para tal? Acho que me prejudiquei nisso, no vocabulário, não é na forma de comunicar, é o vocabulário (...) Se calhar para aquilo que estou a estudar e para aquilo que quero, já devia estar mais um bocado à frente (...)» (S.P., 20 anos, a frequentar licenciatura).

«(...) A leitura tem uma influência totalmente diferente numa pessoa, mesmo na vida toda. Tu ganhas uma informação gigantesca a ler livros e tudo o que seja de informação. Vês outras opiniões, vês outras ideias. Tens outra perceção das coisas (...) [Quais são as maiores dificuldades, que tu sentes?] (...) Se calhar não me expressar tão bem ou não ser tão sucinto como gostaria (...)» (M.M., 22 anos, a frequentar licenciatura).

À semelhança da fase escolar anterior, regista-se da parte de alguns respondentes, dificuldades de concentração.

«(...) tu entras no telemóvel e lembraste de mil e uma coisas que tu tens de ir ver e prontos, ou distrais-te com qualquer coisa, uma notificação que esteja para lá e não sei quê, uma pessoa distraísse e vai para lá fazer tudo menos aquilo que era suposto (...)» (B.P., 22 anos, a frequentar licenciatura).

«(...) Às vezes vou só (...) porque já é hábito eu ir ao telemóvel e abrir uma rede social, e aí a concentração é zero, a atenção zero. Ao termos acesso a tanto estímulo acabamos por não nos conseguir concentrar em nada específico, ou às vezes até, vais ao telemóvel fazer uma coisa e depois fazes tudo menos o que ias fazer (risos) (...) Comecei a preferir mensagens (...) a chamadas, porque requer menos atenção.

Eu estou numa mensagem, mando agora e depois pouso o telemóvel, ou continuo na rede social e pronto, enquanto que chamada tenho de estar obrigatoriamente e perder tempo (...)» (A.J., 22 anos, a frequentar licenciatura).

«(...) Às vezes, supostamente é só uma mensagem e depois, afinal, não é só uma mensagem, vais sempre ver mais não sei o quê, e também às vezes é muito engraçado porque, uma pessoa recebe uma mensagem (...) ouves o “bipp” ou a vibração, tu não demoras mais de 10 segundos a ir ver o telemóvel. É muito engraçado (...) o ser humano vai logo lá automaticamente (...)» (I.A., 29 anos, a frequentar pós-graduação, estudante/trabalhadora).

«(...) já aconteceu e acontece, tu clicas no botão de desbloquear queres ver as horas, mas vês que tens uma mensagem de alguém, ou de uma rede social ou de um site (...) mas querendo ir ver só as horas, ok desbloqueio o telemóvel «e agora se eu ligar a internet e se for, já que estou com ele na mão, com o telemóvel, porque não ir à internet?» Acontece bastante (...)» (C.C., 24 anos, a frequentar mestrado).

«(...) É aquela tendência, se o telemóvel estiver aqui ao lado e eu receber uma notificação e se estiver com som é a tendência de olhar (...) ouço um telemóvel a tocar na rua (...) tenho sempre a tendência de ir ao telemóvel ver se é o meu, mas nem é o meu (...)» (S.P., 20 anos, a frequentar licenciatura).

«(...) A única coisa que me tira a concentração é as redes sociais, isso sim, porque muitas vezes estamos a ver trinta mil coisas ao mesmo tempo, estou a fazer «scroll» no telemóvel, e estou a ver televisão ou estou a ver um filme. Eu própria luto contra isso e tento estar atenta só numa coisa de cada vez (...)» (I.A., 29 anos, a frequentar pós-graduação, estudante/trabalhadora).

«(...) por exemplo estar a ver séries no computador e pegar no telemóvel para responder a uma mensagem, mas de repente a série continua a dar e tu já estás no telemóvel à não sei quanto tempo e esqueces-te, acontece-me (...)» (C.S., 23 anos, a frequentar mestrado).

As falas apresentadas sobre a desconcentração de respondentes vão de encontro ao que tem sido destacado por Patino (2019). Este autor refere que os jovens que passam inúmeras horas com as tecnologias, estão sujeitos à receção, de forma contínua, por parte das redes sociais e da Internet, a centenas de mensagens, notificações, fotografias, vídeos, notícias impedindo de se concentrar. Sem concentração será impossível ler de modo aprofundado e compreender mais facilmente o que se lê.

## Considerações Finais

Pretendeu-se, nesta dissertação captar as percepções de jovens do ensino superior em relação às várias dimensões do acesso às TIC, de modo a analisar desigualdades digitais no seu seio, assim como desigualdades que podem surgir pós acesso, abrangendo o período que vai da sua entrada no pré-escolar até ao ensino superior, inclusivamente.

Recorreu-se uma pesquisa de carácter exploratório por várias razões. Em primeiro lugar, dando resposta ao desafio de van Dijk (2012), que considera essencial avançar-se para estudos qualitativos para captar como emergem e se desenvolvem as desigualdades digitais, uma vez que os estudos quantitativos não têm dado conta desses aspetos. Em segundo lugar, na sequência de vários estudos realizados por autores como por exemplo Goode (2010) e Castilho (2015), que evidenciam desigualdades digitais no ensino superior e desafiam a ideia pré-concebida de «Nativos Digitais» e de estarmos perante a geração mais esclarecida de sempre, por curiosidade científica pretendeu-se fazer um estudo sobre estudantes universitários portugueses. Em terceiro lugar, pretendeu-se compreender de que o modo e até que ponto as grandes tecnológicas ao moldarem modos de escrita, de leitura e de ligação aos artefactos poderão estar a contribuir para aumentos da (i)literacia, conforme referem Maffei (2019), Desmurget (2021) e Patino (2019). Explorou-se ainda, através de percepções de estudantes, de que modo a (in)existência de hábitos de leitura poderá influenciar o acesso a usos (des)iguais das TIC.

Prossegue-se no âmbito das considerações finais a elencar desigualdades digitais encontradas no seio dos respondentes e a apresentar algumas novas pistas de investigação. Não se pretende sintetizar todas as desigualdades encontradas nos seios dos respondentes, mas destacar a recorrência de desigualdades sociais, indo ao encontro de autores como (Boonaert & Vettenburg, 2011) que as destacam, salientando que os jovens não podem ser considerados um grupo homogéneo, sendo as desigualdades no seu seio inter e intra grupais.

Os acessos aos artefactos são desiguais ao longo do percurso escolar, embora tal desigualdade não seja percebida pelos respondentes. Do pré-escolar e em particular até ao 9º ano o acesso a artefactos ocorreu através de da implementação de programas governamentais (Magalhães e E-escolas.) e/ou de ofertas de familiares, o que pressupõe, que as famílias não veem ainda significativa importância em investir em equipamentos novos/outros, ou os respondentes não pertencerão a famílias de elevada condição socioeconómica.

A partir do 10º ano alguns dos entrevistados vão adquirindo equipamento novo, em particular telemóveis e já a frequentarem o ensino superior, não explicitando dificuldades económicas, todos vão adquirindo novos artefactos, tanto telemóveis como computadores, passando as desigualdades a reportarem-se para as diferentes funcionalidades e capacidade dos artefactos.

A cobertura de rede e a sua velocidade é uma desigualdade sentida de um modo efetivo por parte de alguns entrevistados, particularmente dos que vivem em pequenas cidades ou localidades. A cobertura da rede é desigual no país e foi particularmente sentida no período de confinamento, devido ao facto das aulas serem dadas em contexto online. Alguns dos respondentes apontam também, nesse período, para a capacidade instalada de rede que não era suficiente para dar resposta a todos os que estavam em casa a estudar ou trabalhar online.

Tirando uma fase inicial de surpresa e alguma perplexidade face ao acesso a artefactos que são uma novidade, só alguns expressam dificuldades tendo que recorrer a ajuda de familiares ou amigos. Mas passada essa fase, a maioria dos respondentes não expressam falta de competências e quando estas ocorrem, por si só, de modo intuitivo ou recorrendo ao Youtube, resolvem com facilidade e rapidez as dificuldades encontradas. Tal facto suscita a necessidade de investigações posteriores no sentido de tentar perceber se interiorizaram o chavão de «nativos digitais», se tais competências dizem respeito apenas às competências mais básicas de manuseamento dos artefactos ou se os usos que deles fazem não exigem maiores competências.

Assiste-se a usos diferenciados dos telemóveis/smartphones e dos computadores, sendo os primeiros, a que não é alheio o «boom» das redes sociais, mais dedicados a atividades de entretenimento (jogos, comunicação com colegas e amigos, *lifestyle*, celebridades, séries), embora alguns, em menor número, também os usem para procura de informação e notícias. Os computadores, para grande parte dos entrevistados, são mais usados para trabalhos escolares, embora alguns também para a visualização de séries e outros ainda, em menor número, para procura de informação política, económica e social. Quer no telemóvel quer no computador, assiste-se, pois, a usos desiguais que vão dos mais banais a mais sofisticados. Para além do referido, enquanto uns procuram, em graus diferentes, assuntos da atualidade, cultura, política, movimentos sociais e assuntos escolares de forma mais minuciosa e aprofundada, não ficando só pelos títulos das notícias, outros referem ter um uso mais superficial.

A partir do 10º ano aumenta de modo diferenciado o tempo gasto de exposição e uso dos artefactos, perdendo alguns a noção do tempo gasto, sendo esse aumento maior

ainda durante o confinamento COVID ou SARS-CoV 2 devido às aulas online e a outras atividades para ocuparem o tempo. Desigualdades são também aqui expressas pois só alguns dos respondentes criam estratégias para contrariar tal excesso.

Desiguais hábitos de leitura (desde nenhuns a hábitos mais ou menos consolidados) vão-se refletir, tendo em conta as diversas falas, em maiores ou menores dificuldades de interpretação, análise e escrita. Durante a fase de confinamento, os que têm hábitos de leitura reforçam-nos dado terem mais tempo disponível, não havendo alterações nos que já não tinham hábitos de leitura. Os respondentes com hábitos de leitura consolidados são os que têm tipos de procura e de usos mais sofisticados na Internet.

Os hábitos de leitura, ausentes em alguns, faz com que alguns destes os confundam com os materiais obrigatórios de estudo indicados pelos professores; tendo sido importante constatar este facto, uma vez que alguns não leem também esses materiais, limitando-se a estudar os «PowerPoints» e resumos adquiridos na Internet ou através de colegas.

Alguns respondentes salientam a necessidade de se adaptarem ao formato e dimensão de textos, em especial nas redes sociais, sabendo-se que estes aspetos são moldados pelas grandes empresas tecnológicas. Nesse sentido, entrevistados referem a fase em que o facto de os tarifários dos telemóveis terem plafons limitados, os levou à supressão de palavras, à adoção de abreviaturas e a emojis. Quando deixou de existir tal limitação, uns prosseguiram com esse tipo de escrita e outros não, podendo as competências de escrita serem, embora de modo desigual, ameaçadas devido ao primeiro procedimento assinalado. O mesmo pode acontecer em relação à leitura que, de acordo com alguns respondentes, se limitam aos títulos, às primeiras linhas de textos ou a resumos encontrados na internet, enquanto outros, em diferentes graus, fazem uma procura mais diversificada e uma leitura mais aprofundada.

Tais aspetos vão ao encontro de Maffei (2019) e Desmurget (2021) que, tendo em conta estudos quantitativos, referem que se está a assistir a aumentos da iliteracia nos jovens. Maffei (2019) dá especial relevo ao facto de as competências de reflexão e pensamento crítico estarem a retroceder no seio de jovens pelos modos instantâneos de leitura e de escrita que fazem na Internet. Desmurget (2021) vai mais longe considerando que tal facto associado a uma crescente exposição aos ecrãs poderá levar a médio/longo prazo a constrangimentos no desenvolvimento cognitivo.

As dificuldades de concentração referidas por respondentes no dia a dia - quer durante as conversas, o estudo, a leitura de textos longos e outras atividades que exijam

concentração - por se encontrarem assoberbados pela Internet e pelas redes sociais recebendo de forma contínua centenas de mensagens, notificações, fotografias, vídeos, notícias, vão ao encontro do que é referido por Patino (2019). Este autor adianta que estas situações com que são confrontados jovens têm impactos na concentração, na leitura e, por consequência na interpretação, análise e espírito crítico. Mais estudos, especialmente no campo da sociologia, são também cruciais neste campo para aprofundar esta reflexão, assim como os relacionados com a escrita e leitura que acima se referiram.

Tendo sido enumeradas ao longo da conclusão pistas de aprofundamento da investigação, cabe agora enumerar algumas das suas limitações. Por um lado, pode-se referir, no período da pandemia em que foram realizadas as entrevistas, a maior dificuldade de encontrar um grupo de respondentes mais diversificado em termos de género, condição socioeconómica e localização geográfica; esta limitação deveu-se também ao facto das entrevistas, por questões de agenda, terem sido feitas nas férias escolares de verão, encontrando-se menor disponibilidade por parte de potenciais respondentes.

Por outro lado, embora as entrevistas tenham sido feitas durante o período pandémico, alguns dos jovens só aceitaram responder caso a entrevista decorresse online, outros já tinham aceite responder presencialmente. O que leva a dois contextos de respostas diferenciados, que poderão ter «condicionado», em alguma medida as respostas, nomeadamente em termos de concentração e à vontade.

## Bibliografia científica

Almeida, João, e Pinto, José (1975), “Teoria e investigação empírica nas ciências sociais”, *Análise Social*, vol. XI, nº42-43, pp. 365-445.

Almeida, Jorge Fonseca de (2013), “Ética da investigação em ciências sociais”, *Sociologia ON LINE*, nº6, junho 2013, consultado em 06/06/2022 em: <  
<https://revista.aps.pt/pt/etica-da-investigacao-em-ciencias-sociais/>>

Augusto, Amélia (2014), “Metodologias quantitativas/metodologias qualitativas: mais do que uma questão de preferência”, em *Fórum Sociológico, Série II, CESNOVA*, nº24, pp. 73-77.

Barlow, John (1996), “A Cyberspace Independence Declaration”, *Electronic Frontier Foundation*, consultado em <  
[www.eff.org//Publications/John\\_Perry\\_barlow\\_0296.declaration](http://www.eff.org/Publications/John_Perry_barlow_0296.declaration) [28-07-2002] >.

Barzilai-Nahon, Karine (2006), “Gaps and Bits: Conceptualizing Measurements for Digital Divide/s”, *The Information Society*, vol. 22, nº 5, pp. 269-278.

Bauchspies, Wenda, Jennifer, Croissant, e Restivo, Sal (2006), *Science, Technology and Society: A Sociological Approach*, Oxford, Blackwell Publishing.

Benavente, Ana, Rosa, Firmino da Costa, António e, Ávila, Patrícia (1996), *A Literacia em Portugal: Resultados de uma Pesquisa Extensiva e Monográfica*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 11-22.

Bento, Sali (2014), “Desenvolvimento da literacia emergente em crianças em idade pré-escolar”, Dissertação de Mestrado em Educação e Lazer, ESEC, Coimbra.

Boni, Valdete, e Quaresma, Sílvia (2005), “Aprendendo a entrevistar: como fazer em Ciências Sociais”, *Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC*, vol. 2, nº1 (3), pp. 68-80.

Boonaert, Tom, e Vettenburg, Nicole (2011), “Young people’s internet use: Divided or diversified?”, *Savage Journals*, pp. 54-66.

Burns, Tom, e Helena, Flam ([1987] 2000), *Sistemas de Regras Sociais. Teorias e aplicações*, Oeiras, Celta.

Carmo, Renato, Tavares, Inês, e Cândido, Ana (org.) (2020), “Um Olhar Sociológico Sobre a Crise Covid-19 em Livro”, *Observatório das Desigualdades*, Lisboa, CIES-Iscte.

Castilho, Luciane (2015), “O uso da Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC) no Processo de Ensino e Aprendizagem em Cursos Superiores”, Dissertação de Mestrado em Sistemas de Informação e Gestão do Conhecimento, Universidade FUMEC.

Chizzotti, Antônio (1995), *Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais*, São Paulo, Cortez Editora.

Costa, António (2020), “Desigualdades Sociais e Pandemia”, in Renato Carmo, Inês Tavares, e Ana Cândido (org.) (2020), *Um Olhar Sociológico sobre a Crise Covid-19 em Livro*, Observatório das Desigualdades, Lisboa, CIES-Iscte, pp. 4-15.

Dalfoso, Michael, Lana, Rogério, e Silveira, Amélia (2008), “Métodos quantitativos e qualitativos: um resgate teórico”, *Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Sem II*, Blumenau, vol. 2, nº4, pp. 01-13.

Desmurget, Michel (2021), *A Fábrica dos Cretinos Digitais: os perigos dos ecrãs para os nossos filhos*, Lisboa, Contraponto.

DiMaggio, Paul, e Hargittai, Eszter (2001), “From the 'Digital Divide' to 'Digital Inequality': Studying Internet Use as Penetration Increases”, *Center for Arts and Cultural Policy Studies*, vol. 15, pp. 01-19.

Duarte, Rosália (2004), “Entrevistas em pesquisas qualitativas”, *Educar, Curitiba*, Editora UFPR, nº 24, pp. 213-225.

Fischer, Claude (1985), “Studying Technology and Social Life”, *Urban Affairs Annual Reviews*, vol. 28, pp. 284-300.

Flick, Uwe (2005), “Entrevistas e Debates de Grupo”, in Uwe Flick (2005), *Métodos Qualitativos na Investigação Científica*, Monitor, Lisboa, pp. 99-126.

Francisco, Rita (2008), “Literacia”, trabalho no âmbito da Licenciatura em Sociologia, Faculdade de Economia, Coimbra.

Furtado, José (2007), “Fractura digital e literacia: reequacionar as questões do acesso”, *Comunicação & Cultura*, nº 3, pp. 97-111.

Gomes, Maria, Ávila, Patrícia, Sebastião, João e, Firmino da Costa, António, (2002), “Novas análises dos níveis de literacia em Portugal: comparações diacrónicas e internacionais”, em *IVº Congresso Português de Sociologia*, pp. 1-12.

Gomes, Maria (2017), “Literacia e literexclusão na vida quotidiana”, em *Vº Congresso Português de Sociologia Sociedades Contemporâneas: Reflexividade e Acção Atelier: Direito, Crime e Dependências*, pp. 112-118.

Goode, Joanna (2010), “The digital identity divide: how technology knowledge impacts college students”, *New Media & Society*, vol. 12, nº 3, pp. 497-513.

Grupo Marktest (2021), “Os Portugueses e as Redes Sociais 2021”, *Análise sobre o comportamento dos portugueses nas redes sociais*, Marktest Consulting, Lisboa, pp. 1-3

Guerra, Isabel (2006). *Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo: sentidos e formas de uso*, Príncípia Editora, Cascais.

Hargittai, Eszter (2001), “Second-Level Digital Divide: Mapping Differences in People’s Online Skills”, *TPRC Conference DRAFT*.

Halford, Susan, e Savage, Mike (2010), “Reconceptualizing Digital Social Inequality”, *Information, Communication & Society*, vol. 13, nº 7, pp. 937-955.

Hirst, Martin (2012), “One tweet does not a revolution make: Technological determinism, media and social change”, *Global Media Journal: Australian Edition*, vol. 6, nº 2, pp. 1-11.

Kling, Rob (1987), “Value Conflicts and Social Choice in Electronic Payment”, in Ruth Finnegan et al. (ed.), *Information Technology: Social Issues – A Reader*, Londres, Hodder and Stoughton, pp. 38–57.

Lalanda, Piedade, (1998) “Sobre a metodologia qualitativa na pesquisa sociológica”, *Análise Social*, vol. XXXVIII (148), nº 4, pp. 871-883.

Loureiro, Marta (2020), “O Impacto da pandemia pela COVID-19 nos Adolescentes e Jovens: revisão crítica da literatura”, Dissertação de Mestrado em Psicologia Comunitária, ISPA, Lisboa.

Lyon, David (2001), *Surveillance society: monitoring everyday life*, Buckingham, Open University Press.

Machado, Cláudia (2018 [2014]) “Utilização de Tablets e Smartphones no Contexto do Ensino Superior Brasileiro e Português”, em *XI Colóquio sobre Questões Curriculares VII Colóquio Luso-Brasileiro & I Colóquio Luso-Afro-Brasileiro de Questões Curriculares*, pp. 1085-1090.

MacKenzie, Donald, e Wajcman, Judy ([1985] 1999), “Introduction”, in Donald MacKenzie, e Judy Wajcman (org.), *The social shaping of technology*, Buckingham, Open University Press, pp. 3-27.

Maffei, Lamberto (2019), *O Elogio da Palavra*, Edições 70.

Manzini, Eduardo (2004), “Entrevista semi-estruturada: análise de objetivos e de roteiros”, *Seminário Internacional sobre pesquisa e estudos qualitativos*, nº 2, Bauru.

Martins, Ana (2021), “Meta-Humanismo e Trans-Humanismo: escolhas e consequências sociais”, Dissertação de Mestrado em Sociologia: Exclusões e Políticas Sociais, Universidade Beira Interior.

Martins, Heloisa (2004), “Metodologia qualitativa de pesquisa”, *Educação e Pesquisa*, vol. 30, nº2, São Paulo, pp. 287-298.

Martins, Susana (2020), “A Educação e a Covid-19: Desigualdades, Experiências e Impactos de uma pandemia não Anunciada”, in Renato Carmo, Inês Tavares, e ana Cândido (org.) (2020), *Um Olhar Sociológico sobre a Crise Covid-19 em Livro*, Observatório das Desigualdades, Lisboa, CIES-Iscte, pp. 37-55.

Matos, Madalena (2014), “Metodologias qualitativas e quantitativas: de que falamos?”. *Fórum Sociológico, Série II*, Universidade Nova de Lisboa (CICS.NOVA), nº 24.

Merrelho, Anabela (2010) “As atitudes dos alunos o 1º Ciclo do Ensino Básico face à utilização do computador Magalhães: estudo de caso”, Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação Área de Especialização em Tecnologia Educativa, Universidade do Minho.

Miguel, João (2014), “Avaliar o impacto do portátil Magalhães no 1º Ciclo do Ensino Básico (CEB), no concelho de Matosinhos: fatores de (des)motivação nos agentes educativos”, Tese de Doutoramento em Educação Área de Especialização em Supervisão Pedagógica, Universidade Portucalense.

Minayo, Maria Cecília de Souza, Deslandes, Suely, Neto, Otávio, e Gomes, Romeu (1994), “Teoria, Método e Criatividade”, *Pesquisa Social*, Petrópolis, Editora Vozes.

Patino, Bruno (2019), *A civilização do peixe-vermelho*, Lisboa, Gradiva.

Pearce, Kate, e Rice, Ronald (2013), “Digital Divides From Access to Activities: Comparing Mobile and Personal Computer Internet Users”, *Journal of Communication* (08/2013), pp. 721-744.

Pereira, Maria (2020), “A Pandemia na Academia: Fazer, e Transformar, o Trabalho Científico em Tempos de Covid-19”, em Carmo, Renato, Tavares, Inês e Cândido, Ana (org) (2020), *Um Olhar Sociológico sobre a Crise Covid-19 em Livro*, Observatório das Desigualdades, Lisboa, CIES-Iscte, pp. 199-232.

Peter, Jochen, e Valkenburg, Patti (2006), “Adolescents’ internet use: Testing the “disappearing digital divide” versus the “emerging digital differentiation” approach”, *Science Direct Poetics*, vol. 34, pp. 293-305.

Ponte, Cristina, Batista, Susana, e Baptista, Rita (2022), *Resultados da 1ª série do questionário ySKILLS (2021) –Portugal*, KU Leuven, Leuven: Yskills

Ponte, Cristina, e Cardoso, Daniel (2009), “Atenção à diferença Digital entre Gerações”, *Media & Jornalismo*, vol. 14, pp. 39-50.

Pool, Ithiel Sola (1987), “Electronics Takes Command” in Ruth Finnegan et al. (ed.) *Information Technology: Social Issues – A Reader*, Londres, Hodder and Stoughton, pp. 19-32.

Quivy, Raymond, e Campenhoudt, Luc Van (1998), *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, Gradiva, Lisboa.

Ragin, Charles, e Amoroso, Lisa (2011), *Constructing Social Research: The Unity and Diversity of Method*, 2nd Edition, Thousand Oaks, SAGE Publications.

Oliveira, José, Cardoso, Gustavo, e Barreiros, José (2004), *Comunicação, Cultura e Tecnologias de Informação*, Pacote de Oliveira.

Oliveira, Eloiza (2017), “Adolescência, internet e tempo: desafios para a Educação”, *Educar em Revista*, Curitiba, Brasil, nº 64, pp. 283-298.

Otto, Hans-Uwe, Kutscher, Nadia, Klein, Alexandra, e Iske, Stefan (2005), “Social Inequality in the Virtual Space: How Do Young People Use the Internet?”, *Results from Empirical Research about Online Use Differences and Acquiring Patterns of Young People*, pp. 01-45.

Roberto, Magda, Fidalgo, António, e Buckingham, David (2015), “De que falamos quando falamos de infoexclusão e literacia digital? Perspetivas dos nativos digitais”, *Observatorio (OBS\*) Journal*, vol. 9, nº 1, pp. 44-52.

Robinson, Laura, Cotton, Shelia, Ono, Hiroshi, Quan-Haase, Anabel, Mesch, Gustavo, Chen, Wenhong, Schulz, Jeremy, Hale, Timothy e, Stern, Michael (2015), “Digital inequalities and why they matter”, *Information, Communication & Society*, vol. 18, nº 5, pp. 569-582.

Rose, Dale (2001), “Reconceptualizing the user(s) of—and in—technological innovation: the case of vaccines in the United States”, in Rod Coombs, Ken Green, Albert Richards, e Vivian Walsh (ed.), *Technology and the Market, Demand, Users and Innovation*, Cheltenham e Northampton, Edward Elgar, pp. 68–88.

Santos, André, Nascimento, Jonas, Silva, Rodolfo e, Mendes, Luís (2017), “Cibercultura e jovens: um diálogo a partir da Psicologia”, em *Revista Manguio Acadêmico*, vol. 2, nº 3, pp. 101-105.

Santos, Filomena (2014). “Pesquisa Qualitativa: o debate em torno de algumas questões metodológicas”, *Revista Angolana de Sociologia*, nº 14, pp. 11-24.

Silva, Eugénio (2013), “As metodologias qualitativas de investigação nas Ciências Sociais”, *Revista Angolana de Sociologia*, nº 12, pp. 77-99.

Silva, Thayse, e Silva, Lebiam (2017), “Os Impactos Sociais, Cognitivos e Afetivos sobre a Geração de Adolescentes Conectados às Tecnologias Digitais”, *Revista Psicopedagogia*, nº 34, pp. 87-97.

Simões, Maria João (1995), *Mudança Tecnológica e Mudança Social: o caso das Tecnologias de Informação*, Relatório Científico das Provas de Aptidão Científica e Pedagógica, Covilhã, Universidade da Beira Interior.

Simões, Maria João (2000), "Os equívocos do determinismo tecnológico e do determinismo social", em *Atas do III Congresso de Sociologia - Práticas e Processos da Mudança Social*, Lisboa: APS [CD-Rom].

Simões, Maria João (2005), *Política e Tecnologia: Tecnologias da Informação e da Comunicação e Participação Política em Portugal*, Celta Editora, pp. 87-129.

Simões, Maria João (2006), "Contributos para uma sociologia da tecnologia", *Configurações: Revista de Sociologia*, nº2, Técnica e Sociedade, pp. XX-XX

Simões, Maria João, Las Heras, Soledad, e Augusto, Amélia (2011), “Género e tecnologias da informação e da comunicação no espaço doméstico: não chega ter, é preciso saber, querer e poder usar”, *Revista de Sociologia*, nº8, Cultura, Tecnologia e Identidade, pp. 01-16.

Stornier, Tom (1983), *The wealth of information*, Londres, Thames-Methuen.

van Deursen, Alexander, e van Dijk, Jan (2013), “The digital divide shifts to differences in usage”, *New Media & Society*, vol. 16, nº 3, pp. 507-526.

van Dijk, Jan (2000), “Widening Information Gaps and Policies of Prevention”, in *Kenneth Hacker e Jan van Dijk (eds.), Digital Democracy*, Londres, Sage, pp. 166-183.

van Dijk, Jan (2005), “From Digital Divide to Social Opportunities (Paper)”, *comunicação apresentada no 2nd International Conference for Bridging the Digital Divide Seoul, Korea*.

van Dijk, Jan (2006), “Digital divide research, achievements and shortcomings”, *Poetics* vol. 34, pp. 221-235.

van Dijk, Jan (2012), “The evolution of the digital divide: The digital divide turns to inequality of skills and usage”, in Jacques Bus, Mireille Hildebrandt e Malcolm Crompton (org.) (2012), *Digital Enlightenment Yearbook*, Amsterdam, IOS Press, pp. 57-75.

Vieira, Márcia, e Silva, Carlos (2020), “A Educação no centro da pandemia de COVID-19: uma revisão sistemática de literatura”, *Revistas Brasileira de Informática na Educação – RBIE*, vol.28 28, pp. 103-1028.

Walter, Natália e Pyzalski, Jacek (2020), What Do Experts in Education Think os Europe’s Young People’s Digital Skills?”, consultado em 30/09/2020 em <<https://yskills.eu/what-do-experts-in-education-think-of-europes-young-peoples-digital-skills/>>

Witte, James, e Mannon, Susan (2010), *The Internet and Social Inequalities*, Nova Iorque, Routledge.

## Outra bibliografia – legislação e artigos de jornal

Pequenino, Karla (2020), “Não se nasce digital: Especialistas europeus pedem mais investimento na educação digital”, em *Jornal Público*, publicado a 30/09/2020, consultado em 01/10/2020 em <https://www.publico.pt/2020/09/30/impar/noticia/nao-nasce-digital-especialistas-europeus-pedem-investimento-educacao-digital-1933229>.

República Portuguesa (2020), "Comunicado do Conselho de Ministros de 19 de março de 2020", em *República Portuguesa - XXII Governo* > Governo > Comunicados do Conselho de Ministros, Emitido a 20/03/2020, consultado a 10/01/2021 em: <https://www.portugal.gov.pt/pt/gc22/governo/comunicado-de-conselho-de-ministros?i=334>.

República Portuguesa (2021), *Controlar a pandemia. Conselho de ministros 11 de março de 2021*, consultado a 07/08/2021 em: [https://www.sns.gov.pt/wp-content/uploads/2021/03/CI\\_11mar.pdf](https://www.sns.gov.pt/wp-content/uploads/2021/03/CI_11mar.pdf).

República Portuguesa (s/db), “Vacinação COVID19 FAQ’s”, em *Não paramos estamos on. A resposta de Portugal à COVID-19*. Consultado a 07/08/2021 em: <https://covid19estamoson.gov.pt/vacinacao-faqs/>.

Santos, Maria (2021), “A digitalização vai ficar como ferramenta para um ensino presencial mais activo”, em *Rádio Renascença: “A hora da verdade”* (18/02/2021), consultado a 18/02/2021, em [https://www.youtube.com/watch?v=LFJPso3Mdso&ab\\_channel=Renascen%C3%A7a](https://www.youtube.com/watch?v=LFJPso3Mdso&ab_channel=Renascen%C3%A7a)

## **Anexos**

## Anexo I – Guião de Entrevista

<b><u>Dados referentes ao entrevistado(a)</u></b>
Sexo: Feminino <input type="checkbox"/> Masculino <input type="checkbox"/>
Duração da entrevista: - Data de início: _____ - Terminada: Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> - Data de continuação: _____ - Tempo total: _____

<b><u>Sociodemografia</u></b>
Qual a sua data de nascimento?
Quais as suas habilitações literárias?
Qual o Concelho e Freguesia onde reside?
Como é composto o seu agregado familiar?
Qual o grau de escolaridade dos seus pais/tutores?
Os seus pais/tutores encontram-se empregados? Se sim, qual o emprego?
Se estão desempregados ou reformados, qual o emprego anterior?

### **Infância – 6ºAno de Escolaridade**

1. Que atividades o marcaram na infância?  
*Elementos de ajuda: brincadeiras/convívios com amigo/familiares; zangas; momentos marcantes.*
2. Como foi o primeiro contacto com os livros?

*Elementos de ajuda: primeiros livros que teve e/ou leu; incentivo de pais/familiares/ professores; de que forma?*

3. Como foi o seu contacto com a televisão e rádio?

*Elementos de ajuda: programas que mais via e ouvia; tempo de visualização; sugestões dadas pelos pais, ou outros.*

4. Quando e como começou a usar o computador/consola/telemóvel/iPad?

*Elementos de ajuda: qual mais usava e porquê; qualidade e tipo de computador e/ou rede e porquê; nível de rendimento; caso não tenha tido, porquê; os amigos tinham, porquê.*

5. Como e quando começou a ter acesso e a usar a internet?

*Elementos de ajuda: como foram os primeiros contactos; local de acesso e uso; qual o material usado (computador, telemóvel e porquê); o que mais gostava de fazer na internet; pais/professores/familiares aconselhavam a usar da internet; para que usos.*

6. Passava mais tempo a ver televisão, ouvir radio, no computador, no telemóvel, na consola, no iPad ou a ler livros? Porquê essa escolha?

*Elementos de ajuda: tipo de usos (jogos online; visualização de desenhos animados, outros); que tipo de livros.*

7. Desde a pré-escola até ao seu 6ºano de escolaridade, como foi o acesso e a frequência de uso da internet?

*Elementos de ajuda: mudança de artefactos; alteração de sites e/ou pesquisas; tempo despendido.*

8. Nesta fase, que dificuldades tinha no acesso e/ou uso da internet? Como procedia para solucionar?

*Elementos de ajuda: posse de computador ou outro artefacto; capacidade e velocidade da rede; competências digitais; capacidade de pesquisa; seleção; processamento da informação; quem e como influenciava; língua utilizada.*

### **7º ano ao 12º ano de escolaridade**

9. Nesta fase, fale sobre os seus hábitos de leitura.

*Elementos de ajuda: livros escolares; outros livros (indicar tipos de livros que leu) e porquê; jornais (quais e porquê); revistas (quais e porquê); gostava de ler textos longos ou curtos, porquê; pais/ professores/ familiares incentivavam a leitura; de que forma.*

10. Tinha hábitos de escrita? Porquê?

*Elementos de ajuda: redações da escola; resumos de matéria; textos curtos ou longos?*

11. Nesta fase acedia e usava a internet?

*Elementos de ajuda: onde; usava mais através do computador/ telemóvel ou outro e porquê; para que fins (jogos online, pesquisas, desporto, cultura, política); pais/professores/ familiares aconselhavam e incentivavam o acesso e uso da internet; de que forma.*

12. Nesta fase sentiu/notou algum tipo de diferença nas suas preferências? Ao nível das leituras e do uso da internet, porquê?

*Elementos de ajuda: mudanças de artefactos; mudança de géneros literários; mudança de sites; influência do grupo de pares/professores/família; o que o motivava; o que mais pesquisava e porquê; alteração no uso de software/hardware; rendimento; tempo que dispendia.*

13. Para que atividades acedia e utilizava a internet?

*Elementos de ajuda: todos os dias; através de que artefacto e porquê; tempo despendido; lia os textos (longos ou curtos, porquê).*

14. Nesta fase, que dificuldades tinha no acesso e/ou uso da Internet? Como procedia para solucionar?

*Elementos de ajuda: posse de computador ou outro artefacto; capacidade e velocidade da rede; competências digitais; capacidade de pesquisa; seleção; processamento da informação; quem e como influenciava; língua utilizada.*

15. Nesta fase, usava redes sociais?

*Elementos de ajuda: quais e para que atividades; quem e como influenciava; todos os dias; tempo despendido; seguia os amigos; comentários públicos e/ou privados; com emojis e/ou likes, textos longos ou curtos, porquê; fazia publicações/partilhas e porquê (dê exemplos).*

16. Nesta fase (7<sup>o</sup> ano ao 12<sup>a</sup>), acha que quanto mais acedia e usava a internet, mais proveito retirava da mesma? Porquê?  
*Elementos de ajuda:* alteração do tempo despendido; influencia das tecnologias no dia-a-dia (expressão verbal, percepção e compreensão).

### **Ensino superior**

17. Na atualidade, continua ou adquiriu hábitos de leitura?  
*Elementos de ajuda:* livros académicos (outros, ou só os indicados pelos professores); outros (de que tipo e porquê, indicados por quem); jornais/revistas (quais e porquê); gosta de ler textos longos ou curtos, porquê; quem e como incentivava à leitura.
18. Se teve hábitos de leitura, acha que tem facilidade na forma de expressão verbal e na compreensão do que lê e ouve?  
*Elementos de ajuda:* dificuldades sentidas, ou não, e porquê.
19. Se não teve hábitos de leitura, acha que tem dificuldades na forma de expressão verbal e na compreensão do que lê e ouve? Porquê?
20. Escreve textos com regularidade? Sente dificuldades? Quais? Porquê?  
*Elementos de ajuda:* resumos de matéria; outros textos (longos ou curtos).
21. Acede e usa a internet com frequência? Onde e para que atividades?  
*Elementos de ajuda:* tempo despendido; qual o artefacto mais usado e porquê; tem as mesmas aplicações nos diversos artefactos; local de acesso; lê textos até ao fim (longos ou curtos); quem e como incentivava o acesso e uso da internet.
22. Na sua opinião, acha que quanto mais acede e usa a internet, mais proveito retira da mesma? Porquê?  
*Elementos de ajuda:* alteração do tempo despendido; influencia das tecnologias no dia-a-dia (expressão verbal, percepção e compreensão); como descreve a concentração (pega no telemóvel e faz tudo menos o que era suposto fazer); vai de imediato ver todas as notificações independentemente do artefacto; facilidade de captar em função do artefacto utilizado.

23. Houve alterações nas suas preferências? Ao nível das leituras e do uso da internet, porquê?

*Elementos de ajuda:* *prefere livros ou internet; alteração de géneros literários; alteração de sites; quem e como influenciavam; alteração no uso de artefactos (software/hardware); tempo despendido.*

24. Atualmente, que dificuldades tem no acesso e/ou uso da internet? Como procede para solucionar?

*Elementos de ajuda:* *posse de computador ou outro artefacto; capacidade e velocidade da rede; competências digitais; capacidade de pesquisa; seleção; processamento da informação; língua utilizada.*

25. Se usa redes sociais, quais e para que atividades?

*Elementos de ajuda:* *como e quem influencia; todos os dias; tempo despendido; segue os amigos; comentários públicos ou privados; com emojis ou likes, textos longos ou curtos, porquê; faz publicações/partilhas e porquê (dê exemplos).*

26. Qual a sua opinião em relação às vantagens e às desvantagens das redes sociais?

*Elementos de ajuda:* *inclusão/exclusão; reações de violência/ ódio/apoio; filtro; exposição do utilizador; diferença entre comentários nas redes e presenciais.*

27. Durante os confinamentos, como decorreram as aulas?

*Elementos de ajuda:* *como foi o uso e acesso às TIC; capacidade e velocidade da rede, porquê; foi fácil ou difícil ter aulas online, porquê; vantagens e desvantagens das aulas online; qual a sua opinião em relação ao modo como os professores atuaram; concentração e motivação nas aulas e nas pesquisas online; participação maior nas aulas online ou nas presenciais; partilha de computador/espacos em casa.*

28. Durante a pandemia, acedeu e usou as tecnologias? Porquê?

*Elementos de ajuda:* *maior/menor dependência (pessoal e/ou académica); maior/menor exposição; maior/menor interação nas redes sociais.*

29. Durante a pandemia, leu mais? Porquê?

30. Passaram já dois confinamentos, quais as dificuldades e as facilidades de ambos?

*Elementos de ajuda: dificuldades psicológicas, físicas, pessoais, académicas; concentração / motivação.*

## **Anexo II – Formulário de Consentimento Informado**

### FORMULÁRIO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Serve este formulário para dar conhecimento dos termos da sua participação na investigação intitulada «Do Pré-Escolar ao Ensino Superior: Perceções de Jovens Universitários sobre o acesso às TIC», no âmbito da aquisição do grau de mestre em Sociologia de Exclusões e Políticas Sociais, lecionado na Universidade da Beira Interior, orientada pela Professora Doutora Maria João Leitão Simões Areias Pereira. Também este formulário serve para reconhecer o seu consentimento na participação da investigação sendo que, apenas as autoras referidas têm acesso aos dados recolhidos.

O objetivo da investigação passa por, analisar desigualdades digitais (existentes e emergentes) de jovens universitários no acesso às TIC, desde a sua frequência na Pré-Escola até ao Ensino Superior, tendo em conta as dimensões de (des)igualdade existentes nomeadamente socioeconómicas, sexo, etnia, localização geográfica e nível de escolaridade e, por fim, no caso particular dos jovens universitários, analisar em termos de (des)igualdade social digital a experiência vivida face às aulas por videoconferência durante o período de confinamento devido ao COVID-19.

A resposta a este questionário é ANÓNIMA, CONFIDENCIAL e VOLUNTÁRIA e os dados recolhidos através deste serão APENAS utilizados no âmbito deste estudo, não existindo registo dos dados de identificação direta ou indireta dos participantes. É de notar que não existem quaisquer riscos, fontes de financiamento ou proveitos para além dos científicos nem conflitos de interesse.

Posto isto, e caso aceite participar nesta Investigação, alerta-se para o facto de que este projeto de Dissertação não é financiado e que a sua participação será voluntária, informada e devidamente autorizada, antes da realização da entrevista, através deste formulário de Consentimento Informado.

Caso seja necessário mais algum esclarecimento, pode contactar-me via email: [carlagvaz@hotmail.com](mailto:carlagvaz@hotmail.com), sendo eu, Carla Gonçalves Vaz, a investigadora desta Dissertação.

Assim sendo:

1. Foram-me explicados os objetivos da Investigação, tendo-me sido dada a possibilidade de esclarecer dúvidas, bem como o email da aluna que elabora a dissertação;

2. Compreendo que a minha participação é voluntária, que não sou obrigado/a a responder a todas as perguntas e que posso desistir a qualquer momento, sem que essa decisão se reflita em qualquer prejuízo para mim;

3. Compreendo que os meus dados pessoais se encontram sob proteção e anonimato, podendo por isso, sofrer alterações;

4. Aceito que a entrevista seja gravada com um gravador de voz (se for presencial) e através do computador (se for feita online), e transcrita para que a informação possa ser partilhada com a orientadora de Dissertação, Docente da Universidade da Beira Interior, Professora Doutora Maria João Simões;

5. Aceito que aquilo que eu disser durante a entrevista seja usado pela aluna que elabora a Dissertação para fim da mesma, bem como aquando da sua exposição, desde que qualquer informação que eu dê seja anonimizada e agregada em conformidade com o Regulamento Geral da Proteção de Dados (Regulamento (UE) n.º 679/2016, de 27 de Abril);

6. Aceito participar neste estudo de livre vontade.

7. Ao assinar este documento confirmo fazê-lo livre de quaisquer pressões ou receios. Assumo, assim, também, que me foram dadas as informações suficientes e os esclarecimentos necessários para a minha decisão.

8. A adesão ao projeto assumo-a quando e através da assinatura e entrega desta declaração. Sei que nada me impede de poder mudar de posição, e que até ao momento da participação poderei manifestar o desejo de não colaborar, sem que tal implique quaisquer perdas de direitos ou assumir de responsabilidades e encargos.

Caso não concorde com algum dos pontos acima, por favor indique.

Se necessário use o verso da folha.

Quer ser informado sobre a divulgação de resultados da Dissertação? (assinale com um X) Sim\_\_\_\_ Não\_\_\_\_

Caso queira ser informado, indique o contacto preferencial:

Telefone: \_\_\_\_\_

Email: \_\_\_\_\_

Nome do  
entrevistado/a: \_\_\_\_\_

Data e Assinatura do  
entrevistado/a: \_\_\_\_\_

Nome da investigadora:  
\_\_\_\_\_

Data e Assinatura da investigadora:  
\_\_\_\_\_

## Anexo III – Sinopses das entrevistas

Entrevistado: S.F. – Estudante – Data: 7 de agosto 2021 – presencial

Questões	Infância – 6º Ano	7ºAno – 12º Ano	Ensino Superior
Hábitos de Leitura	<p>- «(...) Escola Primária (...) sim, na creche, pois(...)Lembro-me que sim, devia ler, não estou, não tenho memórias dessas coisas(...) «Uma aventura», sim, coisas desse género (...)Era porque as minhas irmãs, principalmente, me diziam para ler. E eu como gostava, lia.»</p> <p>-«(...) Não, nessa altura ainda não, até ao 6º ano não. Não sei, não sei bem porquê, mas não me lembro de ler livros tão novo.»</p>	<p>- «(...) Aí sim, já tinha, tinha mais. Depois deixei de ter outra vez, mas nessa altura lembro-me que se calhar foi quando li mais livros(...) «Uma aventura» (...) eram todos desse género, de séries(...) Lia, porque na altura gostava(...) não era porque alguém me obrigava(...)»</p> <p>-«(...) quando o meu pai comprava jornais, mas lia só as gordas(...)»</p> <p>-«(...) Só se fosse alguma coisa para a escola(...) por tópico. Não fazia textos(...)»</p>	<p>- «(...) Perdi. A razão não sei, mas já não leio um livro há muito tempo(...)»</p> <p>-«(...) Maior parte das vezes é só os Power Points, sim. Nunca li essas bibliografias, nem os livros que eles aconselham(...) Há umas que os power points chegam, há outras que convém pesquisar mais(...)»</p> <p>-«[... lê revistas ou jornais?](...) Não.»</p> <p>-«(...) Não, nunca tive problemas com isso. Sempre percebi bem e acho que também falo bem(...) Mas sei que devia ler mais, porque faz sempre falta. Porque é bom ler um livro, acrescenta sempre alguma coisa(...) não me dificulta, mas sei que se calhar me poderia ajudar(...) mas não tenho por hábito ler.»</p> <p>-«(...) Continua a ser só para a faculdade, trabalhos e resumos(...) Para os trabalhos costumam ser longos. Depende dos trabalhos e depende dos resumos(...) isso é relativo(...)»</p>
TV / Rádio	<p>- «(...) Deve ter sido aqui em casa. Não me lembro do primeiro contacto, ver televisão aqui em casa e de ouvir rádio, quando os meus pais estavam a ouvir, no carro (...)desenhos animados, só. E os «morangos com açúcar» (...) «Phineas e ferb» e dos que davam na «Disney»(...) nunca fui de estar muito tempo à frente da televisão(...) Do rádio lembro mais quando ia de manhã, para o sabugal, no carro(...)»</p>		

<p>Telemóvel / Computador</p>	<p>- «(...) Telemóvel foi “pai” no 9º ano, só.(...) Computador se calhar antes, mas usava pouco também(...) Em casa(...) Era da minha irmã, era um Asus, um portátil(...) Sim, deve ter sido praí no 6º, 7º.»</p> <p>-«(...) lembro-me que sim, computador toda a gente tinha. Telemóvel... Sim, lembro-me que já toda a gente tinha telemóvel.(...) nunca me importei muito com isso. Quando fiquei mais velho sim(...) Por isso é que depois tive que insistir muito para me darem um telemóvel, mas.. Antes não me fazia muita confusão(...) nunca me senti excluído.»</p>	<p>- «(...) Recordo, era um “nokia” qualquer(...)»</p> <p>-«[...em relação ao computador, tiveste algum para ti?] (...)o da minha irmã passou a ser para mim (...)»</p> <p>-«[...No telemóvel já tinhas internet?](...) Nesse aí, não. Depois tive sim(...)Foi no secundário, no 10º. Aí já tinha internet(...)era tátil (...)»</p> <p>-«(...) mandar mensagens, conversar com as pessoas(...)»</p> <p>-[... referiste que quando eras mais novo não te importavas de não ter telemóvel, mas que depois mais tarde sentiste(...) ] (...) Nessa altura(...) sentia falta às vezes para combinar coisas com os meus amigos e assim, usava sempre o telemóvel da minha mãe, sentia que precisava de um para mim(...) Acho que foi mais isso, para combinar coisas com os meus amigos e poder falar. Os meus amigos não me chatearam(...) mas diziam que sim, que devia ter um telemóvel, que dava muito jeito.(...) [Essa situação esteve relacionada com os rendimentos dos teus pais?](...) Não, nunca foi por isso. Foi mesmo porque(...) não quiseram que me apegasse ao telemóvel mais cedo.»</p>	<p>- «[...Utilizas mais o computador ou o telemóvel?](...) telemóvel(...) se bem que na faculdade uso computador todos os dias(...) [...Levas o computador para as aulas?](...) Não tenho que levar, mas levo todos os dias(...) Porque o meu curso é informática e preciso sempre do computador(...)»</p> <p>-«(...) o telemóvel é mais fácil para ir ao «instagram», ou seja o que for. É mais rápido(...)»</p>
<p>Internet / Acesso / Uso</p>	<p>-«(...) era da junta(...)»</p> <p>-«(...) sites do «brincar.pt» e «jogos.pt». Não me lembro assim ao certo(...) lá está, é como na televisão, também não passava muito tempo porque não passava muito tempo em casa(...) Brincava mais na rua(...) A internet não era muito boa(...)»</p> <p>-«(...) devo ter pedido as primeiras vezes(...) mas depois aprendi, sozinho(...) na escola também via as outras pessoas jogar e também jogava às vezes. Fui aprendendo(...)»</p>	<p>- «(...) Nessa altura sim(...) era em casa(...)»</p> <p>-«[Em relação ao computador](...)[essa mudança fez-te usar mais a internet?] (...) Sim, porque já era mais fácil de aceder e nessa altura depois já comecei a ter internet em casa(...) comecei a usar mais(...) Fazer trabalhos para a escola, também para estudar, também para ver filmes(...) ouvir música, ver vídeos, a mesma coisa que no telemóvel(...)»</p> <p>-«[...como é que sabias que aquela informação que estavas a usar, era a mais correta?](...) Aí não sei muito bem como é que fazia, fui aprendendo a escolher. É uma coisa que se aprende(...) também com a ajuda das minhas irmãs(...) quando era para os</p>	<p>- «(...) Todos os dias(...) Para ir ao «instagram»(...) e pouco mais(...) fazer algumas pesquisas(...) ver vídeos e filmes e ouvir música.(...)»</p> <p>-«(...) A maior parte das vezes sim(...) acrescenta sempre alguma coisa e... é cultura(...) Positivamente, porque ajuda muita coisa. Simplifica muitas coisas(...)»</p> <p>-«(...) Não, há aplicações que tenho no telemóvel que não dão para o computador(...) por norma abro sempre(...) se estiver no «Instagram» ou a ver qualquer coisa nunca estou muito concentrado, sei lá. Estou por estar, mais por estar a passar o tempo(...)»</p>

	<p>-«(...)Em casa não era tão boa, porque era a da junta de freguesia, mas na escola acho que sim, que era boa.(...) maior parte do tempo era a jogar, sim. Não tinha nada para ver na internet, nessa altura(...)»</p> <p>-«(...) Para ter cuidado, sim, esses avisos normais, sim. Mas não me lembro de mais nada.»</p> <p>-«(...) a única dificuldade é que se calhar a internet era lenta, mas lá está nessa altura não fazia muita diferença(...) lembro-me que demorava um bocado, mas não me fazia muita confusão(...)»</p> <p>-«(...) Às vezes devia precisar, mas para fazer as coisas básicas acho que sempre tive à vontade(...) mas aí devia pedir ajuda, sim(...)»</p>	<p>trabalhos(...)»</p> <p>-«(...) nessa altura sei que via muitos vídeos no Youtube, mas já não me lembro muito bem de quê. (Pausa) Basquete e assim. E filmes, também comecei a ver mais filmes(...) Coisas que estavam na moda no momento(...)»</p> <p>-«(...) Depende das coisas que via, às vezes tirava proveito outras não(...) ia vendo coisas novas e aprendendo outras coisas(...) Não sei se influenciava muito(...) É possível, influencia, mas positivamente acho eu. Não fiquei pior por usar muita internet ou pouca(...)»</p> <p>-«(...) Não. Nessa altura já tinha internet em casa e os sites noutras línguas... inglês fui aprendendo(...) nunca foi problema.»</p>	<p>-«(...)Se vou tipo desbloquear o telemóvel é para fazer alguma coisa(...) Desconcentro-me(...) Depende, lá está, do que estiver a fazer(...)»</p> <p>-«(...) quando estou a trabalhar é sempre no computador. Quando são essas pesquisas que tenho de estar mais atento e ler com atenção(...) costumo fazer no computador. Mas é porque é o instrumento que uso para trabalhar, não faço essas coisas no telemóvel.»</p>
Redes Sociais		<p>- «(...) a única rede social que tenho e que tive é o «instagram», mas não me lembro quando é que criei. Acho que foi praí no 10º(...) na altura também toda a gente já tinha menos eu e criei. Porque, sei lá, porque tinha de ser, não é?(...) Foi influencia dos amigos, para conversar com pessoas e ver coisas que me interessam(...) À medida do tempo fui seguindo páginas que me interessavam, mas não sei agora assim nenhuma(...)»</p> <p>-«(...) comentava às vezes e comento. Mas não é regra. Quando me apetece comentar comento(...) Se quero comentar, é publico(...) Fotos com amigos, sei lá(...)»</p>	<p>- «(...) Instagram, só. Para a mesma coisa de quando o criei. Para falar com os meus amigos e para ver as coisas que eles põem e páginas que me interessem(...) ligadas ao desporto, à comédia(...) Quando comento, públicos(...) [...tu publicas e partilhas?](...) pouca coisa(...) não ligo muito a isso(...)»</p> <p>-«(...) As vantagens é as pessoas estarem todas mais ligadas e poder ser muito mais fácil falar seja com quem for e poder ver(...) o que as pessoas andam(...) e temas da atualidade(...) Desvantagens (...) é só perder demasiado tempo, se calhar, nas redes sociais, em vez de fazer outras coisas mais úteis, mas... não vejo mais desvantagens(...)»</p> <p>-«(...) Acho que facilitam a inclusão. Quer dizer, depende dos casos, não é?(...) é mais fácil tipo falar seja com quem for, através do «instagram», mesmo que seja uma pessoa com que nunca falei na vida(...) do que cara a cara(...)»</p>

			<p>-«(...)muita gente dá a sua opinião e esses comentários são desnecessários(...) Se as pessoas podem comentar, vão poder dizer o que eles quiserem(...) É muito mais fácil escrever atrás de um ecrã do que falar na cara de uma pessoa e dizer a mesma coisa. Nesse aspeto é uma desvantagem, mas... bem utilizadas acho que é só uma vantagem(...)»</p>
<b>COVID - 19</b>			
<p>- «(...) Neste último... tinha aulas sim. E no primeiro... também(...)»</p> <p>-«(...) para mim foram boas, porque(...) era mais, sei lá(...) não era mais prático mas... Acho que para mim resultou bem porque era... Acho que conseguias estar mais atento assim do que se fosse presencial(...) Porque presencial não, não estou sozinho na sala e tenho os meus amigos(...) e às vezes dá preguiça de sair de casa e ir para a faculdade(...)»</p> <p>-«[...o que achas-te dos professores?](...) até melhor do que se fosse presencialmente(...)»</p> <p>-«(...)vi mais filmes e mais séries, mas lá está, porque tinha mais tempo(...)»</p> <p>-«(...)não fiquei mais dependente por causa do confinamento.»</p> <p>-«(...) Não. Não li, sequer, porque lá está, não sei a razão. Mas porque para mim é mais fácil ver um filme ou uma série do que pegar num livro.(...)»</p> <p>-«(...) O primeiro. Porque era.. Era.. lá está, lidar com uma coisa que era desconhecida e foi... foi muito mais de repente. O segundo já, a gente já sabia como é que as coisas se iam passar(...)»</p>			

Questões	Infância – 6º Ano	7ºAno – 12º Ano	Ensino Superior
<p>Hábitos de Leitura</p>	<p>- «(...) quando estava a almoçar, eu estava tipo com os livros, a minha avó lia e eu colava os autocolantes e comia uma colher. Era assim que eu comia (risos) (...) eu era muito nova, eu devia ter tipo 3 ou 4 anos, não sei (...)»</p> <p>- «(...) Inicialmente era da minha mãe que me dizia tipo «Ah este livro deve ser giro, tens que ver se gostas» e tipo depois disso eu comecei tipo, eu percebi qual era o género de livros que eu gostava e essas coisas e depois tipo pedia (...)»</p> <p>- «(...) comecei, 5º, 6º ano que eu comecei a ler, então tipo, eu lia antes de ir para a cama (...) durante o dia nunca gostei muito de ler porque há barulho, há distrações, há essas coisas, então era mesmo antes de ir para a cama, eu lia sempre um capítulo inteiro. Um livro inteiro...Depende. Houve uma altura que eu gostava muito, passava quase uma noite inteira a ler (...)»</p> <p>- «(...) era aqueles livros de criança mesmo, entre aspas ou de adolescentes, (...) Aquele de «o menino que não gostava de ler», as «ideias da Bia», «A Dona Bruxa Gorducha» (...) gostava de ler, mesmo aqueles que eram do plano nacional de leitura (...)»</p>	<p>- «(...) sempre tive hábitos de leitura à noite, e foi desde o meu 9º ao meu 12º ano eu aumentei muito os meus hábitos de leitura (...)»</p> <p>- «(...) aqueles romances adolescentes ou lá como se diz... Eu lia muito sobre vampiros (...) lia romances normais, tipo destes mais modernos (...) 9º até ao 12º ano eu interessei-me muito por, mesmo por literatura clássica, daqueles romances do século dezoito, século dezanove, então eu li «As irmãs» (...) e tipo aventuras e essas coisas (...) eu gostei do «Os Maias» (...)»</p> <p>- «(...) Revistas sim, porque a minha avó comprava, era tipo a «TV7Dias» e essas cenas, então eu lia isso tudo do início ao fim, tinha de saber tudo (risos). Jornais, era o «jornal de Manteigas» porque o meu avô sempre comprou (...)»</p> <p>- «(...) lembro-me que quando era o dia do pai ou da mãe eu fazia uns poemas, se é que se pode chamar assim, para lhes dar e fazia cartas, sempre fiz muitas cartas para dar (...) houve uma fase que eu tentei escrever um livro, quando era muito nova (...) eu sempre gostei de escrever (...) gostava de escrever, de fazer composições (...) eu comecei a estudar, e tipo, não foi porque eu sentisse que precisava, foi porque as minhas amigas estudavam e faziam os seus resumoziños e depois levavam-nos para as aulas e tipo, eu não tinha resumos porque eu não os fazia (...) a partir daí comecei a fazer resumos, mas aí ainda era muito tipo cópia, literalmente do que estava nos livros (...) Eram longos, eu escrevo muito, é um problema meu (risos) (...) eu consigo resumir e na altura já conseguia resumir, mas tipo antes de</p>	<p>- «(...) Confesso que não. Eu gostava de ter hábito de leitura, eu adorava ler antes de dormir, mas não. Eu já leio tanto, neste caso para fazer a Tese (...) mesmo na licenciatura mandavam-nos os textos para nós lermos e tipo, nós precisávamos de ler mesmo para fazer o curso (...)»</p> <p>-«(...) os meus hábitos de leitura reduziram (...)»</p> <p>- «(...) eu li muito mais agora, desde a licenciatura até tipo ao mestrado, mas tipo deixei, o tipo de leitura, por assim dizer, deixei de ler os romances e essas coisas, nunca mais lá voltei (risos) e leio muito mais a cerca de coisas neste caso de sociologia (...)»</p> <p>- «(...) Os professores falam deles nas aulas e tipo, falamos um bocado neles para dar a matéria (...) A forma como eles às vezes explicam parece interessante o livro e então tipo, eu arranjo o livro para ver se é realmente interessante (...)»</p> <p>- «(...) Jornais não, tipo eu leio online (...) ir buscar um jornal e ler, não, nem uma revista.»</p> <p>- «(...) Sim, eu acho que por ter hábitos de leitura tenho um vocabulário muito mais tipo... Maior (...) eu tenho essa noção que ler ajuda muito para tu conheceres palavras. Mesmo para compreender e entender seja em qualquer lado (...) os hábitos de leitura ajudam muito para desenvolveres o vocabulário, se tens vocabulário obviamente que consegues desenvolver um diálogo, uma conversação, uma explicação, uma exposição, o que quer que seja. E depois em termos de ligação, é a tal coisa a ligação de temas e interpretar e essas coisas,</p>

		<p>resumir tinha de ter um texto grande(...))</p> <p>- «(...) A partir do 8º ano para ai, passei só a focar-me mais nos clássicos (...) Romances, romances clássicos, dramas.»</p> <p>- «(...) normalmente eu lia, pelo menos a primeira parte, tipo o título e aquelas partes mais, três quatro primeiros parágrafos eu lia sempre. Agora o resto dependia (...))</p>	<p>eu acho que ter hábito de leitura ajuda muito (...))</p> <p>- «(...) Na minha licenciatura escrevia muito (...) E claro, no mestrado porque tens tipo a Tese, a Dissertação. Muitas páginas (<i>risos</i>) então sim. Fazendo a comparação com o tempo que à pouco estivemos a falar eu a partir da licenciatura passei a escrever muito mais (...))</p>
TV / Rádio	<p>- «(...) eu passava muito tempo em casa dos meus avós. Eles ouviam rádio regularmente, tinham televisão, mas era o rádio e era mais tipo para ver os relatos dos jogos de futebol, eu lembro-me disso e eu detestava (...) a «antena1» a «antena3» (...))</p> <p>- «(...) A televisão, tipo, como eu tenho um irmão mais velho, não é, ele levantava-se de manhã cedo para, quando dava na «SIC» buéda cedo de manhã os desenhos animados, então eu ia atras dele e ia ver televisão com ele e era os «Pokemons», o «Oliver e Benji», tipo essas cenas buéda antigas (...))</p> <p>- «(...) lembro-me de ver as novelas com a minha avó (...))</p> <p>- «(...) depois quando veio a «TVCabo» e essas cenas, depois mudamos para a «TVCabo» e era mais desenhos animados do que os outros canais, mas tirando isso nunca, era as cenas normais. Notícias quando era a</p>		

	hora de almoço e do jantar, tipo a novela à noite (...)»		
Telemóvel / Computador	<p>- «(...) O meu irmão sempre teve game boys e playstation tipo, desde que eu me lembre. Nós temos diferença de 4 anos e então eu sempre o vi jogar, que ele a mim não me deixava jogar, era mau (<i>risos</i>), tipo eu podia estragar (...)»</p> <p>- «(...) Telemóvel eu tive quando entrei para o 5º ano, porque era para ligar à minha mãe para me ir buscar (...) Era aquele Nokia (...)Um «trinta e três, dez» (...)porque era do meu irmão e passou do meu irmão para mim (...)eu usava para fazer chamadas e para jogar o jogo da cobrinha e mais nada (...)»</p> <p>- «(...) quando os meus amigos começaram a ter telemóvel, tipo eu tive primeiro que eles, então quando eles começaram a ter telemóvel é que começamos a mandar mensagem (...)»</p> <p>- «(...) nunca me considerei com um nível socioeconómico muito superior ao dos colegas. Porque, imagina, para mim vinham as coisas que já eram do meu irmão, normalmente, só depois mais para a frente é que a minha mãe comprava diretamente para mim (...) acho que teve influência a que eu tivesse as cenas primeiro que os meus colegas. Porque em termos socioeconómicos</p>	<p>- «(...) Eu tenho noção que a partir do meu 8º ano eu ia quase todos os dias para o computador (...)»</p> <p>- «(...) nessa altura os meus amigos já tinham todos telemóvel (...) Mas tipo, eu acho que nunca fui muito de trocar mensagens (...)»</p> <p>- «(...) chamadas e músicas e fotografias. Internet não. Tipo tinha aqueles joguitos (...) Antigamente os telemóveis vinham com jogos. Isso era quando eu não tinha nada para fazer (...)»</p> <p>- «(...) eu quando comecei a enviar mensagens, eu escrevia o texto todo, tudo direitinho, mas os meus amigos faziam abreviaturas, escreviam com «k» tipo, que dor de alma (...) Mas tipo, escreviam assim e eu para escrever igual a eles, escrevia como eles, mas depois lá para o meu 9º ano eu percebi que isso era estúpido. (...) Houve uma fase eu escrevia, mas era a tal coisa, era influenciada, eu tive uma fase que era muito influenciada, porque me queria integrar, então eles falavam todos com «k» (...)»</p> <p>- «(...) Eu mudei de computador só quando fui para a universidade. Então de computador eu não mudei. Eu mudei foi de telemóvel (...) no 7º ano (...) lá para o meu 8º ano (...) arranjei um pequenino tátil (...) tive-o para aí até ao meu 11º ano, tipo, que já era bué antigo em comparação com o que as outras pessoas tinham, mas aquele funcionava para mim</p>	<p>- «(...) Talvez o computador, não sei... Como eu faço os trabalhos no computador. Eu literalmente, ultimamente, passo o dia todo no computador. De manhã à noite (...) Eu acho que o telemóvel eu uso para o «WhatsApp» ou então para ir às vezes ao «Instagram» e o computador eu uso para tudo (...)»</p> <p>- «(...) eu passava obrigatoriamente mais tempo no computador para me entreter, para passar tempo e então na Covilhã, tipo, na licenciatura, era onde tinha televisão (...) eu usava o computador como televisão, literalmente. Punha a «SIC online» a dar para ver as novelas ou para ver as notícias e então acho que tipo eu usei, principalmente na licenciatura muito o computador, basicamente o computador era tudo. Agora no mestrado é mais pesquisas»</p> <p>- «(...)Eu tenho essa noção por isso é que tipo, o telemóvel tem uma opção que é o modo bem estar, ou bem estar e saúde e eu bloqueio as aplicações para eu não ir lá (...) eu levanto-me cedo, é de manhã até ao meio dia, então eu bloqueio as aplicações no telemóvel, então eu tenho essa possibilidade e eu meto lá para não me deixar aceder tipo, mesmo que eu carregue lá não abre (...) eu às vezes vou ver as horas mas de repente já não estou a ver as horas, estou a fazer outras coisas (...) Mas acho que até tenho bastante controlo sobre isso»</p>

	<p>eu nunca senti uma diferença entre eu e eles, até porque às vezes eles tinham telemóveis melhores que eu (...) Agora sei isso, mas tipo (...) não sei explicar, eu sei que em termos teóricos, (...) a classe da minha mãe é mais alta que a deles, só que tipo, em termos práticos eu vejo que eles levam uma vida mais tipo larga, do que a minha por assim dizer. Tipo, nós também somos muitos cá em casa e então tipo também acaba por equilibrar (...)»</p> <p>- «(...) quando surgiram os primeiros computadores fixos, aqueles buéda grandes e buéda pesados, o meu pai arranhou e tinha em casa, mas tipo era só para ele usar e para a minha mãe e essas coisas, nós não usávamos. Depois o meu irmão começou a usar e tipo o meu pai arranhou o jogo do Hugo, sabes? E eu tinha um jogo que ele arranhou depois para mim que era um jogo de aprender o abecedário e essas cenas, pintar e essas coisas, então para aí com 4 ou 5 anos eu já mexia no computador fixo, tipo antes de entrar mesmo na primária (...)»</p> <p>- «(...)Então depois o meu irmão teve o portátil, fixo sempre tivemos em casa, e jogávamos de vez em quando. No verão quando estávamos de férias era quando jogávamos mais, portanto, não tínhamos internet (...)»</p> <p>- «(...) Eu utilizava mais o «Paint», tipo para fazer os meus desenhinhos (...) mais tarde o meu irmão teve através da escola, acho que houve um programa qualquer que davam tipo, portáteis, e então ele arranhou esse e nós cá em casa usávamos esse, para fazer os trabalhos. Isso foi antes do 5º ano (...) quando eu entrei para o 5º ano a minha mãe</p>	<p>(...)»</p> <p>- «(...) eu própria nunca quis passar muito tempo no computador (...)»</p> <p>- «(...) nunca estava com aquela coisa, «ah tenho que acabar isto para ir para o computador», ou então «não vou estudar para ir para o computador» não (...)»</p>	
--	---	--	--

	<p>arranjou-me um portátil para mim e pronto (...)»</p> <p>- «(...) eu passava muito mais tempo a ver televisão do que no computador (...)»</p> <p>- «(...) passei a estar mais tempo no computador porque é a tal coisa, arranjaram-me um computador para mim (...) quando tive o portátil eu comecei a passar mais tempo no portátil do que o tempo que eu passava no fixo. Até porque tipo, eu podia pegar no portátil e ir para a sala para ao pé de toda a gente e estar com o portátil (...) passei a jogar muito mais quando tive portátil, porque eu antes (...) joguitos que o meu irmão me arranjava (...) ou fazia uma carta para a minha mãe, ou fazia uma cópia, ou uma composição, metia-me no «word» a experimentar os efeitos das letras (...)»</p>		
<p>Internet / Acesso / Uso</p>	<p>- «(...) o meu avô arranhou internet e eu ainda não estava no 4º ano (...) mas aquilo era muito lento, eu não utilizava (...)»</p> <p>- «(...) lembro-me que às vezes ia ver de imagens de gatos e essas coisas, desenhos para pintar (...) Depois mais tarde, então quando eu estava no 5º ano havia tipo aquelas PEN's de internet, mas também tipo só usava mais para fazer trabalhos. Houve uma altura que os meus amigos iam muito a sites de jogos e tipo eu não conhecia sites de jogos e fui procurar sites de jogos porque eles usavam e então eu também tinha de usar, Ya, influenciável (...)»</p> <p>- «(...) mais tarde, quando veio tipo o “Wi-fi”, os meus avós puseram em casa deles primeiro, antes de nós pormos em nossa</p>	<p>- «(...) No meu portátil, porque ai já tinha o meu portátil (...)»</p> <p>- «(...) Era em casa. Eu na escola (...) só usava quando estava na escola e precisava de usar na escola. Não ficava lá, nunca fiquei lá de propósito para usar a internet. Ou nunca fui tipo, ao espaço internet (...) como o meu irmão era mais velho, ele já precisava de internet, então por dano colateral eu já tinha internet (...)»</p> <p>- «(...) Continuava a jogar, eu continuo sempre a jogar (...) também eu via as notícias (...) antigamente o «Hotmail» quando abrias tinha aquelas notícias (...) e eu abria tudo para ver o que é que se passava, lia tudo e depois fechava e depois ia jogar (...)»</p> <p>- «(...) Eu não faço ideia de quando é que tive</p>	<p>- «(...) basicamente agora passo o dia inteiro, então agora a fazer a Tese, tipo eu passo o dia inteiro à frente do computador, eu passo o dia inteiro na internet (...)»</p> <p>- «(...) temas que me interessem (...) para além das notícias. Tipo acabou por ver muita informação (...)»</p> <p>- «(...) Jogos, mas tipo não jogo com tanta regularidade que não tenho tanto tempo, mas às vezes para desanuviar (...) Vejo as minha séries, não é, à noite agora em vez da minha leitura vejo series, ou filmes, ou jogo (...) agora passo muito tempo no quarto não é, na internet no computador a fazer a Tese (...)»</p> <p>- «(...) Sim, porque também tipo melhora a forma como eu a uso (...) agora sim eu sei fazer pesquisas,</p>

	<p>casa, porque nós passávamos mais tempo lá do que cá, e então ai sim, eu comecei a usar. Eu ia para lá durante o verão, as tardes inteiras para estar no computador. Mas isso já devia ser no 6º ou no 7º (...)»</p> <p>- «(...) Na escola não acedia de todo, era tipo quando fazia os trabalhos lá nos computadores da escola, mas tipo isso raramente acontecia porque normalmente nos mandavam fazer isso em casa e depois levar para a escola. E em casa era a PEN da «TMN» (...) Primeiro teve o meu avô (...)»</p> <p>- «(...) Já tínhamos palestras de vez em quando sobre «não façam isto», «não deem os vossos emails a ninguém», «não deem palavras pass», essas coisas (...)»</p> <p>- «(...) como arranjei o portátil e já tínhamos mais internet, nessa altura eu passei a jogar muito mais quando tive o portátil. Mas é a tal coisa, os meus colegas também jogavam todos e então eles iam para a escola e comentavam os jogos «Ah é isto no brincar e não sei quê» e eu ficava «eu não joguei» (...)»</p> <p>- «(...) A velocidade da internet (...) era péssima, era pior que péssima. Falhava, tipo, não insistia (...) era muito lenta mesmo e então às vezes até mesmo para fazer trabalhos, para carregar páginas era horrível. Aquilo não carregava e tal (...) não era «wi-fi» então tipo como era uma PEN aquilo gastava bué rápido a internet. E também eramos tipo, eu e o meu irmão, a fazer trabalhos, mais a minha mãe (...) uma vez, tipo eu tinha um trabalho para fazer e supostamente era pela internet, então como eu não tinha, nesse dia não havia, tipo, eu fui ver aos livros, até porque a minha mãe tem</p>	<p>internet no telemóvel. Deixa-me pensar... Acho que foi tipo quando mudamos para os telemóveis táteis. Depois é que começamos a ter internet. Isso deve ter sido algures no meu (<i>pensativa</i>) deve ter sido no meu 10º ano, eu lembro-me que tive um tático mas eu não usava a internet (...)»</p> <p>- «(...) as cenas que eu fazia na internet, não eram as mesmas cenas que eles faziam, então tipo eu acabava por imitar um bocado o que eles faziam para poder entrar nas conversas deles e nessas coisas. Tipo eles, passavam muito tempo, na altura era no «messenger» tipo a falar, (...) houve muito tempo que eu não tinha «Messenger» e então só mais tarde, muito mais tarde é que eu entrei para essas cenas (...)nessas cenas eu sempre fui um bocado atras deles, porque tipo, eles descobriam as cenas primeiro e depois começavam todos a falar entre eles e eu sentia que ficava um bocado para trás nessa questão, então ia ao encontro do que eles faziam (...)»</p> <p>- «(...) agora sei que o fator do estatuto socioeconómico influencia o nosso uso da internet, na altura eu só me interessava por coisas diferentes das deles então tipo, para me integrar um bocado eu tinha que tipo ir ver o que é que eles faziam e essas cenas e tipo, agora eu tenho essa noção que provavelmente o estatuto socioeconómico da minha mãe e a forma como eu fui educada, por assim dizer, faz diferença na forma como eu utilizava a internet e na forma como eles usavam a internet (...)»</p> <p>- «(...) ver as notícias, deixei de ver tantas notícias na internet e passei a fazer mais pesquisas por mim. Ouvia cenas, não sabia o que era ia ver. Aí comecei a fazer muito mais do que fazia antes (...) já tinha mais acesso, já era mais fácil de eu ir para o computador (...)»</p> <p>- «(...) eu jogava aqueles joguinhos do tipo dos sites de</p>	<p>na altura eu não sabia. Então tipo, cada vez que usas mais a internet tu apercebeste como é que ela funciona (...) Acho que ganhas mais a noção de como é que funciona e de como é que hás de tirar proveito da Internet para ti. (...) Agora? Eu dependo dela para fazer os trabalhos (<i>risos</i>) então tipo eu giro a minha vida à volta da internet neste momento, não é propriamente porque eu queira é porque eu preciso e pronto (...)»</p> <p>- «(...) Fora a parte académica eu uso para lazer (...)»</p> <p>- «(...) eu apercebi-me disso muito agora, essa parte do telemóvel para o computador é obvio porque alguns sites nem sequer ficam formatados, desformatam completamente o texto e tu não consegues ler, para além de que no telemóvel tens sempre os anúncios a aparecer a tapar-te o ecrã inteiro e tu não consegues (...)»</p> <p>- «(...) Sinto que agora sou uma pessoa culta a pesquisar na internet. Pesquiso temas importantes (...) não só académica, mas acabo por pesquisar coisas que eu penso que me podem dar jeito (...)»</p> <p>-«(...) Tenho dificuldade em aceder aos sites que estão bloqueados e que não nos deixam tirar de lá informação para fazer a Tese (...) Ou então uma vez ou outra quando falta aqui a rede de internet (...)»</p> <p>- «(...) Não, eu leio em inglês, português, espanhol e francês (<i>risos</i>) desde que eu tenha a informação que eu quero, eu leio qualquer coisa.»</p>
--	--	---	--

	<p>muitas enciclopédias (...)»</p> <p>-«(...) eu sinto que sempre tive muita facilidade em trabalhar no «Word», «Excel», tipo tudo o que é programas de office e essas coisas eu sinto que tenho muita facilidade, mas também é porque tipo, eu perco tempo a explorar (...) tinha o meu irmão e depois tipo, ele ajudava-me sempre que eu tinha um problema no computador era o meu irmão que pedia e ele ajudava (...)»</p> <p>-«(...) Eu só me lembro dos sites em português, não sei se abria os que estavam em inglês e fechava (...)»</p> <p>-«(...) chegava ao «Google» escrevia o que queria e tipo abria as primeiras páginas e pronto já estava. Acho que nunca tive assim muita dificuldade (...) em termos de trabalhos da escola, eu baseava sempre a informação que tinha das aulas, com a da internet (...) o meu irmão já me dizia «ah nem tudo o que há na internet é verdade, há sites que não são de confiança» (...) se tinha dúvidas perguntava ao meu irmão (...)se ele não soubesse perguntava à minha mãe (...)»</p>	<p>jogos (...) passei a jogar mesmo, tipo mesmo jogo tipo que tu sacas para o computador o jogo e que instalas e que jogas aquele jogo (...) diminui muito a quantidade de coisas que eu jogava (...) eu deixei de jogar tanto, era mais tipo pesquisas e depois os vídeos no «YouTube» houve uma fase que também era vídeos. Também gostava de ir ver as lojas e as roupas (...)»</p> <p>- «(...) Quando cheguei aos táteis sim. Tipo, táteis já começava a ver mais internet e essas coisas. Do 9º ano para à frente já havia essas coisas, já havia internet nos telemóveis.»</p> <p>- «(...) jogar, para ver séries (...) ver filmes, tipo, pesquisar informação, qualquer tipo de informação, bastava vir-me à cabeça e pesquisava»</p> <p>- «(...) acho que tipo em termos de melhorares as tuas pesquisas acho que, tipo eu melhorei bastante a pesquisar os sites a que eu acedia à informação, então ainda por cima do 7º ao 12º ano tipo, ali a passagem do 9º para o 12º ano mudas muito a pesquisa que fazes. Até porque o nível de exigência dos trabalhos muda e precisas de fontes fidedignas para ter informação para os trabalhos (...) melhorei a capacidade de mexer no computador, porque quanto mais mexes mais exploras e conforme vou explorando vou descobrindo tipo como é que se fazem as cenas. Então tipo, eu acho que sim, acho que vai sempre havendo uma evolução na positiva (...)»</p> <p>- «(...) Obviamente que sim, até porque tipo há aquela fase em que tu deixas de brincar com as bonecas, deixas de te interessar tanto por essas coisas e então o que é que tu fazes? Ficas mais no computador, ou na televisão, ou tipo...Livros não porque eu lia à noite e então não ia passar o dia todo a fazer a mesma coisa, então tinha de distribuir o tempo para fazer tudo o que eu queira, então fazia as</p>	
--	--	---	--

		<p>leituras à noite, via televisão de manhã e durante a tarde era no computador. Eu distribuía tudo. Tinha que dar para tudo»</p> <p>-«(...) Tu tens de ter a capacidade do tipo, estar a ler vários textos e de estares a interligar os textos, eu acho que nisso tipo ajuda (...) então ao estares a fazer isso através da internet (...) obrigatoriamente tu vais desenvolver a tua capacidade escrita e de articulação de ideias (...) a internet tipo ajuda nisso, porque tu tens tanta informação que tens de interligar tudo e tens de saber fazer as interligações. Então acho que sim, acho que ajudou a desenvolver a minha capacidade de raciocínio e de interligação de ideias e de escrita, no fundo, até porque eu escrevo o que leio não é.»</p> <p>- «(...) Não acho que nunca tive assim um tipo, tirando as falhas na internet (...) eu tenho essa noção, tipo rodeada de montanhas é difícil ter boa rede (...) Isso tem vindo a melhorar, nos últimos anos já não há tanto essa diferenciação. Mas tipo no início (...)era por causa do sitio onde vivia.»</p>	
Redes Sociais	<p>- «(...) Acho que ainda não existia «Facebook», nem essa cena. Não faço ideia de quando é que existiu «Facebook» (...))»</p>	<p>- «(...) O «Facebook» e tipo o email (...) Houve uma altura que eu usava por causa dos meus amigos. E depois foi o «Facebook» mas tipo assim outra coisa, nunca tive. E eu usava o «Facebook» para jogar, não era para fazer mais nada (...) Não publicava cenas. (...) do 9º ao 12º ano eu tenho noção de que já havia «instagram», ou «Pinterest» e essas cenas. Antes disso não. Antes era só «Facebook» (...) Então o «Facebook» eu usava para jogar e para falar por mensagem por lá e para fazer trabalho de grupo online e essas cenas. E depois o «instagram» mais tarde usei tipo, não sei muito bem ao certo para quê (<i>risos</i>) para ver fotografias (...) eu não ponho quase nada lá é tipo mais para ver fotografias e essas cenas, para me integrar (...) «Pinterest» usava e uso para tirar ideias (...) coisas de trabalhos manuais»</p>	<p>- «(...) Eu tenho a aplicação do «WhatsApp» no telemóvel e no computador e acho que não tenho mais nenhuma. Não meto... E tenho os meus jogos e essas cenas porque não dão no telemóvel. Mas tipo «Facebook», «instagram» e «pintereste» e agora tenho «Twitter» (...) mas não o uso, só tenho por ter (...))»</p> <p>- «(...) tipo «Facebook», «instagram», «pintereste» e «Twitter» tenho tudo no telemóvel. A única coisa que tenho no PC e que tenho ao mesmo tempo no telemóvel é o «WhatsApp» e o «Google chorm», mas pronto isso já vem com o telemóvel»</p> <p>- «(...) Não, porque eu também tiro o som das notificações (<i>risos</i>) isto tem de ser tudo uma</p>

		<p>- «(...) O «pintereste» descobri sozinha (...) mas do resto sim, eles tiveram todos primeiro e depois falavam todos sobre isso né... E depois eu criei para poder falar com eles e para isso, era influenciável (...)»</p> <p>- «(...) lá mais para o 8º, 9º ano, acho que sim que ia quase todos os dias ao «Facebook», tipo, às vezes não ia lá fazer nada de jeito, era só tipo abrir e ver e fechar, nem fazia nada. E «instagram» sim, quando criei passei a usar, ia lá todos os dias (...) O «instagram» no telemóvel, o «pintereste» inicialmente foi no computador, só depois é que veio a aplicação e «Facebook» primeiro no computador e depois no telemóvel (...)»</p> <p>- «(...) era amiga deles, tipo apareciam as cenas deles no «feed de notícias», ia passando e ia vendo. Nunca fui de andar a coscuvilhar (...) era só gostos, likes. E para por um like era preciso ser algo mesmo, mesmo que eu gostava. Tipo eu sempre tive a noção que as pessoas vêm os likes que eu meto e então eu tinha o cuidado de por os likes (...) nunca fui muito de fazer comentários.»</p> <p>- «(...) Nunca partilhei muito porque eu tenho noção que o que pomos na internet, fica na internet para sempre (...) eu publicava as cenas, mas eu pensava muito antes de publicar, era capaz de andar 2 ou 3 dias a pensar «publico, não publico» (...)»</p>	<p>estratégia, para manter a concentração. Mas tipo e mesmo quando tão a vibrar eu sinto e eu acabo o que estou a fazer porque eu tenho noção de que se parar a meio eu perco o raciocínio (...)»</p> <p>- «(...) No «Facebook» eu sigo os amigos e no «instagram» sigo todos os meus amigos. (...)»</p> <p>- «(...) «Twitter» e no «pinterets» não sigo ninguém porque tipo só tenho aquilo para ver coisas (...) O «instagram» sim, eu vou lá todos os dias não é...e o «Facebook» há semanas que vou lá todos os dias, há semanas em que não, é conforme o meu mood.»</p> <p>- «(...) Comentários eu raramente coloco, só se forem mesmo muito muito meus amigos (...) eu nem escrevo comentários, eu meto uma carinha que é tipo é só para dizer «olha eu vi e gostei» (...) é mais likes eu não sou muito de comentar (...)»</p> <p>- «(...) no «Facebook» partilho animais (...) no «instagram», eu partilho... Publicar fotos eu raramente publico (...) Agora «stories» que é aquela cena instantânea aí publico (...) tipo de sensibilização eu publico (...) Também sigo páginas feministas e então acabo por partilhar tipo, frases feministas. Eu tenho esperança que algum dia as pessoas que vejam os meus «stories» percebam, isto é mesmo sensibilização (<i>risos</i>) é tipo «pensem sobre estas frases». Ou então tipo desigualdade e LGBT (...) frases de sociologia (...) quando to mesmo muito aborrecida, quando não tenho nada para fazer tiro uma fotografia à paisagem da minha janela (...)»</p> <p>- «(...) vantagens, podes estar a comunicar com quem tu quiseres onde quer que estejas (...) vantagem para fazer trabalhos de grupo (...) Crias uma página no «Facebook» partilhas o teu negócio (...) também podes partilhar eventos (...)»</p> <p>- «(...) Desvantagens é tipo, às vezes as pessoas</p>
--	--	--	--

			<p>perdem muito tempo, no «Facebook», «instagram» aquilo prende um bocado, não sei porque (...) Ao mesmo tempo não fazes nada (...) há pessoas que ficam mesmo viciadas naquilo (...)»</p> <p>- «(...) Eu acho que tipo, facilita a exclusão no sentido em que as pessoas que não têm acesso a elas (...) ou não têm o computador vai-se sentir sempre um bocado excluído em relação aos colegas que têm acesso (...) Eu acho que nesse sentido sim, ajuda a aumentar a exclusão (...)»</p> <p>- «(...) há pessoas que não tem noção (...) o que elas metem no «Facebook» elas dizem lá com cada coisa são cenas que, elas não diriam pessoalmente (...) o «Facebook» a pessoa está ali, não estás frente a frente com a outra pessoa tu escreves ali o que queres, dizes ali o que queres tipo, não há consequências entre aspas, pelo menos naquele momento (...) não pensam tanto antes de escrever no «Facebook» como pensariam se estivessem a falar cara a cara, ou fazer comentários cara a cara (...)»</p>
--	--	--	--

**COVID - 19**

- «(...) Eu gostei de ter aulas durante o confinamento (...) já estávamos em mestrado (...) só tínhamos 2/3 dias de aulas por semana (...) e em termos de viagens e do tempo que eu gastava nas viagens e ajudou muito ficarmos em aulas online. (...)»
- «(...) Os professores, em termos de carga de trabalhos (...) tipo não carregaram assim tanto nos trabalhos, porque os trabalhos que íamos fazer em casa eram os mesmos que faríamos se estivéssemos em aulas presenciais (...) Agora em termos de horário a cumprir em termos das aulas, por exemplo, alguns professores não cumpriam (...) acho que alguns professores tiveram essa dificuldade em gerir o tempo da aula mas, no geral eu gostei porque a minha concentração manteve-se igual, acho que ganhei autonomia (...) na organização do meu tempo principalmente, e em termos das pesquisas que eu precisava de fazer (...) acho que com o Covid aprendi muito mais a organizar-me. (...) As aulas e os trabalhos (...) em termos de organização acho que aprendi a organizar-me (...)»
- «(...) Nós somos muitos cá em casa (...) e ainda tivemos cá um primo (...) houve uns dias em que simplesmente a internet morria (...). Então espalhávamo-nos pela casa, cada um no seu canto, cada um na sua vida (...)»
- «(...) Eu pesquisei imenso sobre o Covid (...)»
- «(...) tendo aulas em casa, eu tendo internet passei a passar o dia inteiro na internet, isto é a realidade, com a pandemia de manhã à noite era na internet, seja a fazer

trabalhos, seja a ter aulas, seja que for (...) eu consigo ficar sem ir ao computador, eu é que preciso de ir ao computador (...) com a pandemia passei mais tempo online (...)»

- «(...) tenho noção que houve pessoas que passaram a usar as redes sociais (...) ainda mais e a publicar tudo e mais alguma coisa (...) algumas pessoas fez com que passassem a publicar muito mais e tudo o que queriam (...) eu com a pandemia sinto que deixei de passar tempo nas redes sociais, tenho mais trabalho (...) fomos para a universidade tínhamos os intervalos e ia para as redes sociais, aqui não há intervalo (...)»

- «(...) a minha família continuei a contactar, como sempre. Com os professores, eu não senti muita diferença (...) Agora com os meus amigos sim, eu já não vejo os meus amigos, eu sei lá os meses. (...) falo com eles nas redes sociais, de vez em quando, mas eu também não sou muito de fazer conversa (...)»

- «(...) Senti a dificuldade que referi de aceder aos artigos académicos e senti (...) quando eu estava lá na Covilhã, foi antes da pandemia, se eu precisava de algum livro (...) ia à biblioteca e requisitava. Agora vim para Manteigas, não é, posso fazer uma hora para ir lá buscar o livro, mas (...) não vou fazer isso (...) tipo eu passei a comprar os livros em vez de os requisitar (...) também tenho possibilidade para isso (...) nas dificuldades acho que foi isso. Para aceder à informação que não estava na internet. Nem tudo está na internet.»

- «(...) Não. Eu não li mais, li igual, porque com a pandemia eu tentei manter a rotina que tinha antes (...) o que eu fiz foi manter muito a rotina que eu tinha antes e passei a fazer exercício, que era uma coisa que eu não fazia antes.»

- «(...) Foi mais fácil o primeiro porque tinha aulas e entretinha-me com as aulas e tipo, o momento das aulas era quando eu via outras pessoas, mesmo pelo Zoom. (...) Parecendo que não, fazia diferença (...) estares a ver alguém, outras pessoas que não aquelas que vivem em casa (...)»

- «(...) O segundo, custou-me mais porque calhou quando eu deveria ir fazer as entrevistas da minha tese (...) fiquei impossibilitada de fazer as entrevistas da tese e ao mesmo tempo não tinha muita coisa para fazer na tese porque já tinha o enquadramento teórico mais ou menos feito (...) tentava entreter-me, mas. Não sei, custava-me passar o tempo (...)»

Entrevistada: S.P. – UBI – Data: 27 de julho e 1 de agosto de 2021 – presencial e online

Questões	Infância – 6º Ano	7º Ano – 12º Ano	Ensino Superior
Hábitos de Leitura	<p>- «(...) para ser sincera não me lembro de qual foi a primeira vez que li um livro ou que me leram um livro, pronto. Mas a nível de escrita lembro-me de aprender a escrever o meu nome no pré-escolar, lá na Suíça (...)»</p> <p>- «(...) eu na primária era muito de ler (...)»</p> <p>- «(...) Eu nunca gostei de ler (<i>risos</i>), não é eu nunca gostei de ler, se calhar nunca encontrei o livro certo. (...) se fosse algo que me interessasse eu lia, mas acho que na escola não encontrei isso. A escola não procura isso nos jovens, é tudo mecanizado (...) também como os meus pais não têm assim muito formação é um bocado complicado (...)»</p> <p>- «(...) Eu sempre tive um livro gigante de contos, de fábulas, e é assim era um livro mesmo grande e pronto, esse livro até que o aceitei (...) vá, mas isso era porque tinha muitas histórias dentro do livro. Lembro-me desse livro e de às vezes o ler e de uns livros pequeninos. Não me lembro assim... Nunca fui assim uma rapariga muito, de querer ler muito, não sei... Nunca me interessou»</p>	<p>- «(...) eu não sou muito de ler, a verdade é essa, mas que procurei assim se calhar ler um bocadinho mais, principalmente no secundário, que tinha as obras obrigatórias que tínhamos que ler (...) Mas sinto que isso me faz falta, sem dúvida. (...) Se calhar não tenho uma linguagem (...) certas palavras que às vezes me faltam e se calhar a ler eu era mais fluida a falar, ou até mesmo a escrever (...)»</p> <p>- «(...) a minha mãe comprava assim uma revista e pronto e eu lá chegava e... Lia (...) a revista «Maria», a «caras» acho eu (...) Não vou ali comprar um jornal, não. Acho que nunca comprei um jornal (...)»</p> <p>- «(...) Havia alguns livros, por exemplo, lembro-me de uns que é os da «Anita» lembro-me de (...) de terem sido os professores, pronto, a falarem sobre ele»</p> <p>- «(...) Escrevia era os resumos (...) E as composições (...) eu não gostava assim muito de texto longo, não gosto de ler (...) Fazia mais, se calhar pontinhos, ou esquemas.»</p>	<p>- «(...) eu acho que devia mudar isto, não é verdade (<i>risos</i>) com esta conversa toda, não é, mas infelizmente não, ainda não mudei isto, mas quero mudar. Não, não leio nada agora, nada. A não ser, lá está, aquelas notícias que eu vejo (...) leio muitas coisas que têm a ver com o meu curso de gestão, mas de resto não (...) eu nunca tive esta presença de leitura durante o meu percurso escolar, e o facto de eu não gostar muito de estudar e de isso já me obriga a ler, parece que eu já não vou gostar de ler porque, ali já é uma obrigação (...)»</p> <p>- «(...) Também às vezes é necessário fazer pesquisas porque eu às vezes não percebo nada, não percebo nada do que está nos slides dos professores então tenho de ir pesquisar eu, basicamente tenho de ir pesquisar eu (...)»</p> <p>- «(...) Revistas não, jornais é aqueles online mas não pago (...)»</p> <p>- «(...) Dificulta, sem dúvida. Há palavras que os professores usam nos artigos ou assim que eu fico «calma, eu não tenho este vocabulário» é o vocabulário, eu não tenho esse vocabulário tão rico (...)»</p> <p>- «(...) a nível académico acho que me prejudica um bocado e acho que me vai prejudicar no mercado de trabalho (...) eu nas apresentações e assim de trabalhos e assim, sou uma pessoa que até sou fluida, gagueja... Não é gaguejar, é aquele, aquela paragem pronto, consigo-me comunicar facilmente, agora se tenho o vocabulário certo para tal? Acho que me prejudiquei nisso, no vocabulário, não é na forma de comunicar, é o vocabulário (...) Se calhar para aquilo que estou a estudar e para aquilo que quero, já devia</p>

			<p>estar mais um bocado à frente (...)»</p> <p>- «(...) Não costumo escrever, costumo desenhar (...) escrevo imenso por causa da universidade, faço resumos (...)»</p> <p>- «(...) a minha verdade é que, eu nunca fui de estudar muito, eu no secundário bastava fazer um resumo, ou seja os tópicos, ali umas coisitas, ler, ouvir o que está na aula. Chego à universidade, não tenho método de estudo (...)»</p> <p>- «(...) É assim, por livros eu já tentei, por exemplo, ler livros da minha área ou livros mais de ação (...) já tentei procurar livros que me chamassem à atenção (...) mas não (...)»</p>
TV / Rádio	<p>- «(...) Com a televisão acho que sim, desde criança, agora com a rádio não tenho assim nenhuma ideia (...)»</p> <p>- «(...) às vezes quando, mas era no computador, mas ia pesquisar rádio para estudar (...) a minha mãe é que me incutiu isso vá, não sei se era eu que ia por, mas às vezes punha no computador e pesquisava «RFM», ou «Comercial» e punha a dar só para estar a ouvir, ou só para ser barulho de fundo (...)»</p> <p>- «(...) na Suíça, até aos meus 6 anos, eu lembro-me de ver com o meu pai «Cartoon Network» (...) aqui em Portugal, via o «Panda» o «Cartoon Network» (...) mas acho que já não era a mesma coisa, então já desliguei e era mais o «Panda» (...) via as notícias nas horas das refeições com os meus pais assim na «SIC» ou na «TVI» (...) o meu pai sempre se interessou por, por exemplo, «Discovery Channel» e esses canais assim e eu por acaso até achava interessante e às vezes sentava-me lá com ele a ver (...)»</p>		

	<p>- «(...) Os meus pais de certeza davam-me na cabeça de eu estar se calhar muito tempo a ver televisão»</p>		
Telemóvel / Computador	<p>- «(...) computador foi no 5º ano, o meu computador, aliás. O primeiro computador que tive vá (...) Houve o meu pai, mas eu nunca mexi nele (...) Tive logo o meu computador porque precisava dele para os trabalhos da escola e assim (...) então os meus pais lá juntaram dinheiro e pronto compraram um computador quando eu entrei no 5º ano (...) eu acho que o primeiro contacto que tive com o computador foi, abrir computador, ver como é que aquilo funcionava e pronto, depois ir descobrindo vá... Indo ver à net, ou ouvir os outros também a falar (...) eu acho que fui descobrindo sozinha, fui descobrindo um pouco sozinha e depois o meu pai lá percebia qualquer coisita mas agora já sou eu que percebo mais do que ele (...) ia vendo dos outros e ia vendo na escola, naqueles computadores fixos como é que se fazia, como é que os professores faziam (...)»</p> <p>-«(...) eu tinha um computador portátil mas era raro levar o computador para fora de casa (...) Todos, computador acho que não. Sem dúvida que era por causa dos rendimentos (...) as escolas também davam a possibilidade dos computadores fixos lá, por exemplo na biblioteca (...)»</p>	<p>- «(...) eu mudei de computador no secundário, ou seja, no 10º ano, o telemóvel foi mudando. Tive esse de abrir e fechar, não é, (risos) depois tive (...) do 7º ao 9º ano, um «touch», mas não dava assim para instalar muitas coisas (...) no 10º ano, eu poupei dinheiro e com os meus pais comprei um novo telemóvel «touch» e esse já dava assim para instalar, lá está, as redes sociais (...) Aí, eu acho que deixei um bocado o computador e comecei a usar mais o telemóvel (...)»</p> <p>- «(...) O computador, presentemente é muito mais rápido do que o que tive, mas o outro já começava a ser mais lento (...) Depois daí, se calhar comecei a usar muito mais o computador para pesquisas de trabalhos, muito mais facilmente»</p> <p>- «(...) Eu sempre tive isto na minha vida, o computador, o telemóvel, o rádio, parece que sempre tive isto na minha vida, presente aqui, e eu sei mexer (...) Eu mexo e descubro é assim (...)»</p> <p>- «(...) o telemóvel eu se calhar poupei dinheiro para comprar um melhor porque achava que, acho que também um bocado de influência da sociedade (...)»</p> <p>- «(...) no 10º eu fui para uma escola de cidade e aí já se começa a ver muito mais as diferenças, «ai aquele tem aquilo pronto, aquele é que é o maior» não que eu desse relevância a isso, nem estava para aí virada, mas sentia. (...)»</p>	<p>- «(...) Assim pesquisas assim para trabalho e tudo é no computador. (...) acontece agora com a minha UBI, no telemóvel e no computador, a nível de mexer é diferente. Acho que é mais fácil no computador do que no telemóvel (...)»</p> <p>- «(...) uma verdade, eu se calhar antes de ter este computador, que foi no secundário 10º ano, eu jogava por exemplo, mais na Playstation mas desde que tenho este computador eu jogo mais no computador (...)»</p>

	<p>- «(...) acho que também o meu primeiro telemóvel foi no 5º ano (...) porque ia para uma escola mais longe então tinha que ter contacto com os meus pais (...) teclas de abrir assim de tampinha (...) aquilo só fazia mesmo chamadas, aquele jogo da cobra (risos), não tinha assim... Mensagens... acho que era mesmo só para ter o contacto dos meus pais (...) depois quando tive o outro que já era «touch» (...) já tinha ligação à internet, acho que esse aí já foi no 7º ano (...)»</p> <p>- «(...) o meu pai sempre gostou de jogos e eu também (risos) gosto de jogar e o meu pai tinha a PS1 (...) desde que eu nasci (...) aos 6 anos que ele comprou-me uma Playstation portátil (...) sempre gostei dessas coisas, mas isso também foi influencia do meu pai (...)»</p> <p>- «(...) o computador (...) Porque o telemóvel não tinha internet e o computador pronto, sempre tinha mais alguma coisita para ver (...)»</p> <p>- «(...) se eu passasse muito tempo à frente do computador, eles iam-me era tirar de lá (...)»</p> <p>- «(...) Eu acho que era mais na consola e no computador e depois a ler livros, por causa da escola (...) brincava também muito sozinha»</p>	<p>- «(...) Quem não tinha consola (...) era se calhar mais posto de parte ou não estava tão dentro do assunto (...) quem não tinha já era assim «ah tu não tens». Eu não senti isso mas eu via isso à minha volta e isso assusta-me um bocado (...)»</p>	
<p>Internet / Acesso / Uso</p>	<p>- «(...) O computador já dava para ter conexão com o wi-fi, em casa tinha. Em casa tinha de router. Era minha, os meus pais têm um contrato de telemóveis também e assim e acho que sempre tiveram isso, eu sempre me lembro de ter o router lá em casa (...) às vezes fica lenta, mas acho que isso tem a ver com os serviços que nós temos (...)»</p>	<p>- «(...) Era mais em casa (...) do 7º ao 9º ano eu se calhar não tinha ainda tanta interação (...) no telemóvel (...) A partir depois no secundário (...) redes sociais, «Instagram», «Facebook» o «Twitter», «Spotify» para a música, aí pronto, já começava a ter mais interação.»</p> <p>- «(...) no «YouTube» (...) Pesquisava, por exemplo, coisas para desenhar (...) Via para os trabalhos, mais</p>	<p>- «(...) Oh Claro (risos), todos os dias (...) Uso para pesquisas, como é obvio, desses trabalhos mas, se a internet chega para esses trabalhos? Não. (...) arranjar informações e a internet tem muita informação, mas a informação que realmente é preciosa, não tem. De que... Informação mais especifica de dados mais específicos, isso não vai ter. Temos que ir ao sítio, temos que ir... Temos que ir ao local porque às vezes nem mandando um email (...)»</p>

<p>- «(...) Em casa acedia para fazer trabalhos da escola (...)»</p> <p>- «(...) Havia um site de jogos também e eu às vezes jogava lá só para me entreter. Mas também me lembro de jogar na escola (...) nos intervalos íamos jogar (...) muito por influencia dos meus amigos que também gostavam de jogar (...)»</p> <p>- «(...)Eu pesquisava no computador, muito provavelmente assim músicas, no «YouTube» ou ouvia uma música na rádio (...)»</p> <p>- «(...) a minha mãe (...) ainda não tinha muito a noção do que é que era vá, e o meu pai tinha noção mas achava aquilo muito perigoso (...) mas isso não significava que ele me proibisse de estar na internet ou pesquisar seja o que fosse (...)»</p> <p>- «(...) os professores diziam para não escrever um textão ali na pesquisa (...) professores dizerem isso para trabalhos de escola, de usarmos palavras-chave (...) Mas assim dos meus pais e assim não, era os professores mais.»</p> <p>- «(...) a minha maneira de me distrair ou de estar entretida acho que era jogar ou ouvir musica (...)»</p> <p>- «(...) Lembro-me que eu antes pesquisava num site que era “ojogos.pt” (...) amigos meus (...) eles pesquisarem sobre o site que era o «freeze» (...) eu passei a ver esse site, também por influência deles (...)»</p> <p>- «(...) eu fui tentando perceber sozinha. Ia</p>	<p>uma vez para a escola e assim, pesquisavas coisas para ver filmes, gosto de ver filmes»</p> <p>- «(...) depois no secundário, passei a ter noção que muita da informação que lá estava, muitas das vezes não é verdade (...) encontrar assim um site eu me dê a informação fidedigna e que eu tenho a certeza que é 100% verdade, acho que não. Não sei ver isso (...)»</p> <p>- «(...) Comecei, se calhar, a ter mais noção (...) no 5º e 6º ano não tinha noção, pesquisava e o primeiro site que aparecia, pronto, agora se calhar já não, já tenho noção que não é no primeiro site que vai lá ter as coisas, não é. Já tenho que andar e pesquisar isto e aquilo e tentar realmente encontrar esses sites que são realmente fidedignos (...)»</p> <p>- «(...) pesquisava era coisas que eu queria saber (...)»</p> <p>- «(...) Tenho o exemplo perfeito, o site da UBI, dá para ver no computador e dá para ver no telemóvel, mas acho que no computador é muito mais fácil aceder à informação deles do que no telemóvel. Tem a ver com o site em si, porque se calhar eles não têm aquela adaptação que agora há do site no computador e do site no telemóvel (...) esse problema é dos sites, que parece que no telemóvel fica tudo desconfigurado e no computador está ali tudo direitinho (...)»</p> <p>- «(...) o «Facebook» se se abrir no computador ou no telemóvel é diferente, a interação que se tem com o site, acho que tem a ver com isso. (...)»</p> <p>- «(...) Eu não me lembro de comprar um jornal, desde sempre, é pela internet, acho que é mais simples, é mais fácil nem que tenha de se pagar «x» por mês é mais fácil (...) O «YouTube» acho que sim, porque seguia pessoas que tão lá com conteúdo engraçado, assim de piadas e comédia. Musica, (...) o «YouTube» apesar de tudo eu usava bastante, por causa do entretenimento (...)»</p>	<p>- «(...) Pesquisa, por exemplo filmes interessantes, ou filmes atuais vá. Jogos, jogos vá... Não é qualquer jogo vá, mas jogos que estão a sair pronto. No «YouTube» continuo a seguir assim pessoas que eu acho que que são engraçadas, que dá para rir um bocadinho né. De resto, as redes sociais. (...)»</p> <p>- «(...) O que alterou é que se calhar percebi que a informação não está toda na internet (...) Tem os conteúdos em geral, tudo em geral, há assim ainda algumas pessoas que têm «vlogs» ou assim a explicar (...) E pessoas que têm formação sobre coisas digitais e assim (...) se calhar ai já é mais fidedigno, foi uma pessoa que fez (...)»</p> <p>- «(...) continua a haver aquele proveito do entretenimento e do facilitismo da comunicação (...) Agora, se é um proveito real, um proveito que eu diga assim «isto vai contribuir para o meu futuro», não. Acho que não, a realidade é esta (...) nem para trabalhos académicos (...)»</p> <p>- «(...) Internet está sempre presente, influencia muito (...)»</p> <p>- «(...) facilita-me imenso em nível de falar e de comunicar (...)»</p> <p>- «(...) a Internet está sempre comigo (...)»</p> <p>- «(...) uso bastante o «YouTube» no telemóvel, porque é mais fácil estar a ouvir música no telemóvel do que no computador, assim ponho no telemóvel e pronto, ponho fones e pronto. (...)»</p>
---	--	---

	<p>pondo o olho nos outros na escola, ia perguntando e pronto (...)»</p> <p>- «(...) Eu acho que não tinha dificuldades, eu acho que sempre fui muito ágil (...) eu entro e entrei e parecia que já sabia funcionar com aquilo (...). Acho que comecei a usar a internet e fluiu, não foi uma coisa assim que eu tive de forçar para saber (...)»</p> <p>- «(...) pesquisava o «YouTube» e depois usava o «Word» para fazer os trabalhos (...) nessa altura não me lembro de fazer muito mais (...)»</p> <p>-«(...) havia muitos sites que aparecia a tradução, aquilo aparecia, dava para traduzir. Os outros pronto, já me dificultava um bocadinho mais porque eu não percebia, até hoje tenho dificuldades em inglês (...)»</p> <p>- «(...) Acho que se calhar se abrisse uma pagina de internet e me aparecesse assim em outra língua e não desse para eu fazer rigorosamente nada, simplesmente fechava e pronto e tentava arranjar outra solução. Ou requisitava um livro na escola, ou perguntava ao professor (...)»</p>	<p>- «(...) A Internet tem tanto uso, mas as pessoas e na minha opinião, as pessoas usam a internet, mais de 50% tem entretenimento e eu também sou uma delas. (...)»</p> <p>- «(...) Jogos online, para trabalho escolares e assim é que já vou ali mais «ok tenho de pesquisar melhor». Eu vou à internet mais por entretenimento, tiro proveito que é o entretenimento pronto (...)»</p> <p>- «(...) Eu acho que a internet passou a ser a minha companhia vá, não passava o dia sem ir à internet (...)»</p> <p>- «(...) se fosse para um sítio onde não houvesse rede era impossível. (...) Eu acho que conseguia estar sem rede (...) Já não existisse, acho que o mundo entrava em colapso também. Era muito provável, os países não conseguiam comunicar uns com os outros também (...) agora já há os dados moveis que é a internet móvel (...) as pessoas estão sempre conectadas (...)»</p> <p>- «(...) Eu acho que ainda continua a dificuldade, mas acho que já há muitos sites traduzidos agora (...)»</p>	
Redes Sociais	<p>- «(...) «Facebook», lembro-me de criar na altura (...)»</p>	<p>- «(...) eu acho que se começou a usar muito mais a internet por causa das redes sociais (...)»</p> <p>- «(...) E acho que isso foi a principal influencia de eu usar também muito mais a internet, as redes sociais (...)»</p> <p>- «(...) ter um telemóvel em condições para conseguir ter a comunicação com o mundo, que é as redes sociais (...)»</p>	<p>- «(...) Para estudar é muito difícil eu concentrar-me, mas por exemplo, redes sociais, se for preciso to ali 1h no «instagram» vá, to a exagerar, mas pronto, se for preciso to ali muito tempo e nem dou conta do tempo passar e to ali (...)»</p> <p>- «(...) há muitos filmes e documentário sobre isso vá, que realmente o telemóvel, vá não é o telemóvel é as redes sociais e os aplicativos que já fazem de propósito para nós irmos ao telemóvel (...)»</p> <p>- «(...) É aquela tendência, se o telemóvel estiver aqui</p>

		<p>- «(..) O «Facebook» foi o primeiro (...) o «instagram» ... A mim o que mais me impactou foi mesmo esse, das fotos e assim pronto, «insta Storys» pronto. Mas eu tinha o «Twitter», «instagram» e «Facebook» mas a que eu usava mais e acho que as pessoas usavam mais era o «instagram» (...)»</p> <p>- «(..) no secundário tenho a certeza absoluta, que é uma coisa um bocado assustadora, todos os dias nas redes sociais (...) não passamos um dia sem ir ao telemóvel (...)»</p> <p>- «(..) até foi com uma amiga minha que criei o «Facebook» e foi mesmo por questão de curiosidade, de querer ver como é que era quilo (...) foi por influencia dos amigos de querer ver, por exemplo querer ter um «instagram» para poder ver as fotos ali da minha amiga ou também quero publicar assim uma ou outra foto porque até gosto de tirar fotos (...) Comentar de forma privada (...) De resto só likes e vejo, às vezes nem ponho likes é só ver (...) Não sou muito de emojis por acaso, sou mais de escrever, apesar de não gostar de ler nem de escrever (...)»</p> <p>- «(..) Eu gosto de estar atenta às notícias e até sigo páginas nas redes sociais de notícias (...), se desse para ler, porque é assim, às vezes tem de se pagar para ver a noticia toda, mas tentava sempre abrir ou ver, ou depois ir ver a outro site vá de notícias, para ver se realmente batia certo (...)»</p> <p>- «(..) O proveito, se calhar das redes sociais que tem a ver com a internet, se calhar é a comunicação com os meus amigos, é muito mais fácil a comunicação (...)»</p> <p>- «(..) sou um bocado envergonhada, se calhar se fosse no «Facebook» ou no «instagram» se alguém me viesse falar eu respondia, pessoalmente ficava assim «pronto, ok» e se calhar, se calhar é uma hipótese se a internet não (...) se calhar foi o que me</p>	<p>ao lado e eu receber uma notificação e se estiver com som é a tendência de olhar (...) ouço um telemóvel a tocar na rua (...) tenho sempre a tendência de ir ao telemóvel ver se é o meu, mas nem é o meu (...)»</p> <p>- «(..)Eu tenho instalado o «instagram», o «facebook» (...) o «Twitter» (...) «Messenger» (...) continuo a usar mais é o «instagram».</p> <p>- «(..) nunca fui de comentar ou de fazer alarido, (...) vejo as coisas. (...) só no «instagram» e assim uma foto ou outra minha, ou da natureza (...) mesmo esporádico (...) um «InstaStory» pronto (...)»</p> <p>- «(..) a vantagem (...) as redes sociais vá (...) é a comunicação (...)»</p> <p>- «(..) Eu nem sei quando é que instalei o «WhatsApp» para ser sincera, nem sei quando é que... Parece que teve sempre aqui, (...) foi uma coisa até interessante que fizeram que dá para fazer chamadas e mandar mensagens sem pagar (...)»</p> <p>- «(..) A desvantagem (...), se calhar tira interação às pessoas, (...) como as redes sociais estão presentes e os miúdos parece que já nascem com aquilo nas veias (...) A desvantagem (...) tira a interação com as pessoas é diferente, a interação pessoal, as pessoas e depois o que isso trás. Se calhar não ter tanta confiança nas pessoas, as redes sociais trazem desconfiança (...) qualquer pessoa pode publicar o que quer que seja e conseguir partilhar se calhar uma informação errada, com o resto do mundo, (...) pode-se usar a comunicação para o lado menos bom, que é esse, transmitir a informação errada (...)»</p> <p>- «(..) Elas facilitam a inclusão na sociedade, nos ideais da sociedade mas, dificultam-te na inclusão real, da vida pessoal. Cara a cara, frente a frente é diferente, (...)»</p>
--	--	---	---

		<p>afastou das pessoas, foi o que me afastou de ter contacto com as pessoas a nível pessoal. Pronto, se não tivéssemos a internet eu tinha de ir ter com as pessoas para falar com elas (...) Era diferente, acho eu e sem dúvida que isso influencia a nível da comunicação, sim. É diferente não estar um ecrã. Do que estar pessoalmente (...)»</p>	<p>- «(...) as redes sociais, a principal, acho que isso até é a principal desvantagem que é o governo e todos, terem acesso a toda a nossa informação que está lá, porque a realidade é que eles têm acesso a toda a informação que está no «Instagram», «Facebook» e até informação que nós achamos que eles não têm e eles têm (...) E as pessoas acho que não estão a dar conta, mas eles controlam-nos sem nós nos apercebermos e isso também é uma desvantagem, porque nós achamos que somos livres, mas não somos (...)»</p> <p>- «(...) As redes sociais transmitem uma coisa irreal, que é uma vida perfeita, não há vidas perfeitas (...) as redes sociais são uma cara, um refúgio se calhar para muita gente. Eu acho que prejudica muito, eu acho que prejudica os jovens, eu acho que prejudica a evolução, (...)»</p> <p>- «(...) os mais novos e que ainda estão mais dentro das tecnologias, vão estar ainda mais dentro da evolução e acho que vai ser mais mau para eles porque eles vão ter que fingir aquilo que não são e isso é muito mau. Para se integrar tem que ter isto? Ou tem que ter uma rede social assim assim e assim? Porque depois as redes sociais parece que põe como é que devia ser a vida (...)»</p> <p>- «(...) A internet ajudou-me a ver uma realidade, ok do mundo, consegui-me por no mundo, mas por outro lado também, as redes sociais tentam-me enganar nessa realidade (...)»</p> <p>- «(...) isto é tudo um jogo, estamos todos controlados (...)»</p> <p>- «(...) É verdade, é muito fácil chegar ali e dizer «então está tudo bem?» e tar ali, mas depois pessoalmente é diferente, é sempre diferente, somos... Facilita a comunicação, mas depois prejudica a comunicação pessoal, a comunicação real.</p>
--	--	--	---

			<p>(...)»</p> <p>- «(...) Se eu me deixar levar por isto é desvantajoso, mas acho que tem a ver com o que cada um seleciona das redes sociais. Ou seja, tem mais vantagens se tu deixares que tenha. Se o contrário, se tu te deixares influenciar por tudo o que envolve, tem mais desvantagens (...)»</p> <p>- «(...) não são amigos, não é aquele amigo e eu acho que isso é importante, ter um amigo real, não é um amigo virtual (...)»</p>
<b>COVID - 19</b>			
<p>- «(...) Não gostei e acho que é um bocado por isso que (...) to um pouco mal a nível académico (...) não é igual a interação, o professor não está tão disponível... É diferente, se calhar o professor chega ali fala e pronto, já está, e se calhar se fosse presencial falava e dava mais para nós interagirmos (...) Até a nível de distração... Eu online, se fosse uma aula que não me interessasse eu já estava se calhar no telemóvel e se calhar na sala de aula fazia-me lembrar que se calhar «não, agora to aqui, não me vou distrair» (...) acho que toda a gente ficou um bocado saturada de estar trancada em casa. E lá está, as redes sociais e a internet foi o único meio de comunicar e interagir e estar um bocadinho com o mundo, mas na verdade fechados em casa (...)»</p> <p>- «(...) O primeiro confinamento (...) foi na minha terra, depois foi na Covilhã (...)»</p> <p>- «(...) para mim, eu acho que foi um bocado desvantajoso (...) porque eu preciso de ter aulas presenciais para se calhar perceber as coisas (...)»</p> <p>- «(...) Motivação nenhuma. Concentração... Foi difícil, (...) senti a falta disso ou de estar com as pessoas e isso fazia com que eu não tivesse motivação. Concentração, eu tentava ter concentração e havia algumas aulas que eu conseguia (...) Cada aula são 2horas, se tivesse para aí 3 aulas no mesmo dia, se calhar na última aula que tivesse já estava mais cansada (...) Eu falo mas também jogo e assim e pronto, se calhar isso para mim até foi uma vantagem de estar já habituada a passar um bocado de tempo no ecrã (...) e isso ao final do dia pesa um bocado na cabeça (...)»</p> <p>- «(...) era diferente se fosse presencial. Se fosse presencial acho que era mais espontânea (...) ali se calhar se fosse preciso o professor nem dava conta que eu estava a chama-lo, porque era tanta gente (...)»</p> <p>- «(...) Claro que sim, eu acho que era o meu passatempo sempre (...) eu já tinha essa dependência (...) de ir todos os dias às redes sociais, se calhar fez com que eu fosse mais horas (...) Mais horas por dia a jogar, ou muito mais horas, porque eu ia também às aulas, agora a nível de dependência eu acho que sempre estive aqui, simplesmente se reforçou, (...) sei lá, é um hábito, eu acho que já nem é dependência, é um hábito (...)»</p> <p>- «(...) Se trouxe mais proximidade familiar? Não. Se trouxe mais proximidade a nível dos amigos? (...) quando fechou tudo, os amigos que tu tinhas, aí foi quando se (...) se viu quem eram os amigos (...) a nível familiar não houve nenhum porque eu prefiro fazer um jantar de família e estarmos todos a falar à mesa porque os meus avós de certeza que não iam agarrar no tablet ou no computador, que eles nem têm isso (...)»</p>			

- «(...) A nível da exposição das pessoas na internet, veio aumentar, as pessoas não tinham mais nada para fazer (...) começou tudo a fazer «TikToks». Só a fazerem isso estavam a expor-se mais (...)»
- «(...) Li mais pelo facto de se calhar querer estar mais informada sobre o que se estava a passar sobre o covid e também sobre várias histórias por trás disto (...) as redes sociais transmitem alegria e tudo bem por um lado é bom, mas por outro também esconde tudo o que tem por trás da internet (...)»
- «(...) O primeiro foi mais difícil porque foi aquele impacto (...) não poder sair de casa, fogo, não é. Depois o segundo se calhar, pronto, não foi difícil, já estava mentalizada (...)»
- «(...) Motivação continuava a ser um bocado nula, andava, sempre andei assim um bocado em baixo. Concentração, eu quando ia às aulas tentava sempre estar concentrada, como é obvio mas, para estudar e assim se calhar já era mais difícil. Estava sempre no mesmo sitio, sempre. (...)»

Questões	Infância – 6º Ano	7º Ano – 12º Ano	Ensino Superior
<p>Hábitos de Leitura</p>	<p>- «(...) lembro-me de ter um livrinho que tinha umas orelhas de coelho que a minha mãe me costumava mostrar (...) Eu era muito pequenina, eu devia ter para aí (...) 4/5 anos, no máximo (...)»</p> <p>- «(...) A minha tia principalmente, que é toda dos livros e andava sempre a oferecer-me livros (...) eu gosto de ler.»</p>	<p>- «(...) não me lembro quando é que comecei a ler assim mais mais mais, mas deve ter sido aí por volta do 7º ou 8º ano. Uma amiga minha começou a comprar uns livros (...) é de uma autora que a gente gosta bué (...) e começou-me a incentivar (...) «Lesley Pearse». (...) Os dessa autora são romances tipo históricos, tipo antigos (...) eu vou tipo variando, mas os outros é tipo livros documentados, é tipo mesmo a história da «bailarina de Auschwitz» o «tatuador de Auschwitz» tenho dois ou três romances aleatórios e é por aí (...)»</p> <p>- «(...) A matéria para estudar sim, mas agora aqueles livros das aulas de português que a gente tinha de ler não, nunca li nenhum (...) O que era preciso a gente dava nas aulas, os excertos que eram importantes ou não, aquilo estava no livro de português, portanto era só estudar pelo livro (...)»</p> <p>- «(...) Não ia ver, porque eu, automaticamente associava «foi um professor a dizer» adulto, seca, não vou ver porque aquilo não presta (...)»</p> <p>- «(...) Revistas sim, jornais não (...) lia a «Bravo», por causa dos posters (...) E as novidades dos famosos, tinha de ser (...)»</p> <p>- «(...) no meu dia a dia não escrevia nada (...)»</p> <p>- «(...) eu não conseguia estudar só pelo livro ou só pelos exercícios das aulas (...) eu tinha de fazer resumos de tudo, apontamentos de tudo, era a única forma de conseguir estudar (...) Era por tópicos de matéria e depois fazia umas setinhas (...)»</p>	<p>- «(...) ainda leio, mas leio (...) Um bocadão grande menos, porque acabo por não ter tanto tempo (...) E quando tenho tempo quero fazer outras coisas (...)»</p> <p>- «(...) Só leio mais se tiver de ser, basicamente. Vá, se precisar de fazer um trabalho, está ali o que ele dá e se depois eu vir que aquilo não chega vou à bibliografia do que ele dá e vejo se então encontro mais coisas relacionadas. Mas é só se tiver de ser, não vou lá para passar o meu tempo a “enculturar-me” (...)»</p> <p>- «(...) Jornais não (...) não me chama à atenção nenhuma. Revista só se encontrar por aí alguma espalhada e folheio (...)»</p> <p>- «(...) Se calhar sim, nunca reparei porque, comecei a ler mais de trás, mas se calhar sim, se calhar facilita mais perceber algumas coisas. Mesmo nas coisas da escola assim a informação ajuda mais porque eu lia e eu vejo que há algumas pessoas com quem eu me dou que não leem nada e que leem algumas frases e interpretam tudo ao contrário (...) só quando lhes explicam é que entendem. (...)»</p> <p>- «(...) eu continuo a ter problemas na escrita, por exemplo, em expressar-me por escrito eu não sei o que vou escrever (...) no final vou ler e aquilo parece que comecei num sítio, acabei noutra e enrolei-me toda (...) dou erros ortográficos na mesma, (...)»</p> <p>- «(...) não escrevo nada. Só se tiver de ser. Fazer frequências (...)»</p> <p>- «[... <i>em relação aos resumos da matéria, continuas</i>»</p>

			<i>a fazer os tópicos?]</i> (...) Fazia, fazia na licenciatura fiz sempre e no mestrado (...) Só no computador.»
TV / Rádio	<p>- «(...) A televisão não sei, não me lembro, mas com o rádio lembro-me que era uma aparelhagem que o meu pai tinha (...) eu era bue pequenina e passava os dias em frente ao espelho a dançar (...) ainda nem andava na primária (...)</p> <p>- «(...) lembro de acordar de manhã para ir ver a «RTP2», que era onde davam os desenhos animados para ir ver o «Oliver e Benji» (...)</p>		
Telemóvel / Computador	<p>- «(...) nós até ao 4º ano estudávamos aqui em Alpalhão e depois quando eu fui para Nisa (...) compraram-me daqueles búé pequeninos que dava só para fazer chamadas (...) Basicamente só dava para eles me ligarem (...) a ver se eu precisava de alguma coisa (...)</p> <p>- «(...) Sim, já tinha tido, a minha mãe tinha um «Nokia» que tinha aquele jogo da serpente (...) sei que isso foi antes do 5º ano. Lembro-me de jogar no telemóvel dela antes de ter aquele (...)</p> <p>- «(...) sei que houve uma altura que houve aí uma campanha que ofereciam computadores da «E-Escola», mas isso não foi no 5º, nem no 6º ano foi mais para a frente. (...) «E-Escola» ofereceram-me um e pronto (...)</p> <p>- «(...) tive porque a escola a biblioteca tinha computadores e a gente ia jogar às vezes na net e a minha tia já me tinha deixado mexer uma ou duas vezes no dela. Aqui em casa não havia (...)</p>		- «(...) Não, eu no computador eu só tenho a «Netflix» (...) E no telemóvel tenho tudo (...) Se não estiver a fazer nada vou, pego no telemóvel e vejo o que é que é, nem que depois o volte a guardar e vá mais tarde então cuidar do que era mas, vou lá ver o que era (...)

<p>- «(...) começaram-nos a oferecer PC porque precisávamos de fazer trabalhos. Mas até essa idade só jogava, fazia os trabalhos à mão (...)»</p> <p>- «(...) As pessoas que tinham mais dinheiro tinham (...)»</p> <p>- «(...) Não, os meus amigos não, mas claro que eu também queria jogar no telemóvel (...) Mas eles nunca fizeram aquela cena de «Eu tenho e tu não tens». Mas ficava com (...) muita vontade de jogar (<i>risos</i>). Eu também só tive o PC porque foi de borla, calculo que os meus pais não pudessem (...)»</p> <p>- «[... <u>Era só pelo computador? Ou o telemóvel já tinha?</u>] (...) Oh não! Nem pensar, aquilo era um canhão, aquilo era mesmo daqueles telemóveis que só tinha teclas e um ecrã muito pequenino, aquilo não dava para nada. Era só no computador (...)»</p> <p>- «(...) escola, aqueles fixos (...)»</p> <p>- «(...) Gravete cálculo, os meus pais nunca compraram isso. E enganaram-me uma vez a comprar uma nos Chineses, uma Gameboy (...) ia para casa de uma amiga minha que tinha a «wii» íamos todos depois das aulas, muitas vezes jogar aqueles jogos (...)»</p> <p>- «(...) Eu ouvia muita música (...) parte do meu tempo em casa, fora de casa, em casa dos amigos a gente tinha sempre rádio (...)»</p>		
---	--	--

<p>Internet / Acesso / Uso</p>	<p>- «(...) ia jogar às vezes na net e a minha tia já me tinha deixado mexer uma ou duas vezes no dela. Aqui em casa não havia. (...)»</p> <p>- «(...) Jogava só, no «brincar.pt» (...)»</p> <p>- «(...) Os primeiros contactos foi no computador e era para jogar. Mas eu primeiro não percebia nada (risos) tive de ir descobrindo assim aos poucos como é que aquilo funceminava, mas foi normal, não sei... Como é que eu te posso explicar, os meus primeiros contactos com a internet... Foi eu não perceber nada, tentativa erro e aderir a muitos anúncios que às vezes até pagava 1€ por mês porque ia a todos os anúncios que me apareciam no «brincar.pt» (risos) e inscrevia-me ali numas coisas que eu não sabia o que aquilo era (...) Tinha a minha tia, os meus pais não percebem nada de PC's nunca mexeram (...) A minha tia é que me explicava mais ou menos as coisas (...)»</p> <p>- «(...) A net... Eu não me lembro se foi no meu 6º ano mas, quando me deram o computador do «E-Escola» hum... Vimos que não dava para fazer nada no PC sem internet, portanto os meus pais acabaram por instalar a «MEO» mas acho que foi mais tarde, acho que andava já no 8º ano (...) Eu tive esse da «E-Escola» muitos anos, esse eu tive quase até ao 11º ano (...)»</p> <p>- «(...) Não, o tempo era igual. Eu ia lá para a minha tia e era sempre o mesmo tempo (...) Mesmo na escola foi sempre igual, aliás, até deixei gradualmente de ir mais, (...) porque já queríamos fazer outras coisas.»</p> <p>- «(...) só mesmo não perceber muito bem ao</p>	<p>- «(...) nessa altura já tinha em casa, na escola, na biblioteca municipal. Em todo o lado que houvesse (...) Era com o computador, telemóvel não (...) mais ou menos par aí do 10º ano que tive internet no telemóvel. Antes disso era só PC (...)»</p> <p>- «(...) com essa idade já ia fazer trabalhos não é, pesquisas. Lembro-me de ter muita mania de no email reencaminhava coisas bonitas, (...) como se aquilo fosse uma rede social. E não fazia muito mais, era só já «Facebook», «hi5» (...)»</p> <p>- «(...) Eu via lá aquilo escrito «Wikipedia» e eu calculava que fosse verdadeira (...)»</p> <p>- «(...) Eu acho que não fazia nada de mais. Jogava mas... tirando as pesquisas para a escola e as rede sociais (...) se me viesse uma duvida na minha cabeça sobre algum assunto ia ao «Google» e perguntava (...)»</p> <p>- «(...) Oh, sobre os perigos toda a gente alertava, mesmo que não percebessem nada de PC's nem de internet diziam «cuidado que isso é perigoso e vê lá onde é que metes» (...)»</p> <p>- «(...) A professora de TIC (...) Ela ensinava a matéria que tinha de ensinar da aula. Como é que se funcionava (...)»</p> <p>- «(...) Continuei a usar o computador, passei foi a usar mais o telemóvel. Não havia a necessidade de andar a carregar um calhau tão grande, como era o computador (...) [<i>Isso fez com que passasses mais tempo na internet?</i>] (...) Sim.»</p> <p>- «(...) Não notei alterações (...) Quando apareceu o «Instagram», passei a ir ao «instagram» deixei quase de ir ao «Facebook» e ao «hi5» mas a nível de pesquisas não me lembro de mudar alguma coisa.»</p>	<p>- «(...) No telemóvel, no PC agora só já para se tiver de fazer a tese (...) trabalhos e pesquisas e ver series na «Netflix». Agora o telemóvel é o dia todo (...) o PC agora no verão que não tenho cenas da universidade para fazer, se o liguei este verão 3 vezes, foi muito (...)»</p> <p>- «(...) sim, isso é sempre, porque é útil e tiramos sempre proveito, é fácil encontrar o que queremos (...)»</p> <p>- «(...) Eu passo muito tempo nela, influencia que se calhar de eu estar mais a fazer outras coisas e passo, morro aqui tempos e tempos no telemóvel e no «Instagram» e a falar com os amigos no «Instagram» e podia fazer coisas mais úteis. Influencia num sentido não tão bom agora. (...)»</p> <p>- «(...) Em relação ao que estou a fazer na internet estou concentradíssima, quem pode amargar com as favas é quem está à minha frente que às vezes ignoro (risos) (...)»</p> <p>- «(...) às vezes o vício é tão grande que eu às vezes pego no telemóvel para ver as horas, volto a bloquear e não vejo as horas. E depois tenho de ir outra vez desbloquear para ver as horas e volto a agarrar no telemóvel. (...) É que quem está do outro lado do telemóvel é com quem eu me dou não é, (...) É por o telemóvel ser mais cómodo, por estar ali mais à mão e é mais fácil de usar (...)»</p> <p>- «(...) Acho que não mudou nada a não ser as pesquisas relacionadas com o trabalho da escola, isso claro vai mudando, mas é mesmo por causa da escola (...)»</p> <p>- «(...) Eu acho que não, se calhar também nunca tentei fazer coisas que puxassem mais pela, mais difíceis, o que eu faço é o básico. Por isso não tenho</p>
------------------------------------	---	--	--

	<p>inicio como é que funcionava no geral um computador, mas não tive grandes dificuldades (...) aquilo estava sempre em português. Eu não tinha grandes dificuldades nessa altura, também não fazia mais nada que jogar»</p>	<p>- «(...) comecei a usar muito a internet depois no telemóvel (...)»</p> <p>- «(...) Acho que não. A não ser que estava mais informada (...) aprendi coisa também via coisas que não sabia (...)»</p> <p>- «(...) não, nesta fase já não e quando aparecem sites em inglês a maior parte das vezes eu não percebo, desligo e vou a outro, mas não tem grande ciência (...) não me lembro de ter dificuldade. Às vezes para encontrar coisas que queria para algum trabalho ou assim tinha mais, não sabia onde é que eu podia ir ver, mas se pesquisarmos mais um bocadinho acabava por aparece o que eu queira (...)»</p>	<p>dificuldade, (...)»</p>
<p>Redes Sociais</p>		<p>- «(...) Nessa altura era só «Facebook» e «instagram» (...)»</p> <p>- «(...) O «hi5», eu na altura usava igual ao «Tumblr» para partilhar imagens bonitas, mas era só para isso, punha música de fundo e imagens bonitas para verem o meu perfil bue bonito. O «Facebook» era, estava sempre a falar com os meus amigos por lá, sempre a falar até à pouco, ate ai há uns anos era por lá que eu falava mas depois o «instagram» substituiu, deixei de usar o «Facebook» só tenho mesmo porque às vezes faz falta e comecei a fazer tudo no «instagram» para falar postar fotos (...)»</p> <p>- «(...) eu criei porque eles tinham. Antes de eles terem eu nem sequer sabia que aquilo existia (...)»</p>	<p>- «(..) O «instagram» e o «WhatsApp». O «WhatsApp» para falar e o «Instagram» para coscuvilhar (...) Para ver as histórias dos amigos (..) Os comentários são públicos e privados, nas fotos são públicos né, mas também comento em privado (...) Não, são pequeninos. Nas fotos é aquela coisa básica, só estás a comentar a foto. No «Facebook» ainda se vai pondo sobre assuntos, no «Instagram» não, aquilo é só pores fotos tuas quase, não fazes nenhum post sobre informações, por isso é só comentários bonitos «bonita, linda» por isso são pequeníssimos (...) no perfil fotos minhas»</p> <p>- «(...) Eu não ligo muito... Sei que há perigos mas olha, desde que eu não os veja está tudo bem (...)»</p> <p>- «(...) Tem as duas vertentes, mas eu acho que</p>

		<p>- «(...) Comento mais agora, (...) partilhava fotos, nunca publiquei assim nenhum post sobre assunto nenhum, tinha vergonha (...) Porque era muito estranho e constrangedor (<i>risos</i>) não sei. (...)»</p>	<p>facilita mais a inclusão (...) podes às vezes estar ali um bocado à nora, mas aquilo depressa te passa e tu tás incluída no grupo dos teus amigos. Mas agora, se tu não tiveres um «Instagram» (...) Quando tu não tens, às vezes acaba por te passar um bocado ao lado o que é que eles estão a fazer e assim e és a única que não estás lá (...)»</p> <p>- «(...) Isso é como no dia a dia, as redes sociais acabam por ser um reflexo da vida, do dia a dia, também há comentários sobre tudo no dia a dia, por isso não há de ser diferente e se uma pessoa se expõe na internet seja de que maneira for, tem de tá disponível também para ouvir o que as pessoas dizem (...) É assim que funciona (...) Na vida real também é assim, não ia ser diferente (...)»</p> <p>- «(...) Na internet são muito corajosas ou muito sabichonas e quando tás cara a cara encolhem-se (...) Pós poucos corajosos sim, se calhar usam a internet para dizer coisas que se calhar não têm coragem de dizer se é na vida real.»</p>
--	--	---	--

**COVID - 19**

- «(...) Em casa, em Alpalhão (...)»
- «(...) Ai adorei! (...) Não ter de me levantar logo de manhã assim cedo, não ter de me vestir e tomar banho e depois arranjar o cabelo, adorei essa parte (...)»
- «(...) Só não gostei porque parecia que por estarmos em casa era motivo para nos mandarem uma catrefada de trabalhos, como se a gente não tivesse nada para fazer, como se não tivesse uma vida em casa (...)»
- «(...) Matéria percebia na mesma, apontamentos davam-me na mesma, portanto, foi só mesmo a parte de mais carga de trabalho (...)»
- «(...) Sim. Porque em presencial eu não gosto nada de apresentar trabalhos e nas online aquilo era sempre para a frente. Sentia-me mais à vontade aqui para falar deste lado do que estar lá mesmo cara a cara (...)»
- «(...) Houve muita desconcentração (*risos*) porque eu a maior parte do tempo estava a por a aula a reproduzir e estava a fazer outras coisas atrás, mas, acabou por dar certo na mesma. Mas estava desconcentrada, muito desconcentrada (...)»
- «(...) quando tinha aulas que tinha de estar assim mais mesmo a ouvir ou assim a apresentar trabalhos microfones ligados e camara ligada ia para o meu quarto, mas às vezes a

internet falha e ia mais para o escritório e a minha irmã ficava noutra divisão. (...)»

- «(...) passava mais tempo em casa e não tinha nada para fazer, então ia mais vezes ao «Instagram» e eu reparei (...) 6 horas no «Instagram» aquilo era quase o meu dia inteiro então só ia comer e dormir uma sesta (...)»

- «(...) Expor acho que não, até porque não há muito para expor, estávamos de isolamento. Acho que era só mesmo passar o tempo, mas tenho noção que se calhar mais pessoas como passaram lá mais tempo, aquelas que fazem publicações e comentários, se calhar ainda mais tinham tempo para os fazer e se calhar isso aumentou. As pessoas se calhar começaram a publicar mais assuntos que antes não tinham tempo para fazer (...)»

- «(...) As famílias de certeza que deve ter unido mais (...) Já os amigos devem se ter afastado um bocadinho porque não podiam ir sair e beber (...) Os amigos afastaram-se um bocado mais mas lá está, as redes sociais estão lá para os unir na mesma, não falavam cara a cara, falavam pela internet (...)»

- «(...) provavelmente foi o 1º, porque se eu não me lembro como foi o 2º foi porque não me custou nada.»

Questões	Infância – 6º Ano	7º Ano – 12º Ano	Ensino Superior
<p>Hábitos de Leitura</p>	<p>- «(...) Recordo-me, foi muito cedo (...) para aí com 4 anos (...) eu tinha, aqueles livros para a água (...) tinha aquelas coisas sensoriais, portanto nessa idade já começava a ter muitos livros. Desde que entrei também na escola começaram-me a dar enciclopédias e essas coisas todas, até começamos a ter aquela leitura obrigatória e começamos a usar aqueles livros, «os diários de ...» (...) Comecei assim muito cedo, mas sou-te sincera, nunca tive assim muito interesse (...) livros que mais me cativavam eram os que tinham texturas, desenhos (...)»</p> <p>- «(...) a minha madrinha era quem me oferecia mais livros (...) os meus pais também. Os meus pais adoravam fazer coleções (...)»</p> <p>- «(...) Eu não me lembro, na creche, de me terem incentivado à leitura ou lerem (...)»</p> <p>- «(...) a partir do momento em que eu já tinha lido ou dado a volta aos livros que eu já tinha em casa, não procurava por mais, preferia muito mais, ainda hoje acho que sou um bocadinho assim, ver televisão (...) «Anita», eu não me perdia, não sei se era por serem pequeninos e por estarem ilustrados, eu conseguia quase que viver a história (...)»</p> <p>- «(...) quando os livros são um bocadinho mais extensos eu perco-me um bocadinho o fio à meada e então eu não ficava tão presa a um livro como fico, por exemplo à televisão.</p>	<p>- «(...) tinha mais hábitos de leitura durante a minha juventude e infância. Eu aí já senti que os hábitos de leitura que eu tinha eram de obrigatoriedade, era aquela coisa de no português tu tens de ler um livro naquele curto espaço de tempo e saberes contar a história sem que te alongues, e eu sempre tive uma certa dificuldade em contar alguma coisa que me fascine num curto espaço de tempo (...) nunca tive aquela vontade de pegar naquele livro e ler, (...)»</p> <p>- «(...) era aquelas revistas (...) que era para educadoras (...) Porque tinha muita informação para quando fazer atividades de expressão plástica (...) a nível de revistas eram só essas revistas que eu adquiria. Nunca tive curiosidade naquelas revistas que se chamam as revistas cor de rosa ou as «POP» (...) a nível de jornais e de ler, a não serem o jornal que fazíamos lá na escola e se a gente aparecesse lá (...)»</p> <p>- «(...) A nível de livros, lá está, eu só lia mesmo aquele livro e ficava super ansiosa porque começava a ler o livro e julgava que não estava a perceber a história, então voltava outra vez a ler o livro e nunca chegava a meio porque eu tinha de começar outra vez a ler (...) «Diário de Sofia». Lembro-me também de um que gostei muito de ler (...) «A Lenda de Despereaux» (...)»</p> <p>- «(...) a professora que estava mais próxima de mim reparou que se eu escrever de forma livre (...) se me deres um tema à minha escolha com limite de palavras à minha escolha, eu se calhar tinha mais hipóteses de desenvolver alguma coisa mais criativa (...) talvez no 7º ano, em que era só histórias</p>	<p>- «(...) os hábitos de leitura que eu adquiri, porque para mim foram hábitos porque eu não tinha mesmo hábitos nenhuns. Foram livros que começamos a ter que ler para estarmos mais ricos para as aulas (...)»</p> <p>- «(...) os professores têm muito aquela mania, não é bem mania pronto, é se calhar uma forma de nos incentivar (...) Eles antes de falarem da matéria, diziam «sobre este assunto existe o fulano tal, que fala sobre isto» e eu apontava o fulano tal e sobre o tema, portanto a partir daí eu comecei a ler mais (...) Sim, sempre relacionado com a escola. Fora académico... Revistas, oh revistas... Não posso dizer que seja leitura (...) fora a escola, ou seja nestes últimos 5 anos, eu acho que só li 2 livros (<i>risos</i>) o último que eu acho que li foi da «Fernanda Serrano»(...)»</p> <p>- «(...) não estava preparada para ir para a licenciatura (...)»</p> <p>- «(...) entrei na segunda fase, e como achava mais uma vez que estava atrasada em relação a algumas colegas eu tentei acompanhar de outra forma (...) comprei muitos livros e preferia comprar do que ir à biblioteca porque assim não saberiam que eu tinha lido aquele livro e pensariam «olha a C. sabe» (...)»</p> <p>- «(...) por acaso incentivam. Mas não são muito motivadores para isso, tentam incentivar-me quando eles próprios nem leem (os pais) (...) houve uma altura que me interessava muito a «National Geographic» depois perdia um bocadinho isso e comecei a ler muito a «Visão» (...) muito por causa da Professora M. J. (...)»</p>

	<p>Porque na televisão eu parece que to (...) dentro da própria história, fico mais emocionada ou atenta, perplexa (...) Vivo mais a história na televisão do que nos livros. Talvez por causa desta coisa de me sentir um bocadinho perdida quando chego a um certo ponto do livro (...)»</p> <p>- «(...) para aí no 6<sup>o</sup> ano, ficava comecei a ficar mais interessada aí nos livros em relação à parte das ciências, porquê? Porque toda a gente levava para as aulas a mesma informação que eu levava, que era da «Wikipédia», então eu comecei «hum... Se calhar se eu pegar em alguns livrinhos posso ter uma frase que mais ninguém tem» <i>(risos)</i> e acho que foi aí que eu comecei a pesquisar mais na biblioteca (...) a única curiosidade que eu tinha assim de livros era só mesmo para marcar um bocadinho a diferença, já que eu era assim um bocadinho mais atrasada, então vou ter aqui mais um ponto a meu favor (...)»</p>	<p>inventadas por mim e ela na altura até achou interessante tendo em conta que eu nunca fui menina de ler, ter capacidade para escrever histórias engraçadas (...) lembro-me que a nível de escrita eu até era criativa e eu acho que muito se deve à bonecada que eu via, porque eu não lia (...) Eram histórias assim um bocadinho melancólicas e um bocadinho romanceadas (...)»</p> <p>- «(...) Não, sempre tive muita dificuldade em fazer resumos, tal como ter que fazer um apanhado do livro (...) eu estudava por tudo o que eu escrevia nas aulas, o que faz com que eu me perdesse um bocadinho e não me conseguisse focar no que realmente era importante (...)»</p>	<p>- «(...) Eu comecei a trazer o jornal para casa e a tentar perceber o que é que era interessante no jornal, tendo em conta que eu não gosto de política e aquilo trazia bué de política e essas coisas todas. Portanto, a parte da licenciatura acho que foi a parte e to a ignorar o mestrado, porque acho que o mestrado não foi tanto assim. Mas na licenciatura eu tinha o cuidado de ler revistas e os jornais e a parte dos livros, só mesmo aquela parte dos livros que eu achava que devia de ler porque a professora ou o professor falou naquele autor (...)»</p> <p>- «(...) tive muitas dificuldades. Na parte da licenciatura, na parte da compreensão. Saber que tipo de informação é ou não é pertinente, claro que sim e isso notou-se muito (...) acho que demoro mais a entender as coisas (...) eu sentia necessidade de ler mais 3 vezes o mesmo artigo e provavelmente por causa disso demoro mais a chegar (...)»</p> <p>- «(...) Eu sempre julguei que ler era a tua interpretação é que valia, a ideia que tu tens das coisas é que valia, não realmente o que as pessoas que o escrevem querem que tu interpretes (...)»</p> <p>- «(...) Não escrevo não. Mas escrevi muito em contexto escolar (...) resumos da matéria continuaram a ser muito longos. Não tenho capacidade de síntese (...)»</p> <p>- «(...) usava a internet nessas alturas para me auxiliar (...) para ter assim algumas ideias e para saber como se escreve assim um artigo científico, que eu acho que na licenciatura não nos ensinam a fazer tal coisa. Eu acho que aprendemos um bocadinho através da internet. Sim, a internet agora está tipo «on fire» na minha vida (...)»</p>
--	--	---	--

<p>TV / Rádio</p>	<p>- «(...) foi (...) no infantário (...) Víamos as notícias, o que os nossos pais viam, mas lembro-me que foi desde pequenina (...) Mas tinha mais contacto com a televisão e adorava, acho que era isso que me cativava para ir para o infantário, era mesmo ver televisão, era a bonecada (..)a «Heidi e o Marco» tipo essas histórias tradicionais (...) eu e o meu irmão acordávamos muito muito cedo, para ver também os bonecos, que entretanto tivemos aqueles canais tipo «RTP2» (...) víamos bonecada e até era educativa porque eu recordo-me, acho que até era na «RTP2» que os bonequinhos nos ajudavam a falar melhor (...)»</p> <p>- «(...) Depois até ao 6º ano (...) o «Era uma vez», comecei a ver na escola (...)»</p> <p>- «(...) os nossos pais, em vez de porem nas notícias quando nós lá estávamos, punham bonecos (...) eles tinham mais atenção era o tipo de bonecos que a gente via (...)»</p> <p>- «(...) Já no 5º e 6º ano, eles tinham atenção a que eu visse programas tipo «a vida selvagem», coisas assim de história (...) eles tentavam que a gente visse coisas diferentes, sem ser filmes com legendas ou notícias, porque notícias sempre teve presente nas nossas refeições de família (...) tentavam incentivar era para conteúdos assim mais históricos. (...)»</p> <p>- «(...) Televisão, sem dúvida (...) Acho que me prende mais, não me perco tanto (...)»</p>		
-------------------	--	--	--

<p>Telemóvel / Computador</p>	<p>- «(...) só tive o meu primeiro telemóvel aos 14 anos e só tive porque foi a minha madrinha que me ofereceu (...)»</p> <p>- «(...) Em relação à consola e ao computador nesta faixa etária (...) Não, nem sequer sabia o que é que era isso (...) nunca tive nada disso, nada. Só tive, por exemplo, tipo um DVD para a televisão para tu veres os filmes (...) para ai por volta dos 17 anos (...)»</p> <p>- «(...) Sim, sobretudo no 5º e 6º ano já se via que eles tinham, até para se contactar com os pais e não sei quê, eu não (...) eu ficava «oh... Eu também gostava» e nunca tive contacto com isso (...)»</p> <p>- «(...) computadores, eu não sei se foi por esta altura, mas nós tínhamos uma sala que tinha um computador daqueles bueda bigs, isso até foi no 4º ano em que começaram a querer dar-nos o inglês e o francês (...) na escola, foi a primeira vez que nós tivemos contacto com o computador. (...) era para aí o 4º ano e só íamos ao computador para aí uma vez por semana ou nem isso, porque aquilo acho que era muito restrito, só podiam ir “x” alunos (...) para nos incentivar de certa forma porque era uma novidade, já existia, mas nem toda a gente tinha acesso a isso, eu não tive. A não ser para aí no 6º ano (...) Não havia condições ainda para se ter isso cá em casa (...)»</p>	<p>- «(...) O uso, eu acho que não fiquei assim tão vidrada como se calhar era suposto (...) Porque eu só utilizava o telemóvel para ligar (...) a mãe e o pai (...) Mais tarde (...) eu ia para a casa dos meus colegas, aí começamos a trocar os números de telefone e comecei a mandar mensagens (...) aqueles testamentos de texto, testamentos que até tínhamos as palavras todas cortadinhas que era para não mandarmos mais do que «x» mensagens, portanto foi esse uso que eu dei (...)»</p> <p>- «(...) no telemóvel não tinha internet (...)»</p> <p>- «(...) Eu sei que a partir do 7º ano comecei a ter computador (...)»</p> <p>- «(...) O primeiro computador que eu tive, eu não sei o que dizer se é «hardware» ou essas coisas todas. Se eu te disser que o meu primeiro computador foi fixo é porque tinha aquele caixote enorme! (...) O segundo foi após 3 anos ou 4 para aí, em que foi um portátil e eu fiquei «Wuou!» e porquê um portátil? Não teve nada a ver com a economia dos meus pais, teve sim com o facto de a minha mãe ter tirado o 12º ano à noite, nas novas oportunidades, ofereceram um computador (...) Durante o meu secundário todo (...)»</p>	<p>- «(...) Agora sim. Uso mais no telemóvel, porque tenho tudo no telemóvel (...) diariamente tenho de ir (...) ver o que é que se passa (...) É o que está mais à mão e porque não estou tanto tempo em casa. Em casa uso o portátil (...) O telemóvel é o mais prático (...)»</p> <p>- «(...) todas as aplicações que eu tenho no telemóvel, tenho no computador. (...)»</p> <p>- «(...) A nível de mexer nas aplicações acho muito mais fácil no telemóvel. A nível de conteúdos é mais fácil de ler no computador, talvez também, por ser maior e tem outra capacidade para estar concentrada (...)»</p> <p>- «(...) fico um bocadinho ansiosa, quando to a trabalhar e ouço o telemóvel a tocar uma notificação qualquer, seja do email, seja do «WhatsApp» ou o que seja, fico um bocado ansiosa porque não posso mexer e to preocupada para saber quem é que é (...)»</p> <p>- «(...) Sim, houve mudança de telemóvel para um «touch» (...) que tás muito mais à vontade, é só chegares e carregar no que queres e tá a andar (...)»</p>
-------------------------------	--	---	--

<p>Internet / Acesso / Uso</p>	<p>- «(...) a partir do 5º talvez, porque houve muita informação nessa altura, era uma coisa nova, foi muita informação muita coisa nova (...)»</p> <p>- «[... o primeiro contacto que tiveste com o computador foi na escola primária?] (...) Sim, no 4º ano (...) [E com a internet foi quando passaste para o 5º ano?] (...) Sim. Por aquilo que eu me lembro sim (...)»</p> <p>- «(...) Em casa eu acho que só comecei a ter computador para aí no 7º ano (...) Os primeiros tempos talvez tenham sido... Acompanhados pelos professores, mas depois fomos mais nós por descoberta (...) era um bocado lenta (...)»</p> <p>- «(...) nessa altura (...) só para fins escolares (...) foi aí que eu comecei a gostar mais de mexer no computador e fazer os trabalhos da escola, os trabalhos escritos, porque só dava para escreveres a computador se tivesses computador. Eu gostava de fazer os trabalhos porque a gente conseguia fazer no «Word» (...) tu podias escrever com aquela letra toda bonitinha (...)»</p> <p>- «(...) E a parte da internet foi mesmo mais, porque tínhamos que arranjar mesmo imagens de acordo com o conteúdo que tínhamos escrito e eu achava essa pesquisa mesmo muito gira. Agora, se a internet era lenta ou rápida, eu acho que na altura deveria de ser lenta, mas a gente não se cansava de estar à espera (...)»</p> <p>- «(...) Não, achavam interessante nós estarmos a explorar a novidade, até porque eles próprios nem sabiam na altura mexer,</p>	<p>- «(...) no telemóvel não tinha internet não, nem me recordei quando é que comecei a ter internet, porque na altura eu lembro-me perfeitamente que começou a surgir o «hi5», nunca tive isso. Tive que criar um email, mas isso já foi em contexto de sala de aula (...)»</p> <p>- «(...) Ou na casa dos amigos, ou mesmo na biblioteca. Quando eram umas certas pessoas, sabíamos que tinham internet, porque os pais também eram professores e íamos para a casa deles. Se não, era tudo para a biblioteca (...)»</p> <p>- «(...) internet... se calhar a partir para aí do 8º ano, eu sei que foi muito tarde, que na altura já o meu irmão era mais novo e já precisou da internet mais cedo do que eu e os meus pais precisaram de pôr por causa dos dois (...)»</p> <p>- «(...) quando comecei a ter internet em casa, comecei a fechar-me mais em casa, a biblioteca deixou de fazer qualquer sentido (...)»</p> <p>- «(...) era só para contexto de escola (...)»</p> <p>- «(...) a nível de cuidados e isso não porque eu acho que não havia essa preocupação (...) não havia era esse conhecimento de que a Internet era perigosa. Era uma coisa nova e supostamente as pessoas só estavam a ensinar-nos a mexer nela e se estavam a ensinar era porque era algo útil (...)»</p> <p>- «(...) na parte da Internet eles nunca tiveram essa preocupação (...) eu acho que eles começaram a ter mais noção das coisas quando a gente começou a chegar ao 11º ano e 12º ano. Começaram a ouvir falar nos «hi5» e nos «Facebook» e essas coisas todas (...) eu, por exemplo, a nível de «Facebook» só tive quando entrei para a licenciatura, antes disso eu não tinha nada disso, nem sentia-me confortável em saber que servia para me expor, para expor o nosso</p>	<p>- «(...) Aqui, se calhar também é interessante dizer que comecei a usar mais a internet, porque quando os livros são caros e há acesso na internet, eu preferia ler pela internet, mas canso-me mais, perdia mais aquela, como dizer... O fio à miada, desistia mais depressa (...)»</p> <p>- «(...) Pesquisa, sou um bocado vidrada por cosméticos e por maquilhagem e também sou um bocado fascinada por remodelações e decorações de interiores, acho que escolhi o curso errado (...)»</p> <p>- «(...) Então na «SIC», na «TVI», na «RTP» quando aparece uma notícia de última hora, sou a primeira a ver e a partilhar com a minha mãe. Mas só vejo a notícia uma vez, não gosto de ver a mesma notícia mais do que uma vez (...) eu vejo muitas notícias no telemóvel»</p> <p>- «(...) há atrizes que eu costumo seguir que me dão incentivos e eu continuo a ver. Portanto, assim, fora isso, política, quando eu vejo falarem alguma coisa de política, isto até parece mal tendo em conta o mestrado que tirei, mas passo à frente, não gosto (...)»</p> <p>- «(...) Sim, contribui para a compreensão. A nível do resto eu acho que não. Acho que o uso da Internet é tudo muito à base de redes sociais e acho que se torna deprimente (...) A única coisa positiva que eu consigo tirar é quando pesquiso coisas propositadas (...) Passo, mais tempo do que aquele que eu queria (...) É como se a internet fosse um escape, sim, mas depois acaba por ser o contrário, ficar pior (...)»</p> <p>- «(...) Sim. No telemóvel aumentou bués! Quando estás assim mais tempo sem fazer nada, tens de te ocupar com alguma coisa. O que é que estás a fazer? Tás a pesquisar, a pesquisar ou no «Facebook», ou no «Pinterest», tás a trabalhar, não sei em quê mas tás a trabalhar (...)»</p>
------------------------------------	---	--	--

	<p>(...) Acho que não havia aquele controlo que supostamente há hoje, ou aquela preocupação de termos de ter uma certa cautela. Antigamente não, era mais uma novidade, mais uma coisa que a gente está a aprender e eles ficavam fascinados com isso (...)</p> <p>- «(...) a nível de internet não houve assim muita evolução do 5º para o 6ºano, eu acho que era tudo tão novo, (...)</p> <p>- «(...) aquilo que eu me lembro e o uso que eu fazia daquilo era única e exclusivamente para a escola, tanto que só me lembro de se falar no «Google» só me lembro de pesquisarmos na “Wikipédia” e podíamos ir às imagens. (...) não podíamos ir mais além do que isso e eu também nunca tive assim muita curiosidade para ir mais além (...) e eu também não procurava saber mais do que isso (...) eu nunca fui dada a tecnologias (...)</p> <p>- «(...) trabalhávamos muito em equipa, porque normalmente nós nunca íamos sozinhos (...) estava sempre com um colega ou uma colega e acho que tentávamos assim os dois chegar à informação (...) Acho que era assim que a gente tentava solucionar (...) Começou a haver sim esse acompanhamento (...) a partir do 7ºa no, mais ou menos, houve mesmo uma disciplina chamada TIC, mas no 5º e 6º ano não me recordo de ter essa disciplina. (...)</p>	<p>dia a dia, a nossa imagem, a imagem dos nossos pais e isso assustava-me um bocadinho (...)</p> <p>- «(...) Sim aumentou. Por exemplo entre o meu 10º ano e o meu 12º ano, comecei a usufruir mais de internet, comecei a pesquisar mais coisas do meu interesse (...) tirar ideias de artes para aplicar nessas disciplinas e ter resultados surpreendentes e foram aos anos que me começaram a elogiar mais (...) nessa altura comecei a pesquisar muito (...)</p> <p>- «(...) quando chegamos ao 12º (...) comecei a entrar na «Ive Rocher» (...) tinha de utilizar obrigatoriamente a internet, para conseguir ver os produtos (...) Coisa que ao princípio era super difícil, mas eu aí tinha ajuda da minha chefe de grupo (...)</p> <p>- «(...) Eu só utilizava unicamente a internet para trabalhos, para dar-me ideias (...) ideias de faz de conta que saíram da minha cabeça e aplica-las em outro sítio (...)</p> <p>- «(...) passar de um monstro para uma cena bué minorca (<i>risos</i>).(...) Nós conseguíamos pesquisar as coisas muito mais rápido, até ficava chateada quando tinha de ir para a biblioteca e na biblioteca era muito mais lento (...) eu acho que sim que me fez passar mais tempo (...)</p> <p>- «(...) não ia todos os dias, era só mesmo quando (...) mandavam-me fazer um relatório, mas nunca te deram as bases para o fazer, ok. Vamos então pesquisar o que é um relatório (...) não te dão as bases e já que há internet olha, vamos fazer um bocadinho de plágio (...)</p> <p>- «(...) eu acho que tirava proveito dela quando eu queria, (...) quando eu precisava de pesquisar, eu só retirava o que eu queria (...) e se eu não encontrasse o que eu pretendia eu desistia quase logo (...) claro que consigo tirar proveito (...) sobretudo do 10º ao 12º</p>	<p>- «(...) Tenho dificuldades em mexer em algumas aplicações (...) quando eu de facto to a tentar entender as coisas (...) é quando as coisas mudam e isso irrita-me, porque ficas a saber como mexer naquilo e depois voltas à estaca zero (...) A nível de informáticas, a nível de internet (...) eu sempre tive muitas dificuldades em perceber como é que as coisas mexem, porque tenho, eu acho que também é um bocadinho pelo receio (...) estarem sempre a mudar essas cenas a mim deixa-me um bocadinho frustrada porque tens que aprender novamente e nem toda a gente tem capacidade para me ensinar (...) E ao aprender sozinha como demoras mais, depois quando chega a altura que já sabes, começas na estaca zero porque as coisas não param de evoluir (...)</p>
--	---	--	---

		<p>ano tínhamos que nos preparar para o projeto final e tínhamos muitos desafios de um dia para o outro. Aí, pegava sim na internet e consegui tirar as ideias que eu queria, conseguia focar-me exatamente naquilo que eu queria e aí sim, tirava boas ideias (...)»</p> <p>- «(...) eu sou mais de ir ver televisão. Se me perguntares isso a respeito da televisão, é fácil, ajudou-me. Sobretudo devido aos programas que a gente via, à forma como se fala, porque mesmo que sejam programas diários há uma forma correta de se falar. Agora em questão de tudo o que eu fazia na internet, até acho um bocadinho o contrário, porque na internet, nesta altura, recordo-me que não se escrevia assim tão bem, tão claro como se calhar hoje em dia se escreve e tu lês na internet. Posso dizer que (...) nesta altura, em que estamos naquela fase em que temos de interpretar os jornais, as notícias (...) e tudo mais. Onde é que a gente ia a ver disso? Na internet. E eu se calhar não as interpretava da melhor forma e eu acho que era da forma como as coisas estavam escritas. Não era a minha capacidade ou não de interpretar as coisas. Portanto eu acho que nesse aspeto a internet não facilitou assim muito (...)»</p> <p>- «(...) nós começamos a ter acesso na escola, porque havia uma disciplina de TIC então a nível de começarmos a utilizar a ferramenta do computador, o «Word» o «Excel» e a própria internet, eu acho que foi a partir daí que a gente começou a saber como pesquisar (...) Eu tinha a noção que pesquisava mal, nunca tinham chegado ao pé de mim a não ser nessa altura depois, a dizer que tinha de por palavras chaves. (...) Nesse aspeto (...) tinha mais dificuldade mesmo na parte de interpretação, e de ler aquele português abasileirado (...)»</p> <p>- «(...) Eu não tinha dificuldade em mexer, por exemplo, no «Word» e na internet, porque eu sabia perfeitamente que era só no «google» que eu tinha de ir (...) Agora se me dissessem que eu tinha de fazer</p>	
--	--	--	--

		<p>mais do que isso (...) para mim é assustador (...) eu nunca soube, fizeram por mim. Portanto nessa altura, essas coisas, eu não sabia mexer, não tinha destreza nenhuma (...)»</p> <p>-«(...) eu acho que os passos eram tantos e como ainda só estava mecanizada para ir ao «Word» porque estava no «ambiente de trabalho» e a internet tinha o «E» no «ambiente de trabalho» eu não tinha aquela capacidade de me aventurar, porque tinha receio que o computador se desligasse (...) Mas criar essas contas na internet a mim assustava-me um bocadinho, porque um passo mal dado eu sabia que podia dar alguma asneira mais acrescida. Então eu aí pedia ajuda (...)»</p> <p>- «(...) Mexem se calhar diariamente com aquilo e eu não, ainda não tinha visto como é que funcionava, tinha receio de não corresponder às outras pessoas de não estar à altura das outras pessoas (...)»</p> <p>- «(...) não era só eu, mas toda a gente pesquisava mal e o facto de haver aquele achar «Ah! Afinal é assim, afinal agora já vai ser mais rápido.» Isso cativou-nos de certa forma, mas a par disso, não foi assim desenvolvido mais nada. Só se começou a aprender a mexer na internet, a aprender que a internet tem perigos, o facto de te dizerem que tem perigos, o facto de não saberes mexer, o perigo e não saberes, acho que cria ainda mais medo em se criar o que seja, porque se ainda por cima há perigos e se não sabes mexer, porque é que vais mexer para depois caíres no perigo (...)»</p> <p>- «(...) agora o «face» está a mudar, eu antes ainda tinha dificuldades em mexer no «Facebook», quando já estás quase mesmo a aprender a mexer sem fazeres asneiras, tipo publicares sem querer, já estão a mudar as coisas outra vez. Então eu não to a acompanhar o nível das coisas, prefiro às vezes estar quietinha (...)»</p>	
Redes Sociais			- «(...) As notícias que costumo gostar de ver é no

		<p>- «(...) eu nunca consegui criar uma página social para comunicar com os meus colegas e até sei lá, com as minhas clientes (...))»</p> <p>- «(...) Não tinha redes sociais nesta fase.(...))»</p>	<p>«Facebook» porque fico entretida a ver os perfis das pessoas (...)Passo muito tempo no «Facebook» porque sinto que tenho de lá estar (...))»</p> <p>- «(...) Aquilo que acontece é, quando eu to no «Facebook» mas canso-me porque eu irrito-me muito no «Facebook», se me irritar (...) vou para o «Pinterest» to aqui um bocadinho e depois desligo isto tudo. Eu engano-me, porque em vez de estar no «Pinterest» ou fazer (...) alguma coisa de que eu gostei, vou outra vez para o «Facebook» e mais uma vez eu irrito-me e to lá um bocadinho de tempo, mas depois saí e vou outra vez para o «Pinterest». Quando vou para a cama, to no «Pinterest» e «porquê? Eu não preciso de ver nada disto, desligate» (...))»</p> <p>- «(...) Não sei explicar, acho que é para a minha cabeça estar ocupada com outra coisa, para não estar a preocupar-me com alguma coisa que me esteja a preocupar e nem me aperceba disso (...))»</p> <p>- «(...) se eu fico irritada quando eu vou para o «Facebook» ou o que seja, eu acho que isso acaba por me afetar um bocado «porque é que vais para o «Facebook» se isso te irrita?» há outras formas de, acho que que há outras formas de poder aceder à informação que eu quero. No entanto eu vou ao «Facebook» e todos os dias, várias vezes ao dia. (...))»</p> <p>- «(...) Há uma influência de colegas em relação às redes sociais, eu nunca pensaria em criar um «Facebook» só porque os outros têm. Mas na licenciatura foi quase como que um requisito para a praxe (...) Mas pronto, fiz o «Facebook» e apercebi-me que através do «Facebook» partilhavam coisas das aulas. Também fui influenciada, mas positivamente, acho que, pelo meu irmão, a criar o «Linkedin» (...) era uma forma de me ajudar (...) Amigos (...) falaram-me do «Pinterest» (...) Descobri aquilo e para mim aquilo é muita bom, (...) o meu</p>
--	--	--	---

			<p>grupo de amigos também me influenciaram negativamente para outras, como é que se chama, outras coisas tipo o «AliExpress» para gastares dinheiro (...) mas gostei de aprender coisas novas e de me aventurar nesse aspeto de encomendar coisas (...)</p> <p>- «(...) o «Facebook» expões-te um bocadinho (...) sinto-me assim um bocadinho exposta, mas não positivamente. (...)</p> <p>- «(...) neste momento só tenho o «Facebook» e o «Linkedin». Resumindo, eu criei o «Facebook» influenciada por colegas (...) mas hoje em dia a funcionalidade dele para mim, maioritariamente fazer publicidade à «Ive Rocher» é através dele que eu chego a pessoas que não conheço de lado nenhum (...) Ir publicando sobre a «Ive Rocher» fora isso utilizo para ver as notícias e ofertas de emprego (...) Às vezes para ver algumas pessoas que são inteligentes, e com algumas frases e alguns vídeos engraçados para nos fazer rir (...), só sigo o que me aparece no «feed» não vou tipo pesquisar de propósito (...) às vezes até ponho gostos (...) só comento quando é tipo aniversários ou alguém a desejar parabéns ou quando infelizmente dizem que faleceu alguém (...) do resto se quiser dizer alguma coisa, digo por mensagem privada (...) os comentários (...) são sempre curtos, quanto mais curtos melhor (...) não faço muitas partilhas e ainda estou a explorar como é que se faz (...) fotos minhas ou com alguém, ou só minhas, eu não gosto (...)</p> <p>- «(...) as vantagens das redes sociais, no «Facebook» para mim é o facto de conseguir comunicar com familiares meus que estão no estrangeiro (...) Desvantagens, eu acho que se torna muito deprimente porque as pessoas começaram a publicar demasiado a vida delas. Ou muito deprimente ou muito positivista, não sei, parece que a vida é perfeita e vais a ver e afinal não é assim tão perfeita e estão a</p>
--	--	--	---

			<p>querer iludir as pessoas (...) Tem mais desvantagens. (...) Muito mais de exclusão. Porque como é que te podes sentir incluída num grupo em que tudo parece tão perfeito? Se tu não podes partilhar da mesma experiência (...))</p> <p>- «(...) as pessoas, aliás, não filtram nada, expõem-se completamente, (...))</p>
<b>COVID - 19</b>			
<p>- «(...) Apanhei quando estava a fazer a dissertação, na parte da recolha dos dados. (...))</p> <p>- «(...) na parte da recolha de informação, o facto de não me poder deslocar à biblioteca, tive de começar a gastar um bocadinho mais de dinheiro, não podia estar à espera e portanto tive de começar a comprar os livros pela internet, pela «Wook». Gastei dinheiro que para mim acho desnecessário (...) estes foram comprados quase por obrigação, porque eu precisava destes livros para conseguir desenvolver o que seja. A nível de recolha de dados, prejudicou um bocado na dissertação (...))</p> <p>- «(...) tive que dividir a nível de espaço, um ficava na sala outro no quarto. A nível de internet foi usada mais, pelo facto de ter que me reunir com a minha orientadora (...) tivemos de fazer por zoom, ferramenta essa que eu não conhecia e não fiquei a conhecer, porque só me mandavam tipo o link e só pegavas no link. Não precisavas de fazer rigorosamente mais nada (...))</p> <p>- «(...) Tive que me mentalizar que havia coisas que não dava para fazer (...))</p> <p>- «(...) passei muito mais tempo com a internet (...) Fazia muitas encomendas (...))</p> <p>-«(...) Tinha de falar pelo «Facebook» com alguém ou, tipo estava sempre praticamente na internet, cansava um bocadinho. E só de pensar que às vezes tinha de fazer vídeos com a professora ou assim é um bocado desgastante, nunca gostei muito disso, preferia falar sei lá, por telefone ou por mensagens. Mas não. Acho que nem nunca tinha feito uma vídeo chamada (...))</p> <p>- «(...) no «Facebook» fiquei um bocadinho mais viciada (...))</p> <p>- «(...) A rede aqui é boa, a nível de internet nunca tivemos dificuldades. (...))</p> <p>- »(...) As maiores dificuldades é estares a fazer vido chamadas com pessoas que tens bem pertinho e não podes estar (...))</p>			

Entrevistada: M.B. – UBI – Data: 16 de julho 2021 – online

Questões	Infância – 6º Ano	7º Ano – 12º Ano	Ensino Superior
Hábitos de Leitura	<p>- «(...) pré-primária, eu lembro-me de eles lerem para nós (...) Provavelmente eram só os da escola (...) o “Princepezinho”, ou “Uma Aventura”, é os únicos que eu me lembro (...) basicamente eles, meio que nunca se meteram na minha vida escolar (...) Eles também tinham de trabalhar.»</p>	<p>- «(...) deve ter sido no 7º ano que havia uma revista (...) Não era daquelas revistas que têm conteúdo de jeito (...) uma revista dos famosos (...) eu obrigava a minha mãe a comprar (...) a revista era a única coisa que eu lia (...) O jornal nunca tive interesse (...) E aquela eu lia porque na altura falava de coisas que na altura eu me interessava. Era daquelas que tinha brindes e posters.(...)»</p> <p>-«(...) Mas se calhar escrevia mais do que lia (...) Ler é meio que desinteressante (...) Eu fazia aquelas ditas cópias (...) preferia estar a fazer isso do que a ler (...) era para aí uma página (...)»</p> <p>-«(...) no verão começar a ler qualquer coisa e tal, até me forçava a ir aquelas meio que feiras de livros (...) se eu não ler, não me sinto tão mal que não gastei tanto dinheiro (...) meio que tentava (...) lia as primeiras 50 páginas ou mais um bocadinho, mas depois nunca chegava até ao fim(...)»</p>	<p>- «(...) já tive que ler mais, agora no Ensino Superior, nem que seja online não é, ler aqueles PDF’s, ver a informação toda e os Professores que disponibilizam os documentos (...)Não. Eu continuo sem os ler (<i>Risos</i>) porque aquilo é demasiado maçante e... Ok. E as coisas da Universidade é ok, tenho mesmo de ler e então leio, agora os livros... ok tás aí (...)»</p> <p>-«(...) se eles disponibilizarem algum artigo e assim, ok eu vou ler, mas se eles disserem “Ah isto, podem ler o livro não sei quê” não me dou ao trabalho de ir à biblioteca ver qual é o livro e ler sobre aquilo.»</p> <p>-«(...) no 4º ano (...) lembro-me de ter uma professora mesmo boa (...) os ditados (...) ela ia corrigir toda a gente (...) eu acho que ainda bem que a tive na altura, acho que foi mais isso a influenciar do que não ler (...) se calhar se lesse aqueles livros maiores e tal que ganhasse mais vocabulário, ou ganhasse palavras mais caras (...) acho que, por exemplo agora sou capaz mais de ver uma conferencia qualquer de alguma coisa e essas palavras caras são utilizadas, do que se tivesse andado a minha vida toda a ler esses livros (...)»</p>
TV / Rádio	<p>- «(...) eu lembro-me de ser pequenina e estar a ver os bonecos na televisão, de estar no sofá e a ver, mas não me lembro do primeiro contacto. E com o rádio, também não me lembro do primeiro contacto, mas eu lembro-me de quando ainda era pequena que ainda dava para por cassetes (...)»</p> <p>-«(...) eu não tinha “Box” em casa, na altura, então o que eu via mais em casa era a RTP2 mas, sei lá, lembro-me de ver o “Noddy” (...) eu via o que dava na altura, eu ligava a televisão e ficava a ver.»</p>		

<p>Telemóvel / Computador</p>	<p>- «(...) Telemóvel deve ter sido para aí no 7º ano. Computador (...) eu tive aquele que nós recebemos na primária que é, aquele azul, o “Magalhães” (...) aquilo dava para jogar “Super Toss” (...) só usava o computador para isso (...)»</p> <p>-«(...) Tive uma Nintendo cor de rosa (risos) mas acho que foi no 6º, 7º ano (...)»</p> <p>-«(...) eles num aniversário oferecerem-me um portátil. (...) Deve ter sido para aí no 6º ano, do 5º para o 6ºano talvez»</p> <p>-«(...) entre esses, talvez a «Nintendo», (...) Às vezes ao Sábado de manhã eu acordava e ficava a jogar a manhã toda e não sei quê... Não sei, se calhar porque já estava... Não digo viciada, mas (...)»</p>	<p>- «(...) o primeiro que eu tive (...) já era “touch” [esse telemóvel tinha internet?] (...) acho que sim, mas não me lembro de estar a pesquisar nada lá. (...) Eu acho que era para tirar fotos (risos) e para ouvir música (...)»</p> <p>-«(...) Para aí no 9º ano e não sei quê e no 8º ano, provavelmente sim. Eu lembro-me de, que havia um Professor de História que nós tínhamos trabalhos sempre em todos os períodos. E eu lembro-me até, que eu fazia sempre <i>com a mesma rapariga</i> e nós fazíamos no “Prezi”, naquele... já na altura no “Prezi”, e eu lembro-me que nós fomos as primeiras a usar aquilo (...) só servia para fazer trabalhos(...)»</p> <p>-«(...) no 10º ano foi quando eu recebi o meu primeiro “Iphone”, então já tinha net melhorzinha e fazia tudo no telemóvel (...)»</p> <p>-«(...) nesse outro meu computador, nesse que eu recebi muito antes, ainda vinha tipo “Word” e “PowerPoint” e assim essas coisas, e depois no pequenino que eu comprei já não vinha isso foi uma das mudanças que... Pah, chocou-me (risos) (...)»</p> <p>-«(...) telemóvel, provavelmente, nem é bem a Internet porque com o “Iphone” eu queria era tirar fotos (...)»</p> <p>-«(...) Pelo telemóvel. Porque o telemóvel já estava ali à mão, não era preciso estar a ligar (...)»</p>	<p>- «(...) [E usas mais o computador ou o telemóvel?] R: Telemóvel. (...)»</p> <p>-«(...) Acho que consigo estar mais atenta a ler no telemóvel, do que estar a ler no computador (...) é do meu cérebro já “ok é o telemóvel vou estar atenta” porque o resto que eu faço também é no telemóvel (...) se eu estiver a ler uma mensagem de alguém, eu vou estar atenta é algo que me interessa. Se eu vou pesquisar alguma coisa no telemóvel, se calhar, eu penso ok no telemóvel vou estar atenta (...)»</p>
<p>Internet / Acesso / Uso</p>	<p>- «(...) Eu acho que foi um bocadinho tarde, porque lá está, nós como não tínhamos “Box” também não tínhamos Internet mas depois os meus pais meteram internet no escritório da empresa, então acho que foi aí que eu comecei a mexer (...) não me lembro mais ou menos em que idade. (...)»</p> <p>-«(...) [ <i>teus amigos já tinham internet?</i>] R: Sim, eles já tinham pronto, lá está a “Box”, então eles já tinham tudo (...) eu ia sempre para casa de uma amiga (...) tinham internet (...) lembro-me de</p>	<p>- «(...) Em casa. Na escola era quase impossível (risos) aquilo era tão lento (...)»</p> <p>-«(...) Eu acho que, tendo alguma dúvida, só se levasse a internet para perguntar a outra pessoa tipo “Oh pah, sabes como é que se faz isto?” (...) Pelo “Facebook” (risos) era o que se fazia lá na altura (...)»</p> <p>-«(...) se tivesse de pesquisar alguma coisa da escola eu pesquisaria, era a primeira coisa a que eu recorreria, era à Internet (...)»</p>	<p>- «(...) Em casa, continua a ser em casa, quer dizer, com dados móveis... Isso veio facilitar mais o acesso na rua (...)»</p> <p>-«(...) Quando to em tempo de aulas, talvez seja para pesquisar coisas relativamente à universidade, mas em férias (...) falar com os amigos e principalmente no “Instagram” ver as histórias (...)»</p> <p>-«(...) Redes sociais (...) continuo a utilizar o “YouTube” para ver os “Youtubers” (...) »</p> <p>-«(...) Sim, acho que sim, talvez tire melhor proveito agora</p>

	<p>jogar no computador dela e nós até víamos os programas e puxávamos para trás (...) na altura já dava, lembro-me disso (...)»</p> <p>-«(...) o “Facebook” tinha jogos e depois quando eu recebi o computador portátil (...) exemplo em relação ao “Magalhães” era maior, o “Magalhães” é aquele pequenino (...) lembro-me que passamos para o “Sims” em “CD” (...) acho que é assim as únicas mudanças que me lembro»</p> <p>-«(...) acho que isso nunca aconteceu (...) se isso acontecesse nós íamos sair e íamos para outro qualquer (...) não era lenta nem nada disso porque lá está, era a “Box”, mas na “Pen” sim aquilo era bueda lento (...)»</p> <p>-«(...) eu lembro-me de começar a ver muito tarde por causa da internet, lá está, só depois quando conseguiram por “Box” em minha casa é que eu comecei meio que a acompanhar o que elas já viam à algum tempo (...) desigualdade não digo, mas sei que por exemplo, sei que o Inglês delas talvez se tivesse desenvolvido muito nessa altura (...)eu sinto que se calhar se tivesse começado tão cedo como elas, sim porque Inglês eu não... (...) talvez pudesse ter ajudado (...) acho que era a única coisa. Mas não me senti injustiçada nem nada, tipo eu percebia o lado dos meus pais não é, eles não podiam, então era só aguentar (...)»</p> <p>-»(...) deixava o vídeo a carregar não sei quanto tempo e ia fazer outras coisas e depois vinha ver, ou então desistia (...)sempre foi muito intuitivo.»</p>	<p>-«(...) É assim... Eu acho que nós já crescemos tanto no meio dela que meio que eu já não sei distinguir, entre aspas, o que é que é a tecnologia e não. Por exemplo, eu tenho um forno que dá para programar (...) para a minha mãe isso é uma grande tecnologia e evolução, mas para mim (<i>risos</i>) pronto, é só um forno (...) meio que já está interiorizado (...)»</p> <p>-«(...) Queria fazer alguma coisa no telemóvel, do telemóvel em si e podia não saber como fazer, mas também era fácil, ia-se ao “YouTube” e escrevia-se “como fazer” e aparecia um vídeo de como fazer e fazia (...)»</p>	<p>do que antes (...) Eu acho que eu agora pesquiso muito mais coisas importantes do que antes (...) antes se calhar só via bem é aquele cantor, agora não, agora talvez vá ver de onde é que ele é, o que é que já fez (...)»</p> <p>-«(...) Influencia para o lado positivo. Eu acho que é uma grande ajuda (...) por exemplo aos documentos da Universidade, principalmente na Covilhã, está a chover torrencialmente, não preciso de me deslocar até à Biblioteca para ir ver qualquer coisa, eu posso pegar no telemóvel e através do telemóvel eu consigo aceder a muita coisa. Facilita-me o dia-a-dia.»</p> <p>-«(...) Mesmo nas aulas eu posso ter o telemóvel ao meu lado e receber uma mensagem e eu sou capaz de não ir porque, sei lá, não to ali a fazer isso, não to ali para ver uma mensagem, to ali para ouvir o que o professor está a dizer (...) se for por exemplo da minha mãe ou de algum familiar, ou por exemplo, sei lá, uma amiga minha que viva comigo, pronto, aí eu... se calhar tenho mais tendência a ver (...)»</p> <p>-«(...) o que eu mais uso é mesmo as redes sociais (...)»</p>
Redes Sociais	<p>- «(...) Eu lembro-me de quando jogávamos no computador dela, jogávamos naqueles jogos do “Facebook (...)»</p>	<p>- «(...) no 9º ano foi quando eu comecei a usar mais redes sociais (...) devo ter começado aquela fase de começar a falar no “Facebook” e a publicar as coisinhas (...)»</p> <p>-«(...) eu nunca fui muito de ligar a essas coisas e a Internet era mais para falar com os amigos e pronto, ver as</p>	<p>- «(...) Sim. E não é só amigos, famosos e assim também vejo (...) Ponho likes (...) Partilhas, não partilho nada. Publicações é muito raro também (...)Não sei, não ligo muito a isso de publicar e não sei quê, prefiro só ver e ficar na minha.»</p>

		<p>atualizações do “Instagram” e não sei quê e onde é que eles estão (...)»</p> <p>-«(...) até ao 9º ano, talvez o “Facebook” (...) A partir do 9º (...) o “Instagram” (...) 9º, 10º ano (...) foi “Instagram”, “Twitter”. Ah! Sei que antes, enquanto eu ainda ia ao computador fixo (...) tinha aquele “Tumblr” (...) Era essencialmente para falar, nos grupos e não sei quê e, lá está, o “Instagram” era para ver as fotos das outras pessoas (...)»</p> <p>-«(...) Não quero dizer que foi influencia dos amigos mas, como muitos deles tinham irmãos e irmãs mais velhas (...) criavam conta só porque a irmã tinha e daí trazerem para o nosso grupo (...) principalmente ao “Instagram”, acho que foi aquela rede social que mais viciou (...)»</p> <p>-«(...) Sim, likes sim, comentar dependia (...) Eram só fotos (...) fotos típicas para por no “Instagram” ou no “Facebook” (...) ou do grupo de amigo.»</p>	<p>-«(...) vantagens (...) facto de dar para fazer grupos e toda a gente estar a falar, de ver o que está a acontecer na vida das outras pessoas (...)»</p> <p>-«(...) desvantagem (...) eu posso querer estar a fazer alguma coisa com essa pessoa e eu vejo que ela não está em Aveiro, que é o meu caso, ou não está em Portugal (...) dá para localizar as pessoas, isso também acho que é mau. (...)»</p> <p>-«(...) vai haver sempre aquelas pessoas que vêm uma foto de alguém e vão criticar (...) pelo menos ao meu redor, eu acho que as pessoas agora guardam mais para si e para o grupo de amigos tipo “ ah essa não sei quê” então a pessoa nunca acaba por saber, então isso de exclusão social ou dele sofrer de Bulling ou não sei quê, pelo menos eu falo pelo que eu vivo agora (...) já não é tanto como era na minha altura quando eu era mais nova porque, por exemplo, eu vou só pegar na foto da pessoa e vou comentar com o meu grupo de amigos, por exemplo no café. Não vou lá estar a comentar. Mas eu acho que se uma pessoa chegasse ao pé de mim e dissesse que não tem redes sociais, que não tem “Instagram” ou não tem “Facebook” eu não ia ligar a nada disso, simplesmente ok, não tens pronto (...)»</p> <p>-«(...) eu acho que as redes sociais são um filtro, lá está, a pessoa até pode por outro nome qualquer e lá está, ninguém vai saber quem é que era essa pessoa (...)»</p> <p>-«(...) Eu acho que mesmo assim têm mais vantagens porque se não fosse a internet e se não fosse as redes sociais (...) Eu acho que nunca íamos evoluir (...) A internet é que veio evoluir o mundo (...)»</p>
--	--	---	--

**COVID - 19**

<p>- «(...) Apanhei aulas nos dois confinamentos (...)»</p> <p>-«(...) O 1º acho que sim em Aveiro e o 2º já não (...)mas acho que o 2º foi mais “Ah! Ta bem pronto, mais um confinamento” (...)»</p> <p>-«(...) Uma seca, sinceramente (risos) é super desinteressante (...) são 2horas a ouvir aquele professor, mas a seguir temos quê, 5 minutos e é logo outra vez (...) No polo é, ok ate estamos 2horas</p>
--

aqui mas até estamos a ver as pessoas, vai acontecendo coisas e depois mudamos de sala e ficamos pelo corredor a falar. Agora, estar em casa é desmotivante(...) no 1º confinamento fiz 3 frequências (...) eu não tive problema que a frequência até foi feita no Moodle, mas houve muita gente que disse que foi a baixo (...)»

-«(...) É assim, vantagens é porque nos podemos levantar 5 minutos antes (*risos*) desvantagens acho que é tudo o resto, não sei... Eu não gostei mesmo nada. É bué desinteressante (...) Só desvantagens, sinceramente (...) No momento a seguir eles já vão ver o que é que podem fazer de tralhalices (*risos*) não vale a pena. Portanto, apesar de eles fazerem tudo por tudo, vai sempre haver coisas que os alunos vão conseguir ultrapassar (...)»

-«(...) Nas aulas online, apesar de eu estar supostamente mais atenta porque não tenho nada à minha volta, eu vou-me distrair sozinha e é aí que pronto, acho que me distraiu muito mais do que se for aula presencial (...)»

-«(...) estávamos os 3 em vídeo chamada e estávamos os 3 no “zoom” e a internet não foi a baixo. Enquanto que essa minha amiga estava na sua casa em Foz Côa e aquilo foi a baixo. Portanto eu acho que... Também depende da zona (...)»

-«(...) Agora durante o dia, pronto ok, também estudava, mas, principalmente no 1º estudava para quê? Será que ia ter frequência será que ia ter exame, se ia ficar mais não sei quanto tempo em casa, pronto, não havia um objetivo, basicamente (...) meio que não havia nada para fazer, ok que assistia às aulas e depois pronto, ia para o telemóvel ou para a internet.»

-«(...) A minha dependência aumentou (...) passar mais tempo na “Netflix” (...) E depois o telejornal se calhar passei a ver mais por causa dos casos e para saber como estava a situação e tal e sim, também pesquisei mais notícias no “Google” para ver os casos (...) ver como é que ia acontecer com a Universidade (...) eu acho que essa dependência foi só naquele momento (...) já não estou tanto tempo como estava no confinamento (...)»

-«(...) É assim, psicológicas, para mim, foi só mesmo a desmotivação em relação à universidade (...) físico e pessoal, lá está, não muito. E a nível de internet, eu acho que não, meio que as coisas se mantiveram, eu continuei a falar com os amigos, à distância, mas continuamos (...)»

-«(...) [Durante a pandemia, leu mais?] Não, li mais legendas conta? (*risos*) (...)»

-«(...) No 1º, como no segundo fiquei na Covilhã (...) se eu ficasse em casa ia ficar sozinha. Mas no 2º como eu já fiquei na Covilhã, estávamos ali todos, portanto, não senti tanto (...)»

Entrevistada: B.P. – Estudante – Data: 1 de agosto 2021 – online

Questões	Infância – 6º Ano	7º Ano – 12º Ano	Ensino Superior
<p>Hábitos de Leitura</p>	<p>- «(...) logo na creche(...) acho que nós tivemos contacto com livros logo para aí(...) 4 anos 5 anos, nem que fosse daqueles só de preencher as letras(...) mesmo aqui em casa aqueles livros de história e assim incentivavam sempre a ver, nem que fosse as imagens(...) lembro-me muito da «Branca de Neve»(...) acho que foi das primeiras que eu li (...))»</p> <p>-«(...)eu até aprendi a ler muito cedo porque os meus pais me incentivavam a ler, pelo menos o meu pai, a minha mãe não ligava tanto porque(...) ela fez pouco tempo de escola, nunca ligou muito aquilo, mas o meu pai sempre nos incentivou (...))»</p> <p>-«(...)lia mais os de bonecos do que propriamente os da escola (risos)(...) Então nessa etapa da minha vida não lia quase nada, mesmo(...) aqueles tipo da «Anita» e essas coisas do «Noddy»(...))»</p>	<p>- «(...) eu não lia nada, então aí é que eu não lia mesmo nada (risos).(...) nessa fase da minha vida acho que só li para aí(...) li dois (...) «Fim da Inocência» e (...) «A ilha dos 30 caixões» (...))»</p> <p>-«(...)a partir do 10º ano, eu como andei num curso profissional, havia livros que nós supostamente tínhamos de ler, mas nós nunca chegamos a ler esses livros(...) nós fizemos um trabalho acerca disso, não os lemos.(...)»</p> <p>-«(...)Sim, revistas lia (...) «Maria», a «Ana» a «TV 7 Dias» (...)por causa dos posters e dos brindes (risos).»</p> <p>-«[...]notícias...](...) só as que via na televisão, porque os meus pais estavam a ver e eu também via, não era por minha opção(...))»</p> <p>-«(...)ficava pelo título. Se houvesse um texto muito grande eu só lia o título e aquelas palavras mais a negrito a baixo e estava bom(...))»</p> <p>-«(...)Não, também nunca tive diários. Não fazia resumos da matéria(...) o que tinha no caderno e prontos(...) antes do teste eu lia alguma coisa do livro e o que tinha no caderno(...))»</p> <p>-«[...]As composições da escola, eram-te fáceis de fazer?(...)) (suspira fundo) sinceramente eu acho que não. Eu acho que ficava ali muito tempo a pensar «o que é que eu vou escrever aqui?»(...) isso até devia ser um bocado por não ler(...))»</p>	<p>-«(...) a partir da licenciatura comecei a gostar mais de ler, não sei porquê, não me perguntes eu não sei. Eu peguei num livro, li aquilo e depois comprei para aí 4 de uma serie e depois li(...) aquilo num instante mesmo, eu não sei, eu devia de andar assim meia maluca e agora leio tudo o que me derem eu leio(...))»</p> <p>-«(...)eu acho que não teve a ver com a parte deles porque(...) tudo o que seja que eles mandem ler escolar, eu não leio(...) tem de ser uma coisa que me chame a atenção(...))»</p> <p>-«(...)eu acho que sim, pelo menos na parte de algumas palavras, porque(...) tu a leres aprendes palavras novas prontos, em todos os livros. E eu acho que foi um bocado daí que uma pessoa começou(...) mesmo a buscar outras palavras(...) para trabalhos e tudo, aquilo ajudava(...))»</p> <p>-«(...)limito-me a ver na televisão as notícias(...) Mas vá, leio artigos na internet(...) já leio toda(...) Não fico pelo título, mas tem de chamar a atenção para ler a notícia(...))»</p> <p>-«(...)Nunca tive dificuldade em comunicar-me com ninguém(...) notei uma evolução enorme, desde o 1º ano da licenciatura até ao último, na forma como fazia os trabalhos, nas palavras que metia, tudo muito mais formal(...) os professores diziam o que estava bem e o que estava mal nos trabalhos e uma pessoa habituou-se a fazer daquela forma(...) foi daí que veio a evolução(...))»</p> <p>-«(...)eu ficava mesmo pela matéria que eles</p>

			<p>davam(...) Os «power point» das aulas chegavam. Eles na nossa plataforma metiam mesmo textos científicos para nós se quiséssemos ler(...) mas, raramente uma pessoa lia aquilo(...)</p> <p>-«(...)Apontamentos das aulas, pouco mais(...) Era tudo o que os professores apontavam nas aulas, uma pessoa escrevia(...) Mas se por acaso tivessem a falar de algum assunto muito importante eu fazia por tópicos(...)</p> <p>-«(...) Basicamente eu acho que ainda prefiro estar na internet, apesar de gostar de ler, não gosto assim tanto de ler(...)</p>
TV / Rádio	<p>- «(...)Desde que me lembre sempre tive televisão(...) lembro-me muito do «Popei»</p> <p>-«(...)O rádio... Nunca ouvimos muito(...) nada aqui em casa, só no carro mesmo.»</p> <p>-«(...)A ver televisão sim, muito(...) uma pessoa entretia-se de manhã a ver televisão, à noite a ver televisão, à tarde se tivesse a dar alguns bonecos(...) e na altura os DVD's que aquilo tinha lá os filmes(...)</p>		

<p>Telemóvel / Computador</p>	<p>-«(...)Computador... Sim, nós eramos muito novos(...) acho que tinha para aí 8 anos quando o meu pai comprou o primeiro computador(...) quando andávamos na primária, já tínhamos computador(...) foi dos primeiros que veio aqui para a zona, acho que foi o nosso(...) Era daqueles fixos branco(...) só o ecrã pesava muito, meu deus!(...) só brincar, descobrimos lá uns jogos(...)»</p> <p>-«(...) veio o computador e nos primeiros tempos até estávamos lá um bocadinho entretidos, mas depois passado algum tempo já não ligávamos nenhuma(...)»</p> <p>-«(...)na altura eu acho que foi(..) a maior parte das pessoas nem sequer sabia o que é que era um computador e(...) como o meu pai sabia o que era(...) comprou um e depois é que começou aquela coisa de que toda a gente tinha de comprar um computador(...)»</p> <p>-«(...)Eu já tinha para aí uns 10/11 anos quando tive o meu primeiro telemóvel(...) Mas tive o meu primeiro contacto com um telemóvel antes, ainda estava para aí no meu 2º ano. Mas não era meu(...) A primeira vez que o vimos? Aquilo já tirava fotografias, andávamos a tirar fotografias a tudo (<i>risos</i>). Era um «Samsung»(...) já tinha camara(...) Eu já tinha visto aqueles(...) «Nokias» antigos que se deixas cair partes o chão?(<i>risos</i>)(...) mas não ligava muito aquilo mas(...) aquele tinha camara e dava para andar a tirar fotos e era o que nós queríamos(...) já toda a gente tinha, eu fui das que teve telemóvel mais tarde(...) o meu pai até me comprou mais o telemóvel porque(...) quando ele ia ao Sabugal para me</p>	<p>- «(...)quando chegou ao 11º, 12º ano os meus pais já começavam a dizer que uma pessoa passava demasiado tempo no telemóvel(...)»</p> <p>-«(...) Sim, de computador(...) eu fiquei com um outro PC fixo mas já era daqueles mais modernos porque os outros que tínhamos estragaram-se. Mas o meu PC portátil até fui eu que o comprei, mas já, já tinha acabado o 12º ano(...) era fixo, já também não o podia levar para lado nenhum, não me fez passar mesmo mais tempo na internet(...)»</p> <p>-«(...)Eu acho que tive 3(...) o meu «Samsung» (...)depois tive o tátil e depois comprei outro tátil(...) [<i>teres mudado de telemóvel, fez-te passar mais tempo na internet?</i>](...) Não(...) Eu já passava no outro porque eram quase iguais(...)»</p> <p>«(...) Sempre no telemóvel, o computador era mesmo só trabalhos(...)»</p>	<p>- «(...) o computador é muito grande (<i>risos</i>) e o telemóvel(...) tem as mesmas coisas que o computador e é muito mais fácil de aceder(...) mas para fins escolares tem de ser o computador, porque(...) tem o «office», tem o «word» tem tudo e é muito mais fácil(...) para lazer tem mesmo de ser o telemóvel, completamente(...) para fins escolares eu fazia no computador, para ficar também com o histórico guardado porque já sabia que ia estudar nele(...)»</p> <p>-«(...)uma pessoa no computador vê melhor(...) Por exemplo, eu consigo ler mais atentamente neste ecrã (<i>mostra o computador</i>) que é maior um artigo do que consigo ler no telemóvel com as letras mais pequeninas(...)»</p> <p>-«[...<i>Levavas o computador para as aulas...</i>](...) Sim(...) para acompanhar(...) os professores(...) os slides(...) para acompanhar a aula(...) às vezes até tirava apontamentos logo no computador para trabalhos e etc. Ficava logo tudo no computador(...)»</p> <p>«(...)redes sociais e assim vou no telemóvel(...)»</p> <p>-«(...) Mudei de computador(...)Telemóvel sim, mudei, sim(...) porque o outro estava-me sempre a, imagina eu queria instalar uma aplicação e aquilo já tinha sempre o espaço cheio(...)»</p> <p>-«(...) é diferente poderes levar o computador para onde tu quiseres, por isso sim. De certa forma, faz com que eu passe mais tempo na internet, porque levava para as aulas e estava na internet. O telemóvel(...) quando tive este conseguia instalar mais coisas, conseguia passar mais tempo na internet(...)»</p>
-------------------------------	--	--	--

	<p>ir buscar(...) nunca senti necessidade de ter telemóvel, nessa altura(...) Depois comecei a mandar mensagem para as amigas(...) No 6º ano já trocávamos mensagens(...) [<i>O telemóvel tinha acesso à internet?</i>](...) Não(...)</p> <p>-«(...)nós depois tivemos um portátil(...) para ser mais fácil levar para a escola(...) o meu tio decidiu oferecer ao meu irmão (...) para ele levar para a escola, porque o meu irmão é 2 anos mais velho do que eu e então ele já precisava mais dessas coisas(...)</p> <p>-«(...)O contacto que eu tinha com o computador era só mesmo para jogar(...) só comecei a fazer coisas para a escola no 8º ano(...)</p> <p>-«(...)Passei de um computador fixo para um portátil porque eu ia jogar no computador do meu irmão que era portátil, mas só jogava(...) acho que comecei a jogar mais(...) Não, ia na mesma, tanto fazia ser portátil ou fixo.»</p>		
--	--	--	--

<p>Internet / Acesso / Uso</p>	<p>-«(...) Quando veio o computador fixo cá para casa(...) já havia internet, e depois até era aí que nós jogávamos. Nós jogávamos pela internet, por isso é que aquilo era muito engraçado(...) nós só procurávamos jogos e pronto no «google»(...) Era a única coisa que fazíamos. Acho que a internet já era de cabo, porque nós nunca tivemos PEN de internet(...)»</p> <p>-«(...)era só mesmo jogos, até porque nunca nos mandaram fazer trabalhos. No 5º e no 6º ano nunca nos mandaram fazer trabalhos(...) Mesmo na escola eu acho que não havia grande hipótese de nós acedermos à internet na altura(...)»</p> <p>-«(...)nessa altura eles não diziam nada porque lá está, também eles próprios não sabiam dos perigos que na altura aquilo tinha. Era tudo muito novo.»</p> <p>-«(...)não sentia dificuldade, lá está, era raro ter internet então se tivesse uma internet que desse para jogar já estava ótimo(...) a primeira vez uma pessoa fica assim um bocado, mas depois lá está, é o hábito(...) Na altura quem nos ensinou foi o meu pai(...)»</p> <p>-«(...)Não, acho que não, porque nós lá está, era tudo português(...) Ia perguntar ao meu pai(...)»</p>	<p>- «(...)Já. Eu usava em casa e(...) Também usava na escola porque (...)tínhamos TIC(...) e também no 12º ano já toda a gente tinha internet no telemóvel. Vá, a partir do 9º ano já toda a gente tinha Internet(...) em todo o lado(...)»</p> <p>-«(...) essencialmente trabalhar com a parte do «office» que era o «Word», o «Power Point»(...) Não aprendemos nada de especial(...) informar dos perigos da internet(...) coisas assim básicas mesmo(...)»</p> <p>-«(...) no meu 9º ano sei perfeitamente que já tinha internet(...) foi quando comprei um telemóvel já tátil, já tinha acesso à internet(...) apanhávamos a internet da escola e era muito lenta(...)»</p> <p>-«(...)Tínhamos o router e usávamos em casa(...)»</p> <p>-«(...) toda a gente já tinha, pelo menos que eu saiba. Em casa não sei, mas pronto já toda a gente tinha telemóvel, já conseguiam aceder(...) lembro-me que havia pessoas(...) que ainda não tinham internet em casa(...)»</p> <p>-«(...)apanhei muito o hábito de utilizar(...) sempre a mesma coisa, que era o «Google Chrome»(...) Foi sempre aquele desde pequena(...) nunca tive outro navegador sem ser o «Google»(...)»</p> <p>-«(...)Eu nos trabalhos sempre fui um bocado perfeccionista, então eu tentava ir ao máximo de sites que encontrava(...) Num diz uma coisa, noutro pode dizer outra coisa completamente diferente. E às vezes até dizem a mesma coisa de forma diferente(...) Quanto à informação ser a correta, não sabia (<i>risos</i>). Lá está, sabia porque também pesquisava em muitos sítios e lá está, se todos dissessem a mesma coisa eu supunha que era verdade(...)»</p> <p>-«(...)Ir ao «Youtube»(...) o «MSN»(...)»</p>	<p>- «(...)para fins escolares(...) tudo o que fosse necessário para fazer trabalhos(...) por mim própria(...) raramente pesquisava alguma coisa só por interesse(...)»</p> <p>-«(...)no telemóvel só as redes sociais, não pesquisava nada(...) Eu não sigo figuras publicas, não me interessa minimamente(...) não gosto. Eu raramente pesquisava, nesta altura já via mais filmes(...) no computador(...)»</p> <p>-«(...)claro que sim, porque se nós utilizarmos bem a internet nós conseguimos tirar muito proveito dela(...) Isso agora é um bocado difícil porque(...) a internet agora também está cheia de «Fake News»(...) então tu tens de ter muito cuidado com aquilo que vês e de onde tiras(...) a melhor forma de ver isso é pesquisares muito sobre o assunto(...)»</p> <p>-«(...)Sinceramente(...) para mim neste momento não é que me influencie muito porque eu não(...) passo muito tempo na internet(...)»</p> <p>-«(...)Oh, nas aulas lá está, uma pessoa passava muito tempo no telemóvel, via «Facebook», via tudo, via «Instagram», via tudo, agora não, agora é só mesmo para falar(...)»</p> <p>-«(...)filmes, passava muito tempo a ver séries, nos fins de semana e etc, e redes sociais só(...)»</p> <p>-«(...)pela informação que consigo retirar dela. Da internet, eu acho que ela me ajuda muito na compreensão de alguns assuntos. Claro, tudo relacionado com a minha área(...)»</p> <p>-«(...)se for uma mensagem tenho logo aquela coisa de ir ver quem é pelo menos(...) eu também sou uma pessoa que me distraiu muito(...) vou ver uma mensagem que me mandaram ontem, faço tudo menos ir ver a mensagem(...) não sei, uma pessoa, tu</p>
------------------------------------	---	--	---

		<p>-«(...)Na altura(...) só pesquisava mesmo para a escola e essas coisas(...))»</p> <p>-«(...)eu não tirava proveito nenhum(...) uma pessoa passava lá o tempo(...) não me sentia muito influenciada por aquilo mas, lá está, era ver o que os outros faziam e pensar do género «Vou tentar fazer o mesmo»(...))»</p> <p>-«(...)para a minha compreensão talvez ajudasse um bocado(...) via-se muita coisa. No «Facebook» não se via só fotos, via-se publicações diferentes que realmente tinham algum conteúdo(...) Nós na altura não ligávamos muito(...) só queríamos ver fotos(...))»</p> <p>-«(...) achava fácil o acesso e tudo mais(...) Ia ao «Youtube» ver(...) como resolver(...) Não, nessa altura já não. Porque o meu pai também nessa altura já estava muito desatualizado(...) Podia perguntar(...) a um amigo ou ao meu irmão(...) mas normalmente já tentava fazer as coisas por mim própria. Por mim própria com ajuda no «Youtube»(...))»</p>	<p>entras no telemóvel e lembraste de mil e uma coisas que tu tens de ir ver e prontos, ou distrais-te com qualquer coisa, uma notificação que esteja para lá e não sei quê, uma pessoa distraísse e vai para lá fazer tudo menos aquilo que era suposto(...))»</p> <p>-«(...)Raramente pergunto como se faz ou(...) tento sempre descobrir. Continuo a ir ao «Youtube» ver como se faz, às vezes(...) eu agora não gosto de pedir ajuda a ninguém eu gosto de fazer as coisas por mim(...))»</p>
Redes Sociais		<p>-«(...)no «Facebook» passava-se o tempo(...) usava mais o telemóvel(...))»</p> <p>-«(...) Tinha o «Facebook»(...) o «Snapchat», o «Instagram»(...) Tudo o que houvesse nós criávamos. Também houve o “hi5” e essas coisas, o «Twitter»(...) tudo o que havia de redes sociais(...) toda a gente tinha então toda a agente criava para andarmos a ver as coisas uns dos outros(...) era só mesmo essa a finalidade, sinceramente(...) ver o que os outros faziam, publicar as minhas coisas(...))»</p> <p>-«(...)o «Facebook» na altura no «Snapchat» também ia todos os dias. «Instagram», o «Twitter» é que já não e essas coisas porque ia perdendo o interesse(...))»</p>	<p>- «(...)se estou a fazer um trabalho, então eu vou para aí quinhentas vezes ao «Instagram» só porque pronto é só para me distrair (<i>risos</i>) porque eu não tenho lá nada para ver (<i>risos</i>)(...))»</p> <p>-«(...)eu a partir da universidade eu excluí muitas(...) redes sociais(...) só fiquei com o «Facebook» e o «Instagram»(...) não me interessavam(...) é aquele desinteresse(...)fotos e as histórias da vida dos outros e eu já não me interessava nada por aquilo(...)) »</p> <p>-«(...) Não, dependeu mesmo de mim. Porque se fosse pelas outras pessoas eu ainda as estava a usar(...) Só amigos mesmo, só sigo pessoas conhecidas(...) só meto também gosto e continuo a raramente comentar. Só se for realmente uma amiga mesmo muito próxima, posso comentar, mas é</p>

		<p>-«(...)Só punha likes (<i>risos</i>) eu nunca fui muito de comentar(...) partilhava pouca coisa, porque eu nunca fui muito de meter coisas e porque, lá está, os meus pais também avisavam «o que puseres na internet fica lá para sempre»(... Era só mesmo fotos e mais nada(...))»</p>	<p>raro(...) eu não partilho nada, eu continuo a não partilhar nada, mas mesmo agora ainda é pior(...) O que eu publico, basicamente fotos(...) no «Instagram» porque eu no «Facebook» já não publico mesmo há muito tempo, publico fotos no «Instagram» para aí de ano a ano, só para atualizar (<i>risos</i>)(...)»</p> <p>-«(...)As vantagens são muitas, mas as desvantagens eu acho que sinceramente neste momento são maiores. Porque há tantos riscos associados(...) Mas as vantagens das redes sociais(...) consegues ter um contacto com os teus amigos(...) facilmente estejam onde estiverem(...) há muitos riscos associados de depois te roubarem a conta, de terem os teus dados, de terem acesso às tuas conversas, de basicamente tudo e mesmo das fraudes(...)»</p> <p>-«(...)Facilita as duas (<i>risos</i>) facilita a inclusão e a exclusão (<i>risos</i>) porque lá está, tu lá consegues conviver com toda a gente através das redes sociais(...) mas se se passa alguma coisa e se é alguma coisa divulgada na internet, também já foste(...) destroem-te a vida só ali(...) Eu acho que na internet, sinceramente(...) há mais incentivo ao ódio do que propriamente incentivo a outras coisas(...) a internet é muito má nessa parte, porque as pessoas que estão atrás de um ecrã sentem-se à vontade para comentar de tudo e expor tudo(...) a internet dá um excesso de confiança às pessoas(...) Eu tenho praticamente certeza que para aí 90% das pessoas aquilo que comentam nas redes sociais, não eram capazes de comentar na realidade(...)»</p>
--	--	---	---

**COVID - 19**

- «(...) Tive aulas durante o confinamento, sim. Passei os confinamentos aqui na minha terra(...) Nessa altura o uso e o acesso à internet, não estava mal de todo, estava boa(...) Depois tive problemas foi no 2º confinamento, aí é que a internet já estava mesmo má, caia(...) eu estava no «zoom» e aquilo ia a baixo(...)»

-«(...)Eu, para mim foram mesmo muito fáceis(...) os nossos professores eu não tenho nada a dizer, adaptaram-se bem, conseguimos fazer tudo na mesma. Lá está, em vez de testes de avaliação optaram por fazer trabalhos, o que também nos facilitou um bocado a vida, mas ao mesmo tempo, aprendemos, eu acho que pelo menos aprendemos mais

assim do que estarmos a estudar para uma matéria(...)»

-«(...)A concentração é diferente, lá está, na sala de aula, porque tu tás ali, tás só na sala de aula, não há mais nada para fazer e tu em casa tens sempre distrações, é o cão que vem, é a tua mãe que chega, é o teu pai que anda a passear(...) há muitas distrações(...)»

-«(...)A motivação estava lá na mesma, porque lá está, uma pessoa está concentrada em acabar o curso, em acabar o semestre, agora a concentração à minha volta, isto era só distrações. A concentração diminuiu de, lá está, também foi de 80 para 8(...)»

-«(...)Particpei menos. Mas é que foi mesmo, lá está, a participação diminuiu muuuuuito, porque na sala há sempre alguém que decide falar, ali, tu entras, nós entravamos, às vezes ligávamos as camaras, ou não, porque havia aulas que nós nem ligávamos as camaras e basicamente ninguém falava a aula toda(...)»

-«(...)a internet foi muito, enfim, foi o ponto negativo disto tudo, porque se tu não tivesses internet não tinha acesso às aulas(...)»

-«(...)O computador não, mas o espaço sim, porque lá está, o meu pai estava em casa na altura e tínhamos, eu estava na sala e ele estava na cozinha. Mas também não houve problema(...)»

-«(...) tu chegavas às aulas, metias aquilo no «mute»(...) desligavas o som e podias estar ali a conversar a manhã toda porque eles nem sequer conseguiam ouvir nada(...)»

-«(...)Eu passei de utilizar só mesmo de vez em quando para trabalhos, a passar pronto, passar o dia inteiro no computador e foi daí que eu até comecei a ter má visão(...) eu acho que passava quase para aí o quê? Algumas 14h/15h no computador na boa e sempre que não estava no computador estava a ver televisão(...)»

-«(...)acho que as pessoas descobriram coisas novas na internet não é digo eu. Começaram a ter uma ligação mais próxima com a internet, começaram a falar mais pela internet. Basicamente, pesquisar na internet, ver filmes na internet(...) acho que as pessoas descobriram outra internet, quando houve o confinamento(...)»

-«(...)acho que houve um aumento(...) com professores e tudo, porque uma pessoa antes tinha uma dúvida tirava na aula e a partir daí nunca mais voltavas a perguntar. Ali tu trocavas emails e não sei quê e se fosse preciso tiravas para ai 3 dúvidas por dia e lá está, houve uma aproximação com os professores que estavam, sinceramente, estavam mais disponíveis na altura do covid do que estão na universidade todos os dias. E mesmo com família e amigos, uma pessoa estava na internet sem nada para fazer «olha vou mandar aqui uma mensagem ao meu primo da França» (risos)(...)»

-«(...) Não, durante a pandemia eu não tinha tempo para ler porque eu só estava concentrada nos trabalhos(...) tudo o que eu li foi sobre matéria do curso, assunto académicos(...) acho que até me fazia bem, mas não li(...) Porque lá está, o livro é uma forma de tu tirares a tua mente das outras coisas e tares só focada naquilo e por um lado fazia bem nesse aspeto(...)»

-«(...) O mais fácil foi o primeiro(...) até soube bem estar um tempinho em casa, agora o segundo(...) os professores aí também já começaram a dificultar muito mais(...) eu acho que eles estavam a achar que as notas estavam a ser muito boas, no confinamento(...) É assim, eu vou-te dizer, é super fácil copiar (risos), porque mesmo que eles nos metam «bloquear PC» nós temos o telemóvel, temos tudo ali à nossa disposição, apontamentos e tudo, só que lá está, chegas um teste, copias tudo(...)»

-«(...)A motivação então baixou logo imenso, foi mesmo «Ah! Fogo a serio? Outra vez?»(...) uma motivação mesmo baixa para continuar as aulas(...)»

-«(...)eu também tive um confinamento que prontos, a minha família tava toda aqui e pronto uma pessoa não se sentia tão sozinha e tinha a minha prima sempre aqui que vive aqui ao lado e então basicamente, íamos fazer caminhada, íamos sempre fazendo alguma coisa, saíamos um bocado de casa(...) E a nível físico até melhorei a nível físico, pah eu devia estar outra vez em confinamento (risos)(...)»

Entrevistada: C.S. – UBI– Data: 15 de julho 2021 – online

Questões	Infância – 6º Ano	7º Ano – 12º Ano	Ensino Superior
Hábitos de Leitura	<p>- «(...) Se calhar mais do que agora, eu quando era mais nova gostava muito de ler (...)»</p> <p>-«(...) dos meus pais me lerem ou assim, não me lembro, se isso acontecia não me lembro (...)»</p> <p>-«(...) Não sei, simplesmente sei que comecei a ler e gostei muito, não havia assim nenhuma influencia (...)»</p> <p>-«(...) fazíamos aquelas fixas de leitura (...) em que nos mandavam ler um livro e tínhamos que (...) mas não eram muitos os professores que faziam isso e agora vejo que se calhar deviam (...)»</p> <p>«(...) Lá ia lendo um ou outro mas... O tempo que eu passava a ler não... Era muito menos do que o tempo que eu passava a ver televisão (...)»</p>	<p>- «(...) Eu lia muito pouco (...) Sei que no secundário era capaz de ler mais (...) porque tínhamos os exames e eramos obrigados a ler certas obras (...)»</p> <p>- «(...) Lia livros tipo de Romance tipo (...) « Nicholas Sparks (...) comprei um que era sobre uma viagem espiritual (...) Para nos ajudar a nível do autoconhecimento (...) não gostei desse livro (...) Ainda tenho livros dele que comprei novos e ainda não li (...) lembro-me que lia (...) uma revista mas era a “Bravo” (...) Vinha com brindes (...)»</p> <p>-«(...) Eu gostava muito de escrever em diários (...) sempre fiz, isso sempre foi a minha forma de estudar, fazia sempre resumos. Não eram muito resumidos, escrevia sempre a matéria toda (...) Só que não decorava nada (...) não decorava pronto, não fixava (...)»</p> <p>-«(...) sim porque antes lia assim coisas de princesas e depois passei para ir ler esses romances do “Nicholas Spark” e depois no secundário já lia menos, já lia pouco. Ia ler aquelas obras que eram obrigatórias. Já lia pouco.»</p>	<p>- «(...) Eu li muito pouco, neste momento eu li mais por causa da Dissertação. É assim, eu li pouco a nível de livros, de revistas, li pouco, jornais não li muito, mas na Dissertação li muuuuito mas era tudo só focado para a Dissertação, mas fora disso, tipo para lazer ou assim a nível, para me informar de alguma coisa não li (...)»</p> <p>-«(...) Leio o que eles dão nas aulas e estudo. (...) aquela bibliografia que aparece, que eles sugerem, essa eu não li (...) li o que eles sugerem mas não tudo (...) Ah sim! Até porque só os slides faltam lá muita informação, vou para além disso, li os artigos e o que envolve essa matéria, não me fico só pelos Slides.»</p> <p>-«(...) Eu notava que quando lia mais conseguia falar melhor e expressar-me melhor (...) quando tu lês (...) consigo organizar melhor as ideias e falar melhor e expressar-me melhor a minha ideia (...) Só a dissertação não nos ajuda em nada (...) O facto de não ter lido muito dificulta-me a percepção e a compreensão das coisas. Quanto mais lês, mais sabes sobre o assunto, mais informada vais estar.»</p> <p>-«(...) Não. Não escrevo (...) Mas fazer resumo sim, olha na Licenciatura era tudo por escrito (...) era resumos de tudo, era dos textos era da matéria era de tudo (...) Longos, mais uma vez ainda não sabia resumir. Mas depois chegou a um ponto em que já era muita a matéria (...) então comecei a pensar que se calhar era muito mais fácil no computador (...) no 3º ano de Licenciatura, início do Mestrado é que comecei a fazer os resumos em computador (...)»</p> <p>-«(...) depende do interesse, se for uma coisa que me interesse li o texto longo, mas geralmente prefiro o</p>

			texto curto para perceber mais rapidamente. Mas se for uma noticia que me capte mesmo a atenção eu não me importo de estar ali a ler e de ir pesquisar mais (...)
TV / Rádio	<p>- «(...) eu gostava muito de ir para o carro a fingir que estava a conduzir (...) e depois ligava o rádio (...)</p> <p>-«(...) A televisão (...)Não te sei dizer o momento exato de como é que foi a primeira reação, mas eu ficava muitas vezes vidrada (...) Na rádio acho que não havia nada de jeito. Na televisão via o «Cartoon Network», que era as «Powerpuff Girls» (...) «Tomy e Jerry» também (...) não tenho noção se passava muito tempo. (...)eles diziam tipo «Ah, vamos mas é ver as noticias» (risos) mas não, não me diziam «Ah agora não vejas isso» (...)</p> <p>-«(...) se calhar capaz de passar mais tempo a ver televisão (...)</p> <p>-«(...) passava mais tempo era a ver televisão. A ler livros não (...)</p>		
Telemóvel / Computador	<p>- «(...) Tive, para aí com 12 anos a Playstation (...)</p> <p>«(...) Se calhar no 5º ano (...) os meus pais me deram caso às vezes fosse preciso alguma coisa (...) Para eu poder ligar (...) era (...) «Siemens» (...) Era só para as chamadas com os meus pais e jogava aquele jogo da cobra (...)</p> <p>-«(...) agora que tu falaste nisso (...) A vídeo chamada que me recordo era no portátil (...) lembrei-me que também tinha um fixo e eu jogava às vezes no computador fixo, mas não sei se já tinha o portátil ou não e jogava um</p>	<p>- «(...) Sim, no computador. No telemóvel também, mas mais no final do décimo ano é que já usava mais, porque antes disso também não havia assim grande acesso à internet (...) Era mais prático sei lá, os telemóveis ainda eram assim muito... Não estavam atualizados e aquilo não funcionava bem (...)</p> <p>- «(...) Se fosse para fazer um trabalho e apresentar no computador, se calhar ia ao “Wikipedia”, pronto. Mas se fosse assim uma coisa diferente em que tivéssemos que ler e pesquisar, se calhar ia aos livros (...)</p>	<p>- «(...) No telemóvel (...) Porque é muito mais fácil de aceder, com o telemóvel tu andas sempre não é, com o computador (...)</p> <p>-«(...) os trabalhos académicos é mais fácil no computador porque se calhar vejo melhor e posso ir a várias páginas, enquanto que no telemóvel se precisas de ir a mais do que uma página no “Google Chrome” já fica tudo muito confuso, já não sabes onde é que está a página e aqui assim fica tudo à disposição (...)</p> <p>-«(...) Só mudei de computador na Licenciatura (...) no 3º ano, acho eu, da Licenciatura, comprei este que agora tenho. Mas não acho que influencie o eu ir à internet ou assim. No telemóvel se calhar já</p>

<p>jogo que era tipo de tiros (...) aquilo não tinha grande objetivo (<i>risos</i>) (...)»</p> <p>-«(...) O computador fixo chegou a um ponto em que já não lhe pegava (...) já não atualizava (...)»</p> <p>-«(...) Aí também tive uma Nintendo (...) tinha uma camara e tu metias-te ao pé da televisão (...) filmava-te e depois na televisão aprecias tu e um animal virtual (...) eu fartava-me, não passava muito tempo a mexer (...)»</p> <p>-«(...) Alguns, nem todos. Eram raros os que tinham se calhar (...) antes não tinham possibilidade para tal (...) Pensando nisso agora, eu acho que sim (...) Não sei porque ao mesmo tempo eu quero-te dizer que nem pensava nisso, mas se calhar também acabávamos por não nos dar tanto com os outros porque... Mas eu acho que enquanto crianças não pensávamos muito nisso, mas se calhar até influenciava (...)»</p> <p>-«(...) eu quando comecei a utilizar o portátil eu acho que já tínhamos o fixo, mas o portátil era mais a minha mãe que usava. Mas, no início era só o “Farmville” e depois passado algum tempo é que comecei a descobrir (...)»</p>		<p>influenciou. Sei lá, porque os meus telemóveis antigos não eram tão bons ao nível de câmara e estes se calhar já são e já sou capaz de tirar mais fotografias para depois publicar, por isso... Pode ter influenciado.»</p>
--	--	--

<p>Internet / Acesso / Uso</p>	<p>- «(...) tinha uma «Pen» que era de «NET» (...) se tiveres no computador e aquilo demorar mais de 10 segundos está a ser super lento e na altura era tipo «OK», nós ali à espera (...) usava só assim mais para esses jogos tipo, o «Farmville» e depois usava assim para os jogos da «Barbie»</p> <p>-«(...) foi nessa altura, 5º, 6º ano (...) era só em casa (...) só jogava, não fazia assim mais nada (...)»</p> <p>-«(...) os meus pais (...) Tenho de ter cuidado porque na internet as pessoas fazem-se passar por outras (...)»</p> <p>-«(...) comecei a descobrir, punha assim “jogos para meninas” (<i>risos</i>), punha assim qualquer coisa no “Google” e depois aquilo aparecia um site com mil e tal jogos para raparigas e pronto, eu punha-me a jogar (...)»</p> <p>-«(...) Ao início se calhar estavam lá os meus pais a dizer “olha faz assim, faz assado”, mas depois comecei eu a fazer sozinha»</p>	<p>- «(...) de início devia ser assim para os jogos. Lá mais para, no 10º, no secundário já era mais, já era o início das redes sociais e assim (...) Sim, no 7º ano até ao 9º ano se calhar acedia à internet para jogos (...) Mas no secundário acho que já utilizava mais para as redes sociais (...) a internet para trabalhos, mas eram coisas muito básicas, só quando eu cheguei à Universidade é que me apercebi que eram coisas muito básicas (...)»</p> <p>-«(...) Acedia com frequência mas nessa altura ainda não ficava muito tempo. No secundário usava se calhar mais o telemóvel, mas se calhar do 7º ao 9º ano, se calhar o computador (...)»</p> <p>-«(...) pesquisas tipo de filmes, muitas vezes pesquisava «Filmes de Comédia» (...) Não, não é uma tristeza, mas não via nada disso. Isso de notícias era tudo na televisão (...)»</p> <p>-«(...) Não sei, se calhar poderia aceder mais vezes, mas se calhar também não tirava grande proveito daquilo. Se calhar podia estar a utilizar de outra forma e... Que poderia ser mais proveitosa e não estava a usar assim (...) se calhar não influenciava (...) podia-me influenciar de forma positiva porque estaria mais informada quanto ao assunto e já conseguiria falar melhor sobre isso, mas de outra forma não sei (...)»</p> <p>-«(...) Não, não era um problema porque eu sempre gostei muito de inglês e também desde pequenina que via o “Cartoon Network” e aquilo não tinha legendas (...) Se calhar era capaz de me perturbar mais ser em Brasileiro do que Inglês, ou por exemplo em Espanhol (...)»</p>	<p>- «(...) Tanto é no telemóvel como no computador que acedo à internet, mas acedo mais em casa. Também fora de casa também posso aceder, porque temos o telemóvel não é e conseguimos aceder em qualquer lado e temos os dados móveis (...) Não sei se uso mais o telemóvel ou o computador porque depende, se estiver a ver séries é mais o computador, mas se me perder nas redes sociais, é o telemóvel (<i>risos</i>) (...)»</p> <p>-«(...) Para além da dissertação, uso para (...) ir ao email no computador, vejo filmes, séries, ouço musicas. No telemóvel é mais as redes sociais que uso a internet (...) No computador se calhar as pesquisas que faço são mais relacionadas só com a tese. Não faço assim grandes pesquisas... E no telemóvel também não faço. (...)»</p> <p>-«(...) Então eu acho que agora se tira muito mais proveito dela. Mas tem que se saber utilizar não é... E ver o que é que estamos a publicar (...)»</p> <p>-«(...) às vezes acaba por ser um refugio, eu tenho aquela coisa de quando to à refeição, pronto, a minha mãe está a trabalhar e então como sozinha, então gosto de estar sempre a ver séries (...)»</p> <p>-«(...) por exemplo estar a ver séries no computador e pegar no telemóvel para responder a uma mensagem, mas de repente a série continua a dar e tu já estás no telemóvel à não sei quanto tempo e esqueces-te, acontece-me (...) Eu acho que é mais no telemóvel (...) é no telemóvel é as redes sociais (...)»</p> <p>-«(...) eu cheguei a um ponto em que comecei a ver que estava a utilizar muito o telemóvel, então o que eu comecei a fazer foi por um (...) Eu delimiti, o que queria como tempo de ecrã, que tivesse tipo no telemóvel 2 horas por dia no total e quando chegava aquele momento aquilo tipo pronto, parava, então eu às vezes evitava de estar a ir ver as notificações</p>
------------------------------------	--	--	--

			<p>porque sabia que ia perder tempo e depois já sabia que ia ficar sem tempo para estar tipo na net. Então quando aparecem as notificações não sinto aquela coisa de ir logo a ver o que é (...) Sim, porque eu senti que já estava a passar demasiado tempo no telemóvel (...))»</p> <p>-«(...) Desde que comecei a Universidade (...) comecei a pesquisar sobre outras coisas (...) mudaram os interesses (...))»</p>
Redes Sociais	<p>- «(...) Eu queria muito criar um «Facebook», já não sei bem mas para aí já com 11, 12 anos que era para jogar o «Farmville» (...) também utilizava (...) o «MSN» e fazia vídeo chamadas»</p>	<p>- «(...) usava muito o «Snapchat», usava o «Facebook» e o «Instagram» usava assim mais ou menos. Ah! Usava o «Tumblr», adorava o «Tumblr», ficava horas naquilo, só a passar imagens (...) do 7º ao 9º ano aí se calhar era mais estar em jogos, para trabalhos e assim, depois já não. Já me preocupava mais com as redes sociais (...))»</p> <p>-«(...) o “Facebook” foi a primeira rede social que tive. Nessa altura já usava com frequência as redes sociais, quase todos os dias sim (...))»</p> <p>-«(...) no secundário já acompanhava mais, mas não seguia assim muito. Se calhar agora sou capaz de ficar no telemóvel a ver as publicações, mas na altura não (...) no secundário o que mais usávamos era o «Snapchat (...) vias a foto no momento ou já não a</p>	<p>- «(...) Algumas partilhas que faço é dirigidas ao feminismo e assim e ao estar a partilhar isso, eu sinto que posso estar a ajudar alguém a perceber sobre o que é que é o feminismo e a informar-se mais sobre o assunto (...) nesse sentido eu acho que é proveitoso (...) vais ajudar sempre alguém a perceber o que é que estás a falar (...))»</p> <p>-«(...) primeiro o “Facebook” foi no computador e depois é que instalei no telemóvel (...) O “Instagram” não, foi primeiro no telemóvel e depois no computador (...) O “WhatsApp” também tinha primeiro no telemóvel mãos depois instalei no computador porque, por exemplo a professora enviava-nos o link do “Zoom” para o “WhatsApp” e era mais fácil de carregar logo aqui no computador</p>

		<p>vias mais e portanto não havia aquela coisa de comentar ou por gosto (...) Não fazia assim grandes publicações (...)»</p>	<p>(...)»</p> <p>-«(...) As que uso mais é mesmo o “Facebook” e o “Instagram” (...) O “Facebook” uso para, agora por causa de estar no projeto (...) e uso também por causa do “Messenger”. O “Instagram” é só para ver fotografias (...)»</p> <p>-»(...) Não sou de ir pesquisar sobre o que é que eles publicaram. Se me aparecer (...) posso por gosto e comentar mas não sou de ir a pesquisar (...) eu mando-lhe mensagem privada (...) são textos curtos (...) Na fotografia em si, se for preciso ponho só um emoji (...) [... <i>que partilhas ou publicações tu fazes?</i>] (...) Só de fotografias minhas.»</p> <p>-«(...) As vantagens é que consegues com que a informação chegue muito longe (...) as desvantagens (...) As pessoas ofendem-se e nem se conhecem. Perdem tempo ali a criticar outras e nem as conhecem (...) Isso faz-me muita confusão (...) Se partilhares alguma coisa com alguém (...) a partir do momento em que partilhas, já perdes o controlo disso (...) De um momento para o outro já não tens a informação só contigo e já toda a gente tem acesso (...) E há pessoas que tipo, perdem tempo e discutem mesmo e são comentários, aquilo é ódio mesmo, que aquilo não tem fundamento nenhum, aquilo é só mesmo para estarem a criticar e eu pergunto-me “porquê?” eu se não gosto, não gosto, não vou estar ali a criticar a outra pessoa, opah se eu não gosto eu não vou ouvir e a mim faz-me muita confusão, há pessoas que perdem tempo só a espalhar o ódio (...)»</p> <p>-«(...) Não porque, elas quando se vêm expostas mesmo já é diferente (...)Então eu acho que sim, que o facto de estarem escondidos atrás de um computador ou no telemóvel, resulta em muito mais liberdade (...)»</p> <p>-«(...) Quem tem menos posses vai estar sempre</p>
--	--	--	---

			<p>excluído não é, não vai ter acesso às redes e, nem à internet, nem a nada desse género. Mas ao mesmo tempo também se está a tornar numa coisa tão banal que pode também ajudar a que esses que estão excluídos consigam aceder (...»</p> <p>-«(...) Acho que tem mais vantagens, porque eu acho que tem a ver com a tua utilização, não é, e se tu tás mais para ver o que é que publicaram e assim não há desvantagem nenhuma, agora se andas ali a stressar-te e ou porque tens de manter uma imagem isso já são desvantagens (...»</p>
<b>COVID - 19</b>			
<p>- «(...) no primeiro ano de mestrado foi normal. No 2º ano começamos normal, o 1º semestre, em janeiro ainda acabamos as aulas normal e depois começamos o 2º semestre e depois é que começou o confinamento (...»</p> <p>-«(...) As aulas, no início aquilo era tudo muito giro porque era do tipo «agora estamos todos a ver-nos pelo computador», não é, e ao mesmo tempo era estranho porque tipo estávamos em casa e agora estamo-nos todos a ver e os professores também estão em casa. Ao início foi tipo engraçado (...) ao início gostava mais, achei que era muito mais prático sabes, não ter que me deslocar à universidade e ter aulas e haver aquelas aulas em que te despachas em 10 minutos, tás a ver, e não tiveste de fazer a deslocação e tiveste no conforto da tua casa, gostei, mas depois no final já não estava a gostar das aulas, já dispersava já não era a mesma coisa, era muito difícil manter a concentração (...) já estavas à muito tempo em casa e depois era assim, era muito tempo a olhares para um computador (...) já não consegues manter a tua concentração (...»</p> <p>-«(...) houve quem se informasse a serio e houve aqueles que não quiseram saber (...) nem quiseram adotar as aulas online, que falavam só por email (...»</p> <p>-«(...) A vantagem é isso, o facto de não ter de me deslocar (...) A desvantagem é isso, é que uma pessoa dispersa (...»</p> <p>-«(...) Na aula tu tás com a professora e ela depois fala em outros assuntos e depois senta-se e levanta-se e tudo isso influencia a tua concentração, e quando tu tás assim no computador ela pode estar a falar de outros assuntos mas tu (...) chega ao ponto que farta e cansa-te mesmo e até meso a visão (...»</p> <p>-«(...) notei que passava muito tempo no telemóvel e no computador (...»</p> <p>-«(...) Eu acho que até aconteceu o contrário, eu até acho que com alguns colegas de turma deixei de falar (...) acho que até me afastei de algumas pessoas. De outras se calhar comecei a falar mais (...»</p> <p>-«(...) desmotivada sabes, não te sei explicar muito bem (...) Parecia que era uma rotina (...) Chegavas ao computador tinhas a aula, pronto acabou, é que estavas em casa, era sempre o mesmo ambiente sabes, não havia aquela separação, de repente era tudo no mesmo sítio, então não tinha aquela motivação do «ah agora vou estudar» (...) sentia-me muito desmotivada (...»</p> <p>-«(...) para mim o pior foi o primeiro, porque foi aquele choque. No segundo confinamento eu já estava «ok, já sei o que é isto já passamos por isto» e estava mais otimista estava do género «isto daqui a um mês já passa» enquanto que no primeiro era uma incógnita, «quando é que isto vai passar» não sabíamos de nada (...»</p>			

Entrevistada: A.J – Estudante – Data: 12 de julho 2021 – presencial

Questões	Infância – 6º Ano	7º Ano – 12º Ano	Ensino Superior
Hábitos de Leitura	<p>- «(...)desde pequenina que tive contacto com livros, lia ou explorava muito mais livros quando era pequenita, do que propriamente a partir do momento em que comecei a ler. Antes era folhear e ver histórias e imaginar o que estaria escrito(...) a «bela adormecida» a «carochinha»(...) «101 Dálmatas»(...) [<i>Os teus pais incentivavam-te?</i>](...) sim, eles sempre me deram muitos livros desde pequenita(...) a minha professora da primária(...) foi sempre a mesma, também incentivava bastante(...)»</p>	<p>- «(...) livros, eu continuei a ler muito pouco(...) provavelmente(...) 2/3 livros em 6 anos(...) «a rapariga no comboio»(...)»</p> <p>-«(...)no 7ºano(...) deviam ser as obras sugeridas pela professora de português(...) coisas mais tradicionais tipo «Fernando Pessoa»(...) a partir do 8º ou 9º ano em que era algo escolhido por mim, histórias verídicas(...) policial(...) esses livros extra eu tenho porque os meus amigos me incentivavam e davam para eu ler, mas estão lá para eu ler ainda(...)»</p> <p>-«(...)jornais não, revistas algumas(...) daquelas que se podem dizer revistas cor de rosa que falam dos atores e das pessoas famosas(...)»</p> <p>-«(...)Se fosse um livro com mais de 100 páginas se calhar aí seleccionava, tipo, lia as primeiras 100 páginas e depois quase involuntariamente acabava por me esquecer do livro, ou ficar sem vontade(...)»</p> <p>-«(...)tinha mais hábito de escrever do que de ler(...) Sobre o que ia acontecendo na minha vida(...) Não era de inventar histórias, contos ou poesia, era mais sobre o que estava a acontecer na vida real(...) cartas de aniversários(...) ou só porque estava num momento mais em baixo e achava que precisava de deitar cá para fora e escrevia(...)»</p> <p>-«(...)Fazia redações, resumos não. Fazia aquelas composições que os professores pediam, mas gostava de as fazer. Não era algo que fosse obrigatório para mim. Tinha número de palavras e eu passava sempre (<i>risos</i>). Tinha dificuldade em me conter(...)»</p> <p>-«(...)Depende, se eu achasse que me respondia logo</p>	<p>- «(...)ler por prazer nicles(...) De resto acabo por ler sempre bastante para fins(...) de formação académica(...)»</p> <p>-«(...)Eu opto por complementar a formação e a informação dos professores, por isso alguns livros são escolhidos por iniciativa própria e por aquilo que pesquisei e vejo que me faz falta(...) outros são sugeridos pelos professores(...) Não costumo ficar só pelo que o professor dá em aula, mas depende da vontade(...) Se for em época de exames epah, não há tempo para mais e por isso é o que os professores dão na aula, apontamentos e pronto(...)»</p> <p>-«(...)eu não me consigo concentrar muito tempo ou manter a atenção muito tempo enquanto estou a ler um livro(...) acho que se tivesse desde pequena esse habito de leitura, teria beneficiado em muito na minha formação académica superior, nem que fosse só na leitura dos slides ou na atenção com que estava nas aulas e hábitos de estudo(...)»</p> <p>-«[...como achas que essa falta de habito de leitura, se vê em relação à internet ou à televisão?](...) Acho que aí não se nota tanto porque já tenho outro tipo de estímulos visuais, sonoros. Na leitura é diferente(...) Não tenho concentração e depois acabo por me perder e depois na compreensão, porque como estou menos atenta se calhar há algumas questões que me escapam e(...) a compreensão também fica perturbada(...) A nível da expressão em si, não tanto expressão oral, mas expressão escrita, também acaba por ficar prejudicada(...) Erros ortográficos, regras gramaticais, acentos, vírgulas, esse tipo de coisas(...)»</p> <p>-«(...)Se for resumos é só para mim é tópico(...)»</p>

		à minha questão, não lia o resto. Se eu achasse que não estava bem esclarecida, lia tudo. Não tinha problema em ler tudo. Não lia só o título ( <i>risos</i> )(...)»	-«(...)Sinto dificuldades em manter a atenção, em organizar as ideias(...) para que depois no corpo do texto se perceba a ideia mas sucintamente(...)»
TV / Rádio	<p>- «(...) Com o rádio não me lembro de ter assim muito contacto, é mais agora(...) com a televisão... Via porque em minha casa a televisão está sempre ligada e até parece estranho quando a televisão está desligada(...) via(...) Bonecos desde as 7h da manhã, começava o «zig zag»(...) tudo o que desse eu via(...) «Martim Manhã» depois se calhar aos 7/8 anos devo ter começado a ver «morangos com açúcar» e séries(...) e depois os filmes(...) De manhã(...) eu acho que passava aí bastante tempo em frente à televisão e depois ao final da tarde, talvez antes de jantar(...) Acabávamos por ver todos o mesmo, o que eles estavam a ver eu via(...)»</p> <p>-«(...)No carro!(...) Música, desde que fosse música ouvíamos, tudo o que era informações íamos passando à frente.»</p>		

<p>Telemóvel / Computador</p>	<p>- «(...) telemóvel foi no 5º ano por isso aí 10/11 anos(...)Só mesmo para fazer chamadas(...) tirar fotografias(...) já mandava algumas mensagens, MMS. Mas acho que até ao 6º ano não lhe dava muito mais uso(...) Era curto, «olá como estás? Tudo bem?» Só deste tipo «sim e tu? Que fazes?»(...) Era um «Samsung»(...) muito moderno(...) Devia ter mas era daquela internet que se pagava e por isso nós não usávamos(...)»</p> <p>-«(...) eu lembro-me de nós irmos para a biblioteca, eu não tinha, só a minha irmã é que tinha computador, portanto usava o dela em casa, no 6ºano. Mas eu lembro-me que não tinha acesso permanente ao computador e nós íamos para a biblioteca(...)»</p> <p>-«(...)Telemóvel, porque tinha mais acesso a ele, estava mais(...) comigo e é mais fácil de transportar eu em casa ainda tinha um computador fixo(...)»</p> <p>-«(...) eu acho que ao longo do tempo que fazia um maior uso do computador ia descobrindo mais funcionalidades e ia explorando outro tipo de tarefas ou de entretenimento(...) e consecutivamente mais tempo dispensado em cada um deles, no telemóvel e no computador(...)»</p> <p>-«(...) numa fase inicial devia ter algumas dificuldades em trabalhar com os vários programas, com o «word» com o «paint» e aí também pedia ajuda com certeza à minha irmã para me ajudar(...)»</p>	<p>- «(...)O telemóvel, porque nesta fase o telemóvel já tem muito mais funcionalidades, já tem acesso à internet constante e é mais prático, mais acessível, mais pequenino. Toda a gente tem... É muito mais fácil do que chegar a casa e sentar em frente a um computador(...)»</p> <p>-«(...)Tive outro computador, vários telemóveis, mais avançados e mais caros(...) Aliás a vontade de usar a internet é que motivou a compra dos telemóveis melhores(...) assim que tive um telemóvel melhor, automaticamente devo ter passado mais tempo no telemóvel(...)»</p> <p>-«[Como consideras que eram as tuas competências digitais nesta altura?](...) Não eram muito boas. No telemóvel sim conseguia-me habituar facilmente(...) mas o computador é menos intuitivo e por isso acho que demorava mais tempo a chegar à solução. Recorria mais a ajudas fossem de pessoas ou da internet no computador, do que no telemóvel. Também vá, passava menos tempo no computador(...)»</p>	<p>- «(...) Sim. Telemóvel, seja onde for que eu esteja, de manhã, tarde e noite e para que atividades... Redes sociais, contactar com amigos e manter-me informada, agora sim, mais assuntos da sociedade em si, de política de cultura e de conhecimento académico(...) Telemóvel, pela mesma razão, é mais acessível, mais prático, posso andar sempre com ele. É algo que já, não sou eu que o chamo, é ele que me chama, porque vêm as notificações vêm todas aquelas mensagens que nós nem pedimos(...) faz parte do dia a dia.(...)»</p> <p>-«(...)No computador quase não tenho aplicações(...) só tenho o «WhatsApp»(...) Porque não dá jeito(...) Eu uso o computador muito para trabalhar(...) e para ver lojas quando to farta de trabalhar(...) o telemóvel é instrumento de comunicação e o computador de trabalho(...) para elaborar documentos sim(...) mas para ler(...) prefiro o telemóvel porque(...) está mais perto, é mais pequeno(...) e obriga-me a estar mais concentrada(...)»</p>
-------------------------------	---	--	---

<p>Internet / Acesso / Uso</p>	<p>- «(...) Eu acho que usava só mesmo para pesquisas de trabalho da escola, eu lembro-me de mandarmos uns emails, mas eu acho que isso já foi numa fase mais tardia, se calhar já no 7<sup>o</sup> ou 8<sup>o</sup> ano... Eu sou muito má com datas(...) aqui está tudo misturado(...) <i>(aponta para a cabeça)</i>(...) pesquisas(...) desenhos íamos ao email(...) Jogávamos «mileum jogos.com»(...)»</p> <p>-«(...)eu entrava na internet e eu ficava até muito tarde no computador e para os meus pais foi mau. Para mim foi uma coisa nova, libertador, de gente grande já(...) Porque eu estava muito tempo agarrada a algo que eles não podiam controlar(...)»</p> <p>-«(...)No 6<sup>o</sup> ano já começavam as chamadas para as amigas(...) já estava mais tempo fechada no quarto a falar ao telefone(...)»</p> <p>-«(...)Internet em minha casa eu não me lembro que tivesse boa internet e por isso eu não acedia, nem pelo computador nem pelo telemóvel(...) porque não tinha internet privada e então eu tinha uma antena que apanhava a rede da junta de freguesia e então, às vezes(...) não tinha, outra vezes abria a janela para tentar apanhar rede <i>(risos)</i>(...)»</p> <p>-«(...)Rendimentos e opção, era muito por opção. O meu pai não queria, achava que não era necessário «ok, se tens trabalhos podes usar agora um bocadinho e fazes o resto na escola»(...) E como não tinha net em casa acabava por usar mais quando ia a outro sítios, quando ia a casa da minha avó(...) ia à junta de freguesia utilizar o computador que eram uns públicos. Telemóvel se calhar usava</p>	<p>- «(...)Aí já seria telemóvel, computador(...) Casa, onde calhasse, desde que tivesse acesso(...)»</p> <p>-«(...)Acho que nesta fase usava somente para trabalhos, porque como o telemóvel me dava tudo o resto, a nível de pesquisas de músicas de redes sociais, então o computador acaba por ser para trabalhos(...)ou para ver filmes(...)»</p> <p>-«(...)Restringiam. Quando eu ficava até às 5h da manhã no computador, alto e calma lá <i>(risos)</i> punham-me ali um travão(...)»</p> <p>-«(...)Sim, houve mudança(...) dispensar mais tempo, mas em tudo. Tanto gastava mais tempo a fazer trabalhos, porque eram mais trabalhos que eram pedidos, como gastava mais tempo nas redes sociais para manter o contacto com os meus amigos, porque era assim que funcionava(...) A nível de preferências, deixei de jogar(...) comecei a dar mais preferência às redes sociais do que propriamente às chamadas e aos emails que mandava(...) Acaba por ser uma influência dos amigos também, porque era com eles que eu queria falar e manter contacto(...)»</p> <p>-«(...)Era ter uma ocupação, às vezes em casa não havia nada para fazer, ou está a dar alguma coisa na televisão que tu não gostas e pronto ok, é uma forma de passar tempo(...)»</p> <p>-«(...)aumentando gradualmente. Acedia todos os dias, várias horas por dia, seguidas ou não, mas tinha de ser(...) Eu consigo dizer que é mais tempo em redes sociais(...) Ou(...) ver lojas de roupa(...) notícias não muito, só mesmo se tiver impacto na minha vida, então se eu quiser aprofundar o tema(...) viagens talvez(...) conhecer países, cidades, monumentos específicos onde se localizam(...) pesquisas de eventos, músicas, mais a nível de entretenimento(...)»</p>	<p>- «(...)pesquisei mais pela necessidade de me sentir informada(...) antes não tinha tanto interesse. E também porque muitas das vezes é algo que vai influenciar o meu dia a dia, preço do gasóleo, medidas restritivas do confinamento(...) já faço ali uma filtragem da informação a que acedo e se não me vai acrescentar, se calhar já não dou tanta importância nem despendo tanto tempo, tiro mais proveito(...)»</p> <p>-«(...)é bom e é mau(...) porque enquanto to ali a fazer um «scrol» no «Instagram» a ver por mera curiosidade e coscuvilhice a vida dos outros(...) podia estar efetivamente a estudar ou a adquirir informação que me acrescentassem alguma coisa. Ou a fazer exercício físico, ou a ler um livro(...)»</p> <p>-«(...)Acho que tudo o que tu recebes te acrescenta. A nível da comunicação, eu acho que acaba por ser bom porque, sendo que eu leio muitos artigos científicos, e leio muita literatura e bibliografia para fins académicos, acrescenta-me também nessa parte da comunicação. No entanto, está-me a restringir dos momentos comunicativos(...) interpessoais em que estou cara a cara a falar com outra pessoa(...) Às vezes não to a ligar patavina aquilo, às vezes to só a passar(...) Às vezes vou só(...) porque já é habito eu ir ao telemóvel e abrir uma rede social, e aí a concentração é zero, a atenção zero. Ao termos acesso a tanto estímulo acabamos por não nos conseguirmos concentrar em nada específico, ou às vezes até, vais ao telemóvel fazer uma coisa e depois fazes tudo menos o que ias fazer <i>(risos)</i>(...)»</p> <p>-«[Quando recebes uma notificação, vais logo ver o que é?](...) Claro. Dá para esperar um bocadinho, mas pouco, mas fico a pensar «o que será?»(...) consigo esperar 5 minutos(...)»</p> <p>-«(...)não mudou grande coisa. Quer dizer, sim, antes não lia coisas secantes, importantes(...) antes era só</p>
------------------------------------	---	---	---

	<p>mais em casa porque tinha mais tempo, na escola não podia usar(...)</p> <p>-«(...)pesquisa sobre alguns autores, alguns livros. Escrevíamos biografias(..) o «word», era o que os professores pediam(...) eles faziam esse acompanhamento e eu fiz também um curso de informática(...) para aprender a trabalhar com o computador(...)</p> <p>-«(...)Em casa não foi, por isso deve ter sido na escola que me ensinaram a usar(...) O meu pai não sabe usar, a minha mãe não sabe usar, a minha irmã(...) não me queria ensinar(...)</p> <p>-«(...)Dificuldades(...) alguns sites que tivessem em inglês(...) e que eu não soubesse interpretar tão bem(...) Para os jogos não havia problema porque via as imagens e pronto, até acabava por ser uma forma de aprender uma nova palavra. Ou pedia ajuda à minha irmã(...)</p>	<p>-«(...)Não era que fosse mais proveitoso, às vezes se calhar se tivesse a fazer uma pesquisa específica, nos meus primeiros 10/15 minutos de pesquisa eu já tinha tudo o que queria e a partir daí era só divagar, não me acrescentava nada(...) não era mais proveitoso por passar mais tempo na internet(...) O tempo que estava a navegar na internet se calhar já não estava a fazer coisas mais importantes, que até os meus pais dariam mais valor, como fazer as tarefas de casa ou os trabalhos de casa, assim esse tipo de coisas(...) influenciava bastante até nas relações interpessoais com os meus amigos em que às vezes estávamos todos numa mesa e estávamos todos com o telemóvel(...) E em casa, as mesmas situações em que estaríamos todos na sala e se calhar eu estava no telemóvel e já não estava a criar ali uma ligação com eles(...)(...)</p> <p>-«(...)Ao ter mais acesso ou acesso a coisas mais diversificadas, também fazia com que eu ao comunicar com as outras pessoas tivesse mais facilidade, tivesse mais assunto, tivesse mais certezas naquilo que estava a dizer e automaticamente se calhar a minha autoestima também subia mais(...)</p> <p>-«(...)Eu acho que no manuseio em si não existiam dificuldades. Talvez por a tecnologia ter avançado tanto(...) por terem criado novas coisas, novas plataformas, novos sites, em alguns deles no 1º contacto teria alguma dificuldade em perceber como funcionava, mas nada que 5 minutos de exploração não solucionasse(...)</p>	<p>mesmo para as redes sociais, trabalhos só mesmo por obrigação(...) agora(...) penso um bocadinho no futuro, penso naquilo que necessito a nível de competências. Automaticamente, as minhas preferências mudaram(...)</p> <p>-«(...)Comecei a preferir mensagens(...) a chamadas, porque requer menos atenção. Eu estou numa mensagem, mando agora e depois pouso o telemóvel, ou continuo na rede social e pronto, enquanto que chamada tenho de estar obrigatoriamente e perder tempo(...) o meu tempo de atenção é muito curto e, portanto, eu não consigo estra a fazer 2 coisas ao mesmo tempo(...)</p> <p>-«(...)Sim, ainda sinto às vezes(...) Algumas limitações são, os sites pagos. Jornais(...) Ou então a rede «wi-fi» que não está a funcionar(...) Não soluciono (<i>risos</i>) procuro um sitio em que haja, vou perguntar se tem «wi-fi» ou então se tiver mesmo que ser(...) abdicó de 3 € para ligar dados móveis e pronto(...)</p>
Redes Sociais		<p>- «(...) Primeira de todas, “hi5”(...) Tive o «Twitter», o «Facebook»(...) «Tumblr»(...) e «Instagram»(...) «WhatsApp» também(...) manter contacto com os meus amigos(...)</p> <p>-«(...)no «Tumblr»(...) era manter contacto com outras pessoas que eu não conhecia(...) com outras realidades(...) Era influencia dos amigos, influencia das pessoas famosas que eu seguia, queria saber(...)</p>	<p>- «(...)Uso. Coscuvilhar(...) «Instagram» o «WhatsApp» e o «Facebook»(...) a principal função é manter contacto. No «WhatsApp» é só isso que se faz mesmo. A partilha de fotografias, principalmente com a família que está(...) no estrangeiro. Para evitar pagar chamadas(...) no «Instagram»(...) é muito versátil(...) é para falar com pessoas(...) adquirir conhecimento porque cada vez mais há partilhas de informação e criação de páginas de serviços</p>

		<p>como estava a vida deles e por isso criava a rede social e família também, para manter contacto(...)»</p> <p>-«(..)cometário(...) Ali até ao 7º ano usava curtos e com muito smiles e depois a partir daí se calhar escrevia um bocadinho mais, ou acabava por ser uma mensagem privada e colocava muitos likes e partilhava também(...)»</p> <p>-«(..)partilhar informações minhas muito pontualmente(...) Por saber que era publico e por não achar grande piada ao facto de as pessoas verem a informação(...) só mesmo quando normalmente estava muito chateada ou queria mandar uma dica a alguém(...)»</p> <p>-«(..)No «Instagram» era diferente(...) acedia diariamente, mas partilhar talvez duas vezes por semana, coisas mais do dia a dia(...) momentos que tivesse a passar com os meus amigos(..) O «Facebook» era muito pontualmente e era mais para informações, tipo de eventos(...)»</p>	<p>específicos. A minha própria partilha desse tipo de informações, tanto pessoais como de carácter profissional para informação dos outros(...)»</p> <p>-«[<i>Segues os teus amigos?</i>](...) todos os dias com assiduidade(...) normalmente comento sim e partilho(...) comentários se forem públicos é curto se forem privados é longo(...)»</p> <p>-«(..)Vantagens eu acho que são muitas se houver controlo de restringir o conteúdo, mas também controlo de tempo dispensado no uso da internet(...) há o outro lado da moeda e eu acho que isto tem principal impacto nestas questões da atenção, da memória da nossa tolerância à falta de estímulos, porque habituámo-nos a que num só toque(...) ter acesso a tudo(...) e (...) que a reação seja imediata e que haja frutos imediatos, mas que depois na realidade não é bem assim, por isso, acho que nos tira um bocadinho da realidade(...)»</p> <p>-«(..)acho que facilita a inclusão mas também é muito rápido excluir se tivermos em consideração o uso das tecnologias. Facilmente as crianças são excluídas se não souberem usar o telemóvel, se não tiver um telemóvel, se não tiver uma rede social é muito mais fácil também, dentro da rede social exclui-la ou fazer esse tipo de comentários mais diretos, pejorativos e maléficos que se fosse na vida real. Por outro lado, também dá para chamar mais a atenção sobre(...) temáticas e incluir quem não tenha acesso a elas na vida real(...)»</p> <p>-«(..)dão a perceção que temos o direito de opinar sobre tudo e todos. E que os outros opinem sobre tudo e todos e às vezes toleramos esse tipo de coisas porque é normal, porque se tu publicaste então tens de estar à espera e aberta a esse tipo de situações e nós quase involuntariamente fazemos o mesmo, nem que não deixemos um comentário(...) fazemos um comentário interno para nós(...) Há muita gente que</p>
--	--	--	--

			<p>passa mensagens de motivação e de subir a auto estima mas veio a aumentar muito mais aqueles que são de ódio e de critica. Acho que as pessoas se sentem muito mais à vontade na internet, como se não houvesse nenhuma consequência(...) Não sei se tem a ver com o facto de a internet ser uma barreira, o ecrã ser uma barreira, e se acham mais no direito porque não têm a percepção de que o que estão a fazer não é bom(...))»</p>
<b>COVID - 19</b>			
<p>- «(...) Foi péssimo(...) a vontade a motivação que é ir para a universidade, estar com pessoas, estar com professores, acabar a 1<sup>o</sup> aula e ir tomar um café, isso vai não é(...) depois há também todas as dificuldades técnicas tanto dos alunos como dos professores(...) ou o computador, no meu caso(...) não estava no melhor estado e então não tolerava o programa «zoom»(...))»</p> <p>-«(...)A maior parte do tempo estive lá, em Aveiro. Porque tinha uma aula presencial semanalmente(...))»</p> <p>-«(...)já não havia o ritmo, a atenção já era diminuída, o facto de não teres outro propósito de vida(...) a não ser os estudos, estares em casa, não veres mais ninguém, a incerteza do que seria o futuro, se ias continuar assim muito tempo, no meu caso específico se ia ter estágio ou não, se aquilo que eu estava a fazer, a estudar aquilo em que eu estava a aplicar o meu tempo se valeria de alguma coisa porque eu poderia nem sequer ir para a prática(...))»</p> <p>-«(...)Sinceramente vantagens eu não vejo muitas, a não ser quebrar aqui a transmissão do covid não é, vantagens no ensino online, só a possibilidade de termos algum tipo de formação ou palestra dada por uma pessoa de fora de longe e que não poderia dar presencialmente(...))»</p> <p>-«(...)não fizemos nada que não fizéssemos presencial e muito pelo contrário, haveria muitas coisas que nós fazíamos presencialmente e que não nos foi possível fazer por computador(...) aulas práticas(...))»</p> <p>-«(...)Benefícios só se fosse mesmo poupar no transporte(...) poupar no tempo de deslocação até à universidade(...))»</p> <p>-«(...)A nível pessoal continuou sempre o telemóvel. Académica o computador. Uma coisa que facilitou foi que enquanto estava a assistir às aulas poder tirar apontamentos no computador e fazer simultaneamente um resumo, tirar «prints»(...))»</p> <p>-«(...)aqui estava em casa por isso partilhava com a minha família, mas tentava-me isolar no quarto por isso aí não era tanto uma partilha de espaço era mais uma partilha de rotinas, porque eu sabia que à uma eu tinha de ir almoçar, coisa que não acontecia quando eu estava em Aveiro. Em Aveiro partilhei com a minha colega de casa e como somos da mesma turma acabamos por partilhar sempre. Foi fácil, em parte até me deu alguma motivação porque estávamos as duas para o mesmo fim(...))»</p> <p>-«(...) Muito mais e agora uso mais(...) porque comecei a usar muito mais na pandemia e tornou-se um hábito(...) Porque era ainda mais a necessidade de me contactar com o mundo, de sair de casa(...) era uma questão de ocupar tempo e a cabeça. Mais internet, menos tempo de atenção, tudo fruto do confinamento(...))»</p> <p>-«(...)Eu acho que se calhar fez-me expor mais do que aquilo que acontecia(...) antes do confinamento(...))»</p>			

-«(...)Sim, especificamente com a família isso aconteceu, criamos um grupo no «WhatsApp»(...) Não é que tenha sido uma aproximação propriamente dita, mas(...) acabou por ser mais frequente esse contacto. A nível de amigos manteve-se(...)»

-«(...)o confinamento em si teve um grande impacto na parte social, psicológica, na minha... Diretamente na parte académica(...) Eu acho que acabei por, contra o que era espectável, me afastar um bocado mais das pessoas, a nível de redes sociais inclusive quando é suposto, como estamos em casa mandamos mensagem sobre tudo e a toda a hora, a mim acabou por me afastar um bocado. A minha paciência e tolerância também mudou bastante, ficou(...) mais diminuída e a parte da atenção da concentração(...) também alterou(...)»

-«(...)Eu li um livro na pandemia (*risos*) tinha poucas páginas, era de autoajuda(...) obriguei-me mesmo. Também tive mais tempo(...)»

-«(...) Foi o 1º, porque foi uma incerteza, foi algo novo e de repente ficamos todos em casa sem ver ninguém nem nada, foi pelo fator surpresa e foi mais longo também.»

Entrevistado: J.V. – Estudante – Data: 28 e 30 de julho 2021 – online e presencial

Questões	Infância – 6º Ano	7º Ano – 12º Ano	Ensino Superior
<p>Hábitos de Leitura</p>	<p>- «(...)acho que o meu primeiro contacto com livros(...) foi(...) o meu irmão(...) porque ele também é professor e(...) deu para preparação para a primária(...) para fazer assim exercícios mais básicos, contas simples ou daqueles exercícios dos labirintos ou assim(...) uma memória marcante(...) o meu primeiro trabalho de casa que era(...) resolver um labirinto e eu erre e comecei a chorar e fui correr para a minha mãe e cheguei e «mãe erre e agora o que é que eu faço?»(...)»</p> <p>-«(...)livros para crianças(...) temos livros muito antigos desses cá em casa que(...) mostrava os animais e os números e as cores(...) Aí com uns 3 ou 4 anos(...) no início acho que me davam(...) lembro perfeitamente que na pré-primária estava sempre a escrever o meu nome e os números e as letras todas e a fazer as continhas. Na primária foi basicamente repetir isso(...) eu sempre gostei muito de aprender(...)»</p> <p>-«(...)ler os livros do »Gerónimo Stilton«(...) eu estava as noites a fio a ler aquilo(...) lia bastantes páginas por noite(...)»</p>	<p>- «(...)Lia mais nas férias do que em tempo de escola(...) Recebíamos livros tanto da minha irmã como do meu irmão(...) Mas assim em tempos de aulas eu acho que não tinha o habito de ler(...) lia talvez 2 ou 3 livros no máximo por ano e depois foi a saga que comecei do 10º até ao 11º ano que foram 12 livros, mas já eram 12 livros a sério. Um calhamaço de 400 páginas(...) e mesmo aqueles do «bando dos 4» uma coisa assim mais de mistério(...) E depois a outra saga que eu adorei(...) a partir do 10º ano e assim, aqueles livros(...) Os «Maías» foi uma luta(...)»</p> <p>-«(...) Houve uma vez que deu-me uma pancada (risos) não sei porquê e decidi escrever, mas passou muito rápido. Escrevi acho que foi um poemazito(...) escrevia era nos textos e nas composições de português(...)»</p> <p>-«(...)Surpreendentemente o que eu fazia mais resumos era a matemática(...)»</p> <p>-«(...)Acho que sim, porque quando era mais pequeno gostava de histórias mais engraçadas e neste momento já estava a começar a apreciar histórias mais complexas(...)»</p>	<p>- «(...)Muito menos do que os que eu queria(...) em termos de faculdade, muito mais. Eu leio pra caracas!(...) mas leio imenso porque acabam por recomendar bibliografia e muito dela são livros extenso(...) li mais nestes 4 anos do que em toda a minha vida. Fora isso, é complicadíssimo, porque(...) eu acho que acabei por trocar(...) os livros pelas series(...) por meter na cabeça que(...) via a serie muito mais rápido do que via uma saga de livros. E eu para aproveitar esse tempo da melhor forma, para ver mais em menos tempo, comecei a ver series(...)»</p> <p>-«(...)mais ultimamente nos slides. Porque (risos) se eu fosse para os livros perdia-me porque há livros gigantes. Mas no início, acho que foi no 1º e 2º anos, lia mais livros do que via os slides(...) Acho que não é equilibrado. A matéria é muita e então os livros que eles recomendam é uma coisa estúpida(...) pelos slides para nos limitarmos aquilo que já é muito mas acaba por ser o essencial que nós precisamos de saber para o exame e por isso é que nós acabamos por não ter que ir ao livro(...)»</p> <p>-«(...)normalmente nós guardamos aquilo que achamos que é o melhor e quanto mais lê, mais temos essa perceção(...) Podemos adaptar, sabermos várias formas de como nos comportarmos perante aquela situação, e vamos agir daquela em que nos identificamos mais, ou por instinto ou porque pensamos. Mas eu acho que tem(...) uma grande ligação aos hábitos de leitura(...)»</p> <p>-«(...)não sei se é por saber mais agora do que sabias antes(...) acho que não consigo dizer aquilo que quero, ou melhor, da forma que eu quero(...) Eu já pensei nisso e eu acho que sim. Das primeiras coisas</p>

			<p>que nos disseram na faculdade é que íamos ganhar todo um novo vocabulário, e que íamos aprender quase tantas palavras como aquelas que já tínhamos aprendido até agora (...) ganhei um novo vocabulário e digamos, uma nova sabedoria(...) tornou-se mais difícil para mim adaptar a conversa para as outras pessoas, querer simplificar as coisas complexas para que as pessoas percebam(...)</p> <p>-«(...)são resumos da matéria, fora isso... É computador(...) Eu gosto de simplificar as coisas e por isso é mais por tópicos(...) Até mesmo para tentar esquematizar a informação, é mais fácil de armazenar e de lembrar(...) acho que neste momento escrevo muito mais no computador ou no telemóvel do que em papel(...) [...significa que levas computador para as aulas...](...) Levo (...) por ser mais prático para levar para as aulas, para escrever(...) a principal razão por que acabei por adquirir(...) acho que escrevo mais rápido no computador(...) para depois a informação ficar guardada e depois também gosto de partilhar a minha informação com os outros(...)</p>
TV / Rádio	<p>- «(...)Com a rádio(...) acho que foi desde sempre(...) o meu pai costumava ligar o rádio em alturas de jogos de futebol e(...) para a minha mãe que queria ouvir o terço(...) A televisão, foi um bocado desde sempre. Quando eu era criança, os meus pais quando estavam ocupados, para me distrair punham-me a ver televisão(...) a minha mãe dizia era publicidade, era o que eu ficava mais atento(...) «Batatton» que dava na TVI(...) «Nody»(...)</p>		

<p>Telemóvel / Computador</p>	<p>- «(...) O computador foi no meu 4º ano, foi na altura dos «Magalhães», mas antes disso, acho que foi na primária, no 2º, 3º ou 4º ano(...) o meu irmão estava cá e eu pedia-lhe para jogar um joguinho qualquer. Eu lembro-me de quando ia a casa da minha prima para jogar o «Super Mário» era um computador, uma caixa, literalmente uma enorme caixa. Acho que foi o 1º contacto que eu assim me recordo. O telemóvel, acho que o 1º telemóvel que eu tive foi no 5ºano. E antes disso, acho que nunca...(...) Mensagens(...) se calhar no telemóvel da minha mãe para alguém específico quando ela me pedia(...) quando tava com a minha irmã, ela tinha um jogo qualquer engraçado e eu também gostava de jogar(...) Quando eu tive telemóvel era um telemóvel super básico(...) dava para mandar mensagens e para telefonar e jogar o jogo da «Snake»(...) utilizava era para ligar à minha mãe e ao meu pai para me irem pôr ou buscar a um treino, ou quando precisava de alguma coisa, mas era raro usar o telemóvel(...)»</p> <p>-«(...)na escola com o «Magalhães» nós fazíamos alguns ditados por lá, ou textos, ou composições. E aprendemos mais ou menos a usar o «Microsoft Word»(...) os «Super Tugs» (<i>risos</i>) que era o jogo do «Magalhães»(...) ou a minha mãe também me pedia para escrever um textinho(...) Sei que o meu irmão mais novo me ensinou algumas coisas e quando eu tinha alguma dúvida eu ia falar com ele e ele explicava-me. Mas eu acho que a grande maioria era eu que andava a explorar(...)»</p> <p>-«(...)No telemóvel não. No “Magalhães” tinha a internet da aldeia, que eu gostava de ir para casa da minha avó para apanhar mais</p>	<p>- «(...) -«(...) O telemóvel. A partir do momento em que depois comecei a aprender a usar aqueles programas como o «Messenger» e o «WhatsApp» que são gratuitos, comecei cada vez mais a comunicar com pessoas, com amigos ou com familiares e também, lá está, os jogos(...)»</p> <p>-«(...)tive vários. Também ao nível de complexidade(...) A partir de um determinado momento, acho que o uso foi quase constante(...) a partir mais do 7º, 8º ou 9º ano já não sei especificar, foi a 1º vez que eu tive um «Smarphone» e hoje em dia, ainda, uso(...) desde que entrei na faculdade uso muito mais sem dúvida, mas até ao 12º ano usava mais ou menos(...) basicamente era para jogar ou para falar com as pessoas(...)»</p> <p>-«(...) Do computador acho que em termos de pesquisa era mais nos trabalhos ou para fazer uma apresentação(...) No telemóvel acho que era mais coisas aleatórias(...) porque era mais fácil como tinha o telemóvel no bolso, não ter que ligar o computador para pesquisar isso. Lá está, era muito mais rápido, e como era uma coisa bastante simples sabia. O computador para os trabalhos(...) trabalho no computador ou um texto ou uma apresentação, dava muito mais jeito até para copiar texto ou copiar imagens, era mais fácil(...)»</p> <p>-«(...)Eu não mudei de computador desde o 5º até ao 12º ano(...) acabei por pesquisar cada vez mais coisas pelo telemóvel(...)»</p>	<p>- «(...)computador sim(...) O telemóvel também mudou(...)»</p>
-------------------------------	---	---	---

<p>internet(...)»</p> <p>-«(...)na altura do «Magalhães» eu sei que fui dos últimos a ter(...) Telemóvel, já tinha mais amigos que tinham e tinha outros que ainda não tinham(...) Com os rendimentos diria que não, mas com o estatuto social acho que sim. Porque se fosse alguém, digamos que, com mais, culto ou... Não sei, se fossem pessoas que trabalhassem mais com o computador, acho que me ensinariam eles e não o meu irmão(...)»</p> <p>-«[...os teus amigos, sentiste(...) algum tipo de exclusão?](...) Talvez em relação ao telemóvel quando eles diziam «Ah tenho um telemóvel»(...) é que também queria um (<i>risos</i>) era mais inveja do que incómodo(...)»</p> <p>-«(...)computador a jogar num site que se chamava «juegos juegos» (<i>risos</i>) ou então os «mil e um jogos» eram estes dois sites(...)»</p> <p>-«(...)Tive a playstation 2 aos 8 anos(...) era(...) onde passava mais tempo(...) Era em casa e no quarto(...) Foi uma prenda(...) dos meus irmãos, no natal e eu fiquei contente porque era um jogo de futebol e de, um jogo do «grande turismo» de carros(...) depois da escola, depois de acabar os trabalhos de casa que a minha mãe embirrava sempre em não me deixar fazer outra coisa sem acabar aquilo(...) e depois ia para o quarto, sentava-me lá na caminha e jogava. Isso talvez, arriscando assim, talvez 2 a 3 horas por dia(...)»</p> <p>- «(...)em relação ao computador eles diziam para ter cuidado com as Internet's, que a internet era muito perigosa. E quanto ao telemóvel eles diziam que «o telemóvel é só</p>		
---	--	--

	<p>para telefonar e chega. Tá bom»(...) o computador(...)Usava mais em casa(...)»</p> <p>-«(...)Na palystation(...) eu era fanático por aquilo(...) E aquilo também é um bocado viciante porque aquilo tem níveis e estás sempre a querer passar de níveis(...) Eu gostava de jogar aquilo e tinha aquela cena da competitividade comigo próprio(...) jogar imenso com os meus sobrinhos e o meu irmão(...) mas mesmo sozinho eu passava o tempo.»</p> <p>-«(...) Mudei(...) no 5ºano(...) um computador novo que era um portátil maior(...) era um computador melhorzito(...)»</p>		
--	---	--	--

<p>Internet / Acesso / Uso</p>	<p>-«(...) Acho que foi aumentando, até porque eu acho que à medida que o tempo passava, e sabia funcionar melhor com aquilo, e tinha a necessidade de fazer um trabalho qualquer e tinha que aceder à internet, alguma coisa que eu queria ver no «Youtube» ou assim qualquer coisa, sim, acho que foi aumentando, como a diversidade de coisas que eu via(...)»</p> <p>-«(...) nessa altura com esse computador veio(...) uma banda larga, mas também tinha um limite por mês(...) eu pesquisava umas coisas mas eu não sabia onde é que estava a ver(...) Mas isso foi melhorando ao longo do tempo(...)»</p> <p>-«(...)sites em inglês, ou ia ao tradutor(...) ou ia para outro site(...) Tentava resolver por mim(...)»</p>	<p>- «(...)Foi aumentando(...) o tempo e a frequência e a complexidade do uso(...) comecei a fazer mais coisas, tanto na internet como no próprio computador. A fazer trabalhos ou apresentações, ou(...) ver vídeos e series, comecei a usar um pouco para tudo o computador(...)»</p> <p>-«(...)foi ou no 11º ano ou no 12º ano(...) no final do secundário(...) que os meus pais mudaram para a internet que temos agora(...) acho que era mais na escola que eu usava, ou então lá está, era tática de ir para casa da minha avó apanhar a rede mais alta porque aqui em casa era mais uma miséria(...)»</p> <p>-«(...)para ter cuidado porque havia ladrões na internet e para não abrir coisas estranhas. Em termos de tempo era mais a minha mãe que me chateava(...) para não estar tanto tempo no computador ou na playstation(...)»</p> <p>-«(...)Sei que também via vídeos no «youtube»(...) pesquisava sobre «como passar os jogos» (risos) ou formas de jogar melhor(...)»</p> <p>-«(...)acho que ao longo do tempo comecei a aprender a melhor forma de(...) usar a Internet, comecei a pesquisar com mais sucesso(...) não acho que o uso da internet me fosse influenciar o comportamento(...) Acho que a partir do momento que nós pesquisamos alguma coisa, ficamos a saber mais(...) o conhecimento não ocupa lugar e quando nós estamos a ver o comportamento de outras pessoas, tanto o bom como o mau, nós aprendemos isso, sabemos que o bom é para repetir e o mau é mau e não e deve repetir mais. Acho que isso também acaba por contribuir para o nosso comportamento e para a nossa aprendizagem e partilha(...) o que eu via e o que eu pesquisava encontrava e acho que acabou por ajudar a afirmar quem eu sou e o que eu fazia na altura(...)»</p>	<p>- «(...) todos os dias muito tempo por dia(...) inevitavelmente é no telemóvel porque acordamos e dormimos com ele(...)»</p> <p>-«[E em relação às pesquisas...] (...) Académico é mais para trabalhos e recomendações dos professores, projetos da faculdade(...) Continuo a pesquisar coisas de jogos, com muito menos frequência(...) desde que fui para a faculdade, quase que deixei de ver televisão. E agora as notícias que eu tenho visto(...) é pelo telemóvel(...) «Sapo Noticias»(...) Primeiro vejo os títulos ou as imagens, depois abro, se me interessa começo a ler, depois se to satisfeito paro no 1º parágrafo se não vou pesquisar(...) Figuras publicas não, mas humor, neste momento uso mais o «Youtube» para isso. Desde que começou a faculdade que eu comecei a seguir alguns humoristas(...) musica(...)»</p> <p>-«(...)acho que cada vez mais a internet tem aumentado(...) tanto para o bom como para o mau. Acho que tem sido bastante benéfico e cada vez mais está adaptada ao dia a dia de cada um e cada vez mais proveito e funcionalidades, se nós soubermos utilizá-las, da melhor forma, mas também pode ser muito má(...) mandam mensagens ou emails fraudulentos(...) no meu telemóvel aparece logo como «Spam»(...) a tecnologia está a evoluir nesse sentido, no combate às mensagens ou emails fraudulentos(...)»</p> <p>-«(...)Bastante e de forma positiva até porque me ajuda a estar em contacto com pessoas com quem eu não posso estar pessoalmente, então ainda mais me tempos de covid(...) sem ela era me impossível fazer(...) nem um bocadinho das coisas que nós fazemos e nisso é uma grande(...) ajuda(...)»</p> <p>-«(...)Quando to concentrado eu desligo do resto(...) Mas depende(...) um bocado também do ambiente e depende do quanto eu preciso de fazer aquilo(...) Já</p>
------------------------------------	--	--	---

		<p>-«(...)como fui eu que aprendi quase tudo por mim, acho que acabei por ganhar uma grande criteriedade naquilo que eu pesquisava e uma noção daquilo que era bom e que era mau(...) Em relação à tradução dos sites que estão noutras línguas, acho que tornou-se mais fácil a partir do momento em que eu já sabia ou dominava melhor a língua(...)»</p>	<p>aconteceu, admito(...) Porque eu acho que primeiro, abrimos o telemóvel e depois aparecem as notificações na 1º página e depois das notificações, vamos ver as outras notificações que nós temos e depois desligamos(...)»</p> <p>-«(...)Depende do que to a fazer. Se eu estou a estudar(...) a não ser(...) que eu vejo que é uma coisa importante ou se eu to à espera de alguma coisa, então vou ver. Mas quando to a estudar normalmente faço pausas específicas e depois vou lá ver quando to na pausa(...)»</p> <p>-«(...)Eu realmente uso mais esses conteúdos de consumo rápido como uma forma de distração e de descanso(...)»</p>
Redes Sociais	<p>- «(...)criei o «Facebook» no 5º ano na escola para jogar «FarmeVile» no início era claramente para jogos. A partir do momento em que tive necessidade e que aprendi que havia uma ferramenta de pesquisa e apareciam milhões de resultados(...) Mas sei que eram básicas(...) pesquisava coisas(...)</p>	<p>- «(...) Sei que usava «Instagram», «WhatsApp», «facebook» o «Messenger». E acho que criei o «Twitter» algures, mas não usava muito(...)»</p> <p>-«(...)O «Facebook» sei que foi por causa do «farmeville» que o criei(...) Ou jogar(...) ou para pôr fotos. Ou ver as fotos das outras pessoas. O «instagram» e o «Twitter» acho que foi por pressão social e o «whatsapp» e o «Messenger» acho que foi mais por uma questão de utilidade para ser mais fácil de comunicar com as outras pessoas(...)»</p> <p>-«(...)na altura toda a gente tinha e também queria ter e pronto(...)»</p> <p>-«(...)Punha likes e comentava mais publicamente do que privadamente, e era curtos alguns com bonequinhos e outros com elogios. Quando era pessoalmente era mais, um bocadinho mais elaborados. Ai... Pessoalmente não, de forma</p>	<p>- «(...)«Facebook», «Messenger», «WhatsApp», «Instagram» já o «Twitter»(...)»</p> <p>-«(...)Para ver o pessoal (risos)(...) para conversar com eles(...) conversas de grupo(...) saber onde é que o pessoal anda. O «Instagram» é muito útil para isso(...) talvez tenha aumentado um bocadinho a quantidade de likes que eu dou aos meus amigos, também acho que conheço mais pessoas agora(...)»</p> <p>-«(...) Depende da rede social. No «Instagram» é mais pessoal do que partilhar coisas institucionais e da faculdade e ou de medicina ou daquilo que me interessa, do benfica ou uma coisa qualquer. No «Facebook» neste momento, ou melhor, nestes últimos 4 anos, usei mais para partilhar coisas em que eu estava envolvido, como na faculdade, como na medicina, muitas coisas da tuna e dos projetos(...)»</p>

		<p>privada(...)»</p> <p>-«(...)partilhava muita coisa do Benfica(...) assim para dar força, como se eles vissem (<i>risos</i>)(...) partilhas(...) Se havia qualquer coisa que me interessava e tinha gostado de ver e gostasse de partilhar com toda a agente, então partilhava. O que eu punha era mais de fotos assim de momentos mais especiais, assim de reuniões de amigos ou de aniversários, ou quando tirava uma foto e tinha ficado bem punha(...)»</p>	<p>-«(...)A grande vantagem é o facto de que, como o nome indica ser uma rede que nos liga a todos e trazer uma grande proximidade das pessoas e(...) saber como é o dia a dia de cada um, saber onde é que as pessoas andam, saber se estão bem e pronto e falar com elas, principalmente, haver essa grande proximidade. A desvantagem, talvez seja o exagero de acompanhar as pessoas, o «Stalk» e tar assim obsesso com «onde é que a pessoa está e com quem está e a fazer o quê»(...) E também pecados mais graves de assaltantes ou de agressores ou pessoas que querem fazer mal a outras e la está, sabem onde é que as pessoas estão e digamos que o alvo é mais fácil de atingir(...)»</p> <p>-«(...)acho que facilita imenso a inclusão(...) porque tanto de pessoas de um determinado grupo que presencialmente não conseguem estar e ligar-se umas às outras mas que com aquele grupo ou sabendo que pertencem a um sitio e sabem que a outra pessoa pertence a esse sitio é quase que digamos uma pessoa quase conhecida e quase que pertence a esse sitio(...) E aumenta a exclusão porque depois acaba em diversas situações por criar grupos(...) ou classificar ou estratificar as pessoas e pronto, acaba por dizer a umas pessoas que «tu não podes pertencer aqui porque tu não és assim» e pronto isso acaba por aumentar a exclusão(...)»</p> <p>-«(...)Eu acho que a rede social é um filtro. Aquilo que está à nossa frente, seja o computador, seja o telemóvel, por qualquer rede social que seja, não traduz aquilo que realmente nós somos, porque quando estamos a falar com uma pessoa presencialmente ela reage automaticamente e nós quando estamos atrás de um computador quando não tamos a ver a pessoa, não estamos a ver a reação dela, não estamos a ver se é verdadeira ou se não é(...)»</p>
<p><b>COVID - 19</b></p>			

- «(...)Sim tive aulas online. Passei o 1º aqui no Espinhal e o 2º... O 2º não foi muito um confinamento para mim porque lá está, eu tive estagio na mesma(...)»

-«(...)A principal vantagem é que foi a melhor alternativa que se arranhou para as aulas presenciais. Acho que é mais complicado estar atento às aulas estando online do que presencialmente(...) é mais difícil online porque passamos(...) o dia no computador no mesmo sitio e não existe aquela diferença entre agora vou ter uma aula presencial e depois vou ter outra aula noutra sitio e depois vou estar com os meus amigos e depois vou fazer uma coisa qualquer, não existe. Durante os confinamentos tudo o que fizemos foi tudo à frente do computador sempre no mesmo sitio. Eu acho que essa falta de mudança de espaço(...) é um fator muito importante na mudança do mindset e da concentração em como estamos a fazer as coisas, porque nós não estamos a associar isto é um local de estudo outro de trabalho e isso também acaba por influenciar a nossa atenção às aulas(...)»

-«(...)Havia aulas(...) eu me esforçava para estar atento e participar um bocadinho mais, havia aulas em que eu sinceramente (...) desligava porque perdia-me e não dava para interromper(...) E depois porque também aparecem notificações e depois pronto vou ver e depois desligo e depois nunca mais ligo outra vez(...)»

-«(...)Sinceramente, eu acho que eles fizeram o melhor que eles sabiam. E estão de parabéns(...) professores mais velhos(...) não sabendo se quer como um «zoom» funciona, dar uma aula por «zoom» acho que é, foi muito mais complicado do que foi para nós e falar sem ouvir nem sequer uma respiração, estar a falar para um computador assim sem... Às vezes quando fazem «perceberam?» e não se ouvir nada, nem ver ninguém porque estão as camaras todas desligadas, acho que também não deve ter sido nada fácil para eles(...)»

-«(...)No inicio, foi um bocado complicado porque já não estávamos habituados a estar no mesmo sitio durante tanto tempo. Mas eu acho que foi-se habituando e eu acho que houve uma grande adaptação por parte dos meus pais a eu ter vindo para aqui, porque normalmente quando eu vinha para aqui era para ajudar os meus pais a fazer as tarefas e tudo o que fosse preciso e eles tiveram que mudar o seu mindset para «ok, o J. está cá mas não nos pode ajudar sempre» e acho que eles também me deram bastante liberdade para eu tar aqui(...)»

-«(...)eu acho que sim, inevitavelmente, até para aceder às aulas e estar com as pessoas(...) passava dias inteiros em vídeo chamadas(...) e antes não fazia isso(...) Sem dúvida que houve esse aumento de utilização(...)»

-«(...)Nas redes sociais acho que não porque acho que as pessoas partilhavam menos coisas, pelo menos pessoais, porque não tinham tanto conteúdo para partilhar(...)»

-«(...)no meu caso acho que inevitavelmente houve um afastamento das pessoas. Porque no início ok ainda íamos tentar falar todos os dias, mas depois a conversa não surgia e ao ciclo de amigos, ou vá de conversa começou-se a fechar quase que para as pessoas essenciais(...)»

-«(...)Foi o 1º porque basicamente fiquei fechado neste cubículo que é o meu quarto e no 2º eu estava em Lisboa e estava no estagio, estava em hospitais e estava com os meus colegas e amigos(...) eu gosto de pensar que sou uma pessoa que gosta de estar(...) verdadeiramente com as pessoas e de fazer coisas e de me mexer, eu fiz mais exercício no 1º confinamento do que no 2º. Não sou uma pessoa que gosta de ficar no mesmo sitio(...)»

Entrevistada: I.A. – Estudante/Trabalhadora – Data: 6 e 7 de julho 2021 – online

Questões	Infância – 6º Ano	7º Ano – 12º Ano	Ensino Superior
Hábitos de Leitura	<p>-«(...)Eu lembro-me que na altura da adolescência, eu lia uns livros mesmo dedicados aos adolescentes horríveis(...) dos signos, do futuro, da vida(...) sempre li, mas devo ter começado por esses mais pirosos(...) A minha mãe sempre leu, sempre vi a minha mãe ler(...) ela(...) foi um exemplo(...)»</p>	<p>-«(...)Sim, tinha hábitos de leitura(...) eu lia alguns livros principalmente durante as férias, durante a escola já não tanto, porque uma pessoa já tem de ler os livros da escola, já tem que estudar. Eu era muito «marrona», porque eu muitas vezes estava distraída nas aulas(...) a falar com meio mundo, tenho que ir para casa estudar(...)»</p> <p>-«(...)eu gostava na altura de ler muito «Dealer»(...) «Serial Killer»(...) «Policiais»(...) surgiu muitas vezes de amigos que já tinham lido(...) Eu não gosto de livros com ilustrações, bandas desenhadas(...)»</p> <p>-«(...)lia a «Superpop», a «Bravo»(...) eram essas as únicas revistas que eu comprava por causa dos brindes e dos posters(...)»</p> <p>-«(...)Não, eu não escrevia textos, a única coisa que eu tive hábito é, eu sempre tive um diário(...) nas aulas eu estava mais entretida a falar com os meus amigos e então tinha de fazer resumos em casa(...) o que eu fazia era resumir a matéria(...) Na altura, a ideia era essencialmente decorar, não aprender(...)Eu tirei boas notas, mas decorava, mas se me perguntasses qualquer coisa sobre história passado 15 dias eu não sabia(...)»</p> <p>-«(...)eu passei um bocadinho daqueles livros mais «menininha»(...) para os «Policiais», essa foi a diferença(...)»</p>	<p>-«(...)Agora se calhar leio muito mais livros de desenvolvimento pessoal que era uma coisa que eu própria queria melhorar(...) leio livros de «Marketing»(...) «Marketing Digital» e do «Branding»(...) é influência da minha Pós-Graduação(...)»</p> <p>-«(...)comecei a trabalhar no Aeroporto(...) e eu precisava de melhorar o meu Inglês, o que é que faço? Leio em Inglês agora(...) Depois eu também ouço o «Podcast» da «Prova Oral» na «Antena 3» e aquilo basicamente é uma mina de ouro quanto aos livros. Eu leio «Dostoiévski»(...) «Válter Hugo Mãe»(...) vou conhecendo também autores Portugueses é muito por influência daquilo que eu ouço(...) não estou só restringida aos «Policiais»(...)»</p> <p>-«[...lês jornais e revistas?](...) Não leio(...)»</p> <p>-«(...) tu aprendes muito com os livros(...)»</p> <p>-«(...)tiro notas nas aulas porque há coisas que os professores(...) dizem que não tenho conhecimento(...) e aponto. Isso eu faço. Agora resumos já não faço(...)»</p>

<p>TV / Rádio</p>	<p>- «(...) na minha geração não havia aquela situação de não ter televisão(...) umas mais novas, outras mais velhas, mas toda a gente tinha televisão a cores. O rádio, também é daquelas coisas, eu(...) nasci com rádio, os carros já tinham rádio(...) não houve um primeiro contacto, por assim dizer, porque sempre fez parte da minha vida(...)»</p> <p>-«(...)ver televisão é muito melhor, porque não tens de estar concentrada em nada. Quando estás a ler estás concentrada naquilo que estás a fazer(...)»</p>		
<p>Telemóvel / Computador</p>	<p>- «(...) o computador foi muito mais tarde, até porque, eu lembro-me na escola tínhamos que fazer trabalhos e eu lembro-me que não era assim tão fácil quanto isso por causa da internet(...)»</p> <p>-«(...)tinha um computador grande daqueles com torre e com um ecrã enorme e com um grande rabo(...)»</p> <p>-«(...)Eu devo ter tido telemóvel(...) mais ou menos por(...) altura 11, 12 anos(...) não tinha Internet(...)»</p> <p>-«(...) Até aos 11 não havia nada de especial(...)utilizávamos os computadores da escola e púnhamos os trabalhos ou as pesquisas no «Word» e guardávamos numas disquetes que custavam cinquenta escudos e fazíamos isso no computador da escola(...)não tinha grande computador em casa(...)»</p>	<p>-«(...)Melhoraram, até porque a partir do 10º(...) tu tinhas que fazer apresentações em «Power Point», então aí sim o uso e o acesso do próprio computador aumentou bastante por causa dos trabalhos(...)»</p> <p>-«(...)eu acho que não acedia ao computador todos os dias(...) Ao telemóvel, se calhar comecei a ser mais frequente, mais perto dos 18, sim. Ao computador não tanto, só ia lá quando tinha de fazer os trabalhos, aliás, às vezes conseguia ligar o «Facebook» e «WhatsApp», mas não perdia muito tempo nisso. Porque... A única coisa que eu me lembro quando estava na escola é que eu passava muito tempo a estudar e não ligava muito ao computador(...)»</p>	<p>-«(...)Eu não te sei dizer uma razão objetiva, só sei que o telefone é muito mais prático, do que propriamente um computador. Imagina, olha tenho(...) a aplicação do «Hospital da Luz», eu não vou ao computador, o telefone está à mão, é muito mais pequeno, é muito mais prático e por isso utilizo o telemóvel. E como o telemóvel tem espaço é rápido, não tem aqueles problemas de «brecar» ou de ser lento, é muito fácil de utilizar(...)»</p> <p>-«(...) Olha, usar o telefone para fazer a lista de compras, que já nem se faz à mão, faz-se no “Notes” do telemóvel(...) porque o telemóvel vai sempre e às vezes esqueces-te do papel em casa(...)»</p>

<p>Internet / Acesso / Uso</p>	<p>- «(...)o meu pai nunca teve dificuldades económicas e a Internet era muito limitada(...) Na minha mãe, inicialmente era a «ADSL», depois(...) passou a ser fibra, mas nunca me queixei muito(...) Portanto era bem melhor na casa da minha mãe do que na casa do meu pai e o pacote é diferente(...)»</p> <p>-«(...)Essencialmente eu usava em casa(...) fazíamos os trabalhos(...) há um site que a gente pesquisava sempre e que hoje em dia é horrível(...) «Wikipedia»(...)»</p> <p>-«(...)o único que eu gostava que era um jogo de cartas, o «Solitário»(...) gostava de ver música(...)»</p> <p>-«[Os teus pais incentivavam-te a usar a Internet(...)](...) Não. Eles não têm tanto conhecimento da Internet como eu tinha na altura, apesar de eu ser relativamente pequena eles eram um bocadinho «nabiças» e ainda são (riso)(...)»</p> <p>-«(...)Ainda não há evolução. Acho que ainda era muito arcaico e eu(...) não tinha noção com essa idade da evolução que estava a ver. A única coisa que eu conseguia ver da evolução fisicamente eram(...) os telemóveis iam mudando, agora a Internet não me recordo(...)»</p> <p>-«(...)A utilização da Internet é mesmo residual(...) Era mesmo secundária a Internet, não fazia parte do dia a dia(...)»</p> <p>-«(...)Para carregar qualquer ficheiro, até qualquer música, ou vídeo que tu queiras ver, era um trinta e um, tu acabavas por desistir(...) era tão lento(..) uma pessoa por</p>	<p>-«(...)Quase sempre em casa, na escola, lá está, depois passamos à outra fase que é, a fase em que a Internet de casa é melhor do que a da escola(...) E é muito mais fácil eu não ter que requisitar um computador para uma determinada hora(...) até porque nós depois tínhamos que levar as «PEN's» e corrias o risco dos vírus(...)»</p> <p>-«[...o teu telemóvel já dava para aceder à Internet?](...)eu acho que já, com 18 anos eu acho que já tinha Internet sim, tinhas era muitos poucos «Megas» na altura ainda passaste pelos «Megabit 512» acho eu, tinhas muito pouca acessibilidade à Internet e muito poucas aplicações. Mas tinhas Internet(...) Vá, já tinha o «Facebook» e o «Messenger»(...)»</p> <p>-«(...)essencialmente matéria por causa dos trabalhos(...) eu lembro-me de pesquisar muitas vezes receitas, eu gosto de cozinhar(...) Na altura era também pesquisar as faculdades, os cursos, fazia pesquisa um bocadinho de tudo, muito honestamente(...)»</p> <p>-«[...Havia algum tipo(...) de alerta em relação ao acesso e uso da Internet?](...)Davam, para a gente não usar o «Wikipédia»(...) De resto não me recordo de usarem nenhum alerta, até porque(...) já com mais idade do 10º ao 12º, tinhas que filtrar um bocadinho aquilo que estava lá escrito, pronto e aqui já tínhamos mais material para fazer esse filtro(...) tu tás a ler com o trabalho que estás a fazer e tens de ver se aquilo faz sentido, portanto se a informação está de acordo com a temática do trabalho e depois é articular aquilo que tu queres passar no trabalho(...)»</p> <p>-«(...) Relativamente à Internet, a única coisa que eu notei é que era mais despachada a fazer as coisas. Vais aprendendo com os outros colegas(...) eu lembro-me de reunir com os nossos grupos de trabalho(...) e tu vais aprendendo a fazer as coisas</p>	<p>- «(...) Obvio, todos os dias (risos), ver o email do trabalho, ver o meu próprio email, fazer compras online(...) Tudo online neste momento. «Mindset» totalmente diferente do que era há 10 anos atrás, quando estava no 12º ano, nada a ver(...)»</p> <p>-«(...)quando chego a casa é um vício, porque estás sempre a fazer «scroll» em qualquer coisa, estás sempre a pesquisar em qualquer coisa (...)»</p> <p>-«(...)é uma pesquisa muito diversificada(...) ontem à noite pesquisei sobre máscaras reutilizáveis e pesquisei sobre «quinoa»(...) Pesquisei roupa, que eu acabo por não comprar(...) Não tenho um padrão(...) Talvez o que eu possa pesquisar é o «Observador» às vezes(...)»</p> <p>-«(...)para mim a Internet é um meio que me facilita muito a vida, imagina quero comprar ração para as gatas, eu não vou se calhar ao sítio, se calhar mando vir para casa(...) Infelizmente acabamos por não ter tempo para fazer algumas coisas e a Internet ajudamos a ter mais tempo(...)»</p> <p>-«(...)A única coisa que me tira a concentração é as redes sociais, isso sim, porque muitas vezes estamos a ver trinta mil coisas ao mesmo tempo, estou a fazer «scroll» no telemóvel, e estou a ver televisão ou estou a ver um filme. Eu própria luto contra isso e tento estar atenta só numa coisa de cada vez(...) Às vezes, supostamente é só uma mensagem e depois, afinal, não é só uma mensagem, vais sempre ver mais não sei o quê, e também às vezes é muito engraçado porque, uma pessoa recebe uma mensagem(...) ouves o “bipp” ou a vibração, tu não demoras mais de 10 segundos a ir ver o telemóvel. É muito engraçado(...) o ser humano vai logo lá automaticamente(...)»</p> <p>-«(...)não tenho dificuldade(...)»</p>
------------------------------------	--	---	--

	<p>isso também não acedia tantas vezes porque como demorava tanto tempo, acabavas por não querer perder esse tempo na Internet(...))»</p> <p>-«(...)eu acho que até era minimamente fácil, eu não sou uma barra na Internet, como utilizadora de Internet, há aqui algumas lacunas que eu tenho. Mas(...) na altura não era(...) muito complicado(...) usávamos(...)o «Word» e o «Power Point»(...) Na loucura fazias umas pesquisas na «Wikipédia»(...))»</p> <p>-«(...)Não carregava ia-me embora. Porque às vezes é um bocado a incompreensão que tu tens, porque se aquilo não está a funcionar contigo e à tua volta tu não tens ninguém que te ajude(...) porque os adultos às vezes não sabem mais do que tu a nível de tecnologia, a solução é ou consegues sozinha, ou então vais embora, porque não conseguiste, terás de descobrir(...))»</p>	<p>com os outros que são da tua idade(...))»</p> <p>-«(...)Internet tipo fixa, também aumentou o nível de pesquisas porque também(...) Melhorou bastante a qualidade, não era tão lenta e de facto impedia um bocadinho de carregar os ficheiros e as imagens(...) Aumentaram os dois sim, mas de forma muito gradual, não foi assim(...) como hoje que temos noção que passamos de «8 para 80»(...) foi gradual(...))»</p> <p>-«(...) Sim, até porque com o passar do tempo tu consegues tirar melhor conteúdo da Internet(...) Não estás só cingido à «Wikipédia», tens outro tipo de conteúdo com maior qualidade(...) é uma vantagem(...))»</p> <p>-«(...) Às vezes a dificuldade maior era os sites brasileiros(...) quando tu pesquisas em Português muitas vezes sai um site brasileiro e a linguagem é diferente e por isso tens que adaptar e também a realidade do Brasileiro é diferente da realidade que nós temos aqui, aí se calhar foi a maior dificuldade que é, tentar perceber o que é que é a(...) informação fidedigna e o que é que não é, que é muito ténue na Internet(...))»</p>	
Redes Sociais		<p>-«(...)Usava o «Hi5», foi a minha primeira rede social(...) por fotografias(...) e depois falar com os colegas(...)toda a gente tinha(...) olhando para trás não, acho que não passava muito tempo. Na loucura 1 hora. Mas(...) não passava muito tempo porque também não havia muita coisa para ver, era uma rede social ainda em(...) crescimento(...)acho que nós partilhávamos as fotografias e basicamente colocar o «Like»(...) Texto curto chega(...))»</p>	<p>-«(...)Sim uso, para falar com amigos(...) utilizo o «Messenger», utilizo o «Instagram», são as duas únicas redes sociais que utilizo(...))»</p> <p>-«(...)A minha rede de «Instagram» é muito mais restrita, porque determinadas pessoas que estavam no «Facebook» não quero que estejam no «Instagram», isto é a minha intuição(...) no meu «Instagram» eu desenvolvo outro tipo de fotografias, não só pessoais, mas também de pequenas coisas que eu gosto de expor(...) e no «Facebook» acho que não é uma rede social tão dedicada a isso acho que é mais dedicada à parte pessoal. Enquanto que no «Instagram», pelo menos é a minha perceção, dá mais aso a tu colocares a tua própria obra prima, seja uma fotografia a uma flor, o que tu quiseres(...) Faço</p>

			<p>comentários(...) tendencialmente são curtos(...)»</p> <p>-«(...)as desvantagens(...) é o ódio que existe fácil. Eu posso dizer que, isto passou-se comigo uma vez, e eu nunca mais comentei em página nenhuma que não fossem os meus amigos, porque aprendi a lição(...) Eu fui insultada de todas as maneiras(...) eu fui tão mal tratada por ter feito aquele comentário que eu pensei, nunca mais vou comentar nada. É uma selva. O pior disto é isso, é muito fácil criticares os outros sem saberes o que é que é o outro do outro lado e não tens essa compaixão pelo outro. Basicamente é a destilaria do ódio(...)»</p> <p>-«(...)A Internet e o ecrã tiram-te duas coisas, o bom senso e o respeito, na minha opinião(...) Enquanto tu pessoalmente ou algum colega teu que te conhece e que tem um bocadinho de consideração contigo, te vai responder de forma respeitosa, pessoalmente não te respondem mal. Pode haver opiniões opostas e não concordares com várias coisas mas podes dizer isso de forma respeitosa(...)»</p>
<b>COVID - 19</b>			
<p>- «(...)na minha experiência pessoal foi espetacular(...) Não houve confusão, forma bem organizados na Faculdade. A única coisa que eu senti, pelo facto de ser online, é que tu te distraís muito mais facilmente do que quando estás presencialmente. É só isso(...) Acabas por não estar tão concentrada naquilo que estás a ouvir, do que se estivesses numa sala de aula(...) Olha, tentava forçar-me a estar concentrada e obrigava-me a estar com o caderno a tirar notas(...)»</p> <p>-«(...)Acabou por haver trabalhos que tu não fazias em casa e passaste a fazer. Olha por exemplo, até ioga tenho feito em casa, online, uma decisão forçada basicamente, porque é melhor fazer presencial(...)»</p>			

Entrevistada: B.G. – UBI – Data: 22 de julho 2021 – presencial

Questões	Infância – 6º Ano	7º Ano – 12º Ano	Ensino Superior
<p>Hábitos de Leitura</p>	<p>- «(...) não me recordo de eu ter pegado num livro porque eu queria. Se peguei é porque alguém deve ter ido lá ler alguma coisa. Ou seja, o primeiro contacto não fui eu mas foi alguém estar a contar uma história para nós, a história da «Carochinha», essas histórias. (...) também passou para a Primária, mas pronto, para a Primária já não era assim tão «Carochinha», era umas mais um bocadito diferente (...) Antes de aprender a começar a ler, lembrava-me de dizer que gostava, mas só pegava naquilo na aula e depois passava de lado, pegava assim e via “Ah tem uma imagem engraçada” e pronto, depois pousava de lado (...) Na escola primária nós já tínhamos um dia (...) que íamos lá à biblioteca (...) lia, era histórias curtas, ou seja, era mais um conto para nós começarmos a aprender, de resto nada. (...)</p> <p>- «(...) quando quero faço (...) podem-me dar o livro, posso estar uma hora na mesma página e não sair dali. Quando não quero mesmo não consigo, mas quando quero consigo. (...)»</p> <p>- «(...) Eu só li o meu primeiro livro aos... de vontade própria e o livro não deve ser muito velho era o «Thirteen Reasons Why», foi à pouco tempo (...)</p>	<p>- «(...) Lembro-me de ter (...) o Plano Nacional de Leitura, detestava aquilo porque tínhamos de ler qualquer coisa para... O que é que eu fazia? Resumos. Não era ia fazer resumos, ia procurar os resumos (...) Na internet (<i>risos</i>) (...) eu procurava os resumos quando era mais, aí... Para aí do 5º até ao... Do 6º até 9º vá, por assim dizer. Depois quando vi que havia do 10º ao 12º ano, já não tinha como, tinha de ler, como é que eu ia fazer? (...) Mas também como é que eu ia procurar resumos dos “Maias”? Ou dos “Lusiadas”? Bem que procurava, mas depois queria pormenorizados e não tinha (...)</p> <p>- «(...) eu nunca fui de ler (...) mas só houve um poema «Aquela Cativa que me tem Cativo» o único que gostei (...)</p> <p>-« (...) Tenho fascínio por revistas de carros (...) De resto, revistas e jornais não (...)</p> <p>- «(...) Não, eu só comecei a fazer resumos da matéria quando fui para o 10º ano (...) Porque era quando começava a contar a média (...) no 10º já tinha e já me empenhava. De resto eu pegava nos livros, era só para passar, até ao 9º ano era só para passar. (...) Passava a tudo o que é me acontecia? Ficava igual. Acabar com 3 ou acabar com 5 era igual (...)</p> <p>-«(...) eu tenho esse problema no estudo, eu não me consigo concentrar na parte teórica, então na prática, na parte das matemáticas, eu já me safo melhor. Na teórica eu posso estar para aí um minuto a ler uma frase, não me consigo concentrar (...)</p> <p>- «(...) Depende do meu interesse (...) se eu quisesse mesmo saber, eu lia, lia, estava concentrado também,</p>	<p>- «(...) Leitura, sebatas... Eu gostava de ler, o próximo livro que eu gostava de ler é o «pai rico, pai pobre» mas não tenho tempo para ler. A única coisa que eu leio são as coisas dos professores, ou seja, eu estudo (...)</p> <p>- «(...) ele faz assim, aconselha a ler estes livros, e eu não, não vou ler um livro se já tenho sei lá quanto matéria para decorar. Então vou à internet e procuro o autor e vejo um, eles são quase todos o mesmo, eles falam quase todos do mesmo e eu vejo o mais assertivo (...) sou específico naquilo que eu procuro e tenho de ser se não, não dava para estudar (...)</p> <p>- «(...) uma das características que eu tenho é ser estratega (...) cheguei à conclusão que o mundo não é dos inteligentes, é dos espertos (...) Porque chego lá à frequência, copio, tiro a mesma nota que um que estudou, o que é que me adianta? E eu sei a matéria (...) Mas pelo sim pelo não, vão lá as cabulazitas (...)</p> <p>- «(...) na parte da expressão acho que não (...) A interagir com pessoas não. Cada um pensa o que quiser de mim. Nem a apresentar trabalhos, to à vontade. Até tento interagir com os professores quando to a apresentar trabalhos (...)</p> <p>- «(...) Escrevo resumos da matéria (...) Leio a matéria e depois ponho lá as siglas direitas e decoro aquilo tudo, não me consigo concentrar assim a decorar não consigo, tenho de perceber (...)</p> <p>- «(...) Para ser sincero, prefiro quando me mandam os resumos para o «WhatsApp» (...)</p>

		se não, não conseguia, não me interessava nada (...) atenção seletiva (...)»	
TV / Rádio	<p>- «(...) O rádio foi o do carro (...) era mesmo as músicas, sei lá gostava (...) Hoje não me consigo levantar sem rádio (...)»</p> <p>- «(...) da televisão, tinha lá uma televisãozinha na sala, no meu quarto também tinha. Era bonecada, naquela altura era bonecada. (...) o «ZigZag» (...) Não vi assim telejornal nem nada disso (...) quando eu podia ver bonecada eles «Não, está na altura do telejornal».</p>		
Telemóvel / Computador	<p>- «(...) eu pegava no telemóvel da minha mãe para jogar que aquilo tinha lá um joguinho e cheguei a levar uma vez um telemóvel que eu tinha assim daqueles... Ainda era com teclas! (risos) Para a escola, assim só naquela de «eu tinha um telemóvel», eu nem sabia mexer naquilo (...)»</p> <p>-«(...) O computador, o meu pai tinha um fixo. Não sei quando é que ele comprou o 1º fixo dele (...) Ou foi a acabar a primária, ou foi já a entrar no 1ºciclo (...)»</p> <p>- [E a playstation?] (...) Isso aí já tinha desde nascença (risos). [E o que mais usavas?] (...) Era a playstation (...) mal sabia ler, onde é que eu ia encontrar as teclas no computador? (risos). E depois com o rato, como é que eu iria fazer alguma coisa? (risos). No telemóvel, era o telemóvel da minha mãe, ela andava com ele e eu mal lhe pegava, mas também não tinha assim interesse. (...) [E essa escolha da playstation era porquê ]</p>	<p>- «(...) Mas no telemóvel tinha lá notícias. Eu lembro-me ali no 12º, 11º ano eu fazia o quê, eu tinha um “Huawei” e aquilo puxava para o lado e aquilo tinha a parte do “google” e das notícias. Então eu ia dando “scroll” e ia vendo o que é que aquilo lá tinha assim (...)»</p> <p>- «(...) eu tinha um computador fixo. Depois comprei o meu primeiro computador, era um “Toshiba” (...) tive só esse computador. Telemóvel tive um “Nokia” era um “Touch”, mas era um “touchtito” (risos). Depois passei para um “Huawei” e fiquei até ao 12º com esse. Os equipamentos aumentaram e ficaram mais rápidos e serviam para o que eu queria (...)»</p> <p>- «(...) No computador já era trabalhos, aí já era diferente, quando tinha tempo jogava, mas depois jogava mais no telemóvel e falava com os amigos e assim (...)»</p>	<p>- «(...) Sim. Mais no telemóvel. No computador é para trabalhos, já quase que nem jogo (...) No telemóvel é as redes sociais (...) Na parte do computador vou ao “YouTube” de vez em quando, sigo assim uns canais de automóveis (...) Depois é para trabalhos (...)»</p> <p>- «(...) Agora no telemóvel não me dá muito jeito porque é um monitor pequeno (...)No computador (...) O ecrã como é maior vê-se melhor e dá para fazer mais tarefas ao mesmo tempo. Eu sei que no telemóvel dá para fazer para aí 2 tarefas ao mesmo tempo, mas 2 tarefas é pouco, e eu tenho exames, tenho frequências, tenho a internet aberta, tenho os resumos, tenho o «WhatsApp» com o grupo dos amigos (...)»</p> <p>- «(...) Eu não costumo ir a aulas (...) mas quando ia levava, para não ter de imprimir os slides. Acho que era mais prático e menos dispendioso (...)»</p> <p>-«(...) não me consigo concentrar a estudar teórica, to sempre no telemóvel e preciso de fazer pausas sei lá de quanto em quanto tempo e depois tenho de por o telemóvel em modo avião para me conseguir</p>

	(...)Porque eu achava piada, porque eu estava a controlar uma coisa. (...)aquilo era engraçado porque ele respondia-me, sei lá (...)		concentrar (...)
Internet / Acesso / Uso	<p>- «(...) Foi quando tive o computador. Quando veio o computador já tinha internet (...) lembro-me que mal tive o computador já estava lá o coiso da internet (...) era por cabo, acho que era por cabo. Pen não (...) Foi jogos (risos), não ia fazer nada no computador, não ia fazer um trabalho em “excel” nem no «Word» (...)</p> <p>- [telemóvel já tinha internet?] (...) aquilo que eu jogava era um jogo que lá estava. (...) Não usava internet nenhuma, ou seja, eu quando pegava nele era só mesmo para isso (...)</p> <p>- «(...) não fazia trabalhos, só tínhamos os trabalhos de casa (...)</p> <p>-«(...) Foi sempre aumentando, foi sempre crescendo até aos dias de hoje. Foi sempre aumentando porque os jogos estavam a mudar, a internet estava a mudar (...) Os meus amigos começavam a usar mais (...) É provável que no 5º e 6º ano tenha feito algumas pesquisas (...) Para trabalho de casa, para qualquer coisa, em vez de andar a procurar no livro (...) Se calhar ainda ia ao “Wikipédia” (risos) (...)</p> <p>-«(...) Do 5º ao 6º já não achava complicado porque já tinha tido a primária e já sabia. Eu era mais lento a processar onde é que está enquanto não decorava (...) as teclas, quando</p>	<p>- «(...) outras coisas que me interessavam, tecnologia, carros, política se calhar já não queria para ler, agora depende. Aquelas notícias que é só para estar lá sem conteúdo não. Eu abria as que achava interessantes, as outras não (...)</p> <p>- «(...) Já, no computador e também no telemóvel (...) no computador, aqui já era para trabalhos. Já era para trabalhos, então o “YouTube” também, começou o “YouTube” mas já não me lembro o que é que via. Sei que ainda ficava lá algum tempo a ver as coisitas (...)</p> <p>-« (...) na escola tive TIC, tecnologia informação e comunicação (...) e eu gostei. Mas gostei mais quando foi, no 12º quando tive nas opcionais (...)</p> <p>- «(...) As minha preferências mudaram sim (...) Larguei o “Wikipédia”, sei lá... Comecei a procurar os assuntos por palavras chaves, depois em vez de abrir só um, como fazia antes, abria vários (...) Os amigos, eu jogava com eles online, por causa da internet, já dava para jogar online (...) um grupo, aquele grupito que se influenciavam uns aos outros (...)</p> <p>- «(...) ser específico naquilo que eu procuro. Isso é uma grande mudança (...)</p> <p>- «(...) Acho que aprendia sempre qualquer coisita (...) Quando era assim para trabalhos porque davam alguma coisa específica (...) aprendia mais do que sei lá qualquer coisita (...)</p> <p>- «(...) Era para falar com os meus amigos, para falar</p>	<p>- «(...) Eu tiro proveito porque eu tiro de lá as coisas (...) estudo pelo computador (...) e ao estudar aprendo o que é necessário, nesse aspeto só. De resto não vejo utilidade para aprender outras coisas, tirando a nível académico não to a ver assim muito mais que tenha assim por onde pegar (...)</p> <p>- «(...) Notei, notei. No uso da internet, passa pelo nível académico e passa pelo entretenimento (...) Agora, passa um bocadito mais pelas redes sociais e acho que académico também (...)</p>

	<p>era a escrever era rápido (...) Em termos de pesquisas, se calhar era lento, mas era o que havia, então eu estava habituado e era normal (...)</p> <p>-«[... se acesse a sites que não estavam em português, isso era uma dificuldade?] (...) Ai sim! (...) Para mim nessa altura eram letras que estavam lá juntas, só. Não percebia nada (risos) pensava que estava tudo mal escrito, (...)</p> <p>-«(...) De ser lenta, punha lá e ia fazer outra coisa (risos) (...)»</p> <p>-«(...) De não ser em português, como eu não sabia pensava que não tinha nada de importante (...) Saia só (...)</p> <p>-«[...E tu pedias ajuda a alguém?] (...) Pedia, pedia ao meu pai. (...)Eu depois ia aprendendo com ele, ele ia lá uma vez depois já não tinha de ir lá a segunda (...)</p>	<p>com eles e estar no “YouTube” (...) não tem assim muita influencia. Era mais isso. As redes sociais, mal vê-las (...)</p> <p>- «(...) A internet foi como que um refugio, não foi com um saber falar ou aprendizagem em saber estar, isso foi mais com o quem grupo de amigos se calhar (...)</p> <p>- «(...) Não, achei mais facilidade, porque desde pequeno que tinha aquele acesso então já tinha «a escolinha toda» (...) Então era muito mais fácil e como eu cresci com isto (...) foi aumentando (...) agora o que eles fazem com os produtos é tornar aquilo mais intuitivo para o consumidor, portanto, se aquilo já era intuitivo e se eu já percebia daquilo, nunca achei problema nenhum (...)</p>	
Redes Sociais		<p>- «(...) Tinha «facebook» mas não ligava nada (...)Tinha lá o ícone por influencia, tinham todos e eu lá criei. Mas não usava, não achava piada, não achava graça, eu estava com eles todos os dias (...) Eu só tinha foto de perfil (...) O «FarmVille», mas mal ia lá. Falava assim com um grupo de amigos meus, mas mal ia lá (...)</p> <p>- «(...) «Instagram», o «WhatsApp» só instalei na universidade. O «facebook» continuava sem fazer nada, eu do «facebook» não gostava. Mas tinha o «instagram» e aí sim já via os meus amigos e punha gostos nas fotos deles e assim. Falava com eles e (...) pus uma foto de perfil (...)</p> <p>- «(...) Eu mandavas-lhe mensagem, não era assim de comentar, nem gosto (...) Eu só pus lá uma vez uma publicação e “Stories” era raro (...)</p>	<p>- «(...) Já cheguei à parte em que já faço mais publicações e mais “stories” (...) Os “Stories” é mais o que está a acontecer no momento (...)</p> <p>- «(...) Sim, mais o “instagram”, agora comento mais as fotos (...) é só comentar e o texto não é grande (...)</p> <p>- «(...) As vantagens é a comunicação. As desvantagens é o tempo despendido nas redes sociais e o vicio (...) se não houvesse redes sociais se calhar estava mais concentrado até (...)</p> <p>- «(...) Às vezes facilita a exclusão, outras vezes facilita a inclusão. Eu por acaso não tive problemas nessa parte das redes sociais, nunca fui de redes sociais (...) as redes sociais para mim, servem como um meio comunicativo, só. Para os outros serve para</p>

			dizerem aquilo que não diriam se estivessem em frente às pessoas (...)» - «(...) Até acho que nas redes sociais as coisas têm mais impacto do que nos telejornais ou notícias (...)»
<b>COVID - 19</b>			
<p>- «(...) Sim, tive aulas, online. Foi por via “Zoom” e depois também tínhamos os “Teams” (...)»</p> <p>- «(...) O que é que acontecia, pedia os apontamentos (...) não ia às aulas os professores não sabiam bem quem é que eu era (...)»</p> <p>- «(...) É não teres uma aula presencial, ou seja, porque sentia que fazia com que eu estivesse mais atento. E se calhar não conseguiria estar tão atento porque na aula lá, tinha que estar lá. Até te digo mais, estava o professor a dar a aula e eu puxava a janela para baixo e fazia outra coisa, começava a jogar (...) Baixaram, e a que é que isso levou? A copiar mais também (...) »</p> <p>- «(...) Também é difícil estar no lado deles só, sem ver nada, mas também é estranho porque ali pedem-nos para falar e nas aulas mandam-nos calar (...) participava mais nas presenciais (...)»</p> <p>- «(...) Presenciais. Não tinha muita piada estar a ver os amigos pelo computador. (...)»</p> <p>- «(...) eu tinha as minhas coisas na net, igual. Eu tinha tudo na mesma coisa, (...) era tudo no computador (...)»</p> <p>- «(...) Fartava, fartava-me mais do que nas aulas presenciais (...) Oh, saía da aula, ou começava a jogar, ou pegava no telemóvel e falava com o meu grupo de amigos (...)»</p> <p>- «(...) Porque não dá para sair e na parte familiar nem todos sabem usar o computador (...) Os amigos já têm telemóvel, mas se eu gostava de estar com eles presencialmente não era por... Preferia estar com eles presencialmente do que assim. Os professores, eu nunca fui ligado a nenhum professor (...)»</p> <p>- «(...) o 1º confinamento foi o pior porque ninguém sabia o que é que era (...) o 2º já é hábito (...) Apesar de o 1º ter sido mais chato devido a não sabermos e mandavam-nos fazer uma coisa, depois mandavam fazer outra (...) A incerteza é que levou (...) Eu senti cansaço, porque ... Se calhar até foi mais neste 2º, porque (...) a nível académico as pessoas deixaram tudo para o fim (...) e depois é estudar tudo em cima da hora. Tenho aqui vitaminas e tudo para a cabeça. A minha cabeça estava a dar o berro (...) Motivação tenho. Concentração tenho de trabalhar (...)»</p>			